



ROCCO HIRAI

marissa meyer



Cinder

Livro Um

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Maria Beatriz Branquinho da Costa

ROCCO ITALIA

*Para minha avó, Samalee Jones, com um amor tão grande que jamais caberia
nestas páginas.*

LIVRO Um

CAPÍTULO Um
CAPÍTULO Dois
CAPÍTULO Três
CAPÍTULO Quatro
CAPÍTULO Cinco
CAPÍTULO Seis
CAPÍTULO Sete
CAPÍTULO Oito

LIVRO Dois

CAPÍTULO Nove
CAPÍTULO Dez
CAPÍTULO Onze
CAPÍTULO Doze
CAPÍTULO Treze
CAPÍTULO Quatorze
CAPÍTULO Quinze
CAPÍTULO Dezesesseis
CAPÍTULO Dezesete
CAPÍTULO Dezoito
CAPÍTULO Dezenove
CAPÍTULO Vinte

LIVRO Três

CAPÍTULO Vinte e Um
CAPÍTULO Vinte e Dois
CAPÍTULO Vinte e Três
CAPÍTULO Vinte e Quatro
CAPÍTULO Vinte e Cinco
CAPÍTULO Vinte e Seis
CAPÍTULO Vinte e Sete
CAPÍTULO Vinte e Oito
CAPÍTULO Vinte e Nove

LIVRO Quatro

CAPÍTULO Trinta

CAPÍTULO Trinta e Um
CAPÍTULO Trinta e Dois
CAPÍTULO Trinta e Três
CAPÍTULO Trinta e Quatro
CAPÍTULO Trinta e Cinco
CAPÍTULO Trinta e Seis
CAPÍTULO Trinta e Sete
CAPÍTULO Trinta e Oito

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

Enquanto a suas irmãs foram dados lindos vestidos e sandálias finas, Cinderella tinha apenas um avental sujo e sapatos de madeira.



O PARAFUSO QUE ATRAVESSAVA O TORNOZELO DE CINDER enferrujara, as marcas em forma de cruz tinham sido gastas até se tornarem um círculo deformado. Suas articulações doíam por forçar a chave de fenda nas juntas, enquanto lutava para afrouxar o parafuso numa volta rangente após a outra. Quando já o havia retirado o bastante para que terminasse de torcer e puxar com sua mão protética de aço, os fios finos como cabelo estavam desencapados.

Jogando a chave de fenda na mesa, Cinder segurou o calcanhar e puxou o pé do encaixe. Uma centelha queimou levemente as pontas de seus dedos e ela se sobressaltou e largou o pé, que ficou pendurado por uma confusão de fios vermelhos e amarelos.

Ela se deixou cair para trás com um gemido. Uma sensação de alívio pairava no fim daqueles fios – liberdade. Suportara o pé pequeno demais por quatro anos. Jurou nunca mais usar aquele lixo novamente e tinha a esperança de que Iko voltasse logo com a peça substituta.

Cinder era a única mecânica faz-tudo na feira de Nova Pequim. Sem nenhuma placa, seu ofício podia ser deduzido apenas pelas prateleiras que enchiam as paredes com peças estocadas de andróides. O estande ficava espremido em um espaço sombrio entre um comerciante de netscreens usados e um mercador de seda, e ambos constantemente reclamavam do cheiro ácido de metal e graxa que vinha dali. Mesmo que, em geral, ele fosse disfarçado pelo aroma dos pães de mel que vinha da padaria do outro lado da praça, Cinder sabia que, na verdade, os dois não gostavam de ficar perto *dela*.

Uma toalha de mesa manchada separava Cinder dos fregueses que passavam. A praça estava repleta de compradores, mascates e crianças fazendo barulho: os gritos dos homens que negociavam com os donos de comércio de peças robóticas, tentando barganhar até que o preço dos computadores atingisse a margem de lucro desejada; o zumbido dos escâneres de identidade e os monótonos recibos falados, quando o dinheiro era transferido de uma conta para a outra; os telões que cobriam cada um dos edifícios e preenchiam o ar com o burburinho de anúncios, notícias, fofocas.

A interface auditiva de Cinder abafava o ruído, transformando-o em uma

estática repetitiva e monótona, mas naquele dia uma melodia se mantinha mais alta do que o restante, e ela não conseguia abafá-la. Uma roda de crianças cantarolava bem na frente de seu estande: “Cinzas, cinzas, nós todos caímos!”, e, em seguida, riam de maneira histérica e se jogavam na calçada.

Um sorriso se formou nos lábios de Cinder, não tanto pela cantiga infantil, uma canção fantasmagórica sobre doença e morte que tinha voltado a ser popular na última década. A música em si fazia com que Cinder se sentisse enjoada, mas ela amava os olhares dos pedestres quando as crianças sorridentes se jogavam em seu caminho. A inconveniência de ter que se desviar dos corpos se contorcendo despertava resmungos dos compradores, e Cinder adorava as crianças por isso.

– Sunto! *Sunto!*

O divertimento de Cinder se extinguiu. Ela viu Chang Sacha, a padeira, forçando passagem pela multidão, com o avental coberto de farinha.

– Sunto, venha aqui! Eu te disse para não brincar tão perto da...

Sacha encontrou o olhar de Cinder, apertou os lábios, pegou o filho pelo braço e deu meia-volta. O garoto choramingava, arrastando os pés, enquanto Sacha mandava que ele ficasse mais perto do estande deles. Cinder franziu o nariz para as costas da padeira que se retirava. As outras crianças desapareceram no meio da multidão, levando junto suas risadas alegres.

– Fios não são contagiosos – murmurou Cinder para seu estande vazio.

Alongando os braços para estalar a coluna, ela passou os dedos sujos pelo cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo bagunçado, e pegou as luvas de trabalho enegrecidas. Cobriu a mão de aço primeiro, e embora a palma da mão direita tivesse começado a suar imediatamente dentro do tecido espesso, sentiu-se mais confortável com as luvas, escondendo o revestimento metálico da mão esquerda. Esticou os dedos, tentando se livrar da cãibra que começara a sentir na base do polegar de tanto apertar a chave de fenda, e olhou novamente para a praça da cidade. Avistou vários androides brancos atarracados em meio àquela barulheira, mas nenhum deles era Iko.

Suspirando, Cinder se curvou sobre a caixa de ferramentas debaixo da mesa de trabalho. Depois de procurar em meio à bagunça de chaves de fenda e chaves inglesas, ela se levantou segurando o saca-fusíveis que havia muito tempo estava escondido ao fundo. Um por um, cortou os fios que ainda conectavam seu pé ao tornozelo, cada um soltando uma pequena faísca. Como suas mãos estavam protegidas pelas luvas, ela não podia senti-las, mas o visor de retina, de modo prestativo, informou-lhe com um texto piscante em vermelho que ela estava perdendo a conexão com o membro.

Deu um puxão no último fio e seu pé retiniu no concreto.

A diferença foi imediata. Pela primeira vez na vida, sentiu-se... leve.

Ela abriu espaço para o pé descartado sobre a mesa, dispondo-o como num santuário em meio às chaves e porcas, antes de curvar-se novamente sobre o tornozelo e limpar a sujeira da parte de encaixe com um trapo velho.

BAMP.

Cinder levou um susto e bateu a cabeça embaixo do tampo da mesa. Afastou-se, de semblante fechado, vendo primeiro a carcaça de um androide jogado sobre a área de trabalho e, em seguida, o homem logo atrás. Ela se deparou com os olhos castanho-acobreados surpresos, os cabelos pretos que passavam um pouco da altura das orelhas e lábios que cada menina no país tinha admirado milhares vezes.

Sua careta desapareceu.

A expressão de surpresa dele também durou pouco, derretendo-se em um pedido de desculpas.

– Sinto muito – disse ele. – Eu não percebi que tinha alguém aí atrás.

Cinder mal o escutava apesar do vazio em sua mente. Com os batimentos cardíacos ganhando velocidade, seu visor de retina escaneava as feições dele, tão familiares depois de tantos anos vendo-o nos netscreens. Ele parecia mais alto pessoalmente e usava um moletom cinza com capuz, diferente de todas as roupas refinadas com que geralmente era visto, mas ainda assim, o escâner de Cinder levou apenas 2,6 segundos para medir os pontos de seu rosto e vincular sua imagem à base de dados. Mais um segundo e o visor informou o que ela já sabia; letras rabiscavam a parte inferior de sua visão em um fluxo verde de texto.

PRÍNCIPE KAITO, HERDEIRO DA COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS

IDENTIDADE: #0082719057

NASCIDO EM 07 DE ABRIL DO ANO 108 DA TERCEIRA ERA

FF 88.987 APARIÇÕES NA MÍDIA, ORDEM CRONOLÓGICA REVERSA

POSTADO EM 14 DE AGOSTO DO ANO 126 DA TERCEIRA ERA: UMA

COLETIVA DE IMPRENSA SERÁ DADA PELO PRÍNCIPE HERDEIRO KAI NO DIA 15 DE AGOSTO PARA DISCUTIR AS PESQUISAS EM ANDAMENTO SOBRE LETUMOSE E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UM ANTÍDOTO -

Cinder saltou da cadeira e quase caiu por ter esquecido que lhe faltava um membro. Firmando-se com as mãos na mesa, conseguiu fazer uma estranha reverência. O visor de retina desapareceu de vista.

– Vossa Alteza – gaguejou Cinder, com a cabeça baixa, feliz por ele não poder ver o tornozelo sem pé atrás da toalha de mesa.

O príncipe vacilou e lançou um olhar por sobre o ombro antes de se curvar em direção a ela.

– Talvez, hum... – pediu silêncio, com o dedo nos lábios –, sobre essa coisa de Alteza?

De olhos arregalados, Cinder dá um aceno trêmulo com a cabeça.

– Certo. É claro. Como... posso... o senhor está? – Ela engoliu em seco as palavras grudadas como chiclete na língua.

– Estou procurando um tal de Linh Cinder – disse o príncipe. – Ele está por aí?

Cinder se atreveu a levantar a mão que a estabilizava na mesa, usando-a para puxar a bainha da luva mais para cima de seu pulso. Encarando o peito do príncipe, balbuciou:

– Eu... eu sou Linh Cinder.

Seus olhos seguiram a mão dele enquanto a apoiava no topo da cabeça arredondada do androide.

– Você é Linh Cinder?

– Sim, Vossa Alte... – Ela mordeu o lábio.

– O mecânico?

Ela concordou.

– Como posso ajudar?

Em vez de responder, o príncipe curvou-se, esticando o pescoço de forma que ela não teve escolha senão olhá-lo, e abriu um sorriso para ela. Seu coração se contraiu.

O príncipe se endireitou, forçando o olhar de Cinder a segui-lo.

– Você não é bem o que eu esperava.

– Bem, o senhor também... o que eu... hum... – Incapaz de sustentar o olhar dele, Cinder alcançou o androide e puxou-o para o seu lado da mesa. – O que está errado com o androide, Vossa Alteza?

O androide parecia ter acabado de sair da esteira, mas Cinder conseguia ver pelo formato feminino que era um modelo ultrapassado. O design porém, era elegante, com uma cabeça esférica em cima de um corpo em forma de pera e um revestimento branco lustroso e acetinado.

– Não consigo ligá-la – disse o príncipe Kai, observando enquanto Cinder examinava o robô. – Ela estava funcionando bem num dia, e no outro, parou.

Cinder virou o androide para que a luz do sensor ficasse de frente para o príncipe. Ela estava contente por ter tarefas rotineiras para as mãos e perguntas rotineiras para a boca – algo em que se concentrar para que não se afobasse e perdesse o controle da conexão de rede em seu cérebro novamente.

– Já teve problemas com ela antes?

– Não. Ela passa por uma avaliação completa dos mecânicos da realza a cada mês, e este é o primeiro problema que de fato já apresentou.

Inclinando-se para a frente, o príncipe Kai pegou o pequeno pé de metal de Cinder na mesa de trabalho, virando-o com curiosidade em suas mãos. Cinder ficou tensa, observando enquanto ele olhava a cavidade repleta de fios e mexia nas articulações dos dedos do pé. Ele usou a manga longa demais de seu moletom para polir o metal e remover uma mancha.

– O senhor não está com calor? – perguntou Cinder, no mesmo instante se lamentando por ter falado quando ele voltou sua atenção para ela.

Por um breve momento, o príncipe parecia quase envergonhado.

– Morrendo – disse ele –, mas estou tentando ser discreto.

Cinder cogitou dizer-lhe que não estava funcionando, mas pensou melhor. A falta de uma multidão de meninas gritando ao redor de seu estande era, provavelmente, uma evidência de que estava funcionando melhor do que ela desconfiava. Em vez de parecer um galã real, ele apenas parecia um louco.

Limpando a garganta, Cinder voltou sua atenção para o androide. Ela encontrou a trava quase invisível e abriu o painel traseiro.

– Por que os mecânicos da realeza não a consertaram?

– Eles tentaram, mas não conseguiram. Uma pessoa sugeriu que eu a trouxesse para você. – Ele voltou a atenção para as prateleiras de coisas velhas e desgastadas: peças de androides, aerodeslizadores, telões, tablets. Partes de ciborgues. – Dizem que você é o melhor mecânico de Nova Pequim. Eu esperava encontrar um velho.

– Dizem? – murmurou ela.

Ele não fora o primeiro a ficar surpreso. A maioria de seus clientes não conseguia entender como uma adolescente podia ser o melhor mecânico da cidade, e ela nunca divulgava a razão de seu talento. Quanto menos pessoas soubessem que era um ciborgue, melhor. Cinder tinha certeza de que enlouqueceria se *todos* os comerciantes do mercado olhassem para ela com o mesmo desprezo que Chang Sacha.

Ela cutucou alguns fios do androide com o dedo mindinho.

– Às vezes os robôs simplesmente se desgastam. Talvez seja hora de trocar por um modelo novo.

– Receio não poder fazer isso. Ela contém informações secretas. É uma questão de segurança nacional que eu as recupere... antes que outra pessoa o faça.

Batucando na mesa, Cinder olhou para ele.

Ele sustentou seu olhar por três segundos antes dos lábios se contraírem.

– Só estou brincando. Nainsi foi meu primeiro androide. Tem valor afetivo.

Uma luz laranja piscou no canto do olho de Cinder. Seu dispositivo óptico biônico tinha captado alguma coisa, embora ela não soubesse o quê – uma

engolida em seco, uma piscada muito rápida, uma leve tensão na mandíbula do príncipe.

Ela estava acostumada àquela pequena luz laranja. Aparecia o tempo todo. Significava que alguém estava mentindo.

– Segurança nacional – disse ela. – Engraçado.

O príncipe inclinou a cabeça, como se a desafiasse a contradizê-lo. Uma mecha de cabelo preto caiu em seus olhos. Cinder desviou o olhar.

– Modelo Tutor 8.6 – disse ela, lendo o painel pouco iluminado dentro do crânio de plástico. Tinha quase vinte anos. Para um androide, era uma anciã. – Parece estar em perfeitas condições.

Levantando o punho, Cinder bateu com força na lateral da cabeça do androide, mal conseguindo segurá-lo antes que tombasse na mesa. O príncipe deu um salto.

Cinder ajustou o androide na mesa de novo e apertou o botão de energia, mas nada aconteceu.

– O senhor ficaria surpreso com a frequência com que isso funciona.

O príncipe soltou uma única risada estranha.

– Tem certeza de que é Linh Cinder? O mecânico?

– Cinder! Consegui! – Iko avançou da multidão até o estande dela, e o sensor azul de Cinder piscou. Levantando a mão em forma de pinça, ela pôs com força um novo pé de aço sobre a mesa, atrás do androide do príncipe. – É uma grande melhoria em relação ao antigo, com pouquíssimo uso, e a fiação parece compatível. Além disso, consegui negociar o preço com o vendedor para apenas seiscentos univs.

Uma onda de pânico percorreu Cinder. Ainda equilibrada na perna humana, tirou rapidamente o pé da mesa e o deixou cair atrás dela.

– Bom trabalho, Iko. Nguyen-shìfu ficará feliz em ter um pé de reposição para o seu androide-acompanhante.

O sensor de Iko esmaeceu.

– Nguyen-shìfu? Não computei.

Sorrindo por entre os dentes cerrados, Cinder fez um gesto apontando o príncipe.

– Iko, por favor, cumprimente nosso cliente. – Ela baixou a voz. – Sua Alteza Imperial.

Iko esticou a cabeça, mirando o sensor redondo no príncipe, que estava quase um metro acima dela. A luz brilhou mais quando seu escâner o reconheceu.

– Príncipe Kai – disse ela, com a fina voz metálica. – É ainda mais bonito pessoalmente.

O estômago de Cinder se retorceu em constrangimento, mesmo quando o

príncipe riu.

– Já é o suficiente, Iko. Entre no estande.

Iko obedeceu, afastando a toalha e se agachando sob a mesa.

– Não se vê uma personalidade como essa todo dia – disse o príncipe Kai, encostado no batente da porta do estande como se trouxesse androides para o mercado o tempo todo. – Você mesma a programou?

– Acredite ou não, já veio assim. Desconfio que tenha um erro de programação, e provavelmente foi por isso que minha madrastra pagou tão barato por ela.

– Eu não tenho nenhum erro de programação! – disse Iko atrás dela.

O olhar de Cinder cruzou com o do príncipe. Foi momentaneamente ofuscada por outra risada fácil e baixou a cabeça atrás do androide dele.

– Então, o que você acha? – perguntou ele.

– Precisarei executar o diagnóstico dela. Levará alguns dias, talvez uma semana. – Ajeitando uma mecha do cabelo atrás da orelha, Cinder sentou-se, satisfeita em dar descanso à perna enquanto examinava o interior do androide. Ela sabia que deveria estar quebrando algum protocolo, mas o príncipe pareceu não se importar e se inclinou para a frente, observando as mãos dela.

– Você precisa de pagamento adiantado?

Ele ofereceu o pulso esquerdo para ela, onde estaria incorporado o chip de identificação, mas Cinder acenou com a mão enluvada para ele.

– Não, obrigada. Será uma honra para mim.

O príncipe Kai parecia disposto a protestar, mas depois baixou o braço.

– Suponho que não haja nenhuma esperança de tê-la de volta antes do festival.

Cinder fechou o painel do androide.

– Acho que não será problema. Mas sem saber o que há de errado com ela...

– Eu sei, eu sei. – Ele se balançou para trás nos calcanhares. – É apenas pensamento positivo.

– Como vou avisá-lo quando ela estiver pronta?

– Envie uma mensagem ao palácio. Você estará aqui novamente na semana que vem? Eu também poderia vir ao mercado.

– Ah, sim! – disse Iko dos fundos do estande. – Estamos aqui todos os dias de mercado. O senhor deveria passar por aqui novamente. Seria ótimo.

Cinder se encolheu.

– O senhor não precisa...

– Será um prazer. – Baixou a cabeça em uma despedida cortês, ao mesmo tempo puxando as bordas do capuz para cobrir mais o rosto. Cinder retribuiu o aceno de cabeça, sabendo que deveria ter se levantado e curvado, mas não ousou

testar seu equilíbrio uma segunda vez.

Ela esperou até que a sombra dele desaparecesse da mesa antes de observar a praça. A presença do príncipe em meio à multidão parecia ter passado despercebida. Cinder se permitiu relaxar.

Iko rolou para o seu lado, apertando as garras de metal sobre o peito.

– Príncipe Kai! Verifique minha ventoinha, acho que estou superaquecendo.

Cinder inclinou-se e pegou o pé novo, limpando-o na calça cargo. Verificou o revestimento de metal, contente por não tê-lo amassado.

– Consegue imaginar a expressão da Peony quando souber o que aconteceu?

– disse Iko.

– Imagino um monte de gritinhos agudos. – Cinder se permitiu fazer mais uma varredura cautelosa da multidão antes que o primeiro sinal de tontura e distração surgisse dentro dela. Mal podia esperar para contar a Peony. *O príncipe em pessoa!* Uma risada abrupta escapou. Era estranho. Era inacreditável. Era...

– Ah, *querida*.

O sorriso de Cinder sumiu.

– O quê?

Iko apontava para a testa dela com o dedo pontudo.

– Você está manchada de graxa.

Cinder cambaleou para trás com o susto e esfregou a testa.

– Você está brincando.

– Tenho certeza de que ele mal reparou.

Cinder baixou a mão.

– Que importa? Vamos lá, me ajude a encaixar isso antes que mais alguém da realeza resolva passar por aqui. – Ela apoiou o tornozelo no joelho oposto e começou a conectar os fios de cores coordenadas, imaginando se tinha conseguido enganar o príncipe.

– Adapta-se perfeitamente, não é? – disse Iko, segurando um punhado de parafusos, enquanto Cinder os apertava nos furos já feitos.

– É muito bom, Iko, obrigada. Só espero que Adri não perceba. Ela me mataria se soubesse que gastei seiscentos univs em um pé. – Ela apertou o último parafuso e esticou a perna, rodando o tornozelo para a frente, para trás, balançando os dedos dos pés. Ainda estava um pouco rígido, os sensores nervosos precisariam de alguns dias para se harmonizar com a fiação que fora trocada, mas pelo menos ela não teria mais que mancar por aí.

– É perfeito – disse ela, puxando a bota. Ela viu o pé antigo entre as pinças de Iko. – Pode jogar esse pedaço de lixo fora...

Um grito invadiu os ouvidos de Cinder. Ela se encolheu com o susto, o som chegando no volume máximo a sua interface de áudio, e virou-se na direção

dele. O mercado ficou silencioso. As crianças, que estavam brincando de esconde-esconde entre os estandes aglomerados, saíram lentamente de seus esconderijos.

O grito viera da padeira, Chang Sacha. Perplexa, Cinder levantou-se e subiu na cadeira para olhar além da multidão. Ela viu Sacha no estande, atrás da vitrine de pães doces e bolos de carne de porco, olhando boquiaberta para as mãos estendidas.

Cinder fechou a mão sobre o nariz ao mesmo tempo que o fato percebido se espalhou pelo resto da praça.

– A peste! – gritou alguém. – Ela tem a peste!

A rua se encheu de pânico. Mães pegaram os filhos, cobrindo-lhes os rostos com mãos desesperadas enquanto lutavam para sair do estande de Sacha. Comerciantes fecharam as portas com força.

Sunto gritou e correu em direção à mãe, mas ela mostrou as mãos para ele. *Não, não, não se aproxime.* Um comerciante vizinho pegou o menino, enfiando a criança debaixo do braço enquanto corria. Sacha gritou algo para ele, mas suas palavras se perderam no meio do tumulto.

O estômago de Cinder se revirou. Elas não podiam correr porque Iko seria pisoteada em meio ao caos. Prendendo a respiração, alcançou o cabo no canto do estande e puxou a porta de metal pelo trilho. A escuridão as cobriu, deixando apenas um único fio de luz cruzando o chão. O calor emanava do piso de concreto, sufocante, no espaço apertado.

– Cinder? – disse Iko, com preocupação na voz robótica. Ela acendeu o sensor, banhando o estande com luz azul.

– Não se preocupe – disse Cinder, pulando da cadeira e pegando o pano coberto de graxa da mesa. Os gritos já estavam diminuindo, transformando o estande em seu próprio universo vazio. – Ela está do outro lado da praça. Estamos a salvo aqui. – Mas se aproximou da parede das prateleiras mesmo assim, agachando-se e cobrindo o nariz e a boca com o pano.

Ficaram lá, e Cinder mal respirava até que ouviram as sirenes do aerodeslizador de emergência vindo e levando Sacha.

AS SIRENES DE EMERGÊNCIA AINDA NÃO HAVIAM DESAPARECIDO quando o ronco de outro motor tomou a praça. O silêncio do mercado foi interrompido pelo ruído de pés batendo na calçada e de alguém bradando comandos. Seguiu-se a resposta gutural de alguém.

Atirando a bolsa-carteiro nas costas, Cinder rastejou pelo chão empoeirado do estande e passou pela toalha que cobria a mesa de trabalho. Enfiou os dedos pela fenda iluminada debaixo da porta e a abriu alguns centímetros. Pressionando o rosto no chão quente e duro, conseguiu distinguir três pares de botas amarelas do outro lado da praça. Uma equipe de emergência. Ela abriu um pouco mais a porta e viu os homens, todos usando máscaras antigás, encharcando o interior do estande com o líquido de uma lata amarela. Mesmo do outro lado da praça, Cinder torceu o nariz por causa do cheiro ruim.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko atrás dela.

– Eles vão queimar o estande da Chang-ji. – Os olhos de Cinder passaram rapidamente por toda a praça, examinando o aerodeslizador branco e imaculado parado perto da esquina. Exceto pelos três homens, a praça estava deserta. Virando de costas, Cinder olhou para o sensor de Iko, ainda brilhando com uma luz fraca no escuro. – Nós vamos sair quando as chamas começarem, enquanto eles estiverem distraídos.

– Estamos encrencadas?

– Não. Apenas não posso perder tempo com uma viagem à quarentena hoje.

Um dos homens deu uma ordem, seguida pelo ruído de pés se movimentando. Cinder virou a cabeça e espiou pela abertura. Lançaram as chamas no estande. O cheiro de gasolina logo se juntou ao de pão queimado. Os homens permaneceram afastados, via-se a silhueta de seus uniformes contra as chamas crescentes.

Esticando-se, Cinder pegou o androide do príncipe Kai pelo pescoço e puxou-o. Ajeitando-o debaixo do braço, abriu a porta o suficiente para que pudessem passar rastejando, mantendo os olhos nas costas dos homens. Iko seguiu, apressando-se para o estande seguinte enquanto Cinder abaixava a porta. Elas saíram em disparada ao longo das fachadas dos estandes – a maioria fora

deixada escancarada durante o êxodo em massa – e entraram no primeiro beco estreito entre as lojas. Fumaça negra manchava o céu acima delas. Segundos depois, um grupo de aerodeslizadores de noticiários pairava sobre os edifícios em seu caminho até a praça do mercado.

Cinder diminuiu a velocidade quando abriram uma distância suficiente entre elas e o mercado, emergindo do labirinto de vielas. O sol estava se pondo atrás dos arranha-céus a oeste. O ar estava pesado com o calor de agosto, mas uma ocasional brisa quente canalizava-se entre os prédios, tirando redemoinhos de lixo das calhas. A quatro quadras do mercado, sinais de vida apareciam novamente nas ruas, pedestres parando nas calçadas e fofocando sobre o surto de peste no centro da cidade. Telões fixados nas paredes dos prédios mostravam transmissões ao vivo de fogo e fumaça no centro de Nova Pequim e manchetes alarmantes anunciavam que o número de infectados crescia a cada segundo, apesar de apenas uma pessoa ter sido confirmada doente, até onde Cinder sabia.

– Todos aqueles bolos pegajosos – disse Iko, quando exibiram uma imagem de perto do estande queimado.

Cinder mordeu o canto interno da bochecha. Nenhuma das duas havia experimentado os aclamados doces da padaria do mercado. Iko não tem paladar, e Chang Sacha não servia ciborgues.

Centros executivos e shoppings gradualmente se misturavam a uma confusa variedade de prédios residenciais, construídos tão próximos uns dos outros que se tornaram uma área de vidro e concreto que não parecia ter fim. Os apartamentos naquele canto da cidade já haviam sido espaçosos e desejáveis, mas tinham sido tão subdivididos e remodelados ao longo do tempo, sempre tentando enfiar mais pessoas no mesmo metro quadrado, que os edifícios se tornaram labirintos de corredores e escadas.

Mas toda aquela feiura superlotada foi rapidamente esquecida assim que Cinder virou a esquina e entrou em sua rua. Mais um passo, e o Palácio de Nova Pequim podia ser vislumbrado entre os complexos, extenso e sereno sobre o penhasco com vista para a cidade. Os telhados de ouro pontiagudos brilhavam em cor de laranja sob o sol e as janelas refletiam as luzes da cidade. As cumeeiras ornamentadas, os pavilhões diferenciados que oscilavam perigosamente perto da borda do penhasco, os templos arredondados se esticando para os céus. Cinder fez uma pausa mais longa do que a habitual para observar o palácio, pensando em alguém que vivia além daqueles muros, que estava lá em cima, talvez naquele exato momento.

Não que ela não *soubesse* que o príncipe vivia lá todas as vezes que vira o palácio antes, mas hoje sentira uma conexão que nunca havia sentido, e com isso veio um prazer quase presunçoso. Ela havia conhecido o príncipe. Ele tinha ido

ao seu estande. Ele sabia o nome dela.

Inspirando uma lufada de ar úmido, Cinder forçou-se a continuar seu caminho, sentindo-se infantil. Ela começaria a soar como Peony.

Cinder passou o androide do príncipe para o outro braço, enquanto ela e Iko abaixavam-se sob a projeção dos apartamentos da Torre Fênix. Mostrou o pulso livre ao escâner de identificação na parede e ouviu a fechadura se abrir.

Iko utilizou suas extensões braçais para galopar escada abaixo enquanto desciam para o porão, um labirinto escuro de depósitos cercados com tela de arame. E, quando uma onda de ar mofado soprou em sua direção, o androide ligou a lanterna, dispersando as sombras das poucas lâmpadas. Era um caminho familiar da escada para o depósito número 18-20, o compartimento apertado e sempre frio que Adri permitia que Cinder usasse para trabalhar.

Cinder abriu espaço para o androide na confusão da bancada de trabalho e largou a bolsa no chão. Ela trocou as luvas de trabalho pesado por outras de algodão menos sujas, antes de trancar o depósito.

– Se a Adri perguntar – disse ela, enquanto iam até os elevadores –, nosso estande não fica nem perto da padaria.

A luz de Iko cintilou.

– Anotado.

Elas estavam sozinhas no elevador. Quando saíram, no décimo oitavo andar, o prédio virou uma colmeia: crianças perseguindo umas às outras pelos corredores, gatos domésticos e de rua andando colados nas paredes, a constante mistura confusa dos barulhos dos telões reverberando pelos corredores. Cinder ajustou o ruído branco de sua interface cerebral enquanto se esquivava das crianças, a caminho do apartamento.

A porta estava escancarada, o que fez Cinder parar e verificar o número antes de entrar.

Ela ouviu a firme voz de Adri vindo da sala de estar:

– Mais decote para Peony. Ela está parecendo uma velha.

Cinder observou ao redor com atenção. Adri estava com uma das mãos sobre a moldura da lareira holográfica, vestindo um roupão de banho com crisântemos bordados, que se misturavam com a extravagante coleção de leques que cobria a parede atrás dela – reproduções feitas para parecerem antiguidades. Com o rosto brilhando de tanto pó de arroz e lábios pintados com uma cor espalhafatosa, Adri quase parecia uma reprodução em pessoa. Seu rosto estava maquiado como se planejasse ir a algum lugar, embora raramente saísse do apartamento.

Se ela percebeu Cinder espreitando à porta, ignorou-a.

O telão acima das chamas sem calor mostrava imagens do mercado. O estande da padeira tinha sido reduzido a cinzas e ao esqueleto de um forno

portátil.

No centro da sala, Pearl e Peony estavam envoltas em seda e tule. Peony segurava o cabelo escuro e encaracolado, enquanto uma mulher que Cinder não reconheceu ajustava impientemente o decote do vestido. Peony avistou Cinder por cima do ombro da mulher e seus olhos brilharam, seu rosto se iluminou. Ela apontou para o vestido com um gritinho pouco discreto.

Cinder sorriu de volta. Sua meia-irmã mais jovem estava angelical com o vestido todo prateado e cintilante, com brilhos violeta que apareciam sob a luz da lareira.

– Pearl. – Adri fez um gesto girando o dedo para a filha mais velha, e Pearl rodopiou, exibindo uma fileira de botões de pérola nas costas. O vestido dela combinava com o de Peony, com seu corpete apertado e sua saia de babados, só que era dourado, da cor da poeira estelar.

– Vamos apertar mais a cintura.

Enfiando um alfinete na bainha do decote de Peony, a desconhecida notou Cinder à porta, mas logo se virou. Dando um passo atrás, a mulher retirou um pacote de afiados alfinetes do meio dos lábios e inclinou a cabeça para um lado.

– Já está muito apertado – disse ela. – Nós queremos que ela dance, não é?

– Queremos que ela encontre um marido – disse Adri.

– Não, não. – A costureira sufocava o riso enquanto marcava o material na cintura de Pearl. Cinder percebeu que Pearl estava encolhendo a barriga o máximo que podia; conseguia ver as costelas marcadas sob o tecido. – Ela é muito jovem para casar.

– Eu tenho dezessete anos – disse Pearl, encarando a mulher com um olhar de reprovação.

– Dezessete! Viu! Uma criança. Agora é para se divertir, não é, menina?

– Gasto muito dinheiro para ela se *divertir* – disse Adri. – Espero que esse vestido nos traga resultados.

– Não se preocupe, Linh-ji. Ela ficará adorável, como o orvalho matinal.

Botando os alfinetes de volta na boca, a mulher voltou a atenção para o decote de Peony.

Adri levantou o queixo e finalmente percebeu a presença de Cinder, observando suas botas imundas e sua calça cargo.

– Por que você não está no mercado?

– Ele fechou mais cedo hoje – disse Cinder, com um olhar significativo para o telão que Adri não seguiu. Fingindo indiferença, Cinder esticou um polegar em direção ao corredor. – Então, vou só me limpar, e logo estarei pronta para experimentar meu vestido.

A costureira parou.

- Outro vestido, Linh-ji? Eu não trouxe material para...
- Você já substituiu a correia magnética no aerodeslizador?

O sorriso de Cinder se desfez.

- Não. Ainda não.

- Bem, nenhuma de nós irá ao baile se isso não for consertado, não é?

Cinder escondeu sua irritação. Elas já haviam tido essa conversa duas vezes na semana passada.

- Eu preciso de oitocentos univs, pelo menos, para comprar uma nova correia magnética. Se a renda do mercado não fosse depositada diretamente na sua conta, já teria comprado uma.

– E confiar que você não vai gastá-la toda com seus brinquedos inúteis? – Adri disse *brinquedos* lançando um olhar irritado para Iko e apertando os lábios, embora, tecnicamente, Iko lhe pertencesse. – Além disso, não posso pagar por uma correia magnética e um vestido novo que você vai usar apenas uma vez. Você vai ter que encontrar outra forma de consertar o aerodeslizador ou costurar você mesma um vestido para o baile.

A irritação aumentava dentro de Cinder. Ela poderia ter dito que Pearl e Peony podiam ter comprado vestidos prontos, em vez de tê-los feito sob encomenda, para que Cinder pudesse comprar um também. Poderia ter dito que elas também só usariam seus vestidos uma vez. Poderia ter dito que, como era a única a trabalhar, o dinheiro deveria ser dela, para gastar como bem entendesse. Mas os argumentos não dariam em nada. Legalmente, Cinder pertencia a Adri, tanto quanto o androide doméstico, assim como seu dinheiro, seus poucos pertences e até mesmo o pé novo que acabara de colocar. Adri adorava lembrá-la disso.

Então, engoliu sua raiva antes que Adri pudesse ver uma centelha de rebeldia.

- Talvez eu consiga propor uma troca pela correia magnética. Vou verificar com o comércio local.

Adri fungou.

- Por que não trocamos esse androide inútil por ela?

Iko se escondeu atrás das pernas de Cinder.

- Não conseguiríamos muito por ele – disse Cinder. – Ninguém quer um modelo tão velho.

– Não. Não querem, não é? Talvez eu tenha que vender vocês duas como peças de reposição. – Adri estendeu a mão e inquietou-se com a bainha inacabada da manga de Pearl. – Não quero saber como você consertará o aerodeslizador, apenas conserte-o antes do baile, e é melhor que seja barato. Não preciso daquele monte de lixo ocupando um espaço valioso no estacionamento.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos traseiros.

– Está dizendo que, se eu consertar o aerodeslizador e arrumar um vestido, vou poder mesmo ir este ano?

Os lábios de Adri se enrugaram ligeiramente nos cantos.

– Será um milagre se você conseguir encontrar algo adequado para vestir que esconda suas – seu olhar voltou-se para as botas de Cinder – *excentricidades*. Mas sim. Se consertar o aerodeslizador, creio que você possa ir ao baile.

Peony abriu um meio sorriso chocado para Cinder, enquanto sua irmã mais velha girava em torno da mãe.

– Você não pode estar falando sério! *Ela?* Ir com a *gente*?

Cinder apoiou o ombro na moldura da porta, tentando esconder de Peony que estava chateada. A indignação de Pearl era desnecessária, pois uma pequena luz laranja piscou no canto da visão de Cinder – Adri não estava dizendo a verdade ao fazer aquela promessa.

– Bem – disse ela, tentando parecer animada. – É melhor eu achar uma correia magnética, então.

Adri fez um gesto com o braço na direção de Cinder, voltando a prestar atenção no vestido de Pearl. Ela a dispensou sem uma palavra.

Cinder olhou novamente para os suntuosos vestidos de suas irmãs antes de se retirar da sala. Ela mal tinha entrado no corredor quando Peony gritou.

– Príncipe Kai!

Sem se mover, Cinder olhou para o telão. Os alertas sobre a peste foram substituídos por uma transmissão ao vivo da sala de imprensa do palácio. O príncipe Kai estava falando para uma multidão de jornalistas, humanos e andróides.

– Aumentar o volume – disse Pearl, dispensando a costureira.

– ... pesquisas continuam sendo a nossa prioridade – o príncipe Kai estava dizendo, com as mãos nas laterais do púlpito – Nossa equipe de pesquisa está determinada a encontrar uma vacina para esta doença, que já levou um dos meus pais e ameaça levar o outro, assim como dezenas de milhares de nossos cidadãos. As circunstâncias são ainda mais desesperadoras depois do surto que ocorreu hoje nos limites da cidade. Não podemos mais dizer que esta doença se restringe aos pobres, às comunidades rurais do nosso país. A letumose ameaça a todos nós, e vamos encontrar uma maneira de detê-la. Só então poderemos começar a reconstruir nossa economia e devolver a Comunidade das Nações Orientais ao seu estado próspero de outrora.

Aplausos sem entusiasmo ecoaram na multidão. Pesquisas sobre a peste estavam em andamento desde o primeiro surto, ocorrido em uma pequena cidade na União Africana, havia dezenas de anos. Parecia que muito pouco progresso

tinha ocorrido. Enquanto isso, a doença aparecera em centenas de comunidades aparentemente desconexas em todo o mundo. Centenas de milhares de pessoas haviam adoecido, sofrido, morrido. Até o marido de Adri tinha contraído a doença em uma viagem à Europa – a mesma viagem durante a qual ele concordara em se tornar o guardião de uma ciborgue órfã de onze anos. Uma das poucas lembranças que Cinder tinha do homem era o momento em que ele fora levado para a quarentena, enquanto Adri reclamava que ele não poderia deixá-la com *aquela coisa*.

Adri nunca falava sobre o marido, e havia poucas lembranças dele no apartamento. A única prova de que ele sequer havia existido era encontrada em uma fileira de placas holográficas e medalhões esculpidos que ladeavam o consolo da lareira – troféus de realizações pessoais e prêmios de uma feira internacional de tecnologia, três anos consecutivos. Cinder não tinha ideia do que ele inventara. Evidentemente, fosse o que fosse, não dera certo, porque ele não deixou quase nenhum dinheiro para a família quando morreu.

Na tela, o discurso do príncipe foi interrompido quando um estranho subiu no palco e lhe entregou um bilhete. Os olhos do príncipe se anuviaram. A tela ficou preta.

A sala de imprensa foi substituída por uma mesa diante de uma tela azul. A mulher sentada atrás dela não tinha expressão, mas agarrava-se à beirada da mesa.

– Nós interrompemos a coletiva de imprensa de Sua Alteza Imperial com uma atualização sobre o estado de Sua Majestade Imperial, Imperador Rikan. Os médicos do imperador acabaram de nos informar que Sua Majestade entrou na terceira fase da letumose.

Surpresa, a costureira tirou os alfinetes da boca.

Cinder apoiou-se na moldura da porta. Ela não tinha nem pensado em prestar suas condolências a Kai, ou desejar melhoras à saúde do imperador. Ele devia pensar que ela era muito insensível. Muito ignorante.

– Fomos informados de que tudo está sendo feito para garantir o conforto de Sua Majestade Imperial neste momento, e oficiais do palácio nos dizem que os pesquisadores estão trabalhando sem parar em busca de uma vacina. Voluntários ainda são necessários com urgência para testar o antídoto, assim como o recrutamento de ciborgues continua.

– Tem havido muita controvérsia sobre o 126º Festival Anual da Paz devido à doença do imperador, mas o príncipe Kaito disse à imprensa que o festival acontecerá como previsto e que ele espera que possa trazer alguma alegria neste momento trágico. – A jornalista fez uma pausa, hesitante, mesmo com o ponto à sua frente. Seu rosto suavizou, e a voz dura tinha um tom musical quando ela

concluiu. – Vida longa ao imperador.

A costureira murmurou as mesmas palavras, respondendo à jornalista. A tela ficou preta novamente antes de voltar para a coletiva de imprensa, mas o príncipe Kai havia deixado o palco, e a plateia de jornalistas estava em convulsão ao se reportar às respectivas câmeras.

– Eu conheço um ciborgue que poderia se voluntariar para os testes da peste – disse Pearl. – Por que esperar pelo recrutamento?

Cinder baixou os olhos, lançando um olhar de ódio a Pearl, que era cerca de quinze centímetros mais baixa do que ela, apesar de um ano mais velha.

– Boa ideia – disse ela. – E depois *você* poderia arrumar um emprego para pagar pelo seu vestido bonito.

Pearl resmungou.

– Eles reembolsam as famílias dos voluntários, cabeça de arame.

O recrutamento de ciborgues fora iniciado por um grupo de pesquisadores da realeza havia um ano. Todas as manhãs, um novo número de identificação era sorteado entre os números dos milhares de ciborgues que residiam na Comunidade das Nações Orientais. Muitos deles tinham sido transportados de províncias longínquas como Mumbai e Cingapura para servirem de cobaias. O sistema fora inventado para ser um tipo de honra, a troca da vida pelo bem da humanidade, mas era apenas um lembrete de que ciborgues não eram como os outros. Muitos deles tinham recebido uma segunda chance na vida pelas mãos generosas de cientistas e, portanto, deviam sua existência a quem os criara. Tiveram sorte por ter vivido todo aquele tempo, muitos pensavam. Era justo que fossem os primeiros a abrir mão de suas vidas em busca da cura.

– Não podemos oferecer Cinder – disse Peony, juntando a saia nas mãos. – Preciso dela para consertar meu tablet.

Pearl fungou e se afastou. Peony torceu o nariz pelas costas da irmã.

– Parem de brigar – disse Adri. – Peony, você está amassando sua saia.

Cinder voltou para o corredor quando a costureira retornou ao trabalho. Iko já estava dois passos à frente, ansiosa para escapar da presença de Adri.

Ela ficou agradecida por Peony tê-la defendido, é claro, mas Cinder sabia que, no final, não faria diferença. Adri nunca a apresentaria como voluntária para os testes, porque isso seria o fim de sua única renda, e Cinder tinha certeza de que sua madrastra nunca tinha trabalhado sequer um dia na vida.

Mas, se o recrutamento a escolhesse, ninguém poderia interferir. E parecia que ultimamente um número desproporcional de escolhidos era de Nova Pequim e dos subúrbios vizinhos.

Toda vez que uma das vítimas do recrutamento era uma adolescente, Cinder imaginava o toque de um relógio dentro de sua cabeça.

Três

– **VOCÊ VAI AO BAILE! – IKO BATEU AS PINÇAS COMO SE BATESSE** palmas. – Temos que encontrar um vestido e sapatos. Não vou permitir que use essas botas horríveis. Compraremos luvas novas e...

– Poderia trazer essa luz aqui? – disse Cinder, arrancando a gaveta de cima da caixa de ferramentas. Ela a vasculhou, parafusos e tomadas sobressalentes tilintando, enquanto Iko se aproximava. Uma luz azulada dispersou a penumbra do depósito.

– Pense na comida que vai ter – disse Iko. – E nos vestidos. E na música!

Cinder a ignorou, selecionando uma variedade de ferramentas e organizando-as no torso magnético de Iko.

– Ah, pelas estrelas! Pense no príncipe Kai! Você poderia dançar com o príncipe!

Isso fez Cinder parar e apertar os olhos em direção à luz ofuscante de Iko.

– Por que o príncipe dançaria comigo?

A ventoinha de Iko zumbia enquanto procurava uma resposta.

– Porque você não terá graxa no rosto.

Cinder segurou uma risada. O raciocínio androide podia ser muito simplista.

– Odeio ter que lhe dizer isso, Iko – disse ela, fechando a gaveta e passando para a próxima –, mas eu não vou ao baile.

A ventoinha de Iko parou momentaneamente, e depois voltou a funcionar.

– Não faz sentido.

– Para começar, acabei de gastar minhas economias em um pé novo. E, mesmo que eu tivesse dinheiro, por que gastaria em um vestido, sapatos ou luvas? Seria um desperdício.

– No que mais gastaria?

– Um conjunto completo de chaves inglesas? Uma caixa de ferramentas com gavetas que não emperram? – Ela fechou a segunda gaveta com o ombro para enfatizar seu argumento. – Uma entrada num apartamento próprio, onde não tenha mais que ser a criada de Adri?

– Adri não assinaria os documentos de liberação.

Cinder abriu a terceira gaveta.

– Eu sei. De qualquer maneira, sairia bem mais caro do que um vestido insignificante – disse, pegando um punhado de chaves inglesas e colocando-as em cima da caixa de ferramentas. – Talvez comprasse enxerto de pele.

– Sua pele está boa.

Cinder olhou para Iko pelo canto do olho.

– Ah. Você quer dizer para as suas peças de ciborgue.

Fechando a terceira gaveta, Cinder pegou a bolsa-carteiro na bancada e enfiou as ferramentas ali.

– O que mais você acha que nós... Ah, o macaco hidráulico. Onde coloco isso?

– Você não está sendo razoável – disse Iko. – Talvez você possa trocar algo por um vestido ou conseguir um em consignação. Estou morrendo de vontade de entrar naquela loja de vestidos antigos em Sakura. Sabe de qual estou falando?

Cinder vasculhava ferramentas aleatórias que tinha recolhido debaixo da bancada.

– Não importa. Eu não vou.

– Mas é claro que importa. É o baile. E o príncipe!

– Iko, estou consertando um androide para ele. Não somos amigos. – Mencionar o androide do príncipe trouxe uma lembrança e, um momento depois, Cinder puxou o macaco pela alavanca. – E isso não importa, porque Adri nunca vai me deixar ir.

– Ela disse que se você consertasse o aerodeslizador...

– Tudo bem. E depois disso? E quanto ao tablet de Peony, que está sempre dando problema? E quanto... – Ela examinou o quarto e viu um androide enferrujado escondido no canto. – E esse Gard 7.3 velho?

– O que Adri ia querer com essa coisa velha? Ela não tem mais jardim. Sequer tem varanda.

– Só estou dizendo que ela não tem nenhuma intenção real de me deixar ir. Enquanto puder inventar coisas para eu consertar, minhas “tarefas” nunca acabarão. – Ela colocou mais algumas ferramentas na bolsa, dizendo a si mesma que não se importava. Não mesmo.

Cinder não caberia em um vestido de baile, de qualquer jeito. Mesmo que encontrasse luvas formais e sapatos em que pudesse esconder suas monstruosidades de metal, seu cabelo sem graça nunca iria segurar um cacho, e não sabia nada sobre maquiagem. Ela acabaria ficando fora da pista de dança, tirando sarro das meninas que desmaiavam para chamar a atenção do príncipe Kai, fingindo que não estava com ciúmes. Fingindo que aquilo não a incomodava.

Embora estivesse curiosa sobre a comida.

E, agora, o príncipe a conhecia, mais ou menos. Ele tinha sido gentil com ela no mercado. Talvez ele a chamasse para dançar. Por educação. Por cavalheirismo, quando a visse sozinha.

Essa fantasia desmoronou tão rapidamente quanto tinha começado. Era impossível. Não valia a pena pensar.

Ela era um ciborgue e nunca iria ao baile.

– Acho que é tudo – disse, disfarçando a decepção e ajustando a bolsa no ombro. – Está pronta?

– Eu não computo – disse Iko. – Mesmo se consertar o aerodeslizador, não convencerá Adri a deixá-la ir ao baile, então, por que estamos indo ao ferro-velho? Se ela quer tanto uma correia magnética, por que não vai procurar uma no lixo?

– Porque, com baile ou não, eu acredito *mesmo* que ela venderia você por qualquer trocado, se tivesse motivo. Além disso, com elas no baile, teremos o apartamento só para nós. Não parece agradável?

– Para mim, parece ótimo!

Cinder se virou e viu Peony se esgueirando pela porta. Ela ainda usava seu vestido cor de prata, mas agora as bainhas ao longo do pescoço e das mangas estavam prontas. Um pouco de renda tinha sido adicionada ao decote, acentuando o fato de que, aos quatorze anos, Peony já havia desenvolvido curvas que Cinder nem sonharia ter. Se o corpo de Cinder tivesse sido predisposto à feminilidade, isso fora arruinado pelo que os cirurgiões lhe tinham feito, o que a deixara com um corpo reto como uma tábua. Muito angular. Parecendo um menino. Muito estranho, com sua pesada perna artificial.

– Vou matar a mamãe – disse Peony. – Ela está me enlouquecendo. “Pearl precisa arrumar um marido”, “Minhas filhas são tão sem graça”, “Não dão valor ao que faço por elas”, “blá-blá-blá”. – Ela balançou os dedos no ar zombando da mãe.

– O que você está fazendo aqui?

– *Escondendo-me*. Ah, e queria perguntar se você poderia dar uma olhada no meu tablet. – Ela puxou o aparelho de detrás das costas, entregando-o a Cinder.

Cinder pegou-o, mas seus olhos estavam na parte inferior da saia de Peony, observando a barra reluzente acumulando poeira.

– Você vai estragar o vestido. E aí Adri realmente ficará louca.

Peony mostrou a língua, mas depois recolheu a saia com as mãos, levantando a barra até os joelhos.

– O que você acha? – disse ela, saltando com os pés descalços.

– Você está maravilhosa.

Peony fez uma pose, franzindo o tecido ainda mais nos dedos. Em seguida,

sua felicidade vacilou.

– Ela deveria ter mandado fazer um para você também. Não é justo.

– Não quero ir mesmo. – Cinder deu de ombros. Peony tinha tanta pena em sua voz que ela não se preocupou em discutir. Normalmente era capaz de ignorar o ciúme que sentia das meias-irmãs, de como Adri as adorava, de como suas mãos eram macias, especialmente porque Peony era a única amiga humana que Cinder tinha. Mas não conseguiu suprimir a inveja ao ver Peony naquele vestido.

Ela mudou de assunto.

– O que há de errado com o tablet?

– Está fazendo aquela coisa estranha de novo. – Peony empurrou algumas ferramentas que estavam em cima da pilha de latas de tinta vazias, escolhendo o local mais limpo antes de se sentar, com a saia esvoaçante ao seu redor. Ela pôs os pés de forma que seus calcanhares se apoiassem firmemente no plástico.

– Você baixou aqueles aplicativos estúpidos de celebridades de novo?

– Não.

Cinder levantou uma sobrancelha.

– Um aplicativo de idiomas. É só. E eu precisava para a aula. Ah, antes que eu esqueça, Iko, trouxe uma coisa para você.

Iko deslizou para o lado de Peony quando ela puxou uma fita de veludo do corpete, restos de tecido da costureira. A iluminação na sala ficou mais forte quando Iko viu a fita.

– Obrigada – disse o androide enquanto Peony amarrava a fita em volta da articulação fininha do punho. – É adorável.

Cinder apoiou o tablet na bancada, ao lado do androide do príncipe Kai.

– Vou dar uma olhada nele amanhã. Nós vamos procurar uma correia magnética para Sua Majestade Adri.

– Mesmo? Aonde vão?

– Ao ferro-velho.

– Será pura diversão – disse Iko, escaneando sem parar a pulseira improvisada com seu sensor.

– Sério? – disse Peony. – Posso ir?

Cinder riu.

– Ela está brincando. Iko tem praticado o sarcasmo.

– Eu não me importo. Qualquer coisa é melhor do que voltar para aquele apartamento abafado. – Peony abanou-se e recostou-se distraída numa pilha de estantes metálicas.

Alcançando a irmã, Cinder puxou-a de volta.

– Cuidado com o vestido.

Peony examinou a saia, depois as prateleiras cobertas de fuligem, e em

seguida fez um gesto despreocupado para Cinder.

– Sério mesmo, posso? Parece emocionante.

– Parece sujo e fedido – disse Iko.

– Como você sabe? – disse Cinder. – Você não tem receptores de cheiro.

– Mas tenho uma imaginação fantástica.

Sorrindo, Cinder começou a empurrar a meia-irmã para a porta.

– Tudo bem, vá se trocar. Mas seja rápida. Eu tenho uma história para contar.

Quatro

PEONY DEU UM TAPA NO OMBRO DE CINDER, QUASE A EMPURRANDO em cima de uma pilha de rodas velhas de andróides.

– Como você pode ter esperado tanto tempo para me contar? Você já está em casa, o quê, há *quatro horas*?

– Eu sei, eu sei, me desculpe – disse Cinder, esfregando o ombro. – Não era uma boa hora, e não queria que a Adri soubesse. Não quero que ela tente tirar vantagem disso.

– Quem se importa com o que a mamãe pensa? *Eu* quero tirar vantagem disso. Pelas estrelas, o príncipe. No seu estande. Não acredito que eu não estava lá. Por que eu não estava lá?

– Você estava ocupada provando seda e brocado.

– Ugh. – Peony chutou um farol quebrado que estava no caminho. – Você devia ter me chamado. Eu teria chegado lá em dois segundos, com vestido de baile inacabado e tudo. *Ugh*. Eu odeio você. É oficial, eu *odeio* você. Você vai vê-lo de novo? Quero dizer, terá que vê-lo de novo, né? Talvez eu possa parar de odiá-la se *prometer* me levar com você, tudo bem? Combinado?

– Achei um! – gritou Iko de uma distância de quase dez metros à frente delas. Seu refletor mirou a carcaça de um aerodeslizador enferrujado, deixando as pilhas de restos e escombros atrás dela na escuridão.

– Então? Como ele é? – perguntou Peony, acompanhando o passo apressado de Cinder na direção do veículo, como se estar perto dela agora fosse o mesmo que estar perto da própria Alteza Imperial.

– Não sei – respondeu Cinder, abrindo o capô e o apoiando no suporte apropriado. – Que bom, ele não foi futucado.

Iko saiu rapidamente do caminho de Cinder.

– Ele foi educado o bastante para não apontar a enorme mancha de graxa na testa dela.

Peony deu um suspiro.

– Ah, não, você não fez isso!

– O quê? Sou mecânica. Eu me sujo. Se ele me quisesse toda enfeitada, deveria ter avisado que viria. Iko, um pouco de luz aqui seria uma boa.

Iko inclinou a cabeça para a frente, iluminando o compartimento do motor. Do outro lado de Cinder, Peony estalou a língua.

– Será que ele achou que era uma verruga?

– Isso faz com que eu me sinta muito melhor. – Cinder tirou um alicate da bolsa. O céu noturno estava límpido e, embora as luzes da cidade bloqueassem qualquer estrela, a lua crescente pontuda ocultava-se próxima ao horizonte, um olho adormecido observando através da neblina.

– Ele é tão bonito na vida real quanto parece nos netscreens?

– Sim – disse Iko. – Até mais bonito. E terrivelmente alto.

– Todos são altos para você. – Peony se encostou no para-choque dianteiro com os braços cruzados. – E quero ouvir a opinião de Cinder.

Cinder parou de cutucar o motor com o alicate quando a lembrança do sorriso fácil dele lhe veio à mente. Embora o príncipe Kai fosse havia muito tempo um dos assuntos favoritos de Peony – ela provavelmente fazia parte de todos os fã-clubes dele –, Cinder nunca imaginara que pudesse compartilhar dessa admiração. Na verdade, sempre pensara que a queda de Peony por celebridades era um pouco tola, um pouco pré-adolescente. *Príncipe Kai isso, príncipe Kai aquilo*. Uma fantasia impossível.

Mas agora...

Algo em sua expressão deve ter falado por si só, porque Peony de repente soltou um gritinho agudo e se agarrou nela, envolvendo a cintura de Cinder com os braços e pulando.

– Eu sabia! Eu *sabia* que você tinha gostado dele também! Não posso acreditar que você realmente o conheceu! Não é justo. Eu já disse o quanto odeio você?

– Sim, sim, eu sei – disse Cinder, desvencilhando-se dos braços de Peony. – Agora vá ser bobinha em outro lugar. Estou tentando trabalhar.

Peony fez uma careta e deu um pulinho, girando ao redor das pilhas de tralhas.

– O que mais? Conte tudo. O que ele disse? O que ele fez?

– Nada – respondeu Cinder. – Ele só me pediu para consertar o androide dele. – Ela removeu as teias de aranha do que uma vez fora o gerador solar do aerodeslizador, mas agora não passava de uma casca plástica. Uma nuvem de poeira voou no seu rosto e ela recuou, tossindo. – Catraca?

Iko puxou a catraca de seu torso e a entregou a Cinder.

– Que tipo de androide é? – perguntou Peony.

Cinder ergueu o gerador do compartimento com um grunhido e o pousou no chão ao lado do aerodeslizador.

– Um velho.

– Tutor 8.6 – respondeu Iko. – Mais velho do que eu. E ele disse que voltará ao mercado no próximo fim de semana para buscá-la.

Peony chutou uma lata de óleo enferrujada de seu caminho antes de se encurvar sobre o motor.

– Os noticiários dizem que o mercado ficará fechado durante a próxima semana por causa do surto.

– Ah, eu não tinha ouvido isso. – Cinder limpou as mãos na calça, estudando com atenção o compartimento inferior do motor. – Acho que teremos que entregá-lo no palácio, então.

– Sim! – Peony dançou sem sair do lugar. – Vamos juntas e você pode me apresentar e... e...

– A-rá! – Cinder sorriu, radiante. – Correia magnética.

Peony botou as mãos em forma de concha na frente da boca, aumentando a voz.

– *E então* ele vai me reconhecer no baile, e eu vou dançar com ele e... Pearl vai morrer de *raiva*! – Ela riu, como se irritar a irmã mais velha fosse a maior realização em sua vida.

– Se o androide estiver pronto antes do baile. – Cinder escolheu uma chave inglesa do cinto de ferramentas que estava pendurado ao redor de seus quadris. Ela não queria dizer a Peony que o príncipe Kai provavelmente não seria o responsável por receber as entregas ao palácio.

Peony fez um aceno rápido com a mão.

– Bem, seja quando for.

– Eu quero ir ao baile – disse Iko, olhando para o horizonte. – É preconceito não permitir a entrada de andróides.

– Faça uma petição ao governo, então. Tenho certeza de que Peony ficará feliz em levar seu caso diretamente ao príncipe em pessoa. – Cinder segurou a cabeça esférica de Iko e forçou-a a mirar novamente a luz no capô. – Agora fique parada. Estou quase conseguindo desencaixar essa terminação.

Cinder prendeu a chave inglesa em Iko, depois ergueu a correia magnética de seu suporte, deixando-a cair no chão com um retinir.

– Um lado já foi, agora só falta o outro.

Ela andou ao redor do aerodeslizador, abrindo o caminho pelas quinquilharias de forma que as rodas de Iko não ficassem presas.

Peony foi atrás e subiu no porta-malas do veículo, cruzando as pernas.

– Sabe, dizem por aí que ele vai procurar uma noiva no baile.

– Uma noiva – disse Iko. – Que romântico!

Cinder se abaixou para o lado, atrás do para-choque traseiro do aerodeslizador, e pegou uma pequena lanterna do cinto de ferramentas.

– Me passa a chave inglesa de novo?

– Você não me ouviu? Uma *noiva*, Cinder. Como uma princesa.

– Como... não vai acontecer. Ele tem só, o quê? Dezenove anos? –
Segurando a lanterna entre os dentes, Cinder pegou a chave inglesa da mão de Iko. Os parafusos da parte traseira estavam menos enferrujados, pois eram melhor protegidos pelo porta-malas suspenso, e foram necessárias apenas algumas torções rápidas para afrouxá-los.

– Dezoito e meio – disse Peony. – E é verdade. Todos os *links* de fofoca dizem isso.

Cinder grunhiu.

– Eu me casaria com o príncipe Kai sem hesitar.

– Eu também – disse Iko.

Cinder tirou a lanterna da boca e mudou-a de posição.

– Vocês e todas as garotas da Comunidade.

– Como se você não – disse Peony.

Cinder não respondeu enquanto afrouxava o último parafuso da correia magnética, que se soltou e caiu no chão com estrépito.

– Aqui vamos nós. – Ela saiu de debaixo do carro e pôs a chave inglesa e a lanterna no compartimento da panturrilha antes de se levantar. – Vê outros aerodeslizadores que valham a pena darmos uma olhada enquanto estamos aqui? – Puxando a correia magnética de debaixo do aerodeslizador, ela dobrou-a pelas dobradiças, formando um bastão de metal mais fácil de segurar.

– Eu vi algo ali. – Iko passou a luz pelas pilhas. – Não sei ao certo qual modelo.

– Ótimo. Vá na frente. – Cinder cutucou o androide com o bastão. Iko foi andando, resmungando por ter que ficar em meio à sucata enquanto Adri estava toda limpinha e confortável em casa.

– Além disso – disse Peony, saltando de cima do porta-malas –, o rumor de que ele estaria procurando uma noiva no baile é bem melhor do que o que os *outros* boatos estão dizendo.

– Deixe eu adivinhar. O príncipe Kai, na verdade, é um marciano? Ou não, não... ele teve um filho bastardo com um androide-acompanhante, não teve?

– Androides-acompanhantes podem ter *filhos*?

– Não.

Peony bufou, soprando um cacho de cima da sobrancelha.

– Bem, isso é ainda pior. Dizem que há uma conversa de ele se casar... – ela baixou a voz até um sussurro grave – com a rainha Levana.

– *Rainha* – Cinder congelou e pôs a mão enluvada sobre a boca, olhando em volta como se alguém pudesse estar espreitando em meio às pilhas de lixo,

ouvindo. Ela tirou a mão, mas manteve a voz baixa. – Sinceramente, Peony. Esses tabloides vão apodrecer o seu cérebro.

– Eu também não quero acreditar, mas todos estão dizendo isso. Esse seria o motivo pelo qual a perversa embaixadora da rainha estaria hospedada no palácio, para que ela possa garantir uma aliança. É tudo politicagem.

– Eu não acredito. O príncipe Kai nunca se casaria com ela.

– Você não sabe.

Mas ela sabia. Cinder podia não saber muito sobre política intergaláctica, mas sabia que o príncipe Kai seria um tolo se se casasse com a rainha Levana.

A lua vagarosa chamou a atenção de Cinder, e uma onda de arrepios cobriu seus braços. A lua sempre lhe causara certa paranoia, como se as pessoas que morassem lá pudessem estar observando-a, e tinha medo de que, se olhasse por muito tempo, pudesse atrair a atenção delas. Uma superstição sem sentido, mas tudo a respeito dos lunares era misterioso e envolto em superstições.

Os lunares eram uma sociedade que evoluíra de uma colônia terrestre na lua séculos atrás, mas não eram mais humanos. Dizia-se que podiam modificar o cérebro de uma pessoa – fazer você ver, sentir e fazer coisas que não devia. O poder anormal deles os tornara uma raça gananciosa e violenta, e a rainha Levana era a pior deles.

Havia boatos de que ela sabia quando as pessoas estavam falando dela, mesmo a milhares de quilômetros de distância. Mesmo aqui embaixo, na Terra.

Dizia-se também que ela assassinara a irmã mais velha, a rainha Channary, para que pudesse assumir o trono. E que mandara matar o próprio marido também, com o propósito de ficar livre para conseguir um casamento melhor. Havia rumores de que forçara sua enteada a mutilar o próprio rosto porque, em seus doces treze anos, tornara-se mais bonita do que a invejosa rainha podia suportar.

Os boatos também a acusavam de ter matado a sobrinha, única ameaça ao trono. A princesa Selene tinha apenas três anos quando um incêndio destruiu seu quartinho, matando a criança e sua babá.

Algumas teorias conspiratórias diziam que a princesa sobrevivera e ainda vivia em algum lugar, esperando pela hora certa para reivindicar a coroa e acabar com o reinado tirânico de Levana, mas Cinder sabia que apenas o desespero alimentava tais rumores. Afinal, encontraram traços da carne da criança em meio às cinzas.

– Aqui. – Iko ergueu a mão e bateu em uma lâmina de metal que se destacava de um enorme monte de sucata, surpreendendo Cinder.

Ela afastou os pensamentos. O príncipe Kai nunca se casaria com aquela bruxa. Ele nunca se casaria com uma lunar.

Cinder empurrou algumas latas enferrujadas de aerossol e um colchão velho para longe, antes de poder ver com clareza a frente do aerodeslizador.

– Bom olho.

Juntas elas tiraram bastante sucata do caminho, para que toda a frente do veículo pudesse ser vista.

– Nunca vi nenhum como esse – disse Cinder, passando a mão sobre a insígnia cromada esburacada.

– É horroroso – disse Peony com desdém. – Que cor horrível.

– Deve ser realmente velho. – Cinder encontrou o trinco e abriu o capô. Chegou a recuar, surpresa pela bagunça de metal e plástico que viu. – *Realmente* velho. – Ela semicerrou os olhos na frente do motor, mas o chassi ocultava os suportes da correia magnética. – Hum... você pode direcionar a luz para cá, por favor?

Cinder se abaixou e se debruçou na sujeira. Apertou o rabo de cavalo antes de se contorcer embaixo do aerodeslizador, arremessando para o lado o amontoado de partes velhas deixadas para enferrujar em meio às ervas daninhas embaixo dele.

– Pelas estrelas – murmurou quando conseguiu olhar bem seu interior. A luz de Iko oscilava para cima e para baixo, exibindo cabos e fios, tubos e coletores, porcas e parafusos. – Esta coisa é uma relíquia.

– Está em um ferro-velho – disse Peony.

– Estou falando sério. Nunca vi nada igual. – Cinder correu a mão por um cabo de borracha.

A luz piscava para a frente e para trás conforme o sensor de Iko escaneava o motor.

– Alguma peça útil?

– Boa pergunta. – A visão de Cinder tornou-se azul conforme se conectava à sua rede. – Você poderia me ditar o número de identificação do veículo que está no para-brisa? – Ela procurou o número enquanto Peony lia para ela e fez o *download* do projeto em minutos, a tela criando uma imagem sobre o motor acima dela. – Parece estar praticamente intacto – murmurou, correndo as pontas dos dedos por um grupo de fios acima dela. Seguiu com os olhos, inclinando a cabeça para traçar o caminho das mangueiras para as polias, e delas para os eixos, tentando decifrar como combinavam entre si. Como tudo funcionava.

– Que legal.

– Estou entediada – disse Peony.

Suspirando, Cinder pesquisou no projeto onde ficava a correia magnética, mas uma mensagem verde de erro piscou no seu campo de visão. Ela tentou apenas *magnética*, e depois apenas *correia*, recebendo finalmente um resultado.

O projeto iluminou-se em uma correia que envolvia uma série de engrenagens, encapsulada por uma cobertura de metal – algo chamado correia sincronizadora. Franzindo o cenho, Cinder esticou a mão e procurou os parafusos e arruelas que prendiam a cobertura ao bloco de motor.

Ela achava que arruelas não fossem usadas desde que o motor de combustão interna havia se tornado obsoleto.

Arfando, ela estendeu o pescoço para o lado. Na escuridão embaixo do veículo, podia distinguir algo redondo ao seu lado, conectado às barras acima de sua cabeça. Uma roda.

– Não é um aerodeslizador. É um carro. Um carro movido a gasolina.

– Sério? – disse Peony. – Pensei que carros de verdade deviam ser... não sei. Elegantes.

Indignação desabrochou no peito de Cinder.

– Tem personalidade – respondeu ela, tateando o padrão dos pneus.

– Então – disse Iko um segundo depois –, isso significa que não podemos aproveitar nenhuma das peças?

Ignorando a pergunta, Cinder analisou avidamente o desenho diante dela. Cáter, injetores de combustível, canos de escape.

– É da segunda era.

– Fascinante. *Ou não.* – disse Peony. Subitamente gritou, pulando para longe do carro.

Cinder se sobressaltou e bateu a cabeça na suspensão dianteira.

– O que foi, Peony?

– Um rato acabou de sair da janela! Um bem grande e peludo. Ai, que *nojo*.

Resmungando, Cinder acomodou novamente a cabeça na sujeira, massageando a testa. Já eram duas lesões na cabeça em um dia. Nesse ritmo, teria que comprar um novo painel de controle também.

– Ele deve ter feito ninho no estofamento. Provavelmente o assustamos.

– *Nós* assustamos *o rato*? – A voz de Peony estava abalada. – Podemos ir agora, por favor?

Cinder suspirou.

– Tá bom.

Descartando o desenho, ela se contorceu para sair de debaixo do carro, aceitando a ajuda das mãos em forma de pinça de Iko para se levantar.

– Pensei que todos os carros a gasolina sobreviventes estivessem em museus – disse ela, tirando as teias de aranha dos cabelos.

– Eu não o chamaria de “sobrevivente” – disse Iko, seu sensor se escurecendo com repulsa. – Parece mais uma abóbora podre.

Cinder fechou o capô com um baque, lançando uma impressionante nuvem

de poeira sobre o androide.

– Vocês precisam de um pouco mais de imaginação? Com alguma atenção e uma boa limpeza, poderíamos devolvê-lo à sua antiga glória.

Ela acariciou o capô. O carro em forma de domo tinha um tom amarelo-alaranjado que parecia doentio sob a luz de Iko – era uma cor que ninguém nos tempos modernos escolheria –, mas com o estilo antigo do veículo beirava o encantador. A ferrugem vinha do buraco sob os faróis despedaçados, descendo sobre os para-lamas amassados. Faltava uma das janelas traseiras, mas os assentos estavam intactos, embora cobertos por mofo e rasgados, e provavelmente servissem como lar para mais do que roedores. O volante e o painel pareciam ter sofrido apenas pequenos danos ao longo dos anos.

– Talvez pudesse ser nosso carro de fuga.

Peony deu uma olhada pela janela do passageiro.

– Fuga de quê?

– De Adri. De Nova Pequim. Podíamos sair todas juntas da Comunidade. Podíamos ir para a Europa! – Cinder deu a volta para o lado do motorista e tirou a sujeira do vidro com a luva. No chão, no interior do veículo, três pedais piscavam para ela. Embora todos os aerodeslizadores fossem controlados por sistemas de computação, ela lera o suficiente sobre a antiga tecnologia para saber o que era uma embreagem e até mesmo ter uma ideia básica de como acioná-la.

– Esse bloco de metal não nos levaria nem até os limites da cidade – disse Peony.

Dando um passo para trás, Cinder tirou a poeira das mãos. Provavelmente elas estavam certas. Talvez aquele não fosse o veículo ideal, talvez não fosse a chave para a salvação delas, mas de alguma forma, algum dia, ela deixaria Nova Pequim. Encontraria um lugar onde ninguém soubesse quem ela era – ou o que era.

– Além disso, não podemos pagar a gasolina – continuou Iko. – Poderíamos vender seu novo pé e mesmo assim não teríamos dinheiro o bastante para pagar a gasolina necessária para sairmos daqui. Sem contar as multas por poluição. E eu não vou entrar nessa coisa. É provável que tenha cocô de rato se acumulando por décadas sob esses assentos.

Peony se contraiu de nojo.

– *Eca.*

Cinder deu uma risada.

– Tudo bem, já entendi. Não conseguirei convencê-las a levar o carro pra casa.

– Ainda bem. Você me deixou preocupada – disse Peony. Ela sorriu, porque

não se preocupara de fato, e tirou o cabelo do ombro.

O olhar de Cinder captou algo – um ponto preto abaixo da clavícula de Peony, visível bem acima da gola de sua camisa.

– Fique parada – disse ela, esticando a mão para a frente.

Peony fez exatamente o contrário, entrando em pânico e espanando com as mãos os fantasmas em seu peito.

– O quê? O que é? Um bicho? Uma aranha?

– Eu já disse, fique parada! – Cinder agarrou Peony pelo pulso, passou a mão no ponto preto e ficou paralisada.

Soltando o braço de Peony, ela cambaleou para trás.

– O quê? O que é? – Peony puxou a camisa, tentando ver, mas então notou outro ponto na parte de trás da mão.

Ela olhou para Cinder, o rosto pálido.

– Uma... uma alergia? – disse ela. – Ao carro?

Cinder engoliu em seco e se aproximou dela com passos hesitantes, segurando a respiração. Esticou novamente a mão até a clavícula de Peony e puxou a gola de sua blusa para baixo, revelando toda a mancha sob a luz da lua. Uma nódoa vermelha, envolta com um roxo típico de hematomas.

Seus dedos tremeram. Ela se afastou, encontrando o olhar de Peony.

Peony deu um berro.

Quinco

O FERRO-VELHO FOI TOMADO PELOS GRITOS AGUDOS DE PEONY, penetrando nas rachaduras de máquinas quebradas e computadores ultrapassados. A interface auditiva de Cinder não a protegia de sons agudos, mesmo quando a voz de Peony falhou e se dissolveu em histeria.

Cinder ficou parada, sem firmeza, incapaz de se mover. Querendo consolar Peony. Querendo fugir.

Como aquilo era possível?

Peony era jovem, saudável. Não podia estar doente.

Ela chorava, esfregando repetidamente a pele, as manchas.

A rede de Cinder assumiu o controle, como costumava acontecer em momentos em que ela não conseguia pensar por si mesma. Pesquisando, conectando, conseguindo informações que ela não desejava obter.

Letumose. A febre azul. Pandemia mundial. Centenas de milhares de mortos. Causa desconhecida. Cura desconhecida.

– Peony...

Ela esticou a mão de modo hesitante, mas Peony se afastou sem jeito, secando as bochechas e o nariz.

– Não cheguem perto de mim! Você vai pegar! Vocês vão pegar!

Cinder encolheu a mão. Ela ouviu Iko ao seu lado, a ventoinha zumbindo. Viu a luz azul lançada sobre Peony, sobre o ferro-velho, piscando. Ela estava assustada.

– Eu já disse, afastem-se! – Peony caiu de joelhos, curvando-se.

Cinder recuou dois passos e então parou, observando Peony se balançar para a frente e para trás sob a luz de Iko.

– Eu... Eu preciso chamar um aerodeslizador de emergência. Para...

Para que a levem daqui.

Peony não respondeu. Todo o seu corpo tremia. Cinder podia ouvir os dentes dela batendo em meio aos lamentos.

Cinder estremeceu. Esfregou os braços, inspecionando-os à procura de manchas. Não via nenhuma, mas olhou para a luva da mão direita com desconfiança, sem querer removê-la, sem querer checá-la.

Afastou-se novamente. As sombras do ferro-velho se avultaram na direção dela. A peste. Estava lá. No ar. No lixo. Quanto tempo levaria para que os primeiros sintomas se manifestassem?

Ou...

Ela pensou em Chang Sacha na feira. Na multidão apavorada fugindo de seu estande. No barulho das sirenes.

O estômago dela se revirou.

Tinha sido culpa dela? Ela levava a peste da feira para casa?

Verificou os braços de novo, espanando com a mão os insetos invisíveis que rastejavam em sua pele. Cambaleou para trás. Os soluços de Peony encheram sua cabeça, sufocando-a.

Um aviso em vermelho piscou em seu visor de retina, informando-a de que seus níveis de adrenalina estavam elevados. Ela piscou para desativar o alerta, depois acionou seu *link* de sistema de comunicação com as vísceras se contraindo e enviou uma mensagem simples antes de sequer poder questionar.

EMERGÊNCIA, FERRO-VELHO DO DISTRITO DE TAIHANG. LETUMOSE.

ela trincou os dentes, sentindo a dolorosa secura nos olhos. Uma dor de cabeça latejante tornou evidente que deveria estar chorando, que seus soluços deveriam se juntar aos da irmã.

– Por quê? – perguntou Peony, gaguejando. – O que foi que eu fiz?

– Você não fez nada – respondeu Cinder. – Isso não é sua culpa.

Mas pode ser minha.

– O que devo fazer? – perguntou Iko, muito baixo para ser ouvida.

– Não sei – disse Cinder. – Um aerodeslizador está a caminho.

Peony esfregou o nariz com o braço. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

– Você p-precisa ir. Pode pegar isso de mim.

Sentindo-se tonta, Cinder percebeu que vinha respirando muito rápido. Deu mais um passo para trás antes de encher os pulmões.

– Talvez eu já tenha pegado. Talvez seja minha culpa você estar doente. O surto no mercado hoje... Eu-eu não pensei estar perto o bastante, mas... Peony, eu sinto muito.

Peony apertou os olhos e escondeu o rosto de novo. Seus cabelos castanhos estavam embaraçados, caindo ao longo dos ombros, em forte contraste com a pele pálida. Um soluço, seguido por outro.

– Eu não quero ir.

– Eu sei.

Foi tudo que Cinder conseguiu dizer. Não se preocupe? Tudo ficará bem? Ela não podia mentir, não quando era tão óbvio.

– Queria que houvesse alguma coisa... – Ela parou. Ouviu as sirenes antes de Peony. – Eu sinto muito mesmo.

Peony secou o nariz com a manga da blusa, deixando uma trilha de muco. Depois, continuou chorando. Ela não respondeu até que o som das sirenes alcançasse seus ouvidos e sua cabeça se erguesse. Olhou ao longe, para a entrada do ferro-velho em algum lugar além das pilhas de lixo. Os olhos arregalados. Os lábios tremendo. O rosto extremamente vermelho.

Cinder sentiu um aperto no coração.

Ela não podia evitar. Se tivesse que ser infectada, provavelmente isso já acontecera.

Caiu de joelhos, envolvendo Peony com os braços. O cinto de ferramentas ficou enterrado em seu quadril, mas ela o ignorou enquanto Peony se agarrava à sua camisa, os soluços renovados.

– Eu sinto tanto.

– O que você dirá à mamãe e a Pearl?

Cinder mordeu os lábios.

– Não sei. – E então: – A verdade, eu acho.

Ela sentiu o gosto de bile na boca. Talvez fosse um sinal. Talvez a dor em seu estômago fosse um sintoma. Ela baixou a vista para o braço, que mantinha Peony abraçada a ela. Ainda não havia manchas.

Peony a empurrou, voltando rapidamente para a sujeira.

– Fique longe de mim. Você pode não estar doente ainda. Mas eles levariam você. Você precisa sair daqui.

Cinder hesitou. Ouviu o som de correias esmigalhando alumínio e plástico. Não queria deixar Peony, mas e se ela não tivesse sido contaminada ainda?

Sentou nos calcanhares, depois se ergueu. Luzes amarelas se aproximavam delas vindo da escuridão.

A mão direita de Cinder suave dentro da luva. Sua respiração estava fraca de novo.

– Peony...

– Vá! Vá embora!

Cinder se afastou. E ainda mais. Teve o bom senso de parar para pegar a correia magnética dobrada. Moveu-se em direção à saída, sua perna humana tão dormiente quanto a protética. Os soluços de Peony a seguiram.

Três andróides brancos encontraram-na dobrando uma esquina. Tinham sensores amarelos e cruzes vermelhas pintadas na cabeça, e dois deles traziam uma maca flutuante.

– Você é a vítima de letumose? – perguntou um deles com voz neutra, portando um escâner de identificação.

Cinder escondeu o pulso.

– Não. Minha irmã, Linh Peony. Ela... ela está naquela direção, à esquerda.

Os medidroides com a maca se desviaram dela e seguiram caminho.

– Você teve contato direto com a vítima nas últimas doze horas? – perguntou o último androide.

Cinder abriu a boca, hesitou. Culpa e medo se contorciam em suas vísceras.

Ela podia mentir. Não havia prova de que já tivesse a doença, mas, se eles a levassem para a quarentena, não teria a menor chance.

Mas, se fosse para casa, poderia infectar a todos. Adri. Pearl. Aquelas crianças que gritavam e riam e que corriam pelos corredores.

Mal pôde ouvir a própria voz.

– Sim.

– Você está manifestando sintomas?

– Na-não. Não sei. Eu me sinto tonta, mas não. – Ela não continuou.

O medidroide se aproximou dela, as rodas rangendo no chão sujo. Cinder cambaleou para longe dele, que não disse nada, apenas se aproximou até que as panturrilhas dela tivessem encostado numa caixa empilhável apodrecida. Ele portava um escâner de identificação em uma das mãos, e então um terceiro braço surgiu de seu torso – com uma seringa no lugar da mão em forma de pinça.

Cinder encolheu os ombros, mas não resistiu quando o androide agarrou seu pulso direito e introduziu a agulha. Ela se contraiu e ficou observando enquanto o líquido escuro, quase negro sob a luz amarela do androide, era coletado. Embora não tivesse medo de agulhas, o mundo começou a girar. O androide removeu a agulha bem na hora em que ela se deixou cair sobre a caixa.

– O que você está fazendo? – sussurrou.

– Iniciando um escaneamento de sangue em busca dos patógenos portadores de letumose. – Cinder ouviu um motor ser acionado dentro dele, alertas difusos anunciando cada passo. A luz do androide diminuía quando sua fonte de energia era mais exigida.

Ela prendeu a respiração até que seu painel de controle a dominasse e forçasse seus pulmões a se contraírem.

– Identidade – disse o androide, estendendo o escâner para ela. Uma luz vermelha passou pelo pulso de Cinder e o equipamento bipou. O androide guardou-o no torso oco.

Ela se perguntou quanto tempo levaria para que o escaneamento fosse finalizado e determinasse que estava infectada, confirmando que fora culpa dela. Por tudo.

Cinder ouviu alguma coisa se aproximando e virou a cabeça enquanto os dois androides apareceram com Peony sobre a maca. Ela estava sentada, com as mãos atadas ao redor dos joelhos. Seus olhos inchados se moviam de forma selvagem pelo ferro-velho, como se procurassem uma fuga. Como se estivesse vivendo em um pesadelo.

Mas ela não tentou fugir. Ninguém nunca resistia quando era levado às quarentenas.

Os olhos delas se encontraram. Cinder abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Ela tentou implorar por perdão com os olhos.

Um breve sorriso saiu dos lábios de Peony. Ela ergueu uma das mãos e acenou apenas com os dedos.

Cinder acenou de volta, sabendo que deveria ser ela.

Já sobrevivera ao destino uma vez. Ela é que deveria estar sendo levada. Era ela que deveria estar morrendo. Deveria ser ela.

Tudo se resumia a isso.

Tentou falar, dizer a Peony que estaria logo atrás dela. Que ela não ficaria sozinha. Mas então o androide bipou.

– O escaneamento foi concluído. Nenhum patógeno portador de letumose foi detectado. O indivíduo tem que manter uma distância de quinze metros do paciente infectado.

Cinder piscou. Alívio e medo se contorceram dentro dela.

Ela não estava doente. Não ia morrer.

Não acompanharia Peony.

– Nós a avisaremos por meio do sistema de comunicação quando Linh Peony entrar nos estágios subsequentes da doença. Agradecemos sua cooperação.

Cinder se envolveu nos próprios braços e viu Peony se deitar enquanto era transportada, enrolada em posição fetal, como uma criança, na maca.

CINDER MOVEU-SE FURTIVAMENTE PELA NOITE AMENA, E SUAS BOTAS foram se arrastando pelo concreto fazendo barulho, como se as duas pernas fossem feitas de aço. A noite vazia era um coro de sons emudecidos em sua cabeça: o esmagar arenoso das rodas de Iko, o chiado da iluminação de rua acima delas, o constante zumbido do supercondutor magnético sob a rua. A cada passo, a chave inglesa inserida na panturrilha de Cinder tinha. Tudo isso era pouco em comparação ao vídeo sendo reproduzido repetidas vezes em sua mente.

Sua interface costumava fazer isso – gravava momentos de emoção intensa e reproduzia sem parar. Como *déjà-vu* ou quando as últimas palavras de uma conversa ficavam no ar bem depois de o silêncio ter se instalado. Frequentemente, ela conseguia fazer a memória parar antes de enlouquecê-la, mas naquela noite estava sem energia.

A nódoa negra na pele de Peony. Seu grito. A seringa do medidroide tirando o sangue de seu braço. Peony, pequena e tremendo na maca. Já morrendo.

Ela parou, apertando firmemente o estômago enquanto a náusea a atingia. Iko parou alguns passos à frente, dirigindo o farol para o rosto enrugado de Cinder.

– Você está bem?

A luz percorreu toda a extensão do corpo de Cinder, e ela tinha certeza de que Iko procurava por nódoas em forma de anel, apesar de o medidroide ter dito que ela não estava infectada.

Em vez de responder, Cinder tirou as luvas e as colocou no bolso traseiro. Com a tonteira passando, apoiou o ombro no poste de luz da rua e respirou fundo o ar úmido. Estavam quase chegando em casa. O edifício Phoenix Tower ficava na próxima esquina, apenas o último andar recebendo a fraca luz da lua crescente, enquanto o restante do prédio mergulhava na escuridão. As janelas estavam todas apagadas, exceto por um punhado de luzes e o brilho branco-azulado dos netscreens. Cinder contou os andares, localizando as janelas da cozinha e do quarto de Adri.

Apesar da escuridão, uma luz estava acesa em algum lugar do apartamento. Adri não era uma pessoa noturna, mas talvez tivesse descoberto que Peony ainda

não tinha voltado. Ou Pearl estivesse acordada, trabalhando em um projeto da escola ou trocando mensagens com amigos pelo sistema de comunicação, tarde da noite.

Provavelmente era melhor assim. Ela não queria ter que acordá-las.

– O que vou dizer a elas?

O sensor de Iko se fixou no edifício por um instante, e em seguida no chão, focando o mosaico de escombros na calçada.

Cinder esfregou a palma da mão suada na calça e se forçou a seguir em frente. Por mais que tentasse, não encontrava palavras apropriadas. Explicações, desculpas. Como dizer a uma mulher que sua filha estava morrendo?

Ela passou sua identidade pelo escâner e entrou pela porta principal desta vez. O saguão cinzento era decorado apenas com um netscreen que trazia comunicados aos moradores – um aumento nas taxas de manutenção, uma petição para um novo escâner para a porta da frente, um gato perdido. Chegou ao elevador, barulhento com os sons metálicos abafados da maquinaria velha. O corredor estava vazio, exceto pelo homem do 1807 que dormia na soleira de sua porta. Cinder teve que afastar o braço dele para que Iko não o esmagasse. Uma respiração pesada e o aroma adocicado de vinho de arroz subiu.

Ela hesitou diante da porta do apartamento 1820, com coração batendo forte. Não conseguia se lembrar de quando o vídeo de Peony parara de se repetir em sua mente, eclipsado pelos nervos em frangalhos.

O que ela diria?

Cinder mordeu o lábio e ergueu o pulso na altura do escâner. A luzinha mudou para verde. Ela abriu a porta fazendo o menor barulho possível.

A claridade vinda da sala de estar se espalhou pelo corredor escuro. Cinder deu uma olhada no netscreen, ainda mostrando sequências anteriores do mercado naquele mesmo dia, o estande da padaria pegando fogo repetidas vezes. A tela estava sem som.

Cinder entrou na sala, mas parou no meio do caminho. Iko deu um encontrão em sua perna.

Encarando-a do meio da sala, havia três andróides com cruzes vermelhas pintadas nas cabeças esféricas. Medidroides do atendimento de emergência.

Atrás deles, Adri, em seu robe de seda, apoiava-se contra a cornija da lareira, embora a chama holográfica estivesse desligada. Pearl ainda estava totalmente vestida, sentada no sofá com os joelhos dobrados até o queixo. Ambas seguravam toalhas de rosto secas sobre o nariz e olhavam para Cinder com um misto de repulsa e medo.

O estômago de Cinder se contraiu. Deu meio passo para trás, na direção do corredor, imaginando qual estava doente, mas rapidamente percebeu que

nenhuma delas poderia estar. Os androides as teriam levado na mesma hora. Elas não estariam protegendo a respiração. Todo o edifício estaria isolado.

Ela notou um pequeno curativo no cotovelo de Adri. Elas já tinham sido testadas.

Cinder tirou a bolsa-carteiro, pousando-a no chão, mas ficou com a correia magnética.

Adri limpou a garganta e baixou a toalha até o esterno. Ela parecia um esqueleto à luz fraca, a carne farinhenta e os ossos saltados. Sem maquiagem, olheiras avolumavam-se embaixo de seus olhos injetados. Tinha chorado, mas agora seus lábios formavam uma linha imóvel.

– Recebi um comunicado há uma hora – disse ela quando o silêncio se tornou palpável na sala. – Informava que Peony foi apanhada em um ferro-velho no distrito de Taihang e levada. – Sua voz falhou. Ela baixou o olhar e quando o levantou novamente, seus olhos brilhavam. – Mas você já sabe disso, não é?

Cinder mudou de posição, tentando não olhar para os medidroides.

Sem esperar pela resposta de Cinder, Adri disse:

– Iko, pode começar a jogar as coisas de Peony fora. Qualquer coisa que ela tenha usado na última semana pode ser descartada, mas leve tudo para o beco você mesma, não quero entupir a rampa de lixo. Acho que todo o restante pode ser vendido na feira. – Sua voz estava aguda e firme, como se aquela lista viesse se repetindo em sua cabeça desde o momento em que recebera a notícia.

– Sim, Linh-ji – disse Iko, deslizando de volta para o corredor. Cinder ficou onde estava, congelada, as mãos segurando a correia magnética como se fosse um escudo. Embora o androide fosse incapaz de ignorar as ordens de Adri, estava claro pela sua lentidão que não queria deixar Cinder sozinha enquanto os medidroides estivessem observando com aqueles sensores amarelos ociosos.

– Por que – perguntou Adri, torcendo a toalha de rosto – minha filha mais nova estava no ferro-velho de Taihang District esta noite?

Cinder puxou a correia magnética para si, alinhando-a do ombro ao dedo do pé. Feita do mesmo aço que sua mão e igualmente gasta, parecia uma extensão dela mesma.

– Ela foi comigo para procurar as correias magnéticas. – Cinder respirou fundo. Sua língua parecia ter sido engolida, sua garganta parecia estar se fechando. – Eu sinto muito mesmo. Eu não... Vi as manchas e chamei o aerodeslizador de emergência. Não sabia o que fazer.

Lágrimas brotaram nos olhos de Adri, brevemente, antes que ela piscasse para fazê-las sumir. Ela baixou a cabeça, olhando para a toalha torcida. Seu corpo se vergou sobre a cornija da lareira.

– Eu não sabia ao certo se você voltaria aqui, Cinder. Esperava receber outra

mensagem do sistema de comunicação, dizendo-me que meu pertence também havia sido levado. – Adri jogou os ombros para trás, ergueu o olhar. A fraqueza passara, seus olhos escuros se tornaram mais duros. – Estes medidroides testaram a mim e a Pearl. Nenhuma de nós foi contaminada pela peste.

Cinder começou a assentir, aliviada, mas Adri continuou.

– Diga-me, Cinder. Se Pearl e eu não somos portadoras da doença, de onde Peony a contraiu?

– Eu não sei.

– Você não sabe? Mas você *sabe*, com certeza, do surto no mercado hoje.

Os lábios de Cinder se abriram. É claro. As toalhas. Os medidroides. Elas achavam que Cinder estava infectada.

– Não entendo você, Cinder. Como pôde ser tão *egoísta*?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

– Eles fizeram o teste em mim também, no ferro-velho. Eu não tenho a doença. Não sei como ela foi contaminada. – Ela estendeu o braço, mostrando a ferida inchada na parte de dentro do cotovelo. – Eles podem repetir o exame, se você quiser.

Um dos medidroides deu seu primeiro sinal de vida, jogando luz sobre o pequeno ponto vermelho em que a agulha a havia picado. Mas eles não se moveram, e Adri não os encorajou. Em vez disso, voltou sua atenção para um pequeno porta-retratos digital na cornija da lareira, que exibia fotos de Peony e Pearl na infância. Imagens de sua antiga casa, aquela com o jardim. Fotos com Adri, antes que ela perdesse seu sorriso. Fotos com o pai delas.

– Eu sinto tanto – disse Cinder. – Eu também amo Peony.

Adri apertou a moldura.

– Não me insulte – disse ela, trazendo o dispositivo para junto de si. – Sua espécie ao menos sabe o que é amor? Você pode sentir qualquer coisa, ou é só... programada?

Ela estava falando consigo mesma, mas as palavras feriram. Cinder arriscou um olhar para Pearl, que estava sentada no sofá com o rosto meio escondido atrás dos joelhos, mas não segurava mais a toalha para proteger-se. Quando viu que Cinder olhava para ela, desviou o olhar para o chão.

Cinder flexionou os dedos que seguravam a correia magnética.

– É claro que sei o que é amor. – E tristeza também. Ela desejava poder chorar para provar.

– Bom. Então você entenderá que estou fazendo o que mães fazem para proteger as filhas. – Adri devolveu o porta-retratos digital à cornija da lareira, mas com a tela voltada para baixo. No sofá, Pearl virou o rosto, pressionando a bochecha contra os joelhos.

Um fio de medo se enrolou no estômago de Cinder.

– Adri?

– Há cinco anos você faz parte desta família, Cinder. Cinco anos desde que Garan deixou você para mim. Ainda não sei por que ele o fez, não sei por que se sentiu obrigado a viajar para a Europa, de todos os lugares, para encontrar alguma... mutante de quem cuidar. Ele nunca me explicou a razão. Talvez explicasse algum dia. Mas eu nunca quis você. Você sabe disso.

Cinder torceu os lábios. Os medidroides sem expressão olhavam para ela.

Ela sabia, mas nunca pensara que Adri seria tão objetiva.

– Garan queria que eu cuidasse de você, portanto fiz meu melhor. Mesmo quando ele morreu, mesmo quando o dinheiro acabou, mesmo quando... tudo desmoronou. – A voz dela falhou, e ela pressionou a palma da mão firmemente na boca. Cinder viu os ombros dela tremerem, ouviu os curtos arquezos enquanto tentava engolir os soluços. – Mas Garan concordaria. Peony vem primeiro. *Nossas meninas vêm primeiro.*

Cinder se sobressaltou por causa de sua voz exaltada. Podia ouvir a justificativa no tom de Adri. A determinação.

Não me deixe com essa coisa.

Ela encolheu os ombros.

– Adri...

– Se não fosse por você, Garan ainda estaria vivo. E Peony...

– Não, não é culpa minha. – Cinder viu de relance algo branco: Iko vagava lentamente no corredor, incerta. Seu sensor estava quase preto.

Cinder procurou por sua voz. Seu pulso estava latejando, pontos brancos sumiam e apareciam em sua visão. Um alerta vermelho piscou no canto de seu olho – era uma recomendação para que se acalmasse.

– Eu não pedi para ser feita assim. Não pedi nem a você, nem a ninguém que me adotasse. Isso não é culpa minha!

– Também não é culpa minha! – atacou Adri, dando um tapa no netscreen, que se soltou do suporte. Ele caiu e se quebrou, levando duas placas em homenagem aos feitos de seu marido junto. Lascas de plástico ricochetearam pelo tapete gasto.

Cinder pulou para trás, mas a agitação se desfez tão rápido quanto aflorou. A respiração furiosa de Adri já estava se acalmando. Ela era sempre tão cuidadosa em não perturbar os vizinhos... Em não ser notada. Em não causar uma comoção. Em não fazer nada que pudesse arruinar sua reputação. Mesmo agora.

– Cinder – disse Adri, esfregando os dedos na toalha como se pudesse apagar a perda momentânea de controle. – Você irá com esses medidroides. Não faça cena.

Ela perdeu o chão.

– O quê? Por quê?

– Porque todos temos a missão de fazer o que pudermos, e você sabe que a demanda por... sua espécie é alta. Especialmente agora. – Ela parou. Seu rosto ficou vermelho e manchado. – Ainda podemos ajudar Peony. Eles só precisam de ciborgues para encontrar a cura.

– Você me inscreveu como voluntária na pesquisa da peste? – Sua boca mal podia formular as palavras.

– O que *mais* eu poderia fazer?

A boca de Cinder se abriu tanto que seu maxilar parecia pendurado. Ela sacudiu a cabeça, estupefata, enquanto os três sensores amarelos se focavam nela.

– Mas... ninguém sobrevive aos testes. Como você pôde...

– Ninguém sobrevive à *peste*. Se você se importa com Peony tanto quanto diz, fará o que digo. Se não fosse tão egoísta, teria se tornado voluntária depois de deixar a feira hoje, antes de vir para cá e arruinar minha família. De novo.

– Mas...

– Levem-na. Ela é toda sua.

Cinder estava chocada demais para se mover quando o androide mais próximo ergueu um escâner para o pulso dela. Ele bipou e ela se encolheu.

– Linh Cinder – disse o androide em uma voz metálica –, seu sacrifício voluntário é admirado e apreciado por todos os cidadãos da Comunidade Oriental. Um pagamento será feito a seus entes queridos como demonstração de gratidão por sua contribuição para nossos estudos em andamento.

Sua mão segurou ainda mais firme a correia magnética.

– Então é *disso* que realmente se trata, não é? Você não se importa com Peony nem comigo. Só quer seu pagamento absurdo.

Os olhos de Adri se arregalaram, as têmporas esticando-se no crânio.

Ela cruzou a sala com dois passos e estapeou o rosto de Cinder. Ela se chocou contra o batente da porta e pôs uma das mãos na bochecha.

– Levem-na – disse Adri. – Tirem-na da minha frente.

– Eu não sou voluntária. Vocês não podem me levar contra minha vontade.

O androide não se perturbou.

– Fomos autorizados por sua guardiã legal a levá-la sob custódia, usando a força, se necessário.

Cinder dobrou os dedos, pressionando o punho contra o ouvido.

– Você não pode me forçar a ser cobaia dos testes.

– Sim – disse Adri, com respiração entrecortada. – Eu posso. Desde que você esteja sob minha guarda.

– Você não acha realmente que isso salvará Peony, então não finja que é por causa dela. Ela tem *dias*. As chances de eles encontrarem a cura antes...

– Então meu único erro foi ter esperado tempo demais para me livrar de você – disse Adri, correndo a toalha por entre os dedos. – Acredite em mim, Cinder. Você é um sacrifício do qual nunca me arrependerei.

As rodas de um dos medidroides se arrastaram sobre o carpete.

– Você está preparada para nos acompanhar?

Cinder apertou os lábios e baixou a mão. Lançou um olhar para Adri, mas não encontrou solidariedade nos olhos da madrasta. Um novo ódio crescia dentro dela. Alertas piscaram em seu visor.

– Não, não estou.

Cinder girou a correia magnética, golpeando com força o crânio do androide. O robô caiu no chão, as rodas girando no ar.

– Eu não vou. Os cientistas já fizeram o suficiente por mim.

Um segundo androide veio em sua direção.

– Iniciando procedimento 240B: remoção forçada de ciborgue para cobaia de testes.

Cinder sorriu com desdém e acertou o sensor do androide com a ponta da correia magnética, estilhaçando as lentes e empurrando-o pelas costas.

Ela se virou para encarar o último androide, já pensando em como fugiria do apartamento. Perguntava-se se seria muito arriscado chamar um aerodeslizador. Imaginava onde poderia encontrar uma faca para remover seu chip identificador, porque, de outra forma, com certeza seria rastreada. Será que Iko seria rápida o bastante para segui-la? Será que suas pernas poderiam levá-la até a Europa?

O medidroide se aproximou muito rápido. Ela cambaleou, mudando a trajetória da correia magnética, mas as mãos metálicas em forma de pinça do androide agarraram o seu pulso antes. Eletrodos foram ligados. Eletricidade percorreu o sistema nervoso de Cinder. A voltagem sobrecarregou sua instalação elétrica. Os lábios de Cinder se abriram, mas o grito ficou preso no fundo da garganta.

Ela largou a correia magnética e despencou no chão. Alertas vermelhos piscaram por todo o seu visor até que, em um ato de autopreservação de ciborgue, seu cérebro a forçou a se desligar.

O DR. DIMITRI ERLAND ARRASTOU O DEDO PELO TABLET, escaneando os registros do paciente. Homem. Trinta e dois anos. Tinha um filho, mas não havia menção a uma esposa. Desempregado. Transformado em ciborgue depois de um acidente de trabalho que o debilitara, havia três anos. Sem dúvida gastara quase todas as economias na cirurgia. Viera de Tóquio.

Tantas coisas contra ele, e o dr. Erland não podia explicar isso a ninguém. Pressionando a língua entre os dentes, zombou de seu desapontamento.

– Qual a sua opinião, doutor? – perguntou a assistente do dia, uma garota de pele escura cujo nome ele nunca lembrava e que era mais alta do que ele pelo menos dez centímetros. Ele gostava de encarregá-la de tarefas que a mantinham sentada ao trabalhar.

O dr. Erland encheu os pulmões lentamente, e em seguida soltou o ar de uma só vez, mudando a tela para o diagrama mais relevante do corpo do paciente. Ele tinha uma mera composição de 6.4% – seu pé direito, alguma instalação elétrica e um painel de controle do tamanho de uma unha embutido na coxa.

– Muito velho – disse ele, arremessando o tablet na bancada de trabalho diante da janela de observação. Do outro lado do vidro, o paciente estava deitado em uma mesa de laboratório. Parecia tranquilo, exceto pelos dedos que batucavam loucamente nas almofadas de plástico. Seus pés estavam descalços, mas um enxerto de pele cobria a prótese.

– Muito velho? – disse a assistente. Ela se levantou e veio até a janela, agitando seu próprio tablet para ele. – Trinta e dois é muito velho agora?

– Não podemos usá-lo.

Ela fez uma expressão desapontada.

– Doutor, esta será a sexta cobaia dispensada pelo senhor este mês. Não podemos nos dar o luxo de continuar fazendo isso.

– Ele tem uma criança. Um filho. É o que diz bem aqui.

– Sim, um filho que poderá jantar hoje à noite porque seu papai foi sortudo o bastante por preencher os requisitos dos nossos testes.

– Por preencher os requisitos? Com uma taxa de 6,4%?

– É melhor do que testar em pessoas. – Ela largou o tablet ao lado de uma

pilha de placas de petri. – Você realmente quer dispensá-lo?

Dr. Erland olhou para o interior da sala de quarentena, um rosnado zumbindo no fundo de sua garganta. Jogando os ombros para trás, puxou o jaleco para baixo.

– Ponha-o no grupo de placebo.

– Pla... mas ele não está doente!

– Sim, mas se não dermos nada a ele, a tesouraria questionará o que está fazendo aqui. Agora, dê um placebo a ele e faça um relatório para que possa seguir seu caminho.

A garota bufou e foi buscar um tubo etiquetado na prateleira.

– E o que nós *estamos* fazendo aqui?

Dr. Erland ergueu um dedo, mas a garota lançou um olhar tão irritado para ele que se esqueceu do que ia dizer.

– Qual é o seu nome mesmo?

Ela revirou os olhos.

– Honestamente. Eu só sou sua assistente todas as segundas-feiras nos últimos quatro meses.

Ela deu as costas a ele, sua longa trança preta batendo no quadril. Dr. Erland franziu o cenho enquanto olhava para a trança, observando seu movimento para cima, enrolando-se em si mesma. Uma cobra negra e brilhante empinando a cabeça. Sibilando para ele. Pronta para atacar.

Ele fechou os olhos com força e contou até dez. Quando os abriu de novo, a trança era só uma trança. Cabelo preto brilhante. Inofensivo.

Tirando o chapéu, dr. Erland passou a mão pelo cabelo, cinzento e consideravelmente menos espesso do que o de sua assistente.

As visões estavam piorando.

A porta do laboratório se abriu.

– Doutor?

Ele se sobressaltou e enfiou o chapéu de volta na cabeça.

– Sim? – respondeu, pegando seu tablet. Li, outro assistente, pousou a mão na maçaneta. Dr. Erland sempre gostara de Li, que também era alto, mas não tanto quanto a garota.

– Há uma voluntária aguardando na 6D – disse Li. – Alguém que trouxeram ontem à noite.

– Uma voluntária? – disse a garota. – Faz tempo que não temos uma dessas por aqui.

Li tirou um tablet do bolso superior do jaleco.

– Ela é jovem, uma adolescente. Não fizemos o diagnóstico ainda, mas acho que terá uma taxa bem alta. Não tem enxerto de pele.

Dr. Erland empertigou-se, coçando a têmpora com o canto do tablet.

– Você disse adolescente? Que... – Ele se esforçou para encontrar uma descrição apropriada. *Incomum? Coincidência? Sorte?*

– Suspeito – disse a garota, a voz baixa. O dr. Erland se virou, vendo-a carrancuda e encarando-o.

– Suspeito? O que você está dizendo?

Ela se abaixou no canto da bancada, diminuindo a altura até o nível dos olhos dele, mas ainda parecia intimidadora com os braços cruzados e uma cara fechada e insensível.

– Que você está sempre querendo encaminhar para o grupo de placebo os ciborgues masculinos que chegam, mas se anima no mesmo instante que ouve falar de uma garota, especialmente as mais *jovens*.

Ele abriu a boca, fechou-a, e em seguida começou de novo.

– Quanto mais jovem, mais saudável – respondeu. – Quanto mais saudável, menos complicações teremos. E não é *minha* culpa que o recrutamento continue selecionando garotas.

– Menos complicações. Tudo bem. De qualquer forma, elas vão morrer.

– Sim, bem. Agradeço seu otimismo. – Ele gesticulou para o homem no outro lado do vidro. – Placebo, por favor. Junte-se a nós quando terminar.

Ele saiu do laboratório, Li ao seu lado, e, com a mão em forma de concha sobre a boca, perguntou:

– Qual é mesmo o nome dela?

– Fateen?

– Fateen! Nunca consigo me lembrar. Qualquer dia desses, esquecerei meu próprio nome.

Li deu um risinho discreto, e o dr. Erland sentiu-se bem por ter feito a piada. As pessoas toleram melhor um homem idoso que está perdendo a memória se de vez em quando ele trata o assunto com humor.

O corredor estava vazio, exceto pelos dois medidroides parados próximo à escadaria, aguardando ordens. Era uma caminhada curta até o laboratório 6D.

O dr. Erland puxou uma caneta de detrás da orelha e bateu a ponta no tablet, baixando a informação que Li lhe enviara. O perfil da nova paciente se abriu.

LINH CINDER, MECÂNICA LICENCIADA

ID # 0097917305

NASCIDA EM 29 NOV. 109 TERCEIRA ERA

O APARIÇÕES NA MÍDIA

RESIDENTE EM NOVA PEQUIM, COMUNIDADE DAS

NAÇÕES ORIENTAIS.

SOB A GUARDA DE LINH ADRI.

Li abriu a porta para o laboratório. Enfiando a caneta atrás da orelha novamente, dr. Erland entrou na sala com os dedos contraídos.

A garota estava deitada na mesa do outro lado da janela de observação. A sala estéril de quarentena estava tão clara que ele teve que semicerrar os olhos para enxergar. Um medidroide tampava um frasco plástico cheio de sangue e depositava-o no conduto, enviando-o para o laboratório.

As mãos e pulsos da garota haviam sido amarrados com tiras de metal. Sua mão esquerda era de aço, embaciada e escura entre as articulações, como se precisasse de uma boa limpeza. As pernas da calça haviam sido enroladas até a altura das panturrilhas, revelando uma perna humana e outra sintética.

– Ela já está ligada? – perguntou ele, deslizando o tablet para o bolso do casaco.

– Ainda não – disse Li. – Mas olhe pra ela.

O dr. Erland grunhiu, reprimindo a frustração.

– Sim, a taxa dela deve ser impressionante. Mas não é da melhor qualidade, é?

– Talvez não externamente, mas você devia ver o sistema elétrico dela. Autocontrole e sistema nervoso de quarta geração.

Dr. Erland ergueu uma sobrancelha, mas logo a abaixou.

– Ela foi desobediente?

– Os medidroides tiveram dificuldade para apreendê-la. Ela acertou em cheio dois deles com uma... correia, ou algo assim, antes que eles pudessem sobrecarregar o seu sistema com eletricidade. E ela havia passado a noite toda fora.

– Mas ela é voluntária?

– A guardiã legal dela a tornou voluntária. Ela desconfia que a paciente já tenha tido contato com a doença. Uma irmã, trazida ontem.

O dr. Erland puxou o microfone pela mesa.

– Acorda, acorda, bela adormecida – cantarolou, batucando no vidro.

– Eles a atordoaram com 200 volts – disse Li. – Mas acho que ela deve voltar a si a qualquer minuto.

O dr. Erland enfiou os polegares nos bolsos do casaco.

– Bem. Não precisamos que ela esteja consciente. Vamos em frente e comecemos logo.

– Ah, que bom – disse Fateen no corredor. Os saltos de seu sapato retiniram contra o chão de ladrilhos quando ela entrou no laboratório. – Fico feliz que você tenha achado uma que se encaixa nos seus padrões.

O dr. Erland pressionou um dedo contra o vidro.

– Jovem – disse ele, mirando o brilho metálico das coxas da garota. –

Saudável.

Com um sorriso de desdém, Fateen tomou um assento diante de uma tela que projetava os registros do ciborgue.

– Se trinta e dois anos é velho e decrepito, o que isso faz de você, coroa?

– Muito valioso no mercado de antiguidades. – O dr. Erland baixou os lábios até o microfone. – Med? Prepare o medidor de taxas, por favor.

ELA ESTAVA DEITADA EM UMA PIRA CREMATÓRIA, COM BRASAS escaldantes embaixo de suas costas. Chamas. Fumaça. Bolhas borbulhando em sua pele. Sua perna e mão haviam sumido, deixando tocos nos lugares em que os cirurgiões haviam instalado as próteses. Fios sem função dependurados. Ela tentou rastejar, mas seu esforço era tão inútil quanto o de uma tartaruga com o casco para baixo. Ela esticou a outra mão, tentando se arrastar para fora do fogo, mas a cama de brasas se alongava até o horizonte.

Tivera esse sonho antes, uma centena de vezes. Contudo, daquela vez era diferente.

Em vez de estar sozinha, como costumava acontecer, estava cercada. Outras vítimas aleijadas se contorciam ao longo das brasas, gemendo, suplicando por água. Faltavam membros a todas elas. Algumas não eram nada além de uma cabeça, um torso e uma boca que suplicava sem parar. Cinder se encolheu para longe delas, notando nódoas azuladas em suas peles. Os pescoços delas, suas coxas amputadas, os pulsos encolhidos.

Ela viu Peony. Gritando. Acusando Cinder. Cinder fizera aquilo com ela. Trouxera a peste à família. Era tudo culpa de Cinder.

Cinder abriu a boca para implorar por perdão, mas parou quando olhou para sua mão boa. A pele estava coberta por manchas azuladas.

O fogo começou a derreter a pele doente, revelando metal e fios sob a carne.

Ela cruzou o olhar com o de Peony de novo. Sua irmã abriu a boca, mas sua voz soou estranha, profunda.

– Prepare o medidor de taxa, por favor.

As palavras zumbiram como abelhas nos ouvidos de Cinder. Seu corpo levou um choque, mas ela não conseguia se mover. Os membros estavam muito pesados. O cheiro de fumaça se demorou em suas narinas, mas o calor das chamas estava diminuindo, deixando suas costas doídas e queimadas. Peony desapareceu. O buraco das brasas derreteu no chão.

Um texto verde rolou pelo canto superior do visor de Cinder.

Em meio à escuridão, ela ouviu o ruído familiar de rodas de androide. Iko?

VERIFICAÇÃO DE DIAGNÓSTICO COMPLETA. TODOS OS SISTEMAS ESTÃO ESTABILIZADOS. REINICIANDO EM, 3... 2... 1...

Algo retiniu acima da sua cabeça. O zumbido de eletricidade. Cinder sentiu seu dedo se contrair, o mais próximo que seu corpo era capaz de recuar.

A escuridão começou a se amornar e um sutil brilho avermelhado surgiu além de suas pálpebras.

Ela forçou os olhos a se abrirem, semicerrando-os por causa das fortes luzes fluorescentes.

– Ah! Julieta acordou!

Fechou os olhos de novo, deixando-os se ajustarem. Tentou trazer a mão até eles para cobri-los, mas algo a prendia.

Pânico percorreu seus nervos. Ela abriu os olhos de novo e virou a cabeça, endireitando-se para ver quem havia falado.

Um espelho preenchia a parede. Seu próprio rosto a encarava com olhar selvagem. Seu rabo de cavalo estava uma bagunça: frouxo, embaraçado, precisando de uma lavagem. Sua pele estava pálida demais, quase transparente, como se a voltagem tivesse drenado mais do que somente sua energia.

Eles haviam tirado suas luvas e botas, e enrolado as pernas da calça para cima. Ela não olhava para uma garota no espelho, mas para uma máquina.

– Como está se sentindo, senhorita, hum... srta. Linh? – perguntou uma voz desencarnada com um sotaque que ela não conseguia identificar. Europeu? Americano?

Ela umedeceu os lábios ressecados e ergueu o pescoço para ver o androide atrás dela. Estava inquieto na beira da bancada, segurando uma pequena máquina, em meio a uma dúzia de outras. Equipamentos médicos. Brinquedinhos cirúrgicos. Suprimentos para procedimentos intravenosos. Agulhas. Cinder percebeu que estava ligada a uma das máquinas por sensores no peito e na testa.

Uma tela pendurada na parede à direita exibia seu nome e o número de identificação. Fora isso, a sala estava vazia.

– Se você ficar quieta e cooperar, não tomaremos muito de seu tempo – disse a voz.

Cinder fechou a cara.

– Muito engraçado – disse ela, fazendo força para esticar as amarras de metal. – Eu não me inscrevi. Não me tornei voluntária para esses testes idiotas.

Silêncio. Algo bipou atrás dela. Ao olhar para cima, viu um androide

puxando dois instrumentos em forma de pinça ligados por cabos finos a uma máquina. Um calafrio percorreu sua espinha.

– Mantenha essa coisa longe de mim.

– Isso não doerá nada, srta. Linh.

– Não me importo. Fique longe da minha cabeça. Não sou um de seus voluntários lêmingues.

A voz falou num tom mais agudo.

– Tenho aqui a assinatura de uma sra. Linh Adri. Você deve conhecê-la, não?

– Ela não é minha mãe, só... – Seu coração deu uma guinada.

– Sua guardiã legal?

A cabeça de Cinder fez um baque ao bater na mesa de exames acolchoada. A toalha hospitalar se enrugou embaixo dela.

– Isso não está certo.

– Não se aflija, srta. Linh. Você presta um grande serviço a seus companheiros cidadãos estando aqui.

Ela olhou para o espelho, na esperança de estar encarando o idiota que se encontrava do outro lado.

– Ah, é? E o que foi que eles já fizeram por mim?

Em vez de responder, ele simplesmente disse:

– Med, por favor, prossiga.

Rodas deslizaram na direção dela. Cinder se encolheu, torcendo o pescoço em um esforço para evitar as pinças geladas, mas o androide segurou seus cabelos com uma força mecânica e forçou sua bochecha direita contra a toalha hospitalar. Ela mexeu com força os braços e as pernas, mas foi inútil.

Talvez, se ela resistisse o bastante, eles a dopassem de novo. Não sabia se isso seria melhor ou pior, mas a recordação da cova com brasas ardentes deteve sua luta.

Seu coração galopava enquanto o androide soltava a tranca atrás de sua cabeça. Ela fechou os olhos, tentando imaginar-se em qualquer outro lugar que não fosse aquela sala fria e estéril. Não queria pensar nas duas pinças de metal sendo inseridas em seu painel de controle – seu cérebro –, mas era impossível não refletir sobre elas ao ouvi-las sendo manobradas para a posição inicial.

Náusea. Ela sentiu a bile na boca e a engoliu.

Ouviu o clique das pinças. Não conseguia sentir nada – não havia terminações nervosas –, mas um estremecimento a atravessou, arrepiando seus braços. Seu visor de retina informou que agora ela estava conectada ao DETECTOR DE TAXA 2.3.

ESCANEANDO... 2%... 7%... 16%...

A máquina operava na mesa atrás dela. Cinder imaginou uma súbita corrente

elétrica percorrendo suas fiações. Ela a sentiu principalmente nos pontos em que sua pele encontrava o metal, um formigamento onde a corrente sanguínea fora interrompida.

63%...

Cinder cerrou a mandíbula. Alguém estivera lá antes – em sua mente. Um fato nunca esquecido, sempre ignorado. Algum cirurgião, algum estranho, abrindo seu crânio e inserindo seu sistema de fios e condutores enquanto ela estava estendida, indefesa, diante deles. Alguém alterara seu cérebro. Alguém a alterara.

78%...

Ela engasgou com o grito que tentava efervescer de dentro dela. Era indolor. Indolor. Mas alguém estava em sua cabeça. Dentro dela. Uma invasão. Uma violação. Ela tentou se esquivar, mas o androide a segurou com firmeza.

– *Saia!* – O grito ecoou de volta para ela pelas paredes frias.

ESCANEAMENTO CONCLUÍDO.

O medidroide desconectou as tomadas. Cinder estava deitada e tremendo, seu coração pressionando o tórax.

O medidroide não se deu o trabalho de fechar o painel na parte de trás de sua cabeça.

Cinder odiou aquilo. Sentiu ódio de Adri. Odiou a voz louca que vinha de trás do espelho. Odiou os desconhecidos que a transformaram naquilo.

– Obrigada por essa colaboração formidável – disse a voz sem corpo. – Levaremos apenas um minuto para registrar o que há de cibernético em você e depois prosseguiremos. Por favor, sinta-se em casa.

Cinder o ignorou, o rosto virado para o espelho. Era um daqueles raros momentos em que se sentia grata por não ter canais lacrimais. De outra forma, tinha certeza de que estaria choramingando, e se odiaria ainda mais por isso.

Ainda podia ouvir as vozes nos alto-falantes, mas suas palavras consistiam em um linguajar científico que ela não entendia. O medidroide zanzava atrás dela, afastando o medidor de taxa. Preparando seu próximo instrumento de tortura.

Cinder abriu os olhos. A tela na parede havia mudado, não mostrava mais as estatísticas de sua vida. O seu número de identificação ainda estava na parte superior, servindo de cabeçalho para uma imagem holográfica.

De uma garota.

Uma garota cheia de fios.

Era como se alguém a tivesse partido ao meio, separando sua metade anterior da posterior, e em seguida colocado a imagem desenhada em um livro de medicina. Seu coração, seu cérebro, seus intestinos, seus músculos, suas veias

azuis. O painel de controle, a mão e a perna sintéticas, fios que seguiam espinha abaixo a partir do crânio até os membros protéticos. O tecido cicatrizado era uma mistura de carne e metal. Um pequeno quadrado escuro em seu pulso – seu chip de identificação.

Mas essas coisas ela sabia que estavam lá. Essas coisas ela esperava.

Não sabia da existência da vértebra de metal ao longo de sua espinha, nem das quatro costelas de metal, nem do tecido sintético ao redor de seu coração, nem das talas de metal nos ossos de sua perna direita.

Na parte inferior da tela surgiu uma informação:

TAXA: 36,28%

Ela era 36,28% inumana.

– Obrigado por sua paciência – disse a voz, sobressaltando-a. – Como você sem dúvida deve ter notado, é um exemplar e tanto da ciência moderna, senhorita.

– Me deixe em paz – sussurrou ela.

– O que vai acontecer agora é que o medidroide injetará em você uma solução composta de um décimo de micróbios da letumose. Eles foram marcados magneticamente, e aparecerão verde-brilhante no diagrama holográfico, em tempo real. Uma vez que seu corpo tenha entrado no primeiro estágio da doença, seu sistema imunológico reagirá e tentará destruir os micróbios, sem sucesso. Seu corpo então processará o segundo estágio da doença, que é, obviamente, aquele em que é possível observar as manchas em sua pele. Neste ponto, injetaremos em você nossa mais recente combinação de anticorpos, o que, se formos bem-sucedidos, incapacitará de modo permanente os patógenos. Abracadabra, você voltará para casa a tempo do jantar. Está pronta?

Cinder olhou fixamente para a holografia e se imaginou assistindo à própria morte. Em tempo real.

– Quantas combinações de anticorpos vocês já experimentaram?

– Med?

– Vinte e sete – disse o medidroide.

– *Mas* – disse a voz de fora – as cobaias estão morrendo cada vez mais lentamente.

Cinder amassou o lenço de papel entre as pontas dos dedos.

– Acredito que estejamos todos prontos. Med, por favor, comece com a seringa A.

Algo retiniu na mesa, e em seguida o androide estava ao seu lado. Um painel

se abriu no torso do robô, revelando um terceiro braço que terminava em uma seringa, semelhante a aqueles dos androides de emergência.

Cinder tentou se esquivar, mas não tinha para onde ir. Imaginou a voz sem rosto do outro lado do espelho, observando, rindo de suas tentativas vãs de resistência, ficou imóvel e fez o máximo para se manter assim. Para ser forte. Para não pensar no que estavam fazendo com ela.

As pinças do androide estavam geladas quando seguraram o cotovelo de Cinder, ainda marcado por ter sido picado por uma agulha duas vezes nas últimas doze horas. Ela fez uma careta, os músculos se retesando nos ossos.

– Será mais fácil encontrar uma veia se você relaxar – disse o androide com voz oca.

Cinder contraiu os músculos dos braços até que tremessem. Uma risadinha de desdém saiu dos alto-falantes, como se a voz sem corpo estivesse entretida por sua bizarrice.

O androide estava bem programado. Apesar de sua resistência, a agulha punccionou a veia de Cinder na primeira tentativa. Cinder engasgou.

Um beliscão. Apenas um beliscão. A energia se esvaiu de seu corpo conforme o líquido começava a correr por suas veias.



LIVRO

Dois

Não havia cama para ela, e de noite, quando ela estava exausta de tanto trabalhar, tinha que dormir perto da fonalha, nas cinzas.



– **TRANSMISSÃO DOS HOSPEDEIROS BEM-SUCEDIDA – DISSE LI.** – Todas as reações parecem normais. Pressão sanguínea estabilizando. Espera-se que os sinais do estágio dois apareçam cerca de 01:00 da madrugada. – Ele bateu palmas e girou a cadeira a fim de olhar para o dr. Erland e Fateen. – Isso significa que podemos todos ir para casa e cochilar, não é?

O dr. Erland fungou. Passou o dedo na tela diante dele, virando lentamente a holografia da paciente. Vinte pequenas luzes verdes piscavam ao longo da corrente sanguínea, espalhando-se lentamente por suas veias. Mas ele já tinha visto aquilo antes, dezenas de vezes. Era o restante dela que despertava seu interesse agora.

– Você já viu algo parecido com ela? – disse Fateen, postando-se ao lado dele. – Só a venda de seu painel de controle cobrirá toda a indenização à família.

O dr. Erland tentou lançar um olhar indiferente para ela, mas não funcionou porque ele teve que inclinar a cabeça para trás e olhar para cima. Rosnando, ele se afastou e se virou para a holografia. Deu um tapinha no topo da espinha dorsal que brilhava, onde duas vértebras de metal se conectavam, e ampliou a imagem. O que antes era apenas uma pequena sombra, agora parecia enorme, bem definido.

Fateen cruzou os braços e se inclinou.

– O que é isso?

– Não sei ao certo – respondeu Erland, girando a imagem para obter um ângulo de visão melhor.

– Parece um chip – disse Li, levantando-se para se aproximar deles.

– Na coluna? – perguntou Fateen. – Em que isso a beneficiaria?

– Estou só dizendo que é o que parece. Ou talvez eles tenham cometido algum erro na vértebra e precisaram remendá-la ou algo assim.

Fateen apontou.

– Isso é mais do que um remendo. Dá para ver as reentrâncias aqui, como se estivessem conectadas a... – Hesitou.

Ambos encararam o dr. Erland, cujos olhos seguiam um pequeno ponto verde que acabara de entrar no campo de visão da holografia.

– Como um vagalume selvagem – murmurou ele para si mesmo.
– Doutor – disse Fateen, atraindo a atenção dele novamente –, por que ela teria um chip ligado ao sistema nervoso?

Ele limpou a garganta.

– Talvez – respondeu ele, tirando os óculos do bolso e encaixando-os no nariz – o sistema nervoso dela tenha passado por algum dano traumático.

– De um acidente de aerodeslizador? – perguntou Li.

– Lesões na espinha costumavam ser comuns antes que a navegação coordenada por computador se consagrasse. – O dr. Erland arranhou a tela com a unha, virando a holografia para exibir todo o torso de Cinder. Ele semicerrou os olhos por trás das lentes, os dedos tremulando sobre a imagem.

– O que você está procurando? – perguntou Fateen.

O dr. Erland pousou a mão e olhou para a garota imóvel do outro lado da janela.

– Está faltando alguma coisa.

O tecido cicatrizado em volta do pulso dela. O brilho fraco do pé sintético. A graxa sob as pontas dos dedos.

– O quê? – perguntou Li. – O que está faltando?

O dr. Erland se aproximou da janela e pressionou a palma suada na bancada.

– Um pequeno vagalume verde.

Atrás dele, Li e Fateen trocaram olhares, antes de se virarem novamente para a holografia. Cada um começou sua contagem, ele silenciosamente, ela em voz alta, mas Fateen parou no número doze com um engasgo.

– Um simplesmente desapareceu – disse ela, apontando para um lugar vazio na coxa direita da menina. – Um micróbio, estava bem aqui, eu estava olhando bem para ele, e agora desapareceu.

Enquanto observavam, dois outros pontos brilharam e desapareceram, como lâmpadas queimadas.

Li pegou seu tablet em uma mesa e bateu os dedos nele.

– O sistema imunológico dela está frenético.

O dr. Erland se inclinou na direção do microfone.

– Med, por favor, colha outra amostra de sangue. Rápido.

A garota despertou ao som da voz dele.

Fateen aproximou-se dele na janela.

– Ainda não lhe demos nenhum antídoto.

– Não.

– Então como...

O dr. Erland roeu a unha do polegar para diminuir a onda de vertigem.

– Preciso pegar aquela primeira amostra de sangue – disse ele, se afastando,

temendo tirar os olhos da garota ciborgue. – Quando todos os micróbios desaparecerem, levem-na ao laboratório quatro.

– O laboratório quatro não está preparado para a quarentena – disse Li.

– De fato. Ela não será mais contagiosa. – O dr. Erland estalou os dedos, a meio caminho da porta. – E talvez possamos pedir ao medidroide que a desamarre.

– Desamarrar. – O rosto de Fateen se contorceu sem acreditar. – Você tem certeza de que é uma boa ideia? Ela foi agressiva com os medidroides, lembra?

Li cruzou os braços.

– Ela está certa. Eu não gostaria de estar do outro lado daquele pulso se ela ficasse com raiva.

– Nesse caso, você não tem nada a temer – disse o dr. Erland. – Vou me encontrar com ela a sós.

CINDER DESPERTOU QUANDO A VOZ MISTERIOSA PREENCHEU O recinto novamente, solicitando outra amostra de sangue do cordeiro sacrificado. Ela olhou para o espelho, ignorando o medidroide que preparava uma nova agulha com eficiência robótica.

Ela se forçou a engolir, umedecendo a garganta.

– Quanto tempo até eu receber o suposto antídoto?

Esperou, mas não houve resposta. O androide prendeu suas garras metálicas em volta do braço dela. Ela se encolheu com o contato do metal gelado, e de novo conforme a agulha picava seu cotovelo dolorido.

A ferida duraria dias.

Então ela se lembrou de que amanhã estaria morta. Ou quase.

Como Peony.

Seu estômago se revirou. Talvez Adri estivesse certa. Talvez fosse melhor assim.

Um estremecimento tomou seu corpo. A perna de metal tiniu com força contra as contenções.

Por outro lado, talvez não. Talvez o antídoto funcionasse.

Ela encheu os pulmões com o ar frio e estéril do laboratório e observou a holografia na parede. Dois pontos verdes vagavam em seu pé direito.

O medidroide tirou a agulha e usou uma bola de algodão para estancar o sangramento. O frasco cheio de sangue foi depositado em uma caixa de metal presa à parede.

Cinder bateu a cabeça contra a bancada do laboratório.

– Eu fiz uma pergunta. Antídoto? Vocês vão pelo menos *tentar* salvar minha vida, né?

– Med – disse uma nova voz, feminina. Cinder girou a cabeça para olhar para si mesma no espelho outra vez. – Desconecte a paciente das máquinas de monitoramento e a transfira para o laboratório 4D.

Cinder enterrou as unhas na toalha hospitalar embaixo dela. Laboratório 4D. Era para onde enviavam as pessoas para que pudessem observá-las morrer?

O androide desligou o painel da cabeça dela e removeu os sensores em seu

peito. O monitor de batimentos cardíacos foi desligado.

– Alô? – disse Cinder. – Você pode me dizer o que está acontecendo?

Sem resposta. Uma luz verde brilhou ao lado do sensor do androide, e a porta se abriu para o corredor branco e azulejado de uma sala. O medidroide empurrou a maca de exames de Cinder para fora do laboratório, para além do espelho. O corredor estava vazio e cheirava a água sanitária, e uma das rodas da maca fazia o mesmo barulho ritmado das rodas do androide.

Cinder ergueu a cabeça, mas não conseguiu ver o sensor do medidroide.

– Acho que tenho algum óleo guardado na panturrilha, se você quiser consertar essa roda.

O androide permaneceu em silêncio.

Cinder apertou os lábios. Portas brancas e numeradas ficavam para trás.

– O que há no laboratório 4D?

Silêncio.

Cinder batucou com os dedos, ouvindo o farfalhar da toalha hospitalar e a roda que com certeza acabaria enlouquecendo-a. Ela ouviu o som de vozes em algum lugar distante, em outro corredor, e pensou ouvir gritos vindos de trás das portas fechadas. Em seguida uma das portas se abriu, e o androide a empurrou para dentro da sala, que era quase uma cópia da outra, só que sem o espelho de observação.

Cinder foi transferida para outra maca de exames, sobre a qual estava um par de botas e luvas familiares. Depois, para sua surpresa, seus imobilizadores se abriram com um assobio de ar simultâneo.

Ela puxou rapidamente as mãos e os pés para fora dos anéis de metal abertos antes que o androide pudesse perceber que cometera um erro e a prendesse de novo, mas o androide não demonstrou nenhuma reação enquanto se dirigia ao corredor. A porta se fechou atrás dele.

Tremendo, Cinder se sentou e procurou câmeras escondidas pela sala, mas nada lhe pareceu óbvio. Uma bancada ao longo de uma parede contava com o mesmo monitor de batimentos cardíacos e de taxas que a outra sala tinha. Um netscreen à sua direita permanecia apagado. A porta. Duas mesas de exame. E ela.

Cinder girou as pernas para o lado e pegou suas botas e luvas. Enquanto amarrava a bota esquerda, lembrou-se das ferramentas que guardara na perna antes de deixar o ferro-velho, há o que agora parecia uma eternidade. Ela abriu o compartimento e ficou aliviada ao constatar que não havia sido violado. Respirando para se acalmar, pegou a maior e mais pesada ferramenta que tinha – uma chave inglesa – antes de fechar o compartimento e amarrar a bota.

Com os membros sintéticos cobertos e uma arma na mão, ela se sentiu

melhor. Ainda tensa, mas não tão vulnerável quanto antes.

Mais confusa do que nunca.

Por que devolver suas coisas se iam matá-la? Por que levá-la a um novo laboratório?

Ela esfregou a chave inglesa gelada contra o hematoma no cotovelo. Parecia quase uma mancha como a da peste. Cinder a pressionou com o polegar, satisfeita em sentir a leve dor que provava o contrário.

Novamente estudou com meticulosidade a sala à procura de uma câmera, esperando que um pequeno exército de medidroides invadissem o aposento antes que ela pudesse destruir todo o equipamento do laboratório, mas ninguém veio. Não se ouviam pegadas lá fora, no corredor.

Deslizando da maca de exame, Cinder foi até a porta e testou a maçaneta. Trancada. Havia um escâner de identidade inserido no batente, mas ficou vermelho quando ela estendeu o pulso diante dele. Sinal de que devia ter sido programado para permitir a passagem apenas de pessoas selecionadas.

Ela foi até os arquivos e tentou abrir as gavetas, mas não conseguiu.

Batendo a chave inglesa na coxa, Cinder se virou para o netscreen, que brilhou, uma imagem holográfica saltando para ela. Era sua imagem novamente, o diagrama médico fatiado ao meio.

Ela acertou o abdômen da holografia com a chave inglesa. A imagem piscou, depois voltou ao normal.

Atrás dela, a porta se abriu sibilando.

Cinder girou, escondendo a chave inglesa na lateral do corpo.

Um velho com um boné cinza de entregador de jornal postou-se diante dela, segurando um tablet na mão esquerda e dois frascos cheios de sangue na outra. Ele era mais baixo do que Cinder. Um jaleco branco de laboratório estava pendurado em seus ombros como se ele fosse um esqueleto modelo. Linhas se desenhavam no seu rosto, sugerindo que passara muitos anos analisando com concentração problemas bem difíceis. Mas os olhos dele eram mais azuis do que o céu e, naquele momento, sorriam.

Ele lembrava a ela uma criança salivando por um pão doce grudento.

A porta se fechou.

– Olá, srta. Linh.

Os dedos dela apertaram a chave inglesa com mais força. O sotaque estranho. A voz sem corpo.

– Sou o dr. Erland, o cientista-chefe da equipe real de pesquisadores da letumose.

Ela forçou seus ombros a relaxarem.

– Você não deveria estar usando uma máscara?

Ele ergueu as sobrancelhas cinzentas.

– Por quê? Você está doente?

Cinder trincou os dentes e pressionou a chave inglesa contra a coxa.

– Por que você não se senta? Temos algumas coisas importantes para discutir.

– Ah, *agora* você quer conversar – disse ela, avançando devagar em direção a ele. – Tive a impressão de que você não se importava muito com as opiniões de suas cobaias.

– Você é um pouco diferente dos nossos voluntários habituais.

Cinder fez a mira nele, a arma de metal esquentando na palma da mão.

– Talvez seja porque eu *não seja voluntária*.

Em um movimento fluido, ela ergueu o braço. Mirou a têmpora dele. Viu-o caindo no chão.

Mas parou, com a visão turva. Os batimentos cardíacos se acalmaram, o pico de adrenalina passou antes que seu visor de retina pudesse alertá-la.

Pensamentos invadiram sua mente, agudos e claros em meio ao sentimento de confusão formado em seu cérebro. Ele era simplesmente um velho. Frágil e desamparado. Com os mais doces e inocentes olhos azuis que ela já vira. Ela não queria lhe fazer mal.

O braço dela tremeu.

A pequena luz laranja se acendeu e, surpresa, ela soltou a chave inglesa. A ferramenta retiniu no chão ladrilhado, mas Cinder estava muito atordoada para se importar com aquilo.

Ele não havia dito nada. Como poderia estar mentindo?

O doutor nem sequer vacilou. Seus olhos expressaram satisfação com a reação de Cinder.

– Por favor – disse ele, indicando com os dedos a mesa de exames. – Você não vai se sentar?

CINDER PISCOU RAPIDAMENTE, TENTANDO DISPERSAR A NÉVOA em seu cérebro. A luz laranja no canto de sua visão desapareceu – ainda não tinha ideia do que a causara.

Talvez o choque anterior em seu sistema tivesse mexido com a programação.

O doutor passou por ela e gesticulou para a imagem holográfica projetada na tela.

– Sem dúvida você reconhece isto – disse ele, deslizando o dedo ao longo da tela de forma que o corpo girasse preguiçosamente em um círculo. – Deixe eu lhe dizer o que há de peculiar aqui.

Cinder puxou mais a luva, fazendo a bainha cobrir a cicatriz. Ela foi depressa em direção a ele, e, sem querer, chutou a chave inglesa, que bateu na mesa de exame.

– Eu diria que 36,28% é bem peculiar.

Já que o dr. Erland não estava olhando para ela, Cinder se abaixou e pegou a chave inglesa. Parecia mais pesada do que antes. Na verdade, tudo parecia mais pesado. Sua mão, sua perna, sua cabeça.

O doutor apontou para o cotovelo direito da holografia.

– Este é o ponto em que injetamos os micróbios hospedeiros de letumose. Eles foram marcados para que pudéssemos monitorar o progresso em seu corpo.

– Ele tirou o dedo, dando um tapinha no lábio. – Agora você vê o que há de peculiar?

– O fato de que não estou morta, e você não parece preocupado em estar na mesma sala que eu?

– Sim, de certa forma. – Ele a encarou, esfregando a cabeça por cima do boné de lã. – Como você pode ver, os micróbios se foram.

Cinder coçou o ombro com a chave inglesa.

– O que você quer dizer?

– Que eles se foram. Desapareceram. Puf. – Ele gesticulou com as mãos, imitando uma explosão.

– Então... eu não estou com a peste?

– Exatamente, srta. Linh. Você não está contaminada.

– E não vou morrer.

– Correto.

– E não sou contagiosa.

– Sim, sim, sim. É uma sensação adorável, não é?

Ela se apoiou na parede. A onda de alívio que a tomou foi seguida por desconfiança. Eles haviam injetado a peste nela, mas agora estava curada? Sem nenhum antídoto?

Parecia uma armadilha, mas a luz laranja não estava em lugar algum. Ele lhe dizia a verdade, não importava o quão inacreditável parecesse.

– Isso já aconteceu antes?

Um sorriso maldoso cruzou o rosto envelhecido do médico.

– Você é a primeira. Tenho algumas teorias sobre como isso pode ser possível, mas preciso fazer mais testes, claro.

Ele abandonou a holografia e foi até a bancada, pousando os dois frascos.

– Essas são suas amostras de sangue, uma tirada antes da injeção, outra depois. Estou *muito* animado para ver quais segredos elas guardam.

Ela correu os olhos para a porta e depois de volta para o doutor.

– Você está dizendo que acha que sou *imune*?

– Estou! É exatamente isso o que parece. Muito interessante. Muito especial.

– Ele juntou as mãos. – É possível que você tenha nascido assim. Algo no seu DNA predispôs seu sistema imunológico a combater essa doença em particular. Ou talvez você tenha sido contaminada com uma quantidade muito pequena de letumose no passado, talvez ainda na infância, e seu corpo foi capaz de combatê-la, criando a partir daí a imunidade que você utilizou hoje.

Cinder se encolheu, constrangida pelo olhar ávido dele.

– Você se lembra de algo de sua infância que poderia estar ligado a isso? – continuou ele. – Alguma doença terrível? Algum contato com a morte?

– Não. Bem... – hesitou ela, guardando a chave inglesa em um bolso lateral da calça cargo. – Talvez, acho. Meu padrasto morreu de letumose há cinco anos.

– Seu padrasto. Você sabe onde ele poderia ter contraído a doença?

Ela encolheu os ombros.

– Não sei. Minha mad... minha guardiã, Adri, sempre suspeitou de que ele a tivesse contraído na Europa. Quando me adotou.

As mãos do doutor tremiam, como se a tensão de seus dedos, por si só, evitasse que ele entrasse em combustão.

– Então você é da Europa.

Ela assentiu, sem muita certeza. Era estranho pensar que nascera em um lugar do qual não tinha memória alguma.

– Você se lembra de haver muita gente doente lá na Europa? Algum surto

importante na sua província?

– Não sei. Não me lembro, na verdade, de nada de antes da cirurgia.

As sobranceiras dele se ergueram, seus olhos azuis absorvendo toda a luz do ambiente.

– A operação cibernética?

– Não, a de mudança de sexo.

O sorriso do doutor se esvaiu.

– Estou brincando.

O dr. Erland retomou sua compostura.

– O que quer dizer quando fala que não se lembra de nada?

Cinder soprou um cacho de cabelo para longe do rosto.

– Simplesmente isso. Aconteceu alguma coisa quando eles instalaram a interface do cérebro... algum dano à minha... você sabe, seja lá o que for. A parte do cérebro que se lembra das coisas.

– O hipocampo.

– Deve ser.

– E quantos anos você tinha?

– Onze.

– Onze. – Ele soltou a respiração depressa. Seu olhar disparou casualmente, como se a razão para sua imunidade estivesse escrita ali. – Onze. Por causa de um acidente de aerodeslizador, não foi?

– Foi.

– Acidentes de aerodeslizador são praticamente impossíveis hoje em dia.

– Até que algum idiota remova o sensor de colisão, tentando fazer com que ele vá mais rápido.

– Mesmo assim, alguns inchaços e feridas não justificariam a quantidade de reparos que foram feitos em você.

Cinder batucou no quadril com os dedos. *Reparos* – que termo bem apropriado para um ciborgue.

– Sim, bem, o acidente matou meus pais e me arremessou através do para-brisa. O impacto expulsou o aerodeslizador dos trilhos do trem de alta velocidade. Ele capotou algumas vezes, e fiquei presa embaixo dele. Depois alguns dos ossos da minha perna adquiriram a consistência de serragem. – Ela parou de falar, brincando com as luvas. – Pelo menos, foi o que me falaram. Como eu disse, não me lembro de nada.

Ela apenas se lembrava muito vagamente de um entorpecimento induzido por drogas, seus pensamentos sem consistência. E depois, o sofrimento. Cada músculo queimando. Cada articulação gritando. Seu corpo se rebelando como se tivesse descoberto o que lhe fora feito.

– Você tem alguma dificuldade em reter memórias desde então, ou em formar novas?

– Não que eu saiba. – Ela o fitou. – Isso é relevante?

– É fascinante – respondeu o dr. Erland, esquivando-se da pergunta. Ele pegou o tablet e fez uma anotação. – Onze anos – murmurou de novo, e então: – Você deve ter tido uma enorme quantidade de membros protéticos até chegar a esses.

Cinder torceu os lábios. Ela *deveria* ter tido uma enorme quantidade de membros, mas Adri se recusara a pagar por novas partes para a aberração que era sua enteada. Em vez de responder, ela fixou os olhos na porta, e em seguida nos frascos repletos de sangue.

– Então... estou livre para partir?

Os olhos do dr. Erland faiscaram como se tivessem sido feridos pela pergunta.

– Partir? Srta. Linh, você deve ter consciência do quão importante se tornou com essa descoberta.

Os músculos dela se contraíram, os dedos percorrendo as linhas ásperas da chave inglesa no bolso.

– Então ainda sou prisioneira. Só que agora sou valiosa.

A expressão dele se suavizou, e ele enfiou o tablet em algum lugar fora de vista.

– Isso é muito mais do que você pode mensurar. Você não tem ideia de como é importante... não imagina seu valor.

– E o que acontece agora? Você vai injetar mais dessas doenças letais em mim, para ver como meu corpo reage?

– Nossa, não. Você é preciosa demais para que a matemos.

– Você não estava dizendo exatamente isso há uma hora.

O olhar do dr. Erland se desviou para a holografia, a testa enrugada como se estivesse pensando nas palavras dela.

– As coisas agora são bem diferentes do que eram há uma hora, srta. Linh. Com sua ajuda, podemos salvar centenas de milhares de vidas. Se você for o que acho que é, poderíamos... bem, poderíamos, para começar, interromper os testes com ciborgues. – Ele encostou o punho na boca. – Além disso, pagaríamos a você, é claro.

Pendurando os polegares nos passadores de cinto da calça, Cinder se apoiou na bancada em que estavam todas as máquinas que pareciam tão ameaçadoras antes.

Ela era imune.

Ela era *importante*.

O dinheiro era tentador, é claro. Se ela pudesse provar sua autossuficiência, seria capaz de anular a guarda legal de Adri sobre ela. Poderia comprar sua liberdade.

Mas mesmo essa perspectiva se desbotou quando pensou em Peony.

– Você realmente acha que posso ajudar?

– Acho. Na verdade, acho que cada pessoa na Terra pode, dentro em breve, ser imensamente grata a você.

Ela engoliu em seco e subiu na mesa de exame, dobrando ambas as pernas debaixo de si.

– Tudo bem, desde que esclareçamos tudo. Agora eu estou aqui como voluntária, o que significa que posso desistir na hora que quiser. Sem perguntas e sem discussões.

A face do doutor se iluminou, os olhos brilhando como lanternas entre as rugas.

– Sim. Absolutamente.

– E espero pagamento, como você disse, mas preciso de uma conta à parte. Algo a que minha guardiã legal não tenha acesso. Não quero que ela tenha ideia de que concordei em fazer isso, ou que possa, de alguma forma, pôr as mãos no dinheiro.

Para a surpresa dela, ele não hesitou.

– É claro.

Ela respirou fundo para se acalmar.

– E mais uma coisa. Minha irmã. Ela foi levada para a quarentena ontem. Se você realmente encontrar um antídoto, ou qualquer coisa que talvez pareça ser um, quero que ela seja a primeira a tomá-lo.

Desta vez, o olhar do doutor vacilou. Ele se virou e caminhou em direção à holografia, esfregando de cima para baixo as mãos na parte da frente do jaleco.

– Isso eu temo não poder prometer.

Ela apertou os punhos.

– Por que não?

– Porque o imperador deve ser o primeiro a receber o antídoto. – Suas pálpebras enrugaram-se com simpatia. – Mas eu *posso* prometer que sua irmã será a segunda.

O PRÍNCIPE KAI ASSISTIU PELO VIDRO ENQUANTO O MEDIDROIDE inseria uma agulha intravenosa no braço de seu pai. Apenas cinco dias haviam se passado desde que o imperador mostrara os primeiros sinais da febre azul, mas parecia uma vida inteira. Anos de preocupação e angústia comprimidos em tão poucas horas.

O dr. Erland uma vez lhe contara sobre uma antiga crença de que coisas ruins sempre vinham em grupos de três.

Primeiro, seu androide Nainsi tinha quebrado antes que pudesse comunicar suas descobertas.

E agora seu pai estava doente, e não havia esperança de que sobrevivesse.

O que aconteceria a seguir? O que poderia ser pior do que isso?

Talvez os lunares declarassem guerra.

Ele se encolheu, querendo apagar aquele pensamento.

Konn Torin, conselheiro de seu pai e o único outro humano que tinha permissão para ver o imperador em tal estado, pousou a mão no ombro de Kai.

– Vai dar tudo certo – disse, sem emoção, naquele jeito estranho que ele tinha de ler os pensamentos dos outros.

O pai de Kai gemeu e abriu os olhos inchados. O quarto estava na quarentena, no sétimo andar da ala de pesquisa do palácio, mas providenciaram para que o imperador se sentisse o mais confortável possível. Inúmeras telas cobriam as paredes para que ele pudesse desfrutar de música e entretenimento, para que pudessem ler para ele. Suas flores favoritas tinham sido trazidas em massa dos jardins. Lírios e crisântemos cobriam a sala estéril. A cama fora feita com as melhores sedas que a Comunidade tinha para oferecer.

Mas nada disso fazia muita diferença. Ainda era uma sala feita para manter os vivos separados dos que estavam para morrer.

Uma janela transparente separava Kai do pai. Ele apertava os olhos para ver Kai agora, mas seus olhos estavam duros como o vidro.

– Vossa Majestade – disse Torin. – Como está se sentindo?

Os olhos do imperador estavam enrugados nos cantos. Ele não era um homem velho, mas a doença o envelhecera rapidamente. Sua pele estava amarelada e pálida, e manchas pretas e vermelhas pontilhavam seu pescoço.

Ele levantou os dedos do cobertor: era o mais próximo que conseguia de um olá.

– O senhor precisa de alguma coisa? – perguntou Torin. – Um copo de água? Comida?

– Uma Escort 5.3? – sugeriu Kai.

Torin lançou um olhar de desaprovação ao príncipe, mas o imperador soltou uma risadinha.

Kai sentiu seus olhos umedecerem e teve que desviar o olhar para seus dedos que apertavam o peitoril da janela.

– Quanto tempo mais? – disse ele baixinho para que seu pai não ouvisse.

Torin balançou a cabeça.

– Dias, se tanto.

Kai podia sentir o olhar de Torin sobre ele, compreensivo, mas também duro.

– Você deve se sentir agradecido pelo tempo que tem com ele. A maioria das pessoas não consegue ver seus entes queridos quando são levados.

– E quem quer ver seus entes queridos assim? – Kai olhou para cima. Seu pai lutava para se manter acordado, as pálpebras tremendo. – Med, traga água.

O androide deslizou para o lado do imperador e ergueu o encosto, levando um copo de água até sua boca e enxugando o que escorria com um pano branco. Ele não bebeu muito, mas parecia renovado quando afundou novamente no travesseiro.

– Kai...

– Eu estou aqui – disse Kai, seu hálito embaçando o vidro.

– Seja forte. Confie... – Suas palavras foram interrompidas por uma tosse. O medidroide segurava uma toalha em sua boca, e Kai conseguiu ver rapidamente o sangue no tecido. Ele fechou os olhos, controlando a respiração.

Quando os abriu de novo, o medidroide estava injetando na intravenosa um líquido transparente, algo para aliviar a dor. Kai e Torin assistiram ao imperador cair em um sono imóvel. Era como observar um estranho. Kai o amava, mas não conseguia ligar o doente diante dele ao pai vivaz que tinha havia uma semana.

Uma semana.

Um calafrio percorreu seu corpo, e Torin apertou seu ombro. Kai tinha esquecido que a mão dele estava lá.

– Vossa Alteza.

Kai não disse nada, o olhar fixo no peito do pai, que subia e descia.

Os dedos em seu ombro apertaram brevemente, depois sumiram.

– Você será o imperador, Vossa Alteza. Temos que começar a prepará-lo. Nós já adiamos isso por tempo demais.

Tempo demais. Uma semana.

Kai fingiu não ouvi-lo.

– Como disse Sua Majestade, você deve ser forte. Sabe que ajudarei de todas as formas que puder. – Torin parou. – Você será um bom líder.

– Não. Não serei. – Kai enfiou a mão nos cabelos, puxando-os para trás.

Ele seria imperador.

As palavras soavam vazias.

O verdadeiro imperador estava ali, naquela cama. *Ele* era um impostor.

– Estou indo falar com o dr. Erland – disse Kai, afastando-se do vidro.

– O médico está ocupado, Vossa Alteza. Você não deve distraí-lo.

– Só quero perguntar se houve qualquer avanço.

– Tenho certeza de que ele o chamará na mesma hora se algo surgir.

Kai trincou o maxilar e fixou o olhar em Torin, o homem que havia sido conselheiro de seu pai desde antes de Kai nascer. Mesmo agora, estar na presença de Torin o fazia sentir-se uma criança e lhe dava uma vontade peculiar de ser indisciplinado. Ele se perguntou se algum dia superaria isso.

– Preciso sentir que estou fazendo *alguma coisa* – disse ele. – Não posso ficar aqui simplesmente assistindo à morte dele.

Torin baixou o olhar.

– Eu sei, Alteza. É difícil para todos nós.

“Não é a mesma coisa”, Kai queria dizer, mas segurou a língua.

Torin virou-se, ficando de frente para a janela, e inclinou a cabeça.

– Vida longa ao imperador.

Kai repetiu as palavras, sussurrando mesmo com a garganta seca.

– Vida longa ao imperador.

Eles permaneceram em silêncio ao deixar a sala de visitas e ao caminharem pelo corredor até os elevadores.

Uma mulher os aguardava. Kai deveria saber – ela estava sempre por perto naqueles dias, quando era a última pessoa na Terra que ele queria ver.

Sybil Mira. Taumaturga-chefe da Coroa Lunar. Excepcionalmente bela, com o cabelo preto até a cintura e a pele quente e morena. Ela usava o uniforme condizente com sua posição e título: um casaco branco comprido com gola alta e mangas boca de sino, com runas e hieróglifos que não significavam nada para Kai bordados nos punhos.

A cinco passos dela estava seu guarda, sempre presente, sempre em silêncio. Ele era um jovem tão bonito quanto Sybil, com cabelos loiros puxados em um rabo de cavalo baixo e traços fortes que Kai nunca vira expressarem nada.

Os lábios de Sybil se curvaram quando Kai e Torin se aproximaram, mas seus olhos cinzentos permaneceram frios.

– Vossa Alteza Imperial – disse ela com uma graciosa inclinação da cabeça.

– Como está o honroso imperador Rikan?

Quando Kai não respondeu, Torin interveio:

– Não muito bem. Obrigado por sua preocupação.

– Fico muito descontente em ouvir isso. – Ela soava tão descontente quanto um gato que acabara de encurralar um rato. – Minha senhora envia suas condolências e votos de uma rápida recuperação.

Ela fixou os olhos no príncipe, e sua imagem parecia tremer diante dele como uma miragem. Sussurros invadiram sua cabeça. Respeito e admiração, compaixão e preocupação.

Kai desviou o olhar, silenciando as vozes. Levou um momento para que seu pulso acelerado se estabilizasse.

– O que você quer? – disse ele.

Sybil gesticulou em direção aos elevadores.

– Uma palavra com o homem que em breve será imperador... caso o destino decida assim.

Kai olhou para Torin, mas a expressão que encontrou não era de compreensão. Tato. Diplomacia. Sempre. Especialmente quando se tratava dos malditos lunares.

Suspirando, ele se virou para o androide à espera.

– Terceiro andar.

O sensor piscou.

– Por favor, vá para o elevador C, Alteza.

Eles embarcaram no elevador, Sybil flutuando como uma pena na brisa. O guarda entrou por último, ficando perto da porta e de frente para os três como se a taumaturga estivesse em perigo mortal. Seu olhar gelado deixou Kai desconfortável, mas Sybil parecia até esquecer que o guarda estava lá.

– Este é um momento trágico para Sua Majestade adoecer – disse ela.

Kai segurou o anteparo e virou-se para defrontá-la, pressionando a madeira polida com todo o seu ódio.

– Será que o mês que vem teria sido mais conveniente para você?

Ela não perdeu a paciência.

– Falo, é claro, das conversas sobre uma aliança que minha senhora vinha mantendo com o imperador Rikan. Estamos muito ansiosos por um acordo que atenderá tanto a Luna quanto a Comunidade.

Olhar para ela o deixava tonto, fora de equilíbrio, então ele se forçou a desviar o olhar e observou os números acima das portas decrescerem.

– Meu pai tenta assegurar uma aliança com a rainha Levana desde que ela assumiu o trono. *Ela* sempre recusou.

– Ele ainda precisa atender a suas sensatas exigências.

Kai trincou os dentes.

Sybil continuou.

– Minha esperança é que, como imperador, você seja mais capaz de enxergar o motivo, Vossa Alteza.

Kai ficou em silêncio enquanto o elevador passou pelos sexto, quinto e quarto andares.

– Meu pai é um homem sábio. Neste momento, não tenho nenhuma intenção de alterar qualquer uma das suas decisões anteriores. Espero que nós sejamos capazes de chegar a um acordo, mas temo que a sua *senhora* precisará diminuir suas tão sensatas exigências.

O sorriso de Sybil tinha congelado em seu rosto.

– Bem – disse ela, enquanto as portas se abriram para o terceiro andar –, você é jovem.

Baixou a cabeça, fingindo que ela lhe fizera um elogio, e em seguida virou-se para Torin.

– Se tiver um minuto de sobra, talvez possa andar comigo até o consultório do dr. Erland. Você pode ter questões nas quais eu não tenha pensado.

– É claro, Vossa Alteza.

Nenhum deles acenou para a taumaturga ou para seu guarda ao deixarem o elevador, mas Kai ouviu a voz açucarada atrás deles dizer “Vida longa ao Imperador” antes de as portas se fecharem. Ele rosnou.

– Deveríamos encarcerá-la.

– Uma embaixadora lunar? Isso não é bem uma demonstração de paz.

– É um tratamento melhor do que eles nos dariam. – Ele esfregou uma das mãos pelos cabelos. – Argh... *lunares*.

Percebendo que Torin tinha parado de segui-lo, Kai baixou a mão e se virou. O olhar de Torin estava pesado. Preocupado.

– O quê?

– Sei que este é um momento difícil para você.

Kai sentiu os pelos do pescoço se arrepiarem em autodefesa e tentou se forçar a relaxar.

– É um momento difícil para todos.

– Com o tempo, Vossa Alteza, teremos que discutir sobre a rainha Levana e o que você pretende fazer em relação a ela. Seria prudente ter um plano.

Kai aproximou-se de Torin, ignorando um grupo de técnicos de laboratório que foi forçado a se desviar deles.

– Eu tenho um plano. Meu plano é *não* casar com ela. A diplomacia que se dane. Aí está. Não se fala mais nisso.

Torin contraiu o maxilar.

– Não olhe para mim desse jeito. Ela nos destruiria. – Kai baixou a voz. – Ela nos transformaria em escravos.

– Eu sei, Alteza. – Seus olhos solidários aplacaram a raiva crescente em Kai.
– Por favor, acredite em mim quando digo que não pediria isso a você. Assim como nunca pedi a seu pai.

Kai recuou e despencou contra a parede do corredor. Cientistas passavam apressados em seus jalecos brancos, esteiras de andróides chiavam no linóleo, mas se alguém notou o príncipe e seu conselheiro, não o demonstrou.

– Tudo bem, estou ouvindo – disse ele. – Qual é o nosso plano?

– Vossa Alteza, este não é o lugar...

– Não, não, você tem minha atenção. Por favor, dê-me algo para pensar que não seja essa doença estúpida.

Torin respirou, ponderando a situação.

– Eu não acho que precisemos reescrever a nossa política de relações exteriores. Vamos seguir o exemplo de seu pai. Por agora, vamos esperar um acordo de paz, um tratado.

– E se ela não assinar? E se ela se cansar de esperar e decidir seguir com as ameaças? Você consegue imaginar uma guerra agora, com a peste, e a economia, e... ela nos destruiria. E ela sabe disso.

– Se quisesse começar uma guerra, ela já o teria feito.

– A menos que esteja apenas ganhando tempo, esperando que fiquemos tão fracos que não teremos escolha a não ser nos render. – Kai coçou a parte de trás do pescoço, observando a agitação do corredor. Todos tão ocupados, tão determinados em busca de um antídoto.

Como se houvesse um antídoto.

Ele suspirou.

– Eu deveria ter me casado. Se já estivesse casado, a rainha Levana nem sequer seria problema. Ela *teria* que assinar um tratado de paz... se quisesse paz.

Ante o silêncio de Torin, ele se forçou a olhar para o conselheiro, surpreendendo-se ao encontrar um raro entusiasmo em seu rosto.

– Talvez você conheça uma menina no festival – disse Torin. – Encontre um romance arrebatador, um final feliz, e não tenha mais preocupações para o resto de seus dias.

Kai tentou lançar um olhar exasperado para ele, mas não conseguiu mantê-lo. Torin raramente brincava.

– Ideia brilhante. Por que não pensei nisso? – Ele se virou de lado, apoiando o ombro contra a parede, e cruzou os braços sobre o peito. – Na verdade, talvez haja uma opção em que você e meu pai não pensaram ainda. Algo que tem estado na minha cabeça ultimamente.

– Diga, Alteza.

Kai baixou a voz.

– Andei fazendo uma pequena pesquisa. – Fez uma pausa, antes de prosseguir. – Sobre... sobre a herdeira lunar.

Os olhos de Torin se arregalaram.

– Vossa Alteza...

– Apenas ouça – disse Kai, erguendo as mãos para silenciar Torin antes que fosse repreendido. Ele já sabia o que Torin diria: a princesa Selene, sobrinha da rainha Levana, estava morta. Morreria em um incêndio, treze anos atrás. Não havia nenhum herdeiro lunar.

– Há rumores todos os dias – continuou Kai. – Aparições, as pessoas afirmando que a ajudaram, teorias...

– Sim, todos já ouvimos as teorias. Você sabe tão bem quanto eu que não há nenhuma solidez nelas.

– Mas e se forem verdadeiras? – Kai cruzou os braços e abaixou a cabeça em direção a Torin, a voz chegando a um sussurro. – E se houver uma menina lá fora que pudesse depor Levana? Alguém ainda mais forte?

– Você está se ouvindo? Alguém *mais forte* do que Levana? Você quer dizer alguém como a irmã dela, que mandou cortar os pés de sua costureira favorita para que ela não tivesse nada melhor a fazer do que sentar-se e costurar seus vestidos?

– Não estamos falando da rainha Channary.

– Não, estamos falando de sua *filha*. Kai, a linhagem inteira, até o último deles, tem sido gananciosa, violenta, corrompida pelo próprio poder. Está no sangue deles. Acredite em mim quando digo que a princesa Selene, mesmo se estivesse viva, não seria melhor.

Kai percebeu que seus braços doíam por apertá-los com tanta força, a pele branca em torno dos dedos.

– Ela não pode ser muito pior – disse ele. – E quem sabe? Se os boatos estiverem certos, e ela esteve na Terra todo esse tempo, talvez seja diferente. Talvez ela seja solidária a nós.

– Você está baseando essa ilusão em *boatos*.

– Nunca encontraram um corpo...

Torin franziu os lábios numa linha fina.

– Encontraram o que restava de um.

– Não faria mal pesquisar, faria? – disse Kai, começando a se sentir desesperado. Seu coração tinha se fixado na ideia havia muito tempo, e sua pesquisa era muito importante para ele. Não podia suportar a ideia de que tudo tinha sido apenas um sonho, embora essa possibilidade sempre estivesse no

fundo de sua mente.

– Sim, *poderia* fazer mal – disse Torin. – Se Levana descobrisse que você está pensando nisso, destruiria nossa chance de chegar a um tratado. Nem deveríamos estar falando sobre isso aqui, é perigoso.

– Agora, quem está ouvindo boatos?

– Vossa Alteza, é o fim desta discussão. Seu objetivo agora deve ser evitar uma guerra, não se preocupar com princesas lunares fantasmas.

– E se eu *não puder* impedir a guerra?

Torin abriu as palmas das mãos, parecendo cansado depois do argumento.

– Então a União lutará.

– Certo. Excelente plano. Estou tão confortado agora que tivemos essa conversa...

Ele se virou e marchou cegamente em direção aos laboratórios.

Claro, a União Terráquea lutaria. Mas, contra Luna, eles perderiam.

Treze

– **SEU PAINEL DE CONTROLE É MARAVILHOSAMENTE COMPLEXO.** É uma das mais altas tecnologias que já vi em um ciborgue. – O dr. Erland girou o holograma para um lado e depois para o outro. – E repare na fiação ao longo de sua espinha. Funde-se quase perfeitamente ao sistema nervoso central. Acabamento perfeito. E, ah! Olha aqui! – Ele apontou para o holograma da pélvis. – O seu sistema reprodutivo está quase intocado. Sabe, muitos dos ciborgues fêmeas ficam estéreis por causa dos procedimentos invasivos, mas, pelo que posso ver, não acho que você terá problemas.

Cinder sentou-se em uma das mesas de exame, com o queixo apoiado nas palmas das mãos.

– Que sorte a minha.

O médico sacudiu um dedo para ela.

– Você deveria ser grata por seus cirurgiões terem tomado esse cuidado.

– Tenho certeza de que vou me sentir muito mais grata quando encontrar um cara que considere atraente uma fiação complexa em uma menina. – Ela bateu os calcanhares na base de metal da mesa. – Isso tem alguma coisa a ver com a minha imunidade?

– Talvez sim, talvez não. – O médico pegou um par de óculos do bolso e colocou-o no rosto, ainda olhando para o holograma.

Cinder inclinou a cabeça.

– Não pagam o suficiente para você fazer uma cirurgia corretiva de visão?

– Eu gosto de usá-los. – O dr. Erland arrastou o holograma para baixo, revelando o interior da cabeça de Cinder. – Falando em cirurgia nos olhos, você sabe que não tem dutos lacrimais?

– O quê? É mesmo? E eu pensei que era apenas insensível. – Ela puxou os pés para cima da mesa, abraçando os joelhos. – Também sou incapaz de corar, se isso seria a sua próxima brilhante observação.

Ele se virou, seus olhos aumentados pelos óculos.

– Incapaz de corar? Como assim?

– Meu cérebro monitora a temperatura corporal e me obriga a esfriar se ficar muito quente rápido demais. Parece que apenas suar como um ser humano

normal não seria suficiente.

O dr. Erland sacou seu tablet e escreveu alguma coisa.

– Isso é realmente muito inteligente – murmurou. – Devem ter ficado preocupados com o superaquecimento do sistema.

Cinder esticou o pescoço, mas não conseguiu ver a pequena tela no tablet dele.

– Isso é importante?

Ele a ignorou.

– E olhe seu coração – disse ele, apontando para o holograma novamente. – Essas duas câmaras são feitas principalmente de silicone, misturado com biotecido. Incrível.

Cinder apertou a mão sobre o peito. Seu coração. Seu cérebro. Seu sistema nervoso. O que *não haviam* adulterado?

A mão dela correu para o pescoço, traçando as lombadas da coluna enquanto seu olhar percorria as vértebras de metal, as invasoras metálicas.

– O que é isso? – perguntou ela, esticando-se para a frente e apontando para uma sombra no holograma.

– Ah, sim. Eu e meus assistentes estávamos discutindo isso antes. – O dr. Erland coçou a cabeça por cima do chapéu. – Parece feito de um material diferente do das vértebras, e está justo sobre uma aglomeração central de nervos. Talvez tenha sido concebido para corrigir uma falha.

Cinder franziu o nariz.

– Ótimo. Eu tenho falhas.

– Seu pescoço já a incomodou?

– Só quando passo o dia todo embaixo de um aerodeslizador.

E quando estou sonhando. Em seu pesadelo, o fogo sempre parecia mais quente abaixo de seu pescoço, o calor escorrendo pela espinha. A dor era implacável, como se uma brasa tivesse entrado debaixo de sua pele. Ela estremeceu, lembrando-se de Peony no sonho da noite passada, chorando e gritando, culpando Cinder pelo que havia acontecido com ela.

O dr. Erland a observava, batendo levemente o tablet contra os lábios.

Cinder contraiu o corpo.

– Tenho uma dúvida.

– Sim? – disse o médico, guardando o tablet.

– Você disse antes que não fiquei contagiosa depois que meu corpo se livrou daqueles micróbios.

– Está certo.

– Então... se eu tivesse contraído a peste naturalmente, digamos... dois dias atrás. Quanto tempo demoraria para que eu já não fosse mais contagiosa?

O dr. Erland franziu os lábios.

– Bem. Pode-se imaginar que seu corpo fica mais eficiente em se livrar dos hospedeiros a cada vez que entra em contato com eles. Então, se demorou vinte minutos para destruir todos desta vez... ah, acho que não teria levado mais de uma hora antes. Duas, no máximo. Difícil dizer, é claro, uma vez que cada doença e cada corpo funcionam de forma pouco diferente.

Cinder cruzou as mãos no colo. Ela levava pouco mais de uma hora a pé do mercado para casa.

– E... podem aderir à roupa?

– Apenas brevemente. Os patógenos não sobrevivem muito tempo sem um hospedeiro. – Ele franziu o cenho para ela. – Você está bem?

Ela brincou com os dedos das luvas. Assentiu.

– Quando é que vamos começar a salvar vidas?

O dr. Erland ajustou seu chapéu.

– Receio que não possamos fazer muita coisa até que eu tenha a oportunidade de analisar amostras de seu sangue e mapear o sequenciamento do seu DNA. Mas primeiro eu queria ter uma melhor compreensão da sua composição corporal, caso pudesse afetar os resultados.

– Ser ciborgue não pode mudar o DNA, pode?

– Não, mas existem estudos que sugerem que o corpo humano desenvolve diferentes hormônios, desequilíbrios químicos, anticorpos, esse tipo de coisa, como resultado das operações. Claro, quanto mais invasivo o procedimento, mais...

– Você acha que isso tem algo a ver com a minha imunidade? Ser ciborgue?

Os olhos do médico brilhavam, risonhos, enervando Cinder.

– Não exatamente – disse ele. – Mas, como disse antes... Eu tenho uma ou duas teorias.

– Você estava pensando em compartilhar alguma delas comigo?

– Ah, sim. Uma vez que saiba que estou correto, pretendo compartilhar minha descoberta com o mundo. Na verdade, tive uma ideia sobre a sombra misteriosa na sua coluna. Você se importaria se eu tentasse uma coisa? – Ele tirou os óculos e deslizou-os de volta para o bolso, ao lado do tablet.

– O que você vai fazer?

– Apenas uma pequena experiência, nada para se preocupar.

Ela torceu a cabeça enquanto o dr. Erland andou ao redor da mesa e colocou as pontas dos dedos em seu pescoço, apertando as vértebras logo acima dos ombros. Ela enrijeceu com o toque. As mãos dele estavam quentes, mas ela tremeu mesmo assim.

– Diga-me se sentir alguma coisa... incomum.

Cinder abriu a boca, prestes a anunciar que *qualquer* toque humano lhe parecia incomum, mas o ar não saiu.

Fogo e dor romperam sua coluna, invadindo suas veias.

Ela gritou e caiu da mesa, dobrando-se no chão.

Quatorze

UMA LUZ VERMELHA ATRAVESSOU SUAS PÁLPEBRAS. ENTRANDO em pane, seu visor de retina enviava uma sequência de rabiscos em verde contra o fundo de suas pálpebras. Algo estava errado com a sua fiação. Seus dedos esquerdos se contraíam, pulsando descontroladamente.

– Acalme-se, srta. Linh. Você está perfeitamente bem. – Esta voz, calma e insensível, com seu sotaque estranho, foi seguida por uma muito mais nervosa.

– Perfeitamente bem? Você está louco? O que aconteceu com ela?

Cinder gemeu.

– Apenas um pequeno experimento. Ela vai ficar bem, Vossa Alteza. Viu? Ela já está acordando.

Soltou outro protesto engasgado antes que pudesse abrir os olhos. A brancura do laboratório cegou Cinder, exceto pelas duas sombras que a cortavam. Seus olhos focaram as formas ao olharem para o boné de lã e para os olhos azul-celeste do dr. Erland, e para o príncipe Kai e seus fios de cabelo preto despenteados sobre a testa.

Quando o visor de retina começou a executar o teste básico de diagnóstico pela segunda vez naquele dia, ela fechou os olhos novamente, um pouco preocupada que o príncipe Kai notasse a luz verde no fundo de sua pupila.

Pelo menos ela estava de luvas.

– Você está viva? – disse Kai, tirando o cabelo despenteado da testa dela. Cinder sentiu os dedos quentes e úmidos contra sua pele, antes de perceber que ela é quem estava febril.

Isso não deveria ser possível. Ela não podia enrubescer, não podia ter febre.

Não podia superaquecer.

O que o médico tinha feito nela?

– Ela bateu a cabeça? – perguntou Kai.

Os espasmos pararam. Cinder apertou as mãos contra o corpo num esforço instintivo de escondê-las.

– Ah, ela está *bem* – repetiu o dr. Erland. – Foi só um susto, mas não se machucou. Lamento, srta. Linh. Não sabia que você seria tão sensível.

– O que você fez? – disse ela, tomando cuidado para não embolar as

palavras.

Kai passou o braço por baixo dela e a ajudou a se sentar. Cinder se encolheu contra ele e abaixou a perna da calça, caso o brilho do metal de sua canela estivesse aparecendo.

– Eu estava apenas ajustando sua coluna.

Cinder olhou para o médico, sem precisar da luz laranja para saber que ele estava mentindo, mas a luz apareceu mesmo assim.

– O que há de errado com a coluna dela? – A mão de Kai deslizou para sua lombar.

Cinder prendeu a respiração, um arrepio percorrendo sua pele. Ela temia que a dor voltasse, que o toque do príncipe de alguma forma anulasse seu sistema como o dr. Erland tinha feito, mas nada aconteceu, e em seguida Kai diminuiu a pressão do toque.

– Não há nada errado com ela – disse o dr. Erland. – Mas a região da coluna vertebral é o lugar em que muitos dos nossos nervos se reúnem antes de enviar mensagens ao cérebro.

Cinder mirou o dr. Erland com olhos ferozes. Ela já podia imaginar o quão rapidamente Kai se afastaria dela quando o médico lhe dissesse que ele estava apoiando um ciborgue.

– A srta. Linh estava se queixando de uma dor incômoda no pescoço...

Ela fechou a mão, apertando com força até que seus dedos começaram a doer.

– ... e então ajustei sua coluna. Chama-se *quiropaxia*, uma prática muito antiga que ainda é incrivelmente eficaz. Ela devia estar mais desalinhada do que pensei, por isso o súbito realinhamento das vértebras criou um choque temporário em seu sistema. – Ele sorriu para o príncipe, um olhar despreocupado.

A luz laranja persistiu.

Cinder ficou boquiaberta, esperando o médico continuar, parar com suas mentiras insanas e começar a contar ao príncipe todos os segredos dela. Ela era um ciborgue, era imune à peste e sua nova cobaia favorita.

Mas o dr. Erland não disse mais nada, apenas sorriu para ela com olhos brincalhões que a encheram de desconfiança.

Sentindo o olhar de Kai sobre si, Cinder virou-se para ele, querendo dar de ombros, como se a explicação do dr. Erland fizesse tanto sentido para ela quanto para ele, mas a intensidade do olhar do príncipe arrebatou suas palavras.

– Espero que ele esteja me dizendo a verdade, porque seria uma pena você morrer quando acabamos de ter o prazer de nos conhecer. – Seus olhos brilhavam, como se compartilhassem uma piada secreta, e ela forçou a risada

mais falsa que já ouvira sair de seus lábios. – Você está bem? – disse ele, pegando a mão dela na sua, um braço ainda nas suas costas. – Consegue ficar de pé?

– Acho que sim.

Ele a ajudou a ficar de pé. Nenhum sinal da dor excruciante restava.

– Obrigada. – Ela se afastou dele, se limpando, apesar do chão do laboratório estar impecável. Sua coxa bateu na mesa de exame.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, deixando as mãos caírem e se movimentarem sem jeito por um segundo antes de encontrarem os bolsos.

Cinder abriu a boca, mas foi interrompida pelo pigarro do dr. Erland.

– Vocês dois se conhecem? – perguntou, suas sobrancelhas espessas desaparecendo sob o chapéu.

Kai respondeu:

– Nós nos conhecemos ontem. No mercado.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos, imitando Kai, e descobriu a chave inglesa.

– Estou, hum, aqui... porque...

– Um dos medidroides estava dando problemas, Vossa Alteza – interrompeu o dr. Erland. – Eu pedi que ela viesse dar uma olhada. A oficina mecânica dela faz muito sucesso.

Kai começou a assentir, mas parou e estudou a sala.

– Qual medidroide?

– Não está mais aqui, é claro – disse o dr. Erland, sua voz alegre, como se mentir fosse uma brincadeira divertida. – Provavelmente está lá fora, retirando sangue de algum paciente.

– I-isso – disse Cinder, forçando a boca a não ficar aberta, como uma idiota.

– Eu já consertei o droide. Novinho em folha. – Ela tirou a chave do bolso e girou-a entre os dedos como prova concreta.

Embora Kai parecesse confuso, ele assentiu como se não valesse a pena questionar a história. Cinder ficou grata pelo médico ter inventado uma história tão facilmente, mas isso também a deixou aflita. Que motivo ele teria para manter segredos do príncipe herdeiro, especialmente quando poderia estar próximo de um avanço na pesquisa da peste? Será que Kai não merecia saber disso? Todos não mereciam?

– Acho que você não teve chance de examinar Nainsi – disse Kai.

Cinder parou de girar a chave inglesa e segurou-a com as duas mãos para evitar que tremesse.

– Não, ainda não. Sinto muito. Tem sido... as últimas vinte e quatro horas...

Ele deu de ombros, com rigidez.

– Você provavelmente tem uma lista enorme de clientes. Eu não deveria

contar com um tratamento especial. – Torceu os lábios. – Acho que mesmo assim vou esperar.

O coração de Cinder saltou quando o sorriso dele a pegou de surpresa, tão encantador e inesperado quanto tinha sido no mercado. Então seus olhos repararam no holograma atrás dele, ainda exibindo o seu funcionamento interno. Das vértebras de metal a seus fios esmaltados e seus ovários perfeitamente intactos. Ela desviou o olhar de volta para Kai, seu pulso acelerado.

– Prometo dar uma olhada nela assim que puder. Antes do festival. Definitivamente.

Kai virou, seguindo seu olhar para o holograma. Cinder apertou os punhos, seus nervos se contorcendo no fundo do estômago, quando Kai se afastou da imagem. Uma garota. Uma máquina. Uma aberração.

Ela mordeu o lábio, resignando-se a nunca mais receber outro sorriso do príncipe, quando o dr. Erland aproximou-se do holograma e desligou a tela com um toque.

– Minhas desculpas, Vossa Alteza, sigilo do paciente. É de uma cobaia do recrutamento de hoje.

Outra mentira.

Cinder apertou a chave inglesa, partes iguais de gratidão e desconfiança crescendo dentro dela.

Kai deixou a surpresa de lado.

– É por isso mesmo que vim aqui. Eu queria saber se fez algum progresso.

– Difícil dizer neste momento, Vossa Alteza, mas talvez tenhamos encontrado uma pista promissora. Eu obviamente irei mantê-lo informado sobre quaisquer avanços. – Ele sorriu de modo inocente, primeiro para Kai, depois para Cinder.

O olhar era claro: ele não contaria nada a Kai.

Ela simplesmente não conseguia entender o porquê.

Limpando a garganta, Cinder se afastou em direção à saída.

– É melhor eu ir, deixá-lo voltar ao trabalho – disse, batendo a chave inglesa contra a palma da mão. – Acho que... hum... voltarei para garantir que o med está funcionando adequadamente. Digamos... amanhã?

– Perfeito – disse o médico. – Eu também tenho o seu número de ID, caso precise encontrá-la. – Seu sorriso tornou-se só um pouco sombrio, como se quisesse dizer que o status de “voluntária” de Cinder só duraria se ela voltasse por livre e espontânea vontade. Agora, ela era valiosa. Ele não tinha intenção de deixá-la ir embora para sempre.

– Eu acompanho você – disse o príncipe, passando o pulso no escâner. A porta abriu sem problemas.

Cinder ergueu as mãos enluvadas, apertando a chave inglesa.

– Não, não, obrigada. Eu consigo achar a saída.

– Tem certeza? Não é nenhum problema.

– Sim, tenho. Tenho certeza de que você tem coisas muito importantes... reais... governamentais... de pesquisas... para discutir. Mas obrigada. Vossa Alteza. – Ela tentou fazer uma reverência, contente que pelo menos desta vez estivesse com os dois pés bem presos.

– Tudo bem. Foi bom ver você de novo. Uma surpresa agradável.

Ela riu com ironia, surpresa pela expressão séria dele. Seus olhos calorosos mantinham-se sobre ela, um pouco curiosos.

– V-você também. – Ela saiu. Sorrindo. Tremendo. Rezando para que não tivesse manchas de graxa no rosto. – Eu aviso, então. Quando o seu androide estiver pronto.

– Obrigado, Linh-mèi.

– Pode me chamar de Cin... – A porta se fechou entre eles. – ... der. Cinder. Seria ótimo. Vossa Alteza. – Ela se apoiou contra a parede do corredor, batendo os nós dos dedos na testa. – *Eu aviso. Você pode me chamar de Cinder* – imitou, e em seguida mordeu o lábio. – Não ligue para a menina balbuciante.

Ele era o sonho de todas as garotas no país. Estava tão longe de seu alcance, de seu *mundo*, que ela deveria ter parado de pensar nele no instante em que a porta se fechou. Devia parar de pensar nele imediatamente. Nunca deveria pensar nele de novo, exceto talvez como cliente – e seu príncipe.

E, no entanto, a lembrança dos dedos dele em sua pele se recusou a desaparecer.

Quinze

CINDER TEVE QUE BAIXAR UM MAPA DA ALA DE PESQUISA DO PALÁCIO para achar o caminho até a saída. Seus nervos estavam no limite, com o príncipe, com Peony, com *tudo*. Sentia-se uma impostora perambulando pelos lustrosos corredores brancos de cabeça baixa, evitando contato visual com os cientistas e com os androides brancos. Mesmo que agora ela fosse realmente voluntária. Uma voluntária valiosa.

Ela passou por uma sala de espera – decorada com dois netscreens e três poltronas – e congelou, seu olhar preso na janela.

A vista.

A cidade.

Ao nível do chão, Nova Pequim era uma bagunça: edifícios demais amontoados em um espaço muito pequeno, as ruas descuidadas, cabos de energia e varais atravessando cada beco, vinhas intrometidas escalando as paredes de concreto.

Mas daqui, no topo do penhasco e três andares acima, a cidade era linda. O sol estava alto, e sua luz reluzia em arranha-céus de vidro e telhados de ouro matizado. Cinder podia ver o movimento constante de netscreens gigantes e aerodeslizadores piscando enquanto corriam por entre os prédios. Daqui, a cidade fervilhava de vida, mas sem todo o chiado tecnológico.

Cinder procurou o grupo de edifícios cromados e com vidro azul fino que ficava de sentinela sobre a praça do mercado e em seguida tentou traçar a rota para o norte, procurando os apartamentos da Torre Fênix, mas eles estavam escondidos atrás da cidade lotada e suas sombras.

Seu assombro se esvaiu.

Ela tinha que voltar. Voltar para o apartamento. Voltar para sua prisão.

Precisava consertar o androide de Kai. Precisava proteger Iko, que não duraria uma semana até Adri decidir dismantelá-la para vender a sucata, ou pior, substituir seu chip de personalidade “defeituoso”. Ela se queixava do androide ser teimoso demais desde o dia em que Cinder foi morar com ela.

Além disso, ela não tinha outro lugar para ir. Até que o dr. Erland conseguisse descobrir como depositar o pagamento na conta de Cinder sem que

Adri descobrisse, ela não tinha dinheiro, nem aerodeslizador, e sua única amiga humana também era prisioneira na quarentena.

Ela fechou os punhos.

Precisava voltar. Mas não ficaria muito tempo. Adri tinha deixado bem claro que via Cinder como um fardo inútil. Não teve problema algum em se livrar dela quando encontrou uma maneira lucrativa de fazê-lo, uma maneira que a manteria livre de culpa pois, afinal, precisavam encontrar um antídoto. Peony precisava de um antídoto.

E talvez estivesse certa em fazer aquilo. Talvez fosse o dever de Cinder como ciborgue sacrificar-se para que todos os seres humanos normais pudessem ser curados. Talvez fizesse sentido usar os humanos que já haviam sido adulterados. Mas Cinder sabia que nunca perdoaria Adri pelo que fizera. Aquela mulher supostamente deveria *protegê-la, ajudá-la*. Se Adri e Pearl eram o que restara de sua família, ela estava melhor sozinha.

Ela tinha que ir embora. E sabia exatamente como o faria.

A EXPRESSÃO NO ROSTO DE ADRI QUANDO CINDER ENTROU no apartamento quase fez toda a experiência medonha valer a pena.

Ela estava sentada no sofá, lendo em seu tablet. Pearl estava no outro lado da sala, jogando um jogo de tabuleiro holográfico em que as peças eram modeladas a partir das celebridades favoritas das meninas, incluindo três sócias do príncipe Kai. Havia muito tinha sido o jogo favorito dela e de Peony, mas agora Pearl estava jogando contra estranhos na internet e parecia entediada e infeliz. Quando Cinder entrou, tanto Pearl quanto Adri ficaram boquiabertas, e uma versão em miniatura do príncipe caiu sobre a espada de seu oponente virtual. Pearl pausou o jogo tarde demais.

– Cinder – disse Adri, apoiando o tablet em uma mesinha lateral. – Como você...?

– Eles fizeram alguns testes e decidiram que eu não era o que queriam. Então, me mandaram de volta. – Cinder deu um sorrisinho com a boca fechada. – Não se preocupe, tenho certeza de que ainda vão reconhecer seu nobre sacrifício. Talvez lhe enviem um comunicado de agradecimento.

Olhando Cinder com descrença, Adri se levantou.

– Eles não podem mandá-la de volta!

Cinder tirou as luvas e as enfiou no bolso.

– Acho que terá que fazer uma reclamação oficial. Então, desculpe interromper. Posso ver que você estava muito ocupada gerindo seu lar. Se me der licença, é melhor eu tentar ganhar meu sustento, para que você pense duas vezes na próxima vez que encontrar uma maneira conveniente de se livrar de mim.

Ela marchou para o corredor. Iko estava com a cabecinha brilhante aparecendo na cozinha, seu sensor azul brilhando com espanto. Cinder se surpreendeu com a rapidez com que suas emoções mudaram de amargura para alívio. Por um momento, ela pensou que nunca mais veria Iko.

A alegria momentânea desvaneceu-se quando Adri apressou-se no corredor atrás dela.

– Cinder, pare.

Embora estivesse tentada a ignorá-la, Cinder parou e se virou para enfrentar sua guardiã.

Elas se encararam, e a boca de Adri se mexia enquanto tentava ultrapassar sua surpresa. Ela estava envelhecida. Anos mais velha do que parecia antes.

– Vou entrar em contato com o centro de pesquisa para confirmar essa história e ter certeza de que não está mentindo – disse ela. – Se você fez alguma coisa... se arruinou a única chance que eu tinha de ajudar a minha filha... – A raiva na voz de Adri diminuiu, depois subiu para um grito estridente. Cinder podia ouvir as lágrimas escondidas debaixo das palavras. – Você não pode ser tão inútil assim! – Ela esticou os ombros para trás, segurando o batente.

– O que mais você quer que eu faça? – Cinder gritou de volta, agitando as mãos. – Tudo bem, ligue para os pesquisadores! Eu não fiz nada de errado. Fui lá, eles fizeram alguns testes e não me quiseram. Sinto muito se não me enviaram para casa em uma caixa de papelão, se era isso que você estava esperando.

Adri apertou os lábios.

– Sua posição nesta casa não mudou, e eu não gosto de ser tratada de forma desrespeitosa pela *órfã* que recebi no meu lar.

– É mesmo? – disse Cinder. – Gostaria que eu listasse todas as coisas que me fizeram hoje de que *eu* não gostei? Enfiaram agulhas em mim, prenderam pinos na minha cabeça, e micróbios venenosos... – Ela se conteve, não querendo que Adri soubesse a verdade. Seu verdadeiro valor. – Sinceramente, não me importo com o que você gosta ou não agora. Você é a pessoa que me traiu, quando eu nunca fiz nada para você.

– Já basta. Você sabe muito bem o que você me fez. O que fez a esta família.

– A morte de Garan não foi minha culpa. – Ela virou a cabeça, com manchas brancas de fúria encobrendo sua visão.

– Tudo bem – disse Adri, sem perder o tom de superioridade. – Então, você voltou. Bem-vinda ao lar, Cinder. Mas, enquanto ainda morar na minha casa, vai continuar a obedecer às minhas ordens. Você entendeu?

Cinder apoiou a mão mecânica na parede, dedos espalhados, se equilibrando.

– Obedecer às suas ordens. Certo. Como: “Faça suas tarefas, Cinder. Arrume

um emprego para que eu possa pagar as *minhas* contas, Cinder. Vá brincar de cobaia para cientistas loucos, Cinder.” Sim, eu entendo perfeitamente. – Ela olhou por cima do ombro, mas Iko tinha voltado para a cozinha. – Como tenho certeza que *você* vai entender que acabei de perder meio dia de trabalho, é melhor eu pegar o seu Serv 9.2 emprestado para me ajudar. Você não se importa, não é? – Sem esperar por uma resposta, ela avançou para seu quartinho e bateu a porta atrás de si.

Ficou parada com as costas apoiadas na porta até o texto de advertência em sua retina desaparecer e as mãos pararem de tremer. Quando abriu os olhos, viu que o netscreen velho, aquele que Adri tinha arrancado da parede, fora empilhado no monte de cobertores que ela chamava de cama. Pedacos de plástico caíram sobre seu travesseiro.

Ela não tinha notado se Adri já havia comprado uma nova tela ou se a parede da sala estava vazia.

Suspirando, ela se trocou, ansiosa para se livrar do cheiro de antisséptico que aderira a suas roupas. Empurrou as peças para a caixa de ferramentas e enfiou a tela debaixo do braço antes de se aventurar de volta ao apartamento. Iko não tinha se mexido, meio escondida na porta da cozinha. Cinder fez um gesto com a cabeça para a frente do apartamento, e o androide a seguiu.

Ela não olhou para a sala enquanto passava, mas achou ter ouvido o som abafado do príncipe Kai morrendo no jogo da Pearl.

Mal tinham entrado no corredor principal – bem calmo, para variar, pois os filhos do vizinho estavam na escola – quando Iko colocou seus braços desengonçados ao redor das pernas de Cinder.

– Como é possível? Eu tinha certeza de que *você* estava morta. O que aconteceu?

Cinder entregou a caixa de ferramentas para o robô e se dirigiu para os elevadores.

– Vou lhe contar tudo, mas temos trabalho a fazer.

Ela esperou até que estivessem sozinhas e a caminho do porão antes de contar a Iko tudo o que tinha acontecido, deixando de fora apenas a parte sobre o príncipe Kai encontrá-la inconsciente no chão.

– Quer dizer que *você* tem que voltar? – disse Iko ao chegarem no porão.

– Sim, mas está tudo bem. O médico disse que não estou em perigo agora. Além disso, eles vão me pagar, e a Adri não vai ficar sabendo disso.

– Quanto?

– Não tenho certeza, mas muito, acho.

Iko segurou o pulso de Cinder no momento em que ela abriu a porta de arame da oficina.

– Você está entendendo o que isso significa?

Cinder segurou a porta aberta com o pé.

– Qual parte?

– Significa que você pode comprar um belo vestido, *mais bonito* do que o da Pearl! Você pode ir ao baile, e Adri não poderá fazer nada para impedi-la!

Cinder apertou os lábios como se acabasse de morder um limão e puxou o pulso das garras de Iko.

– É mesmo, Iko? – disse ela, examinando a confusão de ferramentas e peças de reposição. – Você acha mesmo que a Adri vai me deixar ir só porque agora posso comprar meu próprio vestido? Ela provavelmente o arrancaria de mim para tentar revender os botões.

– Bem... que seja, não contaremos a ela sobre o vestido nem sobre ir ao baile. Você não tem que ir com elas. Você é melhor do que elas. Você é *valiosa*.

– A ventoinha de Iko estava rodando feito louca, como se seu processador mal conseguisse acompanhar todas aquelas revelações. – Imune à letumose. Nossa, você poderia ser uma celebridade por causa disso!

Cinder a ignorou, inclinando-se para apoiar o netscreen na estante. Seu olhar havia pousado sobre uma pilha de tecido prateado amassado no canto, quase cintilante à luz empoeirada.

– O que é isso?

A ventoinha de Iko reduziu o ritmo a um zumbido lento.

– O vestido de baile da Peony. Eu... Eu não tive coragem de jogá-lo fora. Não achei que alguém viria aqui de novo, já que você... então pensei em guardá-lo. Para mim.

– Isso não foi bom, Iko. Poderia estar infectado. – Cinder hesitou apenas um momento antes de ir até o vestido e pegá-lo pelas mangas crivadas de pérolas. Estava manchado de sujeira e todo amassado, e *havia* a chance de ter sido exposto a letumose, mas o médico tinha dito que a doença não sobreviveria por muito tempo em roupas.

Além disso, ninguém nunca iria usá-lo.

Ela deitou o vestido sobre o soldador e se virou.

– Não vamos usar esse dinheiro em um vestido – disse ela. – Nós não vamos ao baile.

– Por que não? – disse Iko, com um gemido evidente em sua voz robótica.

Aproximando-se da mesa, Cinder apoiou a perna no alto e começou a descarregar as ferramentas escondidas em sua panturrilha.

– Lembra o carro que vimos no ferro-velho? Aquele velho, movido a gasolina?

Os alto-falantes de Iko fizeram um resmungo grosseiro, o mais próximo que

conseguia chegar de um gemido de exasperação.

– O que é que tem?

– Vamos precisar de todo o tempo e dinheiro para consertá-lo.

– Não. Cinder! Diga que você está brincando.

Cinder estava gravando uma lista mental enquanto fechava o compartimento em sua perna e ajustava a calça. As palavras rolavam em seus olhos: PEGAR O CARRO; AVALIAR SEU ESTADO; ENCONTRAR PEÇAS; FAZER DOWNLOAD DO PROJETO DE FIAÇÃO; COMPRAR GASOLINA.

Então reparou no androide de Kai em sua bancada. CONSERTAR ANDROIDE.

– Estou falando sério.

Ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo, estranhamente animada. Marchando para o gabinete de ferramentas no canto, começou a procurar coisas que poderiam ser úteis – cordas e correntes, trapos e geradores, tudo para ajudar a limpar o carro e deixá-lo pronto para ser consertado.

– Vamos voltar hoje à noite. Levá-lo para a garagem se pudermos. Caso contrário, teremos que consertá-lo no quintal. Bom, eu preciso voltar ao palácio amanhã de manhã e dar uma olhada no androide do príncipe na parte da tarde, mas, se formos diligentes, acho que consigo consertar o carro em duas semanas, talvez menos. Dependendo do que for necessário, é claro.

– Mas *por quê*? Por que vamos consertá-lo?

Cinder enfiou as ferramentas na bolsa.

– Porque aquele carro vai nos tirar daqui.

Dezesseis

AS ENFERMEIRAS E OS ANDROIDES DO TURNO DA NOITE PREGARAM-SE às paredes quando o príncipe Kai passou zunindo pelo corredor. Ele tinha corrido desde o seu quarto no décimo sexto andar da ala privada do palácio, parando para recuperar o fôlego somente quando foi forçado a esperar o elevador. Irrompeu pela porta da sala de visitas e parou, ainda segurando a maçaneta.

Seus olhos inquietos encontraram Torin, de braços cruzados, encostado na parede oposta. O conselheiro arrancou seu olhar da janela de vidro e recebeu a expressão de pânico de Kai com outra de resignação.

– Eu ouvi... – começou Kai, esticando os ombros para trás. Molhando a boca seca, ele entrou na sala. A porta fechou atrás dele. A pequena sala era iluminada apenas por um abajur de mesa e as luzes fluorescentes da quarentena.

Kai olhou para a enfermaria ao mesmo tempo que um medidroide puxava um pano branco sobre os olhos fechados de seu pai. Seu coração, que martelava intensamente, parou.

– Cheguei tarde demais.

Torin se mexeu.

– Aconteceu há apenas alguns minutos – disse ele, forçando-se a afastar-se da parede. Kai examinou o rosto enrugado e os olhos cansados do conselheiro, bem como uma xícara de chá intocada que estava apoiada ao lado de seu tablet. Ficara até tarde para trabalhar, em vez de voltar para a própria casa, a própria cama.

A exaustão alcançou Kai de uma só vez, e ele apertou a testa, que parecia estar queimando, no vidro frio. Ele também deveria ter estado presente.

– Vou marcar a coletiva de imprensa. – A voz de Torin soava oca.

– Uma coletiva de *imprensa*?

– O país precisa saber. Vamos lamentar juntos. – Torin pareceu abalado por um raro momento, mas disfarçou, controlando a respiração.

Kai fechou os olhos e os esfregou com força. Mesmo sabendo que isso aconteceria, que seu pai estava com uma doença incurável, ainda não fazia sentido. Tudo o que acabara de perder lhe fora tomado tão rapidamente. Não apenas seu pai. Não apenas o imperador.

Sua juventude. Sua liberdade.

– Você será um bom imperador – disse Torin. – Como ele era.

Kai se afastou. Não queria pensar nisso, em todas as próprias imperfeições. Ele era jovem demais, estúpido demais, otimista demais, ingênuo demais. Não conseguiria.

A tela atrás deles apitou, e em seguida uma doce voz feminina anunciou:

– Comunicado para o príncipe Kaito, da Comunidade Oriental, da rainha Levana, de Luna.

Kai girou em direção ao netscreen, em branco, exceto por um globo girando no canto, sinalizando um comunicado disponível. Qualquer ameaça de lágrimas desapareceu, transformando-se em uma dor de cabeça iminente. O ar ficou espesso, mas nenhum deles se moveu.

– Como ela poderia saber? Tão cedo? – disse Kai. – Ela deve ter espiões.

Do canto do olho, viu Torin lançar-lhe um olhar. Um aviso para não começar com as teorias de conspiração agora.

– Talvez a taumaturga ou o guarda tenha visto você – disse ele. – Correndo pelo castelo no meio da noite. O que mais poderia significar?

Contraindo o maxilar, Kai aprumou-se, enfrentando a tela como a um inimigo.

– Parece que o nosso período de luto acabou – murmurou. – Tela, aceitar comunicado.

A tela se iluminou. Kai arrepiou-se ao ver a rainha lunar, sua cabeça e ombros envoltos em um véu ornamentado de cor creme, como uma noiva perpétua. Só o que se via sob o manto era um pouco dos longos cabelos escuros e a sombra de seus traços. A explicação dada pelos lunares era que a beleza de sua rainha era um presente aos olhos indignos dos terráqueos, mas Kai tinha ouvido falar que, na realidade, o glamour da rainha – sua capacidade de fazer as pessoas verem-na como divinamente bela, manipulando suas ondas cerebrais – não funcionava através dos netscreens, por isso ela nunca se permitia ser vista neles.

Qualquer que fosse o motivo, olhar por muito tempo para aquela figura branca embrulhada sempre fazia os olhos de Kai arderem.

– Meu caro príncipe Regente – disse Levana com uma voz melosa –, quero ser a primeira a oferecer minhas condolências pela perda de seu pai, o bom imperador Rikan. Que ele descanse em paz para sempre.

Kai lançou um frio olhar para Torin. *Espiões?*

Torin não retornou o olhar.

– Embora a ocasião seja trágica, estou ansiosa para continuar a discutir uma aliança com você, como o novo líder da Comunidade Oriental Terrestre. Como

não vejo nenhuma razão para adiarmos essas conversas até a sua coroação, quando quer que aconteça, acho apropriado planejar uma reunião assim que for conveniente em relação a seu tempo de luto. Meu transporte está pronto. Posso partir ao seu próximo nascer do sol e oferecer tanto os meus pêsames quanto meus parabéns em pessoa. Alertarei minha taumaturga que aguarde minha chegada. Ela pode garantir que as acomodações sejam preparadas adequadamente. Peço que não se preocupe com meu conforto. Tenho certeza de que você terá muitas outras preocupações durante esse momento trágico. Meus pêsames estão com você e a Comunidade. – Ela concluiu a mensagem inclinando a cabeça, e a tela escureceu.

Boquiaberto, Kai olhou para Torin. Ele pressionou os punhos contra o corpo antes que comesçassem a tremer.

– Ela quer vir *aqui*? Agora? Não se passaram nem quinze minutos!

Torin limpou a garganta.

– Devemos discutir isso pela manhã. Antes da coletiva de imprensa, suponho.

Kai se virou, encostando a cabeça na janela. Do outro lado do vidro, o relevo do corpo de seu pai estava encoberto pelo lençol branco, não muito diferente da rainha e seu véu. O imperador tinha perdido tanto peso nas últimas semanas que sua forma mais parecia a de um manequim do que a de um homem.

Seu pai não estava mais lá. Incapaz de proteger Kai. Incapaz de oferecer conselhos. Incapaz de liderar o país outra vez.

– Ela pensa que eu sou fraco – disse Kai. – Ela vai tentar me convencer a aceitar o pacto de casamento agora, quando tudo está um caos. – Ele chutou a parede, segurando um grito de dor quando se lembrou de que não estava usando sapatos. – Não podemos responder que não? Avisar que ela não é bem-vinda aqui?

– Não tenho certeza de que essa seria a indicação de paz a qual seu pai vinha se esforçando para alcançar.

– *Ela* é quem vem ameaçando uma guerra nos últimos doze anos!

Torin apertou os lábios, e a preocupação assombrosa em seu olhar abrandou a raiva de Kai.

– Discussões devem ter duas direções, Vossa Alteza. Vamos ouvir suas solicitações, mas ela terá que ouvir as nossas também.

Os ombros de Kai caíram. Ele se virou, jogando a cabeça para trás e olhando para o teto.

– O que ela quis dizer com “minha taumaturga irá preparar as acomodações”?

– Vai retirar os espelhos, imagino.

Kai fechou os olhos.

– Espelhos. Certo. Esqueci. – Ele massageou a testa. O que havia de tão estranho com os lunares? E não qualquer lunar. A rainha Levana. Na Terra. No país dele, sua *casa*. Ele estremeceu. – O povo não vai gostar disso.

– Não. – Torin suspirou. – Amanhã será um dia sombrio para a Comunidade.

Dezessete

UM ALERTA DISPAROU NA CABEÇA DE CINDER, SEGUIDO POR UMA mensagem que rolou em meio à escuridão do sono.

COMUNICADO RECEBIDO DO DISTRITO DE NOVA PEQUIM 29, QUARENTENA DA LETUMOSE. LINH PEONY INGRESSOU NO TERCEIRO ESTÁGIO DA LETUMOSE ÀS 04H57M DE 22 DE AGOSTO, ANO 126 DA TERCEIRA ERA.

Levou um minuto para afastar o entorpecimento do sono e entender o significado das palavras que rolavam em seu visor. Ela abriu os olhos para o quarto sem janelas e se sentou. Todos os músculos doíam da viagem até o ferrovelho na noite anterior. Suas costas doíam tanto que parecia que aquele carro velho a atropelara, em vez de permanecer imóvel enquanto ela e Iko o empurravam e puxavam pela estrada. Mas elas tinham conseguido. O carro era dela, transportado para um canto sombrio da garagem subterrânea do apartamento, onde ela seria capaz de trabalhar nele em cada momento livre. Desde que ninguém se queixasse do cheiro, seria um segredinho entre ela e Iko.

Quando enfim voltaram para casa, Cinder desabou como se alguém tivesse apertado seu botão de força. Pela primeira vez, não tivera pesadelos.

Pelo menos, nenhum pesadelo até ser acordada pela mensagem.

A ideia de Peony completamente sozinha na quarentena a expulsou de sua pilha de cobertores com um grunhido contido. Ela calçou um par de luvas, roubou um cobertor verde bordado no armário de roupas de cama e mesa do corredor e passou por Iko – em modo de hibernação e conectada a uma estação de carregamento na sala de estar. A sensação de sair sem o androide era estranha, mas ela planejava ir direto para o palácio.

No corredor do apartamento, podia ouvir alguém andando no andar de cima e um netscreen murmurando as notícias da manhã. Cinder mandou um comunicado pedindo um táxi pela primeira vez na vida, e ele já a esperava quando chegou à rua. Passou sua identidade pelo escâner e deu as coordenadas antes mesmo de se acomodar no banco de trás. Cinder se conectou à rede para que pudesse traçar o trajeto do aerodeslizador até a quarentena. O mapa que foi

exibido em seu visor indicou que era um distrito industrial, vinte e quatro quilômetros além dos limites da cidade.

A cidade era toda sombras, um borrão, apartamentos adormecidos e calçadas vazias. Os edifícios ficavam cada vez menores e mais distantes uns dos outros conforme o centro ia ficando para trás. Uma luz pálida de sol se esgueirava pelas ruas, lançando longas sombras no asfalto.

Cinder sabia que haviam alcançado o distrito industrial sem a ajuda do mapa. Ela piscou para que o mapa sumisse e observou as fábricas passando, lado a lado com armazéns de concreto e suas portas de rolagem gigantescas, que poderiam acomodar até mesmo o maior dos aerodeslizadores. Provavelmente até navios de carga.

Ela escaneou sua identidade ao sair para que o aerodeslizador pudesse debitar de sua conta já quase zerada e em seguida ordenou que a esperasse. Rumou para o armazém mais próximo, onde um grupo de androides estava parado à porta. Sobre a porta brilhava um netscreen novinho em folha.

QUARENTENA DE LETUMOSE. ENTRADA PERMITIDA SOMENTE A PACIENTES E ANDROIDES.

Ela jogou o cobertor sobre os antebraços e tentou parecer confiante ao andar, imaginando o que diria se os androides a questionassem, mas os medidroides não deviam ser programados para lidar com gente *saudável* querendo entrar na quarentena; mal notaram quando ela passou. Ela esperava que fosse fácil sair também. Talvez devesse pedir uma credencial ao dr. Erland.

O fedor de excremento e podridão a atingiu quando ela entrou no armazém. Cinder recuou, pondo a palma da mão no nariz enquanto o estômago se revirava, desejando que sua interface cerebral isolasse odores como fazia com o barulho.

Respirando fundo sob a luva e prendendo o ar, forçou-se a entrar.

Estava mais fresco lá dentro, o chão de concreto intocado pelo sol. Um plástico verde opaco cobria uma estreita fila de janelas próximas a telhados altos, envolvendo o edifício em uma névoa lúgubre. Lâmpadas cinzentas zumbiam lá em cima, mas eram de pouca ajuda para diminuir a escuridão.

Centenas de camas estavam alinhadas entre as paredes distantes, cobertas por cobertores descombinados – doações e retalhos. Ela sentia-se grata por ter trazido um bom para Peony. A maioria dos leitos estava vazia. Esta quarentena fora construída rapidamente nas últimas semanas, conforme a doença rastejava cada vez mais rápido em direção à cidade. Ainda assim, as moscas já haviam tomado o lugar e preenchiam o recinto com seu zumbido.

Os poucos pacientes pelos quais Cinder passou estavam adormecidos ou olhando fixa e inexpressivamente para o teto, a pele coberta por erupções preto-azuladas. Aqueles que ainda estavam conscientes encolhiam-se com seus tablets – sua última ligação com o mundo lá fora. Olhos brilhantes se ergueram, seguindo Cinder enquanto ela se apressava.

Mais medidroides se moviam entre as camas, fornecendo comida e bebida, mas nenhum deles interpelou Cinder.

Ela encontrou Peony adormecida, aninhada em um cobertor azul-bebê. Cinder não tinha certeza de que a reconheceria se não fosse pelos cachos castanhos enrolados no travesseiro. As manchas arroxeadas haviam se espalhado pelos seus braços. Embora estivesse tremendo, sua testa brilhava de suor. Parecia uma mulher idosa, próxima à hora da morte.

Cinder tirou a luva e pousou a parte de trás da mão na testa de Peony. Quente ao toque e úmida. O terceiro estágio da letumose.

Ela jogou o cobertor verde sobre Peony, depois se ergueu, perguntando-se se deveria acordá-la ou se era melhor deixá-la descansar. Balançando-se sobre os calcanhares, olhou em volta. A cama atrás dela estava vazia. A que ficava no lado oposto a Peony estava ocupada por uma pequena forma virada de costas para ela, enrolada em posição fetal. Uma criança.

Cinder se sobressaltou ao sentir um puxão em seu pulso esquerdo. Peony estava agarrando seus dedos de aço, apertando com a pouca força que ainda tinha. Seus olhos observavam Cinder, suplicantes. Assustados. Perplexos, como se estivesse vendo um fantasma.

Cinder engoliu em seco e se sentou na cama. Era quase tão dura quanto o chão do próprio quarto.

– Me leva para casa? – pediu Peony, a voz arranhando as palavras.

Cinder se encolheu e cobriu as mãos de Peony.

– Trouxe um cobertor para você – disse ela, como se isso explicasse sua presença.

O olhar de Peony se desviou dela. A mão livre traçou a textura do brocado. Não disseram nada por um longo tempo, até ouvirem um grito estridente. As mãos de Peony apertaram com mais força enquanto Cinder girava, procurando, certa de que alguém estava sendo assassinado.

Uma mulher, quatro corredores adiante, estava se debatendo na cama, gritando, implorando para ser deixada em paz enquanto um medidroide calmamente aguardava com uma seringa para lhe injetar algo. Um minuto depois, mais dois androides chegaram para imobilizar a mulher, forçando-a a ficar parada na cama, segurando o braço esticado para receber a injeção.

Sentindo Peony se encolher ao seu lado, Cinder se virou de volta. Peony

estava tremendo.

– Estou sendo punida por alguma coisa – disse Peony, fechando os olhos.

– Não seja ridícula – disse Cinder. – A peste é só... não é justa. Mas você não fez nada de errado.

Ela acariciou a mão da irmã.

– Mamãe e Pearl estão...?

– Com o coração partido – respondeu Cinder. – Nós todas sentimos muito a sua falta. Mas elas não pegaram a doença.

Os olhos de Peony piscaram, abertos. Ela estudou o rosto de Cinder, seu pescoço.

– Onde estão suas manchas?

Os lábios se abrindo, Cinder esfregou distraidamente a garganta, mas Peony não esperou por uma resposta.

– Você pode dormir ali, não pode? – disse ela, gesticulando para a cama vazia. – Eles não vão botar você numa cama longe?

Cinder apertou as mãos de Peony.

– Não, Peony, eu não... – Ela olhou em volta, mas ninguém estava prestando nenhuma atenção nelas. Um medidroide estava a duas camas de distância, ajudando um paciente a beber água. – Não estou doente.

Peony apontou com a cabeça.

– Você está aqui.

– Eu sei. É complicado. Veja bem, fui para o centro de pesquisas sobre a letumose ontem, e eles me testaram e... Peony, eu sou imune. Não posso contrair letumose.

A testa tensa de Peony se descontraiu. Ela avaliou o rosto de Cinder, o pescoço, novamente os braços, como se sua imunidade fosse algo visível, algo que deveria estar aparente.

– Imune?

Cinder esfregou mais rápido a mão de Peony, agora ansiosa por ter contado seu segredo a alguém.

– Eles me pediram para voltar lá hoje. O médico-chefe acha que pode ser capaz de me usar para encontrar um antídoto. Eu disse a ele que, caso consiga fazer isso, você tem que ser a primeira a recebê-lo. Fiz ele prometer.

Ela observou, espantada, quando os olhos de Peony começaram a se encher de lágrimas.

– Verdade?

– Isso mesmo. Nós vamos encontrar um antídoto.

– Quanto tempo vai levar?

– E-eu não sei ao certo.

A outra mão de Peony encontrou o pulso dela e o apertou. Suas longas unhas se enterraram na pele de Cinder, mas levou um tempo considerável até que ela registrasse a dor. A respiração de Peony se tornou mais rápida. Mais lágrimas surgiram em seus olhos, mas uma parte daquela esperança momentânea se desvaneceu, deixando-a num desespero incontrolável.

– Não me deixe morrer, Cinder. Eu queria ir ao baile, lembra? Você ia me apresentar ao príncipe... – Ela virou a cabeça, erguendo o rosto numa tentativa vã de conter as lágrimas, escondê-las ou esgotá-las mais rápido. Então uma tosse estourou em sua boca, junto com um fino fio de sangue.

Cinder fez uma careta, depois esticou a mão e limpou o sangue do queixo de Peony com a ponta do cobertor bordado.

– Não desista, Peony. Se eu sou imune, então deve haver um jeito de combater isso. E eles vão descobrir. Você ainda vai ao baile. – Ela pensou em contar a Peony que Iko conseguira salvar seu vestido, mas imaginou que isso implicaria ter que contar a ela que tudo o que ela já tocara fora descartado. Ela limpou a garganta e, com um carinho, tirou o cabelo de Peony da têmpora.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer para deixar você mais confortável?

Peony balançou a cabeça no travesseiro gasto, segurando o cobertor contra a boca. Mas então ergueu os olhos.

– Meu tablet?

Cinder se encolheu, culpada.

– Me desculpe. Ainda está quebrado. Mas vou dar uma olhada nele hoje à noite.

– Eu só quero mandar um comunicado para Pearl. E mamãe.

– É claro. Vou trazê-lo para você, assim que puder. – *O tablet de Peony. O androide do príncipe. O carro.* – Sinto muito, Peony, mas preciso ir.

As pequenas mãos a apertaram.

– Volto assim que puder. Prometo.

Peony respirou tremulamente, fungou e em seguida a soltou. Enfiou as mãos frágeis embaixo do cobertor, cobrindo-se até o queixo.

Cinder se levantou e desembaraçou o cabelo de Peony com os dedos.

– Tente dormir um pouco. Poupe sua energia.

Peony seguiu Cinder com os olhos cheios de lágrimas.

– Amo você, Cinder. Fico feliz que não esteja doente.

Cinder sentiu um enorme aperto no coração. Franzindo os lábios, ela se inclinou e deu um beijo na testa úmida de Peony.

– Eu também amo você.

Ela lutou para respirar enquanto se forçava a afastar-se, tentando se enganar e ter esperanças. Havia uma chance. Uma chance.

Não olhou para nenhum outro paciente ao se encaminhar para a saída da quarentena, até que ouviu seu nome. Parou, pensando que a voz áspera não fora nada além de sua imaginação misturada a muitos lamúrios histéricos.

– Cin-der?

Ela se virou e avistou um rosto familiar meio coberto por uma colcha desbotada pelo tempo.

– Chang-ji? – Ela se aproximou do pé da cama, o nariz enrugando com o odor forte que vinha do leito da mulher. Mal reconheceu Chang Sacha, a padeira, com suas pálpebras inchadas e a pele pálida.

Tentando respirar normalmente, Cinder contornou a cama.

A colcha que repousava sobre o nariz e a boca de Sacha contribuía para sua respiração difícil. Os olhos dela estavam embaçados e mais abertos do que Cinder jamais vira. Era a primeira vez que Sacha a olhava sem desdém.

– Você também? Cinder?

Em vez de responder, Cinder disse, sem muita convicção:

– Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

Foram as palavras mais gentis já trocadas entre elas. A colcha se mexeu, exibindo o rosto de Sacha. Cinder mordeu o lábio para conter um engasgo ao ver as manchas azuis em forma de anel no maxilar da mulher e garganta abaixo.

– Meu filho – disse ela, ofegante. – Você pode trazer Sunto? Eu preciso vê-lo.

Cinder não se mexeu, lembrando-se de como Sacha ordenara que Sunto se afastasse de seu estande dias antes.

– Trazê-lo?

Sacha tirou um braço de debaixo das cobertas e tentou alcançar Cinder, agarrando seu pulso, onde a pele se encontrava com o metal. Cinder se contorceu, tentando se desvencilhar, mas Sacha segurou firme. Sua mão estava marcada por pigmento azulado em volta das unhas amareladas.

O quarto e último estágio da febre azul.

– Vou tentar – disse ela. Esticou a mão, hesitou, e então afagou Sacha nas articulações. Os dedos azuis a soltaram e se afundaram na cama.

– Sunto – murmurou Sacha. Seu olhar ainda estava fixo no rosto de Cinder, mas o reconhecimento falhava. – Sunto.

Cinder deu um passo para trás, observando as palavras sumirem. A vida se apagou dos olhos negros de Sacha.

Cinder convulsionou, envolvendo a barriga com os braços. Ela olhou em volta. Nenhum dos outros pacientes estava prestando atenção a ela ou à mulher – o cadáver – diante dela. Mas então ela viu o androide seguindo na sua direção. Os medidroides deviam ter algum tipo de conexão, ela pensou, para saber

quando alguém morria.

Quanto tempo levaria para que o comunicado de notificação fosse enviado à família? Quanto tempo levaria até que Sunto soubesse que sua mãe morreria?

Ela queria se virar, ir embora, mas ficou enraizada ao lugar enquanto o androide vinha em suas rodas até a beira da cama e levava sua mão mole entre seus pegadores. A compleição de Sacha estava cinzenta, exceto pelas manchas, como as de contusões, em seu maxilar. Seus olhos ainda estavam abertos, mirando o céu.

Talvez o medidroide tivesse perguntas a fazer a Cinder. Talvez alguém quisesse saber as palavras finais da mulher. Seu filho provavelmente iria querer saber. Cinder deveria contar a alguém.

Mas o sensor do medidroide não se virou na direção dela.

Cinder umedeceu os lábios. Ela abriu a boca, mas não conseguia pensar em nada para dizer.

Um painel se abriu no corpo do medidroide. Ele pôs os pegadores livres lá dentro e tirou um bisturi. Cinder observou, impressionada e enojada, o androide pressionar a lâmina no pulso de Sacha. Um fio de sangue escorreu pela palma da padeira.

Cinder espantou o estupor e cambaleou para a frente. O pé da cama ficou pressionado contra suas coxas.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, mais alto do que pretendia.

O medidroide parou com o bisturi enterrado na carne de Sacha. Seu visor amarelo piscou na direção de Cinder e em seguida escureceu.

– Como posso ajudá-la? – respondeu, com sua educação fabricada.

– O que você está fazendo com ela? – perguntou Cinder novamente. Ela queria esticar a mão e tirar o bisturi, mas temia ser mal compreendida. Devia haver uma razão, algo lógico. Medidroides se resumiam à lógica.

– Removendo o chip de identificação dela – respondeu o androide.

– Por quê?

O visor se iluminou de novo, e o androide voltou a se concentrar no pulso de Sacha.

– Ela não vai mais usar.

O medidroide trocou o bisturi por um pequena pinça, e Cinder ouviu o clique sutil de metal no metal. Ela fez uma careta quando o androide extraiu o pequeno chip com o plástico de proteção coberto por um vermelho cintilante.

– Mas... você não precisa identificar o corpo?

O androide depositou o chip em uma bandeja que se abriu em seu revestimento de plástico. Cinder viu quando ele caiu em um compartimento com dezenas de outros chips ensanguentados.

Então jogou o cobertor esfarrapado sobre os olhos de Sacha, que não piscavam mais. Em vez de responder a pergunta de Cinder, simplesmente disse:

- Fui programado para seguir instruções.

Dezoito

UM MEDIDROIDE INTERCEPTOU CINDER QUANDO ELA SAÍA DO armazém, bloqueando a passagem com os braços abertos e esticados.

– Pacientes são terminantemente proibidos de deixar a área de quarentena – disse, empurrando Cinder de volta para a escuridão do portal.

Cinder engoliu seu pânico e deteve o robô com a palma da mão contra sua testa lisa.

– Não sou paciente – disse ela. – Nem sequer estou doente. Olhe. – Ela ergueu o cotovelo, exibindo uma pequena ferida por ter sido espetada por tantas agulhas nos últimos dois dias.

Os componentes do androide zumbiram enquanto ele processava a declaração dela, pesquisando no banco de dados uma reação lógica. Então um painel se abriu em seu torso e o terceiro braço, o braço da seringa, se estendeu na direção de Cinder. Ela se encolheu, a pele sensível, mas tentou relaxar enquanto o androide colhia uma nova amostra de sangue. A seringa desapareceu no corpo do androide e Cinder aguardou, desenrolando a manga até a bainha da luva.

O teste pareceu demorar mais do que o do ferro-velho, e o pânico profundo rastejava pela espinha de Cinder – e se o dr. Erland estivesse enganado? – quando ela ouviu um bipe baixo e o androide se afastou, saindo do caminho.

Ela soltou a respiração e não olhou para trás, para o robô ou nenhum de seus companheiros enquanto cruzava o asfalto quente. O aerodeslizador ainda esperava por ela. Acomodando-se no banco traseiro, ela mandou que a levasse até o Palácio de Nova Pequim.

Como estava inconsciente na primeira vez que fora ao palácio, Cinder se viu admirando a janela do aerodeslizador enquanto era levada pela íngreme e sinuosa estrada até o topo dos rigorosos penhascos que contornavam a cidade. A sua rede captou informações, dizendo que o palácio fora construído depois da Quarta Guerra Mundial, quando a cidade era pouco mais do que cascalho. Fora desenhado à moda do Velho Mundo, com doses abundantes de simbolismo nostálgico e engenharia de ponta. Os telhados, semelhantes aos dos pagodes, feitos de telhas tingidas de dourado, eram cercados por gárgulas *qilin*. Mas as telhas eram na verdade feitas de aço galvanizado coberto com minúsculas

cápsulas solares que criavam energia suficiente para manter o palácio todo, inclusive a ala de pesquisa, e as gárgulas eram equipadas com sensores de movimento, escâneres de identidade, câmeras em 360 graus e radares que podiam detectar a aproximação de aeronaves e aerodeslizadores em um raio de quase cem quilômetros. Tudo isso era invisível, contudo: a tecnologia ficava oculta na vigas esculpidas para ornamentação e nos pavilhões enfileirados.

O que despertou a atenção de Cinder não foi a tecnologia moderna, mas uma estrada de pedras arredondadas com fileiras de cerejeiras dos dois lados. Depois de uma janela entreaberta, havia um gotejante riacho.

O aerodeslizador não parou na entrada principal, com suas pérgulas vermelhas. Em vez disso, circulou até o lado norte do palácio, mais próximo à ala de pesquisa. Embora aquela parte do palácio fosse mais moderna, menos nostálgica, Cinder ainda notou uma escultura de Buda agachado com uma expressão alegre ao lado do caminho. Enquanto ela pagava o aerodeslizador e caminhava na direção da porta automática de vidro, sentiu uma vibração sutil no tornozelo – Buda escaneava visitantes à procura de armas. Para seu alívio, o aço em sua perna não disparou nenhum alarme.

Do lado de dentro, foi saudada por um androide que perguntou seu nome e lhe disse que esperasse no banco próximo ao elevador. O centro de pesquisa era uma colmeia de atividade – diplomatas e doutores, embaixadores e androides, todos perambulando pelos corredores em suas missões particulares.

Um elevador se abriu e Cinder entrou, satisfeita por estar sozinha. As portas começaram a se fechar, mas então se abriram novamente.

– Por favor, aguarde – disse a voz mecânica do ascensorista.

Um momento depois, o príncipe Kai disparou pelas portas entreabertas.

– Desculpe, desculpe, obrigado por aguardar...

Ele a viu e congelou.

– Linh-mèi?

Cinder se desencostou da parede do elevador e fez a reverência mais natural que pôde, checando ao mesmo tempo se sua luva esquerda escondia bem seu pulso.

– Vossa Alteza.

As palavras foram um jorro, cuspidas automaticamente, e ela sentiu a necessidade de dizer algo mais, de preencher o espaço do elevador, mas nada veio à mente.

As portas se fecharam; o elevador começou a subir.

Ela limpou a garganta.

– Você deveria, hum, me chamar de Cinder. Não precisa ser tão... *diplomático*.

O canto da boca do príncipe se torceu, mas o quase sorriso não alcançou os olhos dele.

– Tudo bem. Cinder. Você está me seguindo?

Ela fechou a cara, os pelos do pescoço se eriçando antes que percebesse que ele estava implicando com ela.

– Só vim dar uma olhada no medidroide. Aquele que olhei ontem. Para me certificar de que não há nenhuma falha.

Ele assentiu, mas Cinder detectou uma sombra vagando atrás de seus olhos, uma nova tensão em seus ombros.

– Eu estava indo conversar com o dr. Erland sobre o progresso dele. Ouvi boatos de que ele tinha avançado com uma das cobaias. Será que ele disse alguma coisa a você?

Cinder remexeu nos passadores do cinto.

– Não, ele não mencionou nada. Mas eu sou só uma mecânica.

O elevador parou. Kai gesticulou para que ela saísse primeiro e se juntou a ela enquanto percorriam o caminho até os laboratórios. Ela observou o chão branco passando por baixo de seus pés.

– Vossa Alteza? – interrompeu uma jovem com cabelos negros presos em uma trança apertada. Seu olhar estava fixo no príncipe Kai, toda simpatia. – Eu sinto muito.

O olhar de Cinder se voltou para Kai, que virou a cabeça para a mulher.

– Obrigado, Fateen.

E em seguida retomou sua caminhada.

Cinder franziu o cenho.

Nem uma dezena de passos depois, foram parados novamente por um homem que carregava um punhado de frascos transparentes.

– Minhas condolências, Vossa Majestade.

Cinder estremeceu quando seus pés fizeram uma pausa.

Kai parou e olhou para ela.

– Você não viu a net esta manhã.

Um segundo depois, Cinder estava acessando a rede, páginas piscando diante do seu visor. Na página do noticiário, uma meia dúzia de imagens do imperador Rikan e duas de Kai – o príncipe regente.

Ela pôs uma das mãos na boca.

Kai pareceu surpreso, mas sua expressão rapidamente se desvaneceu. Ele baixou a cabeça, a franja preta caindo em seus olhos.

– Bom palpíte.

– Sinto muito mesmo. Eu não sabia.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou corredor abaixo. Apenas agora Cinder

notava o pálido tom avermelhado ao redor dos olhos dele.

– Eu queria muito que a morte do meu pai fosse o pior de tudo.

– Alteza? – A rede dela ainda estava buscando informações, mas nada parecia pior do que o imperador Rikan ter morrido na noite anterior. A única outra informação digna de atenção era que a coroação do príncipe Kai tinha sido marcada para a mesma noite que o Festival da Paz, que aconteceria antes do baile.

Seus olhares se encontraram, como se ele tivesse esquecido com quem conversava.

– Você pode me chamar de Kai?

Ela piscou.

– O quê?

– Sem mais “Vossa Alteza”. Escuto muito isso de... todos os outros. Você deveria me chamar de Kai.

– Não. Isso não seria...

– Não me faça transformar isso numa ordem real. – Ele ameaçou sorrir.

Cinder levantou os ombros até as orelhas, subitamente constrangida.

– Tudo bem. Acho.

– Obrigado. – Ele levantou a cabeça na direção do corredor. – Nós devíamos ir, então.

Ela quase se esqueceu de que estavam no corredor da ala de pesquisas, cercados de gente, todos educadamente os ignorando como se não estivessem ali. Ela olhou corredor abaixo, imaginando se havia falado fora de hora e sentindo-se estranha ao lado do príncipe, que, de repente, era *apenas Kai*. Isso não parecia certo.

– O que havia de errado com o androide?

Ela esfregou uma mancha de óleo na luva.

– Ah, me desculpe. Ela não está pronta ainda. Estou trabalhando nela, juro.

– Não, eu quis dizer o medidroide. O tal que você consertou para o dr. Erland.

– Ah. Ah, tudo bem. Foi... tinha... um... fio solto. Entre o sensor ótico e... o painel de controle. – Kai ergueu uma sobrancelha, e ela não sabia ao certo se o tinha convencido. Cinder limpou a garganta. – Você, hum, disse alguma coisa pior? Antes?

Quando Kai não disse nada por um momento embaraçoso, ela encolheu os ombros.

– Deixa pra lá. Eu não quis me intrometer.

– Não, está tudo bem. Vai descobrir logo, logo. – Ele baixou a voz, inclinando a cabeça na direção dela enquanto andavam. – A rainha lunar nos

informou esta manhã que está vindo para a Comunidade em uma missão diplomática. Supostamente.

Cinder quase tropeçou, mas Kai continuou andando. Ela cambaleou atrás dele.

– A rainha lunar está vindo para cá? Você não pode estar falando sério.

– Eu queria não estar. Cada androide deste palácio passou a manhã removendo toda superfície reflexiva na ala dos hóspedes. É ridículo, como se não tivéssemos nada melhor para fazer.

– Superfícies reflexivas? Sempre achei que isso fosse apenas superstição.

– Evidentemente que não. Algo sobre o encanto delas... – Ele passou um dedo em volta do rosto, depois parou. – Isso na verdade não importa.

– Quando ela virá?

– Hoje.

Cinder sentiu o estômago despencar. A rainha lunar? Vindo para Nova Pequim? Um arrepio rastejou pelos seus braços.

– Farei um anúncio daqui a meia hora.

– Mas por que ela viria justamente agora, quando estamos de luto?

Um sorriso maldoso.

– *Porque* estamos de luto.

Kai parou. Com um olhar pelo corredor, ele se aproximou de Cinder, baixando o tom de voz.

– Ouça, eu realmente agradeço sua ajuda com os medidroides e tenho certeza de que a melhor mecânica da cidade tem um milhão de trabalhos para priorizar, mas, correndo o risco de soar como um príncipe mimado, será que posso pedir a você que passe Nainsi para o topo da lista? Estou ficando ansioso para tê-la de volta. Eu... – Ele hesitou. – Acho que o apoio moral da minha tutora da infância seria muito útil neste momento. Você entende? – A intensidade nos olhos dele não tentava esconder seu verdadeiro significado. Ele queria que ela soubesse que ele estava mentindo. Aquilo não tinha nada a ver com apoio moral ou apegos infantis.

O pânico presente nos olhos do príncipe falava muito mais. Que informação teria o androide que poderia ser tão importante? E o que tinha a ver com a rainha lunar?

– É claro, Vossa Alteza. Desculpe, príncipe Kai. Vou dar uma olhada nela assim que chegar em casa.

Ela pensou ter visto gratidão escondida em algum lugar sob todo o temor dele. Kai gesticulou para uma porta ao seu lado, com a placa DR. DMITRI ERLAND. Ele a abriu e conduziu Cinder para dentro.

O dr. Erland estava sentado a uma mesa laqueada, ruminando sobre uma tela

instalada na superfície. Quando viu Kai, ficou de pé em um salto, ao mesmo tempo pegando seu boné de lã e contornando a mesa na direção deles.

– Vossa Alteza, sinto muito. O que posso fazer para ajudá-lo?

– Nada, obrigado – disse Kai, em uma reação habitual. Então jogou os ombros para trás, reconsiderando. – Encontre uma cura.

– Eu encontrarei, Vossa Alteza. – Ele vestiu o boné. – É claro que vou encontrar. – A convicção no rosto do doutor era quase assustadora, mas também confortante. Cinder imediatamente se perguntou se ele descobrira algo novo nas horas que haviam se passado desde que o vira pela última vez.

Ela pensou em Peony, sozinha na quarentena. Embora fosse uma coisa horrível de se pensar, e ela imediatamente se puniu por isso, não podia evitar – com o imperador Rikan morto, Peony seria a primeira na fila pelo antídoto.

Kai limpou a garganta.

– Encontrei essa bela mecânica lá embaixo, no saguão, e ela me disse que estava aqui para checar os medidroides de novo. Eu sei que poderia conseguir fundos para alguns modelos mais avançados, se você pedir.

Cinder se prendeu àquela palavra simples – *bela* –, mas nem Kai nem o dr. Erland a olharam. Cambaleando, ela observou cuidadosamente o quarto. Uma janela do chão ao teto capturava uma vista perfeita dos exuberantes jardins do palácio e da cidade abaixo. Prateleiras abertas preenchidas com objetos tão familiares quanto incomuns, novos e antigos. Uma pilha de livros – não tablets, mas livros de verdade, de papel. Jarras cheias de folhas e flores secas, jarras cheias de líquidos devidamente etiquetados, jarras cheias de espécies animais e formaldeído. Uma série de rochas, metais e minérios, todos etiquetados com cuidado.

Era o escritório de um doutor bruxo tanto quanto de um aclamado cientista real.

– Não, não, eles só precisavam de uma manutenção – dizia o dr. Erland, mentindo tão facilmente quanto fizera no dia anterior. – Nada com que se preocupar, e eu odiaria ter que programar um novo modelo. Além disso, se não tivéssemos androides com defeito, que desculpa nós teríamos para trazer a srta. Linh ao palácio de tempos em tempos?

Cinder lançou um olhar para o doutor, meio envergonhada, mas o começo de um sorriso surgiu no rosto de Kai.

– Doutor – disse Kai –, ouvi rumores de que você fez algum tipo de descoberta nos últimos dias. É verdade?

O dr. Erland tirou os óculos do bolso e os limpou com a bainha do jaleco.

– Meu príncipe, o senhor já deveria saber que é bobagem dar ouvidos a boatos como esse. Odeio lhe dar esperanças antes de saber algo de mais

concreto. Mas, quando eu tiver alguma informação certa, o senhor será o primeiro a ver o relatório. – Ele deslizou os óculos no nariz.

Kai enfiou as mãos nos bolsos, aparentemente satisfeito.

– Certo. Nesse caso, eu o deixarei em paz e espero ver um relatório em minha mesa qualquer dia.

– Isso pode ser difícil, Vossa Alteza, considerando que o senhor não tem uma mesa.

Kai deu de ombros e se virou para Cinder. Seus olhos se suavizaram um pouco, com uma educada reverência da cabeça.

– Espero que nossos caminhos se cruzem de novo.

– Mesmo? Nesse caso, acho que vou continuar seguindo você. – Ela se arrependeu da piada por meio segundo antes que Kai risse. Uma risada verdadeira, e o peito dela se amornou.

Então o príncipe esticou a mão para pegar a dela – a mão cibernética.

Cinder ficou tensa, receando que ele sentisse o metal duro, mesmo através das luvas, e ainda mais temerosa de tirar a mão e ele desconfiar de alguma coisa. Mentalmente desejou que o membro cibernético se tornasse macio, maleável, *humano*, enquanto observava Kai erguer e beijar o dorso de sua mão. Ela prendeu a respiração, estupefata e constrangida.

O príncipe a soltou, fez uma reverência – o cabelo caindo em seus olhos de novo – e deixou o recinto.

Cinder ficou lá, paralisada, seus nervos interligados por fios zumbindo.

Ela ouviu o dr. Erland grunhir, curioso, mas a porta se abriu novamente tão rápido quanto havia se fechado.

– Que cortês – murmurou o dr. Erland quando Kai entrou novamente na sala.

– Me perdoe, mas posso dar mais uma palavrinha rápida com Linh-mèi?

O dr. Erland fez um movimento rápido na direção dela.

– É claro.

Kai se virou para ela, ainda no corredor.

– Sei que o momento parece ruim, mas confie em mim quando digo que meus motivos são baseados em autopreservação. – Ele respirou fundo. – Você gostaria de ser minha convidada pessoal no baile?

O chão se dissolveu sob os pés de Cinder. Sua mente ficou em branco. Certamente ela não ouvira direito.

Mas ele permaneceu lá, paciente, e depois de um longo momento ergueu ambas as sobrancelhas em uma provocação muda.

– De-desculpe-me?

Kai limpou a garganta. Se empertigou.

– Presumo que você vá ao baile.

– E-eu não sei. Quero dizer, não. Não, sinto muito, mas não vou ao baile.

Kai vacilou, confuso.

– Ah. Bem... mas... talvez você possa mudar de ideia. Porque eu sou... você sabe.

– O príncipe.

– Não estou me gabando – disse ele rapidamente. – É só um fato.

– Eu sei. – Ela engoliu em seco. O baile. O príncipe Kai estava lhe pedindo que o acompanhasse ao baile. Mas aquela era a noite em que ela e Iko fugiriam, se o carro estivesse pronto a tempo. A noite em que deveriam escapar.

Além disso, ele não sabia a quem, o quê, estava convidando. Se soubesse a verdade... o quão envergonhado ficaria se alguém descobrisse?

Kai mudou de apoio de um pé para outro, lançando um olhar nervoso na direção do doutor.

– Sinto muito – gaguejou ela. – Obrigada... Eu... Obrigada. Vossa Alteza. Mas eu respeitosamente devo declinar.

Ele piscou. Seus olhos pareciam estar processando a resposta dela. Então ergueu o queixo e tentou forçar um sorriso que foi quase desanimado.

– Não, tudo bem. Eu entendo.

O dr. Erland se apoiou na mesa.

– Minhas sinceras condolências, Vossa Alteza. Em vários aspectos, parece.

Cinder lançou um olhar gélido para ele, mas ele se concentrou em limpar os óculos de novo.

Kai coçou a nuca.

– Foi bom vê-la de novo, Linh-mèi.

Ela vacilou com a volta da formalidade e tentou falar, sua voz procurando desculpas, explicações, mas o príncipe não esperou por nada disso. A porta já estava se fechando atrás dele.

Ela fechou a mandíbula com um estalo, pensamentos faiscando em sua mente. O dr. Erland estalou a língua, e Cinder se preparou para injuriá-lo com aquelas explicações brotando, mas ele se virou antes que ela tivesse a oportunidade e voltou para sua cadeira.

– Que pena você não poder corar, srta. Linh.

Dezenove

O DR. ERLAND ERGUEU AS MÃOS NA DIREÇÃO DE UMA CADEIRA do outro lado de sua mesa.

– Por favor, sente-se. Só preciso terminar algumas anotações, e depois vou lhe contar algumas coisas que descobri desde ontem à tarde.

Cinder se sentou, satisfeita em tirar o peso do corpo de cima de suas pernas fracas.

– O príncipe acabou de...

– Sim. Eu estava bem aqui. – O dr. Erland se sentou no seu lugar e deu um tapinha na tela sobre a mesa.

Cinder se inclinou para trás na cadeira, segurando os braços para deter a tremedeira. Sua mente estava repassando a conversa enquanto o escâner de retina informava que seu corpo estava produzindo doses maciças de endorfinas e que ela deveria tentar se acalmar.

– O que você acha que ele quis dizer com seus motivos serem baseados em autopreservação?

– Ele provavelmente não quer ser atacado por todas as jovens presentes no baile este ano. Sabe, há alguns anos quase houve um tumulto.

Ela mordeu o lábio. De todas as garotas da cidade, ela era...

A mais conveniente.

Cinder repetiu as palavras para fixá-las na mente. Ela estava aqui e parecia ser sã e era um passo seguro para ele chamá-la para o baile. Só podia ser isso.

Além do mais, ele estava de luto. Não estava em seu pleno juízo.

– O imperador Rikan está morto – disse ela, procurando por qualquer outra coisa em que pensar.

– De fato. O príncipe Kai era bem próximo do pai, sabe?

Ela baixou o olhar para a tela sobre a qual o dr. Erland tinha se curvado. Só conseguia ver o pequeno diagrama de um torso humano, cercado por caixas de texto denso. Não parecia ser dela.

– Eu estaria mentindo – continuou o dr. Erland – se dissesse que não tinha alimentado esperanças secretas de encontrar um antídoto a tempo de salvar Vossa Majestade, embora eu soubesse, desde o momento em que o diagnóstico

foi feito, que era improvável. Porém, devemos prosseguir com nosso trabalho.

Ela assentiu em concordância, pensando na mãozinha de Peony segurando as dela.

– Doutor, por que não contou ao príncipe a meu respeito? Você não quer que ele saiba que encontrou alguém que é imune? Isso não é importante?

Ele apertou os lábios, mas não olhou para ela.

– Talvez eu devesse. Mas seria responsabilidade dele compartilhar a novidade com o país, e não acho que estejamos prontos para chamar atenção para isso. Quando tivermos uma prova concreta de que você é... tão valiosa quanto espero, contaremos nossas novidades ao príncipe. E ao mundo.

Ela apanhou uma caneta para tablet que estava na mesa e a examinou como um mistério científico. Rodando-a como um catavento pelos dedos, murmurou:

– Você também não contou a ele que sou ciborgue.

O doutor estabeleceu contato visual agora, os pés de galinha no canto dos olhos se enrugando.

– Ah. E é com isso que você está mais preocupada agora?

Antes que ela pudesse confirmar ou negar, o dr. Erland agitou a mão como se dispensasse sua atitude defensiva.

– Você acha que eu *deveria* dizer a ele que você é ciborgue? Eu contarei se quiser. Mas francamente não vejo por que isso seria do interesse dele.

Cinder largou a caneta para tablet no colo.

– Não, não é isso... eu só...

O dr. Erland riu com desdém. Estava rindo dela.

Cinder bufou, irritada, e olhou pela janela. A cidade quase cegava de tão clara que estava sob o sol da manhã.

– Não que isso importe. No fim, ele descobrirá.

– É, creio que descobrirá. Especialmente se continuar a demonstrar, hum, *interesse* em você. – O dr. Erland afastou a cadeira da mesa. – Aqui. O sequenciamento do seu DNA foi concluído. Vamos até o laboratório?

Ela o seguiu pelo corredor estéril. Era uma caminhada curta até os laboratórios, e eles entraram no 11D desta vez, que parecia exatamente igual ao 4D: um telão, armários embutidos, uma única mesa de exames. Sem espelho.

Cinder se sentou na mesa de exame sem que ele mandasse.

– Fui até a quarentena hoje... para visitar minha irmã.

O doutor parou, a mão no botão de ligar e desligar a tela.

– Isso foi um pouco arriscado. Você sabe que não se espera que as pessoas *saíam* uma vez que tenham entrado, não sabe?

– Eu sei. Mas eu tinha que vê-la. – Ela balançou as pernas, batendo os pés nas pernas da mesa. – Um dos medidroides fez um exame de sangue antes que

eu saísse e estava tudo em ordem.

O doutor mexeu nos controles do telão.

– De fato.

– Só pensei que você deveria saber, no caso de isso afetar alguma coisa.

– Não afeta. – Ele enfiou a língua no canto da boca. Um segundo depois, a tela se acendeu. Suas mãos deslizaram pela tela, puxando o arquivo de Cinder. Estava mais complicado hoje, repleto de informações que nem ela mesma sabia a seu respeito.

– E eu vi uma coisa – disse ela.

O médico grunhiu, mais concentrado na tela do que nela.

– Um dos medidroides tirou um chip de identificação de uma vítima. Depois que ela morreu. Ele disse que fora programado para tirá-lo. Ele tinha *dezenas* deles.

O dr. Erland se virou para ela com uma expressão pouco interessada. Parecia ponderar sobre aquilo por um momento, então seu rosto lentamente relaxou.

– Bem.

– Bem o quê? Por que ele faria isso?

O médico coçou a bochecha, onde uma barba bem-cuidada começava a crescer ao longo do rosto severo.

– É uma prática comum em partes rurais do mundo, onde a letumose tem tirado vidas muito antes do que nas cidades. Os chips são extraídos dos mortos e vendidos. Ilegalmente, é claro, mas entendo que podem alcançar um bom preço.

– Por que alguém ia querer comprar o chip de identificação de outra pessoa?

– Porque é difícil viver sem um. Contas bancárias, benefícios, licenças, tudo isso requer uma identificação. – Ele juntou as sobrancelhas. – Embora isso levante um ponto interessante. Com todas as fatalidades causadas pela letumose nos últimos anos, era de se pensar que o mercado estaria saturado com chips de identificação desnecessários. É curioso que ainda haja demanda por eles.

– Eu sei, mas quando você já *tem* um... – Ela parou ao perceber o que dizia. Será que era tão fácil roubar a identidade de alguém?

– A não ser que você queira se tornar outra pessoa – disse ele, lendo os pensamentos dela. – Ladrões. Fugitivos da lei. – O doutor coçou a cabeça por cima do chapéu. – Os raros lunares. Eles, é claro, não têm chips de identificação, para começar.

– Não há nenhum lunar na Terra. Bem, a não ser embaixadores, eu acho.

O olhar do dr. Erland se encheu de dó, como se ela fosse uma criança ingênua.

– Ah, sim. Para a consternação infinita da rainha Levana, *nem* todos os lunares são tão facilmente suscetíveis a um contentamento vazio, e muitos

arriscaram a vida para escapar de Luna e se estabelecerem aqui. É difícil deixar a Lua, e tenho certeza de que são muito mais numerosos os que morrem tentando do que os que conseguem, especialmente conforme mais restrições são feitas nos portais lunares, mas estou certo de que isso ainda acontece.

– Mas... é ilegal. Eles não deveriam de forma alguma estar aqui. Por que não os detivemos?

Por um momento, pareceu que o dr. Erland ia dar uma risada.

– Escapar de Luna é difícil, chegar à Terra é a parte fácil. Os lunares têm meios de ocultar suas espaçonaves e seguir caminho para dentro da atmosfera terrestre sem serem detectados.

Mágica. Cinder se inquietou.

– Você faz parecer que eles estão escapando de uma prisão.

O dr. Erland ergueu as sobrancelhas para ela.

– Verdade. Isso mesmo.

Cinder chutou com as botas a mesa do laboratório. A ideia de a rainha Levana vir a Nova Pequim revirara seu estômago – o pensamento de dezenas, talvez centenas de lunares vivendo na Terra disfarçados quase a fez precisar correr para a pia. Esses selvagens – com um chip de identificação programado e habilidade para fazer lavagem cerebral nas pessoas – podiam ser qualquer um, *se tornar qualquer um.*

E os terráqueos nunca saberiam que estavam sendo manipulados.

– Não fique tão assustada, srta. Linh. Em sua maioria, eles residem no interior, onde é mais provável que a presença deles não seja notada. As chances de que você alguma vez tenha cruzado o caminho de um deles é extremamente pequena. – Ele sorriu, um sorriso de aprovação, com os lábios fechados.

Cinder se endireitou na cadeira.

– Você certamente sabe muito sobre eles.

– Sou um homem velho, srta. Linh. Sei muito sobre muitas coisas.

– Tudo bem, eis uma questão. Qual é o problema dos lunares com espelhos? Sempre pensei que fosse apenas um mito eles temerem os espelhos, mas... é verdade?

As sobrancelhas do doutor se uniram.

– Tem algum fundo de verdade. Você entende como funciona e para que serve o encanto dos lunares?

– Não muito.

– Ah, entendi – disse ele, balançando-se para trás nos calcanhares. – Bem... o dom lunar nada mais é do que a habilidade de manipular energia bioelétrica, a energia que é naturalmente criada por todas as coisas vivas. Por exemplo, é a mesma energia que tubarões usam para detectar suas presas.

– Parece algo que os lunares fariam.

As linhas ao redor da boca do doutor se enrugaram.

– Os lunares têm a habilidade sem paralelo de não apenas detectar bioeletricidade nos outros, mas também de controlá-la. Eles podem manipulá-la de forma que as pessoas vejam o que os lunares quiserem e até mesmo sintam o que os lunares desejarem. Encanto é o nome que eles dão à ilusão de si mesmos que projetam na mente dos outros.

– É como fazer as pessoas pensarem que você é mais bonito do que é de fato?

– Exatamente. Ou... – Ele gesticulou para as mãos de Cinder. – Fazer uma pessoa ver pele onde na verdade há metal.

Cinder esfregou, constrangida, a mão cibernética por cima da luva.

– Esse é o motivo pelo qual a rainha Levana é tão admirável de se olhar. Alguns lunares talentosos, como a rainha, mantêm o encanto ativo o tempo todo. Mas, da mesma forma que ela não pode enganar os netscreens, também não consegue fazer isso com espelhos.

– Então eles não têm espelhos porque não querem se ver?

– Vaidade é um fato, mas é mais uma questão de controle. É mais fácil induzir os outros a acreditar que você é lindo se você puder se convencer de que você é lindo. Mas espelhos têm um jeito incomum de dizer a verdade. – O dr. Erland a encarou, como se estivesse se divertindo. – E agora uma pergunta para você, srta. Linh. Por que o súbito interesse em lunares?

Umedecendo os lábios, Cinder baixou o olhar para as mãos e percebeu que ainda estava com a caneta para tablet roubada da mesa dele.

– Algo que Kai disse.

– Sua Majestade?

Ela assentiu.

– Ele me disse que a rainha Levana está vindo para Nova Pequim.

O doutor recuou. Ele ficou boquiaberto, as sobrancelhas volumosas quase tocando a aba do chapéu, então deu um passo para trás, batendo nos arquivos. Pela primeira vez naquele dia, a atenção dele estava inteiramente voltada para ela.

– Quando?

– A chegada dela é esperada para hoje.

– *Hoje?*

Ela pulou. Não poderia imaginar o dr. Erland levantando a voz daquele jeito. Ele se afastou dela, coçando o chapéu, ponderando.

– Você está bem?

Ele dispensou a pergunta com um gesto.

– Suponho que ela estivesse esperando por isso.

Ele tirou o chapéu, revelando um ponto calvo cercado por fios finos e bagunçados. Passou a mão por ele umas poucas vezes, olhando para o chão.

– Ela espera se aproveitar de Kai. Sua juventude, sua inexperiência. – Ele soltou uma respiração furiosa e vestiu novamente o boné.

Cinder espalmou os dedos nos joelhos.

– O que você quer dizer, se aproveitar dele?

Ele se virou para ela. O rosto tenso, os olhos turbulentos. O olhar que cravou em Cinder fez com que ela se encolhesse de novo.

– Você não deveria estar preocupada com o príncipe, srta. Linh.

– Não deveria?

– Ela está vindo hoje? Foi o que ele lhe disse?

Ela assentiu.

– Então você deve partir. Rápido. Você não pode estar aqui quando ela chegar.

Ele a espantou da mesa. Cinder desceu, mas não fez nenhum movimento em direção à porta.

– O que isso tem a ver comigo?

– Temos suas amostras de sangue e seu DNA. Podemos nos virar sem você por agora. Só fique bem longe do palácio até que ela tenha ido embora, entendeu?

Cinder empacou no lugar.

– Não. Não entendi.

O médico desviou o olhar dela para o netscreen, que ainda mostrava suas estatísticas. Parecia confuso. Velho. Exausto.

– Tela, exibir atualização.

As estatísticas de Cinder desapareceram, substituídas por um âncora do noticiário. A manchete acima dele anunciava a morte do imperador.

– ... Alteza está se preparando para fazer um discurso dentro de alguns minutos sobre a morte de Sua Majestade Imperial e a coroação por vir. Estaremos transmitindo ao vivo...

– Mudo.

Cinder cruzou os braços.

– Doutor?

Ele virou olhos suplicantes para Cinder.

– Srta. Linh, você deve ouvir com muita atenção.

– Vou botar o volume da minha interface de áudio no máximo. – Ela se apoiou nos arquivos, desapontada quando o dr. Erland não fez muito mais do que piscar para ela com sarcasmo.

Em vez disso, deixou escapar um suspiro contrariado.

– Não sei ao certo como dizer isso. Pensei que teria mais tempo. – Ele esfregou as mãos. Andou na direção da porta. Endireitou os ombros e olhou para Cinder de novo. – Você tinha onze anos quando passou pela cirurgia, certo?

A pergunta não era o que ela esperava.

– Foi...

– E antes disso, você não se lembra de nada?

– Nada. O que isso tem a ver com...?

– Mas e seus pais adotivos? Com certeza eles lhe contaram algo sobre sua infância. Suas origens.

A palma da mão direita de Cinder começou a suar.

– Meu pai adotivo morreu logo depois do acidente, e Adri não gosta de falar sobre isso, se é que sabe de alguma coisa. A minha adoção não estava exatamente nos planos dela.

– Você sabe alguma coisa sobre seus pais biológicos?

Cinder sacudiu a cabeça.

– Só os nomes deles, datas de nascimento... o que estava nos meus arquivos.

– Os arquivos no seu chip de identificação.

– Bem... – A irritação cresceu dentro dela. – Aonde você quer chegar?

Os olhos do dr. Erland se suavizaram, tentando oferecer algum conforto, mas o olhar apenas a enervou.

– Srta. Linh, a partir de suas amostras de sangue deduzi que você é, na verdade, uma lunar.

A palavra se abateu sobre Cinder como se ele estivesse falando um idioma diferente. A máquina em seu cérebro continuou funcionando, como se trabalhasse tentando resolver uma equação impossível.

– Lunar? – A palavra evaporou de sua língua, quase não existindo.

– Sim.

– *Lunar*?

– Isso mesmo.

Ela recuou. Olhou para as paredes, a mesa de exame, o âncora silencioso do noticiário.

– Eu não tenho poderes mágicos – disse ela, cruzando os braços como provocação.

– É, bem. Nem *todos* os lunares nascem com o dom. Eles são chamados de cascudos, o que tem uma conotação ligeiramente depreciativa em Luna, então... Bem, bioeletricamente deficiente não soa muito melhor, não é? – Ele deu um risinho para si mesmo, de uma maneira estranha.

A mão de metal de Cinder se retesou. Ela desejou brevemente ter algum tipo

de mágica que pudesse disparar um raio na cabeça dele.

– Eu não sou lunar. – Ela tirou a luva e agitou a mão para ele. – Sou um *ciborgue*. Você não acha que isso já é ruim o bastante?

– Lunares podem ser ciborgues tão facilmente como humanos. É raro, claro, dada a intensa oposição deles a cibernética e interfaces cerebrais mecânicas...

Cinder fingiu um engasgo.

– *Não*. Quem se oporia a isso?

– Mas ser lunar e ser ciborgue não são incompatíveis. E não é uma surpresa total que você tenha sido trazida para cá. Desde a admissão do infanticídio dos nascidos sem dom, durante o reinado da rainha Channary, muitos pais lunares tentam salvar seus filhos cascudos trazendo-os para a Terra. É claro, a maioria deles morre ou é executada como punição pela tentativa, mas ainda assim... acredito que esse tenha sido o seu caso. A parte do salvamento. Não a da execução.

Uma luz laranja piscou no canto do visor dela. Cinder semicerrou os olhos para o homem.

– Você está mentindo.

– Não estou mentindo, srta. Linh.

Ela abriu a boca para argumentar – mas qual parte? O que exatamente ele tinha dito para disparar o detector de mentiras?

A luz se foi assim que ele continuou a falar.

– Isso também explica sua imunidade. Na verdade, quando o seu sistema combateu os patógenos ontem, a possibilidade de você ser lunar foi a primeira que passou pela minha mente, mas não quis dizer nada até ter a confirmação.

Cinder pressionou as palmas das mãos nos olhos, bloqueando as fortes luzes fluorescentes.

– O que isso tem a ver com imunidade?

– Lunares são imunes à doença, é evidente.

– Não. Não é *evidente*. Isso não é de conhecimento geral. – Ela enrolou as mãos no rabo de cavalo.

– Ah. Bem, mas é senso comum quando você conhece a história. – Ele torceu as mãos. – O que, creio eu, não acontece com a maioria das pessoas.

Cinder escondeu o rosto, arfando. Talvez ela pudesse presumir que o homem era louco e não ter que acreditar em nada do que ele dizia, afinal.

– Sabe – disse o dr. Erland –, lunares são os hospedeiros originais da letumose. A migração deles para áreas rurais da Terra, principalmente durante o reinado da rainha Channary, colocou a doença em contato com os humanos pela primeira vez. Historicamente, é uma situação comum. Os ratos levaram a peste bubônica à Europa, os conquistadores levaram varíola aos americanos nativos.

Soa muito Segunda Era os terráqueos considerarem sua imunidade algo garantido agora, mas com a migração de lunares, bem... os sistemas imunológicos terráqueos apenas não estavam preparados. Uma vez que mesmo um punhado de lunares chegou, trazendo consigo a doença, ela começou a se espalhar como um incêndio fora de controle.

– Pensei que eu não fosse contagiosa.

– Você não é *agora*, porque seu corpo desenvolveu formas de se livrar da doença, mas deve ter sido em algum momento. Além disso, suspeito que lunares tenham níveis diferentes de imunidade. Enquanto alguns podem livrar o corpo inteiramente da doença, outros carregam-na sem apresentar os sintomas, espalhando-a por todos os lados por onde passam e inconscientes do problema que causam.

Cinder agitou as mãos diante dele.

– Não. Você está enganado. Tem que haver outra explicação. Eu não posso ser...

– Entendo que é demais para compreender nesse momento. Mas preciso que você entenda por que não poderá estar presente quando a rainha chegar. É perigoso demais.

– Não, você *não* entende. Eu não sou um *deles*!

Ser ciborgue e lunar. Uma dessas coisas já era o bastante para fazer dela uma mutante, uma rejeitada, mas ser *ambas*? Ela encolheu os ombros. Lunares eram pessoas cruéis e selvagens. Eles matavam suas crianças que nasciam sem o dom. Mentiam, trapaceavam e faziam lavagem cerebral uns nos outros porque *podiam*. Não se importavam com o mal que fariam, desde que fossem beneficiados. Ela não era um deles.

– Srta. Linh, você deve me ouvir. Você foi trazida até aqui por um motivo.

– Qual, ajudar você a encontrar a cura? Acha que isso é algum tipo de presente tortuoso do destino?

– Não estou falando de sorte ou destino. Estou falando de sobrevivência. Você *não pode* deixar que a rainha a veja.

Cinder se encolheu contra o gabinete, ainda mais perplexa.

– Por quê? Por que ela se importaria comigo?

– Ela se importaria bastante com você. – Ele hesitou, seus olhos azuis selvagens de pânico. – Ela... ela odeia cascudos lunares, sabe. Cascudos são imunes ao encanto lunar. – Ele girou as mãos pelo ar, procurando. – É a *lavagem cerebral* deles, propriamente dita. A rainha Levana não consegue controlar cascudos, motivo pelo qual continua mandando exterminá-los. – Seus lábios se endureceram. – Nada impedirá a rainha Levana de assegurar seu controle, de exterminar qualquer resistência. Isso significa matar aqueles que podem resistir a

ela, gente como você. Está me entendendo, srta. Linh? Se ela visse você, isso significaria sua morte.

Engolindo em seco, Cinder pressionou o pulso esquerdo com o polegar. Não conseguia sentir seu chip de identificação, mas sabia que ele estava no lugar.

Extraído de algum falecido.

Se o dr. Erland estivesse certo, então tudo que ela sabia sobre si mesma, sua infância, seus pais, estava errado. Uma história inventada. Uma garota inventada.

A ideia de lunares fugitivos não soava mais tão estranha.

Ela se virou na direção do netscreen. Kai estava lá agora, na sala de imprensa, falando em um pódio.

– Srta. Linh, alguém passou por um baita problema para trazê-la para cá, e agora você está em perigo extremo. Você não pode correr esse risco.

Ela mal ouviu, observando enquanto o texto começou a rolar ao longo da parte inferior da tela.

ANUNCIADO: A RAINHA LUNAR LEVANA VIRÁ À COMUNIDADE ORIENTAL PARA DISCUTIR UMA ALIANÇA DE PAZ.

ANUNCIADO: A RAINHA LUNAR LEVANA...

– Srta. Linh, você me ouviu?

– Ouvi – disse ela. – Perigo extremo. Eu ouvi.

A ESPAÇONAVE LUNAR NÃO ERA MUITO DIFERENTE DAS NAVES terráqueas, exceto pelo fato de que brilhava como se tivesse diamantes incrustados, e uma série de runas douradas circulava seu casco em uma linha ininterrupta. A nave estava clara demais sob o sol da tarde, e Kai teve que semicerrar os olhos para olhar. Ele não sabia se as runas eram mágicas ou se a intenção deles era que parecessem assim. Não sabia se a nave era feita de um material decorativo e brilhante, ou se apenas a haviam pintado dessa forma. Ele só sabia que doía olhar para ela.

A nave era maior do que o transporte pessoal em que a taumaturga-chefe da rainha, Sybil, viera à Terra, e ainda assim relativamente pequena para toda a importância que trazia consigo: menor do que a maioria das naves de passageiros e menor do que qualquer transporte de carga que Kai já vira. Era uma nave particular, feita apenas para a rainha lunar e seu séquito.

A nave pousou sem nenhum solavanco. Vapor se levantou do concreto em ondas borbulhantes. A fina seda da camisa de Kai colou em suas costas e um fio de suor começou a escorrer pelo seu pescoço – à noite, o comitê de boas-vindas estaria protegido pelas paredes de pedra, mas agora estava sob o ataque do sol de agosto.

Eles aguardaram.

Torin, ao lado de Kai, não se inquietou. Seu rosto estava impassível, expectante. Sua tranquilidade só serviu para inquietar Kai ainda mais.

Do outro lado de Kai, Sybil Mira estava vestida com seu casaco branco oficial com runas bordadas, similares àquelas que se encontravam na nave. O material parecia leve, ainda que a cobrisse do alto do pescoço até as juntas de cada mão, e as caudas alargadas ficassem penduradas para além dos joelhos. Ela devia estar morrendo de calor, mas parecia completamente serena.

Poucos passos atrás dela estava o guarda louro, com as mãos unidas atrás das costas.

Dois dos guardas reais de Kai postavam-se de cada lado da plataforma.

Isso era tudo. Levana insistira para que ninguém mais a recebesse na plataforma.

Kai enterrou as unhas nas palmas das mãos em uma tentativa de manter o

desdém longe do rosto e esperou pacientemente enquanto o calor grudava sua franja à testa.

Finalmente, quando a rainha pareceu ter se cansado de fazê-los sofrer, a rampa da nave desceu, revelando escadas prateadas.

Dois homens desembarcaram primeiro – ambos altos e musculosos. Um era pálido, com cabelo cor de laranja selvagemmente desgrenhado, e vestia a mesma armadura de guerra e armamentos do guarda de Sybil. O outro era escuro como o céu da noite, sem nem um fio de cabelo sequer, e usava um casaco como o de Sybil, com mangas boca de sino e bordadas. O dele, entretanto, era vermelho, anunciando que estava abaixo de Sybil, um taumaturgo suplente. Kai ficou feliz em saber o suficiente sobre a corte lunar para reconhecer isso, pelo menos.

Ele observou enquanto os dois homens mapeavam a plataforma, as paredes em volta e o grupo reunido com expressões estoicas antes de se postarem cada um de um lado da rampa.

Sybil esgueirou-se para a frente. Kai trouxe o ar sufocante.

A rainha Levana apareceu no topo da escada. Ainda usava um véu muito longo e muito claro sob o sol implacável. Seu vestido branco roçava os quadris enquanto ela descia os degraus e aceitava a mão de Sybil.

Sybil se curvou sobre um joelho e tocou as articulações do pé da rainha com a testa.

– Nossa separação foi insuportável. Estou feliz em mais uma vez poder servi-la, minha rainha. – Em seguida ela ficou de pé e, com um único movimento singelo, ergueu o véu de Levana, ajustando-o para trás.

O ar quente entrou na garganta de Kai, sufocando-o. A rainha parou somente o tempo necessário para parecer que estava deixando seus olhos se acostumarem à claridade da luz do sol na Terra – mas Kai suspeitava de que na verdade ela queria que ele a visse.

Era de fato linda, como se alguém tivesse medido com precisão científica a perfeição e usado as informações para moldar um único exemplo ideal da espécie. Seu rosto tinha uma leve forma de coração, com maçãs altas e um pouco coradas. Cabelos castanho-avermelhados caíam em cachos sedosos até a cintura, e sua pele imaculada de mármore cintilava como madrepérola ao sol brilhante. Seus lábios eram extremamente vermelhos, o que dava a impressão de que a rainha tinha bebido uma caneca de sangue.

Um arrepio sacudiu Kai de dentro para fora. Ela era sobrenatural.

Kai arriscou um olhar para Torin e viu que ele sustentava o olhar de Levana sem nenhuma emoção aparente. Ver a determinação de seu conselheiro fez com que a mesma perseverança percorresse Kai. Lembrando-se de que era apenas uma ilusão, forçou-se a olhar para a rainha de novo.

Os olhos de ônix dela brilharam ao pousarem sobre ele.

– Vossa Majestade – disse Kai, levando o pulso ao coração –, é uma grande honra recebê-la em meu país e em meu planeta.

Os lábios dela se torceram. Uma doçura iluminou o seu rosto – inocente como o de uma criança. Isso o inquietou. Ela não fez nenhuma reverência, nem sequer assentiu. Em vez disso, ergueu a mão.

Kai hesitou, encarando a pele pálida, translúcida, perguntando-se se apenas tocá-la era o bastante para destruir a mente de um homem.

Recompondo-se, pegou a mão dela e deu um rápido beijo em seus dedos. Nada aconteceu.

– Vossa Alteza – disse ela em uma voz ritmada que reverberou pela espinha de Kai. – É uma grande honra ser tão bem recebida. Quero novamente oferecer minhas sinceras condolências pela perda de seu pai, o grande imperador Rikan.

Kai sabia que ela não sentia de forma alguma a morte de seu pai, mas nem a expressão nem o tom de sua voz o demonstravam.

– Obrigado – respondeu ele. – Espero que tudo corra de acordo com suas expectativas durante a visita.

– Estou ansiosa pela famosa hospitalidade da Comunidade Oriental.

Sybil deu um passo à frente, os olhos respeitosamente evitando a rainha Levana.

– Eu inspecionei pessoalmente suas instalações, minha rainha. Elas são inferiores a nossas acomodações em Luna, mas acho que serão adequadas.

Levana não tomou conhecimento de sua taumaturgia, mas seu olhar se suavizou, e o mundo mudou. Kai sentiu que o chão se abria embaixo dele. Que o ar havia sido tragado da atmosfera terrestre. Que o sol se apagara, fazendo com que a rainha etérea fosse a única fonte de luz na galáxia.

Lágrimas brotaram no fundo de seus olhos.

Ele a amava. Precisava dela. Faria qualquer coisa para agradá-la.

Enterrou as unhas nas palmas das mãos o mais fundo que conseguiu, quase gritando de dor, mas funcionou. O controle da rainha se desfez, ficando apenas a bela mulher – não a adoração desesperada por ela.

Kai sabia que ela estava consciente do efeito que tinha sobre ele enquanto o príncipe lutava para acalmar a respiração irregular, e ainda que ele quisesse detectar arrogância em seus olhos negros, não viu nada. Nada mesmo.

– Se você vier comigo – disse ele, a voz levemente rouca –, lhe mostrarei seus aposentos.

– Isso não será necessário – disse Sybil. – Estou bem familiarizada com a ala dos hóspedes e posso levar Sua Majestade eu mesma. Gostaríamos de um momento para conversarmos a sós.

– É claro – respondeu Kai, esperando que seu alívio não ficasse muito evidente.

Sybil liderou o caminho, o taumaturgo suplente e os dois guardas marchando atrás. Ignoraram a presença de Kai e Torin ao passarem, mas Kai não duvidava de que eles golpeariam seu pescoço em um segundo caso ele fizesse qualquer movimento suspeito.

Ele deixou escapar uma respiração trêmula quando se foram.

– Você a sentiu? – perguntou em um tom que era pouco mais que um sussurro.

– É claro – disse Torin. Seus olhos estavam voltados para a nave, mas ele podia estar olhando para Marte, pelo foco de seu olhar. – Você resistiu bem a ela, Vossa Alteza. Sei que foi difícil.

Kai passou as mãos pelos cabelos, procurando uma brisa, qualquer brisa, mas não havia.

– Não foi tão difícil. Foi apenas por um momento.

Os olhos de Torin encontraram os dele. Foi uma das poucas vezes em que Kai vira sincera simpatia naquele olhar.

– Ficaré mais difícil.



LIVRO

Três

Você quer ir ao baile toda suja e coberta de poeira? Isso só nos envergonharia!



Vinte e Um

CINDER DESMORONOU EM SUA MESA DE TRABALHO, ALIVIADA por finalmente ter saído daquele apartamento sufocante. Não apenas o sistema de ar estava quebrado – *de novo* – e o serviço de manutenção não aparecia, mas a estranheza entre ela e Adri beirava o insuportável. Vinham se alfinetando desde que ela chegara em casa do laboratório, dois dias antes. Adri tentara lembrar a Cinder sua superioridade ordenando-lhe que desfragmentasse o computador central de todo o apartamento e atualizasse o software que elas nem sequer usavam mais. Ao mesmo tempo, espreitava-a como se quase já estivesse envergonhada do que fizera a Cinder.

Mas Cinder provavelmente estava imaginando essa última parte.

Pelo menos Pearl saíra durante o dia todo e só aparecera quando Cinder e Iko estavam de saída para trabalhar no carro.

Outro longo dia. Outra noite de trabalho. O carro precisava de mais reparos do que ela imaginara – todo o sistema de escapamento necessitava ser trocado, o que significava que ela mesma teria de produzir várias partes, o que lhe traria muitas dores de cabeça. Cinder tinha o pressentimento de que não conseguiriam descansar se quisesse que ele estivesse em condições de circular até a noite do baile.

Ela suspirou. O *baile*.

Não se arrependia de ter recusado o convite do príncipe, porque sabia como isso poderia acabar mal. Um número enorme de coisas poderia dar errado – desde tropeçar nas escadas e mostrar ao príncipe uma sensual coxa de metal até encontrar Pearl, Adri ou alguém do mercado. As pessoas comentariam. Os canais de fofoca com certeza vasculhariam seu passado, e em muito pouco tempo o mundo todo saberia que o príncipe tinha levado um ciborgue para seu baile de coroação. Ele ficaria envergonhado. *Ela* ficaria envergonhada.

Mas o fato de ela se perguntar se estava agindo bem não facilitava as coisas. E se o príncipe Kai não se importasse? E se o mundo fosse diferente e ninguém se importasse com o fato de ela ser ciborgue... e, além disso, de ela ser lunar?

Aham. Quem dera.

Ao ver o netscreen quebrado sobre o tapete, ela se levantou da cadeira e se

ajoelhou diante dele. A tela negra era reflexiva o suficiente para que ela pudesse ver o contorno de seu rosto e corpo, a pele bronzeada dos braços contrastando com o metal escuro em sua mão.

A negação seguiria seu curso até não ter mais para onde ir. Ela era lunar.

Mas não temia a superfície espelhada, não temia seu próprio reflexo. Não conseguia entender o que Levana e os conterrâneos *delas* achavam tão perturbador naquilo. Suas partes mecânicas eram a única coisa perturbadora no reflexo de Cinder, e isso fora feito a ela na Terra.

Lunar. E ciborgue.

E fugitiva.

Adri sabia? Não, Adri jamais abrigaria uma lunar. Se soubesse, teria denunciado Cinder ela mesma, provavelmente esperando pagamento.

O marido de Adri sabia?

Essa era uma pergunta cuja resposta talvez Cinder nunca soubesse.

De qualquer forma, estava confiante de que, enquanto o dr. Erland não dissesse nada, seu segredo estaria a salvo. Ela apenas precisava seguir adiante como se nada tivesse acontecido.

De várias maneiras, nada acontecera. Ela era tão excluída quanto antes.

Um brilho branco chamou sua atenção na superfície da tela – o androide de Kai, com o sensor sem vida olhando para ela de seu lugar na mesa. O corpo em forma de pera era a coisa mais clara da sala e, provavelmente, a mais limpa. Fez com que se recordasse dos medidroides estéreis nos laboratórios das quarentenas, mas aquela máquina não tinha bisturis nem seringas escondidos em seu torso.

Trabalho. Mecânica. Ela precisava daquela distração.

Voltando para a mesa, ela mudou sua interface de áudio para alguma música de fundo tranquila. Tirou as botas, segurou os lados do androide e o rolou na sua direção. Após um rápido exame do revestimento externo, ela virou o androide, deitando-o de forma que ele se equilibrasse sobre as rodas.

Cinder abriu o painel traseiro e inspecionou os fios ao longo da moldura cilíndrica. Não era um androide complicado. O interior, na maior parte, era oco, uma concha para abrigar o mínimo de discos rígidos, fios e chips. Androides tutores requeriam pouco mais do que uma unidade central de processamento. Cinder suspeitou de que o androide teria que ser apagado e reprogramado, mas tinha a sensação de que essa não era uma opção viável. Apesar da indiferença de Kai, estava claro que o androide sabia de algo importante, e depois da conversa deles no saguão da ala de pesquisas ela teve um pressentimento inquietante de que tinha algo a ver com lunares.

Estratégias de guerra? Comunicação confidencial? Evidência para

chantagem? Fosse lá o que fosse, Kai com certeza achava que poderia ajudar, e confiaria em Cinder para salvar o conteúdo.

– Sem pressão nem nada – murmurou ela, segurando uma lanterna entre os dentes para que pudesse ver a parte de dentro do androide. Pegou um alicate e esticou os fios de um lado para o outro do crânio. Sua configuração era similar à de Iko, então Cinder sentiu familiaridade com as partes dela, e sabia exatamente onde encontrar todas as conexões importantes. Ela checkou se as ligações entre os fios estavam funcionando, se a bateria segurava carga, se nenhuma peça importante estava faltando, e tudo pareceu bem. Limpou o transmissor de som e ajustou a ventilação interna, mas Nainsi, o androide, continuou uma estátua sem vida em plástico e alumínio.

– Toda arrumada sem nenhum lugar para ir – disse Iko da porta.

Cinder deixou cair a lanterna com uma risada e olhou para baixo, para sua calça cargo suja de graxa.

– Aham, certo. Tudo que preciso é de uma tiara.

– Eu estava falando de mim.

Ela girou a cadeira. Iko colocara um colar de pérolas em volta da cabeça bulbosa e passara batom cor de cereja embaixo do sensor, em uma péssima imitação de lábios.

Cinder riu.

– Uau. Essa cor fica ótima em você.

– Você acha? – Iko rolou para dentro da garagem e parou diante da mesa de Cinder, tentando ver seu reflexo no netscreen. – Eu estava imaginando que podia ir ao baile e dançar com o príncipe.

Cinder esfregou a mandíbula e distraidamente batucou na mesa com a outra mão.

– Engraçado. Eu me peguei imaginando exatamente a mesma coisa nos últimos dias.

– Eu sabia que você tinha gostado dele. Você finge ser imune aos seus encantos, mas pude ver o jeito que você o olhou no mercado. – Iko esfregou o batom, espalhando-o pelo queixo branco.

– Aham, bem... – Cinder apertou com os dedos de metal a ponta do alicate.
– Todos temos nossas fraquezas.

– Eu sei – disse Iko. – A minha é por sapatos.

Cinder jogou a ferramenta na mesa. Algo como culpa começava a crescer dentro dela quando Iko estava por perto. Ela sabia que deveria contar-lhe sobre ser lunar, pois Iko, mais do que qualquer um, entenderia como era ser diferente e indesejada. Mas de alguma forma não conseguia dizer aquilo em voz alta. *Aliás, Iko, acontece que sou lunar. Você não se importa, não é?*

– O que você está fazendo aqui embaixo? – perguntou ela, em vez disso.
– Só vendo se você precisava de alguma ajuda. Eu deveria estar tirando poeira dos ventiladores, mas Adri estava no banho.

– E?

– Eu ouvi ela chorando.

Cinder piscou, confusa.

– Ah.

– Aquilo fez com que eu me sentisse inútil.

– Entendo.

Iko não era um androide servo normal, mas tinha uma característica proeminente – sentir-se inútil era a pior emoção que poderia experimentar.

– Bem, claro, você pode ajudar – disse Cinder, esfregando as mãos. – Só não deixe que ela pegue você usando essas pérolas.

Iko ergueu o colar de contas com suas pinças, e Cinder notou que ela usava a fita que Peony lhe dera. Ela recuou, como se tivesse levado uma ferroadada.

– Que tal um pouco de luz?

O sensor azul se iluminou, irradiando um foco de luz no interior de Nainsi.

Cinder apertou os lábios.

– Você acha que ele poderia ter um vírus?

– Talvez a programação dele estivesse sobrecarregada com a sensualidade excepcional do príncipe Kai.

Cinder se encolheu.

– Será que poderíamos, por favor, não falar no príncipe?

– Não acho que isso será possível. Você está trabalhando no androide dele, afinal. Pense só nas coisas que ele sabe, que viu e... – A voz de Iko afinou. – Você acha que ela já viu o príncipe nu?

– Ah, pelo amor de Deus. – Cinder arrancou as luvas e as jogou na mesa. – Você não está ajudando.

– Só estou puxando conversa.

– É melhor parar. – Cruzando os braços sobre o peito, Cinder empurrou a cadeira para longe da mesa de trabalho e apoiou as pernas em cima dela, descansando. – Tem que ser algum problema de software.

Ela deu um sorrisinho malicioso para si mesma. Os problemas de software em geral se resolviam com a reinstalação, mas isso tornaria o androide uma lousa em branco. Ela não sabia se Kai estava preocupado com o chip de personalidade do androide, que provavelmente evoluíra para algo bem complicado depois de vinte anos de serviço, mas tinha certeza de que Kai estava preocupado com alguma coisa no disco rígido daquele androide e não queria se arriscar a apagar o que quer que fosse.

A única maneira de determinar o que havia de errado e se uma reinstalação seria necessária era checar o diagnóstico interno do robô, e para isso era preciso se conectar a ele. Cinder odiava se conectar. Sempre se sentia um pouco exposta ao perigo quando conectava sua própria fiação a um objeto estranho, como se, caso ela não fosse cuidadosa, seu próprio software pudesse ser apagado.

Criticando a si mesma por ser melindrosa, esticou a mão para o painel na parte de trás da cabeça. Sua unha encontrou a pequena tranca e a abriu.

– O que é isso?

Cinder olhou para a mão de Iko em forma de pinça que apontava.

– O que é o quê?

– Esse chip.

Cinder pôs os pés no chão e se inclinou para a frente. Semicerrou os olhos para ver a parte de trás do modelo, onde uma fileira de pequenos chips estavam dispostos como soldados ao longo do fundo do painel de controle. Havia vinte plugues no total, mas apenas treze deles estavam ocupados; fabricantes sempre deixavam espaço de sobra para acréscimos e atualizações.

Iko avistara o décimo terceiro chip, e ela estava certa. Havia algo de diferente nele. Estava enfiado longe o bastante dos demais chips para passar despercebido em uma olhada geral, mas quando Cinder o mirou com a lanterna, brilhou como prata polida.

Cinder fechou o painel na parte da cabeça e pesquisou a impressão digital do modelo do androide em sua retina. De acordo com os planos originais do fabricante, aquele modelo vinha apenas com doze chips. Mas com certeza, depois de vinte anos, o androide teria recebido pelo menos um acréscimo. Certamente o palácio tinha acesso aos mais novos e melhores programas disponíveis. Ainda assim, Cinder jamais vira um chip como aquele.

Ela pressionou com a unha as garrinhas que prendiam o chip e pegou a ponta dele com o alicate. Ele deslizou do plugue como se tivesse graxa.

Cinder o segurou perto do rosto para analisá-lo. Exceto pelo acabamento perolado e brilhante, parecia um chip de programação igual a qualquer outro. Virando-o, viu as letras D-COMM gravadas no verso.

– É isso mesmo? – Ela abaixou o braço.

– O que é? – perguntou Iko.

– Um chip de comunicação direta.

Cinder franziu a testa. Quase toda a comunicação era feita pela rede – comunicação direta que não usava a rede era quase obsoleta, já que era lenta e tinha tendência a perder a conexão no meio de uma ligação. Ela supôs que tipos paranoicos que exigiam absoluta privacidade achariam comunicados diretos atraentes, mas, mesmo assim, usariam um tablet ou um netscreen, um dispositivo

que fosse preparado para tal. Usar um androide como uma das partes da ligação não fazia sentido algum.

A luz de Iko escureceu.

– Meu banco de dados informa que androides não vêm equipados com dispositivos para comunicação direta desde o ano 89 da Terceira Era.

– O que explicaria o motivo de o chip não funcionar com a programação dela. – Cinder ergueu o chip na direção de Iko. – Você pode fazer um escaneamento do material, ver do que ele é feito?

Iko recuou.

– De jeito nenhum. Ter um colapso mental não está na minha lista de coisas a fazer hoje.

– Não parece que ele tenha causado a falha no funcionamento. Será que o sistema simplesmente não o rejeitou? – Cinder ficou virando o chip em vários ângulos, para a frente e para trás, fascinada pela forma como sua superfície reflexiva absorvia a luz de Iko. – A menos que tenha tentado enviar informação pela ligação direta. Isso poderia mexer com a rede.

Pondo-se de pé, Cinder andou devagar pelo espaço de armazenamento em direção ao netscreen. Embora sua moldura estivesse quebrada, a tela e os controles pareciam intactos. Ela deslizou o chip para dentro e pressionou o botão de força, tendo que apertá-lo mais do que o habitual antes que uma pálida luz verde se acendesse ao lado do driver e a tela se iluminasse com uma luz azul-clara. Um círculo no canto anunciava que o dispositivo estava lendo o novo chip. Cinder soltou a respiração e cruzou as pernas embaixo de si.

Um segundo depois, o círculo desapareceu, substituído por texto.

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO DESCONHECIDO.

POR FAVOR, AGUARDE...

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO DESCONHECIDO

POR FAVOR, AGUARDE...

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO DESCONHECIDO

POR FAVOR, AGUARDE...

Cinder esperou. E moveu seus pés para a frente e para trás. E esperou. E batucou no joelho com os dedos. E começou a se perguntar se estava perdendo tempo. Ela nunca ouvira falar de um chip de comunicação direta fazendo mal a alguma coisa, mesmo que a tecnologia fosse arcaica. Aquilo não a estava ajudando a resolver o problema.

– Acho que isso é meio inútil – disse Iko, rolando para detrás dela. Sua

ventoinha se ligou, soprando um ar morno no pescoço de Cinder. – Ah, droga, Adri está me mandando um comunicado. Ela deve ter saído do banho.

Cinder inclinou a cabeça para trás.

– Obrigada pela ajuda. Não se esqueça de tirar as pérolas antes que ela veja você.

Inclinando-se para a frente, Iko pressionou o rosto liso e fresco na testa de Cinder, sem dúvida deixando uma mancha de batom. Cinder riu.

– Você vai descobrir o que há de errado com o androide de Sua Alteza. Não tenho dúvida disso.

– Obrigada.

Cinder esfregou a palma da mão grudenta na calça, ouvindo as rodas de Iko se afastarem. O texto continuou a se repetir na tela. Parecia que, quem quer que estivesse do outro lado da ligação, não tinha a menor intenção de atender.

Uma série de cliques a sobressaltou, seguida por um zumbido revelador. Ela se virou, apoiando-se no chão arenoso.

O painel de controle do androide brilhava enquanto o sistema processava sua rotina de diagnóstico. Ele estava ligando novamente.

Cinder se levantou e tirou a poeira das mãos bem na hora em que uma voz feminina começou a sair dos alto-falantes do androide, como se estivesse continuando um discurso que fora interrompido de modo brusco.

– ... que um homem com o nome de Logan Tanner, um médico lunar que trabalhava sob o reinado da rainha Channary, tenha trazido a princesa Selene para a Terra aproximadamente quatro meses depois de sua suposta morte.

Cinder ficou paralisada. *Princesa Selene?*

– Infelizmente, Tanner foi encarcerado na prisão de Nova Pequim em 8 de maio de 125 da Terceira Era e cometeu suicídio bioeletricamente induzido em janeiro de 126 da Terceira Era. Embora fontes indiquem que a princesa Selene tenha sido dada a outro cuidador anos antes da prisão de Tanner, até agora não fui capaz de confirmar sua identidade. Um suspeito é uma ex-piloto militar da Federação Europeia, tenente-coronel Michelle Benoit, quem...

– Pare – disse Cinder. – Pare de falar.

A voz ficou em silêncio. A cabeça do androide girou 180 graus. O sensor piscou em uma luz azul-clara enquanto escaneava

Cinder. Seu painel interno de controle escureceu. A ventoinha no torso dela começou a girar.

– Quem é você? – perguntou o androide. – Meu sistema de posicionamento global indica que estamos no setor 76 de Nova Pequim. Não tenho recordação de ter deixado o palácio.

Cinder montou na cadeira virada, juntando os braços por cima do encosto.

– Bem-vinda à oficina mecânica de Nova Pequim. O príncipe Kai me contratou para consertá-la.

O zumbido alto no torso do androide diminuiu até que mal fosse discernível, mesmo no silêncio.

A cabeça arredondada rotacionava para trás e para a frente, escaneando os arredores desconhecidos. Depois, focou novamente em Cinder.

– Meu calendário me informa que estive inconsciente por doze dias e quinze horas. Eu passei por um colapso no sistema?

– Não exatamente – respondeu Cinder, olhando por cima do ombro para o netscreen. Ele continuava a repetir o mesmo texto, incapaz de estabelecer uma ligação direta. – Parece que alguém instalou um chip de comunicação que não se deu muito bem com a sua programação.

– Eu vim pré-instalada com capacidades de comunicação em vídeo e texto. Um novo chip de comunicação seria desnecessário.

– Esse era para uma ligação direta. – Cinder acomodou o queixo no pulso. – Você sabe se foi o príncipe Kai quem fez isso? Se por acaso ele quisesse ser capaz de entrar em contato com você sem precisar usar a rede?

– Eu não tenho conhecimento de qualquer chip de comunicação direta em minha programação.

Cinder mordeu o lábio. Obviamente, o chip de comunicação fora o responsável pelo súbito mau funcionamento do androide, mas por quê? E se Kai não o havia instalado, quem, então?

– Bem agora, quando você despertou, estava falando sobre... você tem informações sobre a herdeira lunar.

– Essas informações eram confidenciais. Você não deveria ter ouvido.

– Eu sei. Mas acho que você podia estar se comunicando com alguém quando foi desativada. – Cinder torceu para que tivesse sido Kai, ou alguém leal a ele. Ela duvidava que a rainha Levana ficasse feliz em saber que o futuro imperador estava pesquisando sobre a herdeira ao trono dela por direito. – Espere – continuou, procurando sua chave de fenda. – Vou recolocar seu painel, e em seguida levar você ao palácio. Nesse meio-tempo, você deveria baixar as atualizações dos últimos dias. Muita coisa aconteceu durante seu colapso.

Vinte e Dois

CINDER PODIA OUVIR OS ALERTAS DO DR. ERLAND EM SUA MENTE, ecoando como um arquivo de áudio danificado, durante todo o percurso de quase dez quilômetros até o palácio.

Nada impedirá a rainha Levana de assegurar seu controle, de exterminar qualquer resistência. Isso significa matar aqueles que podem resistir a ela, gente como você. Está me entendendo, srta. Linh? Se ela visse você, isso significaria sua morte.

E ainda assim, se algo acontecesse no percurso entre o apartamento e o palácio ao androide que tinha informações reais sobre a princesa lunar desaparecida, Cinder nunca se perdoaria. Era sua responsabilidade entregar o androide são e salvo para Kai.

Além disso, o palácio era um lugar enorme. Quais eram as chances de ela esbarrar com a rainha lunar, que provavelmente não tinha a intenção de passar muito tempo socializando com o povo, de qualquer forma?

Nainsi era bem mais rápida em suas rodas do que Iko, e Cinder tinha que se apressar para acompanhá-la. Mas o passo delas diminuiu quando descobriram que não eram as únicas pessoas do povo que se dirigiam ao palácio aquela tarde. Na base do penhasco, a estrada principal fora bloqueada ao deixar a cidade para trás e se tornar o caminho privativo para o palácio, sombreada pelos pinheiros torcidos e salgueiros caídos. A via sinuosa estava cheia de pedestres percorrendo sua lenta subida montanha acima. Alguns andavam sozinhos, outros em grandes grupos. Suas conversas alcançaram Cinder, iradas e determinadas, os braços movimentando-se em gestos loucos. *Nós não a queremos aqui. O que Sua Alteza está pensando?* O crescente bramido da multidão ecoava estrada abaixo. Centenas, talvez milhares, de vozes irritadas entoando em uníssono.

– Fora, rainha lunar! Fora, rainha lunar! Fora, rainha lunar!

Ao virar a última curva, o olhar de Cinder recaiu sobre a multidão lá em cima, tomando o jardim diante dos portões marrons do palácio e se espalhando pela rua. Mal era contida pela fila aturdida de guardas da segurança.

Cartazes apareciam acima de suas cabeças. **A GUERRA É MELHOR DO QUE A ESCRAVIDÃO! PRECISAMOS DE UMA IMPERATRIZ, NÃO DE**

UMA DITADORA! SEM ALIANÇA COM O DEMÔNIO! Muitos incluíam a imagem da rainha coberta por um véu riscada com um X vermelho.

Meia dúzia de novos aerodeslizadores circulavam pelo céu, capturando imagens dos protestos para transmiti-los mundialmente.

Cinder margeou o fim da multidão, abrindo caminho para o portão principal enquanto tentava proteger o corpo compacto de Nainsi com o seu próprio. Mas, quando alcançou o portão, ela o encontrou fechado e protegido por humanos e andróides, postados ombro a ombro.

– Me desculpe – disse ela ao guarda mais próximo. – Preciso entrar no palácio.

O homem esticou o braço na direção dela, empurrando-a até dar um passo atrás.

– Hoje a entrada do público não é permitida.

– Mas eu não estou com *elas*. – Ela pôs as mãos na cabeça de Nainsi. – Este andróide pertence a Sua Alteza Imperial. Fui contratada para consertá-lo e agora vim devolvê-lo. É muito importante que ele seja devolvido o quanto antes.

O guarda olhou para o andróide, examinando-o.

– Sua Alteza Imperial deu um passe a você?

– Bem, não, mas...

– O andróide tem código de identificação?

– Tenho. – Girando o torso, Nainsi mostrou o código de identificação ao guarda.

Ele assentiu.

– Você pode entrar.

Os portões foram abertos, apenas um pouco, e não levou nem um segundo até que a multidão se avolumasse sobre ele. Cinder gritou por causa do conflito de vozes furiosas em seus ouvidos e o repentino esmagamento dos corpos, empurrando-a contra o guarda. Nainsi adiantou-se portão adentro sem hesitar, mas, quando Cinder se moveu para segui-la, o guarda bloqueou sua passagem com o braço, firme contra a multidão.

– Só o andróide.

– Mas nós estamos juntas! – gritou ela para superar a multidão.

– Sem passe, nada de entrada.

– Mas eu o consertei! Preciso entregá-lo. Preciso... receber pelo meu trabalho. – Mesmo ela estava comovida pela lamúria em sua voz.

– Mande sua cobrança para a tesouraria, como todos os demais – disse o homem. – Ninguém pode entrar sem uma licença.

– Linh-mèi – chamou Nainsi do outro lado do portão. – Vou informar ao príncipe Kai que você quer vê-lo. Tenho certeza de que ele pode lhe mandar uma

mensagem com o passe oficial.

Na mesma hora, Cinder sentiu o peso de sua tolice. É claro que ela não precisava *ver* o príncipe. Entregara o androide; seu trabalho estava feito. E ela não pretendia, realmente, cobrar o serviço, de qualquer forma. Mas Nainsi já tinha se virado e se dirigia à entrada principal do palácio antes que Cinder pudesse argumentar, deixando-a com a missão de bolar uma desculpa razoável para que fosse tão importante ver Kai, algo melhor do que o motivo tão estúpido e infantil que viera primeiro a sua mente. Ela simplesmente queria.

A entoação parou de repente, causando um sobressalto em Cinder.

O silêncio da multidão criou um vácuo na rua, desejoso para ser preenchido com uma respiração, um som, qualquer coisa. Cinder olhou em volta, para os rostos deslumbrados virados para cima, para o palácio, para os cartazes abaixados e seguros por dedos frouxos. Uma onda de temor percorreu sua espinha.

Ela seguiu os olhares da multidão para a sacada que se projetava de um dos andares mais altos do palácio.

A rainha lunar estava com uma das mãos no quadril, a outra na beirada da sacada. Sua expressão era dura – amarga –, mas essa visão em nada prejudicava sua beleza misteriosa. Mesmo de longe, Cinder podia ver a pálida luminescência de sua pele, o tom rubi de seus lábios. Os olhos escuros estudavam a multidão silenciosa, e Cinder se afastou do portão, querendo desaparecer atrás dos rostos inexpressivos.

Mas o choque e o terror logo passaram. Aquela mulher não era assustadora, não era perigosa.

Ela era meiga. Acolhedora. Generosa. Deveria ser a rainha deles. Deveria governá-los, guiá-los, protegê-los...

Um alerta piscou no visor de Cinder. Ela tentou, em vão, piscar até que ele se desativasse, incomodada com a distração. Queria olhar para a rainha para sempre. Queria que a rainha falasse. Que promettesse paz e segurança, prosperidade e conforto.

A luz laranja brilhou no canto de sua visão. Cinder levou um momento para perceber o que era, o que significava. Ela sabia que algo estava errado. Sabia que aquilo não fazia sentido.

Mentiras.

Ela fechou os olhos com força. Quando olhou para cima de novo, a ilusão de bondade tinha desaparecido. O sorriso doce da rainha tinha se tornado soberbo e manipulador. O estômago de Cinder se revirou.

Ela estava fazendo uma lavagem cerebral neles.

A rainha tinha feito uma lavagem cerebral *nela*.

Cinder cambaleou e deu um passo para trás, colidindo com um homem de meia-idade hipnotizado.

O olhar da rainha mirou na direção deles, focando-se em Cinder. Uma onda de surpresa se acendeu em seu rosto. Depois ódio. Nojo.

Cinder se encolheu, querendo se esconder. Dedos gelados envolveram seu coração. Embora se sentisse compelida a correr, suas pernas haviam derretido. O visor de retina exibia linhas confusas em sua visão como se não aguentasse o encanto da rainha por mais um segundo.

Ela se sentiu exposta e vulnerável, totalmente sozinha em meio à multidão inculcada. Estava certa de que o chão debaixo de seus pés se abriria e a engoliria. Estava certa de que o olhar da rainha a transformaria em uma pilha de cinzas na estrada de pedras.

O olhar furioso da rainha se escureceu até que Cinder começasse a sentir que, com dutos lacrimais ou não, explodiria em lágrimas.

Mas então a rainha se virou, os ombros erguidos enquanto entrava de maneira tempestuosa no palácio.

Cinder pensara que, quando a rainha se fosse, a multidão retomaria seus protestos novamente, até mesmo mais furiosa por ela ter se atrevido a se mostrar. Mas não foi o que aconteceu. Lentamente, como sonâmbula, a multidão começou a partir. Aqueles com cartazes os deixaram no chão, para serem pisoteados e esquecidos. Cinder se apoiou no muro que cercava o palácio, saindo do caminho conforme os cidadãos passaram lentamente por ela.

Então esse era o efeito do encanto lunar, o feitiço para seduzir, ludibriar, tomar o coração de alguém para você e voltá-lo contra seus inimigos. E, em meio a toda aquela gente que desprezava a rainha lunar, Cinder parecia ser a única que havia resistido a ela.

E, ainda assim, ela *não havia* resistido a ela. Não no início. Um arrepio percorreu seus braços. Sua pele doía onde se misturava ao metal.

Ela não havia ficado inteiramente imune ao encanto, não da forma como cascudos deveriam ficar.

Pior ainda, a rainha a vira, e sabia.

Vinte e Três

KAI CRAVOU AS UNHAS NOS JOELHOS QUANDO O CÂNTICO DOS protestos cessou. Torin virou-se para ele, a expressão espelhando espanto, embora o conselheiro tivesse sido mais rápido em disfarçar. O sucesso da rainha em acalmar a multidão fora fácil demais; Kai esperava pelo menos por um pouco de luta por parte dos cidadãos.

Engolindo em seco, Kai metamorfoseou o rosto de volta ao autocontrole.

– É um truque muito útil – disse Sybil, sentando na ponta de uma *chaise lounge* diante da fogueira holográfica. Ela entrelaçou as mãos. – Especialmente ao lidar com cidadãos desobedientes, que nunca são tolerados em Luna.

– Ouvi dizer que, quando os cidadãos são desobedientes, em geral há uma boa razão para isso – disse Kai. Torin lançou uma expressão de alerta, com o cenho franzido, mas ele o ignorou. – E lavagem cerebral não parece exatamente uma solução apropriada.

Sybil juntou as mãos no colo polidamente.

– *Apropriada* é uma palavra tão subjetiva. Essa solução é *efetiva*, e dificilmente se pode argumentar contra ela.

Levana voou para o parlatório com os punhos fechados. A pulsação de Kai se acelerou quando o olhar da rainha caiu sobre ele. Estar na presença dela era como sentar-se em um ambiente confinado que ficava rapidamente sem oxigênio.

– Poderia parecer – disse ela, enunciando com cuidado cada palavra – que você está violando o Acordo Interplanetário do ano 54 da T.E., artigo 17.

Kai fez seu melhor para continuar indiferente diante da acusação, mas não conseguia evitar um espasmo que fazia tremer seu olho direito.

– Receio não ter memorizado o Acordo Interplanetário na íntegra. Quem sabe você possa me esclarecer sobre o artigo em questão?

Ela respirou fundo pelas narinas dilatadas. Mesmo então – mesmo com todo o ódio e a raiva aparentes em seu rosto –, ela era deslumbrante.

– O artigo 17 declara que nenhuma das partes do acordo deve de modo consciente abrigar ou proteger fugitivos lunares.

– Fugitivos lunares? – Kai olhou para Torin, mas o conselheiro manteve a

expressão neutra. – Por que você pensaria que estamos abrigando fugitivos lunares?

– Porque acabei de ver um no seu jardim, em meio àqueles protestantes insolentes. Isso não deve ser tolerado.

Kai se levantou e cruzou os braços.

– Essa é a primeira vez que escuto falar de lunares em meu país. Exceto pela companhia presente, é claro.

– O que me leva a acreditar que você tem feito vista grossa para o problema, exatamente como seu pai fazia.

– Como posso fazer vista grossa para uma coisa da qual nunca ouvi falar?

Torin limpou a garganta.

– Com o devido respeito, Vossa Majestade, posso assegurar que monitoramos todas as naves espaciais que entram e saem da Comunidade. Embora não possamos negar a possibilidade de que alguns lunares estejam sendo contrabandeados sob o nosso radar, posso prometer que fazemos todo o possível para cumprir o Acordo Interplanetário. Além disso, mesmo que um fugitivo lunar residisse na Comunidade, parece improvável que ele se arriscasse a ser descoberto vindo a um protesto sabendo que você estaria presente. Talvez você tenha se enganado.

Os olhos da rainha arderam lentamente.

– Eu reconheço os meus quando os vejo, e há um deles dentro dos muros desta cidade. – Ela apontou para a varanda. – Quero que a encontrem e a tragam até mim.

– Certo – disse Kai –, isso não será problema em uma cidade de dois milhões e meio de habitantes. Deixe só eu ligar meu detector especial de lunares e já resolveremos isso.

Levana jogou a cabeça para trás.

– Você não vai querer testar minha paciência com seu sarcasmo, jovem príncipe.

Ele contraiu o rosto.

– Se você é incapaz de encontrá-la, então designarei um regimento de meus próprios guardas para que venham até a Terra, e *elas* a encontrarão.

– Isso não será necessário – disse Torin. – Nós pedimos perdão por duvidarmos de você, Vossa Majestade, e estamos ansiosos para cumprir a parte do acordo concernente ao nosso país. Por favor, nos dê tempo para preparar a coroação e o festival, e começaremos nossa busca pela fugitiva tão logo nossos recursos permitam.

Levana estreitou os olhos para Kai.

– Você pretende deixar que seu conselheiro sempre tome as decisões por

você?

– Não – disse Kai, deixando escapar um sorriso frio. – Em algum momento, terei uma imperatriz para isso.

O olhar da rainha Levana se suavizou, e Kai mal pôde conter as palavras seguintes. *E não será você.*

– Tudo bem – disse Levana, virando-se e sentando-se ao lado de sua taumaturga. – Esperarei que ela, e mais qualquer outro fugitivo lunar que esteja em seu país, seja entregue em Luna um ciclo lunar depois de sua coroação.

– Está bem – disse Kai, esperando que Levana esquecesse aquela conversa antes que o prazo se esgotasse. Lunares em Nova Pequim: ele nunca ouvira nada tão absurdo.

A raiva desapareceu tão completamente do rosto de Levana que parecia que os últimos minutos tinham sido um sonho. Ela cruzou as pernas, de forma que a fenda no vestido transparente exibiu a pele branca como leite. Kai relaxou a mandíbula e olhou pela janela, sem saber se coraria ou vomitaria.

– Falando na sua coroação – disse a rainha –, trouxe um presente para você.

– Que atencioso – respondeu, sarcástico.

– Sim. Eu não estava certa se deveria esperar até a grande noite, mas concluí que poderia passar uma impressão errada se tentasse retardar isso.

Incapaz de negar sua curiosidade aguçada, Kai dirigiu o olhar à rainha.

– É mesmo?

Ela inclinou a cabeça, cachos ruivos caindo em cascata sobre o peito, e estendeu os dedos na direção de seu segundo taumaturgo, o homem do casaco vermelho. Ele tirou um frasco de vidro, não maior do que o dedo mindinho de Kai, da manga e o pousou na palma da mão de Levana.

– Quero que você saiba – disse Levana – que tenho um grande interesse no bem-estar da Comunidade, e ver sua luta contra a letumose tem sido de partir o coração.

Kai enterrou as unhas nas palmas das mãos.

– Você provavelmente não está ciente, mas tenho uma equipe de pesquisadores dedicada a estudar a doença há alguns anos, e parece que finalmente meus cientistas descobriram um antídoto.

O sangue subiu à cabeça de Kai.

– O quê?

Levana apertou o frasco entre o polegar e o indicador e o estendeu para ele.

– Esta dose deve ser suficiente para curar um homem adulto – disse ela, e depois estalou a língua. – Que hora inadequada, não é?

O mundo girou. Os dedos de Kai queriam tanto estrangulá-la que seus braços começaram a tremer.

– Vá em frente – disse Levana, um calor persistente no olhar. – Pegue.

Kai deu um tapa no frasco, arremessando-o da mão da rainha.

– Há quanto tempo você tem isso?

As sobrancelhas da rainha se arquearam.

– Por quê? Somente foi confirmado como um antídoto de fato horas antes de minha partida.

Ela estava mentindo. E nem tentava esconder o fato de que estava mentindo.

Bruxa.

– Vossa Alteza – disse Torin com a voz baixa, pousando a mão firme no ombro de Kai. Primeiro com gentileza, depois apertando, como um aviso. A pulsação de Kai começou a filtrar as fantasias de assassinato, mas apenas de maneira superficial.

Levana cruzou as mãos no colo.

– Este frasco é seu presente. Espero que o ache útil, jovem príncipe. Acredito que seja tanto do meu interesse quanto do seu varrer essa doença de seu planeta. Meus cientistas poderiam preparar milhares de doses até o fim do mês. Entretanto, tal empreitada, possível graças a seis anos de trabalho e pesquisa, exigiu muito esforço de meu próprio país, então tenho certeza de que você entenderá que preciso de alguma compensação. Isso levará a negociações mais aprofundadas.

Os pulmões de Kai se comprimiram.

– Você guardaria isso para si? Quando tantos estão morrendo? – Foi uma pergunta estúpida. Ela já havia guardado o antídoto por tempo suficiente. Por que a incomodaria se mais terráqueos sofressem nesse meio-tempo?

– Você tem muito que aprender sobre política. Acho que em breve descobrirá que tudo gira em torno de dar e receber, meu querido e belo príncipe.

O sangue de Kai pulsava em suas têmporas. Ele sabia que seu rosto tinha ficado vermelho, que sua raiva era o objetivo do jogo dela, mas não se importava. Como ela ousava usar isso como objeto de barganha política? Como ela *ousava*?

Sybil rapidamente ficou de pé.

– Nós temos companhia.

Liberando a respiração presa, Kai seguiu o olhar de Sybil até a entrada, feliz por desviar o olhar da rainha, e arfou.

– Nainsi!

O sensor de Nainsi piscou.

– Vossa Alteza, perdoe minha interrupção.

Kai balançou a cabeça, tentando dispersar sua surpresa.

– Como... quando...?

– Minha consciência foi restaurada há uma hora e vinte e sete minutos – disse o androide. – E agora estou me apresentando para o trabalho. Deixe-me oferecer minhas condolências pela perda precoce do imperador Rikan. Meu coração está partido com a notícia.

Kai ouviu a rainha Levana rir com desdém atrás dele.

– A ideia de que uma pilha de metal possa sentir alguma emoção é insultante. Tirem essa monstruosidade daqui.

Kai franziu os lábios, pensando em uma série de palavras a dizer sobre como faltava a *ela* um coração, mas em vez disso se virou para Torin.

– De fato, deixe-me tirar essa *monstruosidade* da presença de Sua Majestade e reativá-la em suas funções.

Ele meio que esperava que Torin o repreendesse pelo plano de fuga deplorável, mas Torin pareceu aliviado que a discussão tivesse acabado. Kai notou que ele ficara pálido e se perguntou o quão difícil havia sido para ele dominar seu próprio mau humor.

– É claro. Quem sabe Vossa Majestade queira conhecer os jardins?

Kai olhou cheio de ódio para a rainha Levana e juntou os calcanhares.

– Obrigado pelo presente tão cheio de consideração – disse ele com uma breve reverência.

– O prazer é meu, Vossa Alteza.

Kai deixou o recinto com Nainsi. Quando chegaram ao corredor principal, ele soltou um grito gutural e socou com o punho a parede mais próxima, e se apoiou nela, pressionando a testa no emboço.

Quando sua respiração estava sob controle, ele se virou, de repente querendo chorar – de raiva, de desespero, de alívio. Nainsi estava de volta.

– Você não pode imaginar como estou feliz em vê-la.

– É o que parece, Vossa Alteza.

Kai fechou os olhos.

– Você não faz ideia. Os últimos dias. Eu tinha certeza de que nossa pesquisa tinha se perdido.

– Todos os registros parecem intactos, Vossa Alteza.

– Bom. Precisamos retomar a pesquisa imediatamente. Agora é mais importante do que nunca.

Ele lutou para conter o pânico que crescia dentro de si. Faltavam nove dias para sua coroação. A rainha Levana estava na Terra havia menos de vinte e quatro horas e já tinha transformado as negociações de aliança em um caos. Quais outros segredos ela revelaria antes da coroação, quando a função de proteger seu país cairia de fato sobre ele?

Sua cabeça latejava. Ele a desprezava, por tudo o que ela era, por tudo que

fizera, por como transformara o sofrimento na Terra em um jogo político.

Mas ela estava enganada se achava que ele se tornaria seu animalzinho de estimação. Ele a enfrentaria o tempo que suportasse, da maneira que pudesse. Encontraria a princesa Selene. O dr. Erland copiaria o antídoto. Sequer dançaria com Levana naquele baile absurdo se pudesse evitar – que a diplomacia fosse para o inferno.

Lembrar-se do baile de repente atraiu nuvens negras para os pensamentos de Kai. Abrindo um olho, ele observou o androide.

– Por que a mecânica não veio com você?

– Ela veio – respondeu Nainsi. – Deixei-a esperando do lado de fora do palácio. A entrada dela não foi permitida sem um passe oficial.

– Do lado de fora do palácio? Ela ainda está lá?

– Suspeito que sim, Vossa Alteza.

Kai apertou o frasco no bolso.

– Ela disse alguma coisa sobre o baile? Sabe se ela mudou de ideia?

– Ela não mencionou baile algum.

– Está bom. Bem. – Engolindo em seco, ele tirou as mãos dos bolsos e esfregou as palmas nos lados da calça, percebendo o quão quente sua raiva contida as tornara. – Eu realmente espero que ela tenha mudado de ideia.

Vinte e Quatro

CINDER SE AGACHOU APOIADA NO MURO QUE CONTORNAVA O palácio, o frio da pedra se infiltrando pela sua camiseta. A multidão tinha ido embora, e a única recordação que restara deles eram os cartazes pisoteados. Mesmo os guardas haviam abandonado o jardim, embora o intrincado portão de ferro permanecesse trancado. Dois *qilins* de pedra estavam empoleirados acima da cabeça de Cinder, ocasionalmente emanando uma vibração magnética que zumbia nos seus ouvidos.

Sua mão finalmente havia parado de tremer. Os alertas em seu visor haviam desaparecido. Mas a confusão permaneceu, persistente como nunca.

Ela era lunar. Tudo bem.

Era um tipo raro de lunar, uma cascuda, que não podia manipular os pensamentos e emoções dos outros, e era, ela mesma, imune à ludibriação lunar.

Tudo bem.

Mas então por que o encanto de Levana a afetara como aos demais?

Ou o dr. Erland estava errado, ou estava mentindo. Talvez ela não fosse lunar, e ele estivesse enganado. Talvez a sua imunidade se devesse a alguma outra coisa.

Ela liberou um gemido frustrado. Nunca a curiosidade de saber seu passado, sua história, fora tão intensa. Precisava saber a verdade.

O zumbido dos portões nos trilhos disfarçados sob o piso a sobressaltou. Cinder olhou para cima e viu um androide branco imaculado vindo em sua direção pelo pavimento.

– Linh Cinder? – Ele ergueu um escâner.

Piscando, ela ficou de pé, escorando-se na parede para se apoiar.

– Sim? – respondeu, estendendo o pulso.

O escâner bipou e, sem ter parado completamente em momento algum, o androide virou o torso em 180 graus e começou a voltar em estrépito para o palácio.

– Siga-me.

– Espere, o quê? – Seu olhar moveu-se com temor para cima, em direção à varanda onde a rainha lunar estivera.

– Vossa Alteza Imperial solicitou vê-la.

Verificando suas luvas, Cinder lançou um olhar na direção da estrada que a levaria embora do palácio, de volta para a segurança de ser uma garota invisível em uma cidade muito grande. Soltando lentamente o ar, ela se virou e seguiu o androide.

A entrada do palácio era intrincada, com portas em dois andares douradas e quase cegantes com o sol que refletia seu brilho quando estavam abertas. O saguão adiante estava agradavelmente fresco e exibia muitas esculturas grandes de jade, flores exóticas, as vozes e passos de dezenas de diplomatas apressados e empregados do governo, combinadas ao calmanete murmúrio da água – mas Cinder mal notou. Estava tomada pelo pânico com a possibilidade de se descobrir cara a cara com a rainha Levana, até que em vez disso ficou cara a cara com o príncipe Kai. Ele estava esperando apoiado em um pilar entalhado, com os braços cruzados.

Ele se endireitou quando a viu e quase sorriu, mas não um de seus brilhantes e despreocupados sorrisos. Na verdade, ele parecia exausto.

Cinder fez uma reverência com a cabeça.

– Vossa Alteza.

– Linh-mèi. Nainsi me disse que você estava esperando.

– Eles não estavam deixando as pessoas entrarem no palácio. Eu só queria me certificar de que ela tinha chegado bem até você. – Ela juntou as mãos atrás de si. – Espero que as questões de segurança nacional sejam resolvidas logo. – Cinder tentou manter a suavidade na voz, mas a expressão de Kai pareceu hesitante.

Ele deixou o olhar cair sobre o androide.

– Isso é tudo – disse ele, e esperou até que o androide desaparecesse em uma alcova na entrada antes de continuar. – Peço desculpas por tomar seu tempo, mas queria agradecer-lhe pessoalmente por consertar Nainsi.

Ela encolheu os ombros.

– Foi uma honra. Espero... espero que você encontre o que está procurando.

Kai semicerrou os olhos, desconfiado, e ele deu uma olhada por sobre o ombro enquanto duas mulheres bem-vestidas passavam, uma falando animadamente, a outra assentindo, nenhuma das duas prestando qualquer atenção em Kai ou em Cinder. Quando elas passaram, Kai soltou o ar e se virou de novo para ela.

– Aconteceu uma coisa. Preciso ir falar com o dr. Erland.

Cinder assentiu em compreensão, talvez de maneira muito forçada.

– É claro – respondeu, recuando na direção das portas maciças. – Agora que Nainsi está de volta, eu vou só...

– Você gostaria de caminhar comigo?

Ela parou no meio de um passo.

– Desculpe?

– Você pode me dizer o que descobriu. O que havia de errado com ela.

Ela torceu as mãos, incerta se o formigamento em sua pele era deleite ou algo próximo a terror. A consciência da presença da rainha a acompanhava, era inevitável. Ainda assim, ela se viu lutando contra um sorrisinho estúpido.

– Certamente. É claro.

Kai pareceu aliviado ao inclinar a cabeça na direção de um corredor amplo.

– Então... o que *havia* de errado com ela? – perguntou ele enquanto caminhavam pelo saguão majestoso.

– Um chip – respondeu Cinder. – Um chip de comunicação direta interrompeu a conexão de força, acho. Bastou removê-lo para que ela despertasse.

– Chip de comunicação direta?

Cinder examinou as pessoas passando apressadas ao redor deles, e nenhuma parecia interessada no príncipe real. Porém, ela baixou a voz ao responder.

– Sim, o D-COMM. Você não o instalou?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. Nós usamos D-COMMs para conferências internacionais, mas, além disso, não acho que já tenha visto outro. Por que alguém botaria um em um androide?

Cinder franziu os lábios, pensando nas coisas que Nainsi dissera ao despertar. Possivelmente ela relatava a mesma informação quando ficou inconsciente, talvez pelo canal de comunicação direta.

Mas quem recebera as informações?

– Cinder?

Ela puxou a bainha da luva. Queria contar a ele que sabia sobre sua pesquisa, que provavelmente alguém mais sabia, mas não podia dizer nada ali nos corredores cheios de gente do palácio.

– Alguém deve ter tido acesso a ela, pouco antes de ela apresentar o defeito. Alguém que queria instalar o chip.

– Por que alguém iria querer instalar um chip defeituoso nela, para começar?

– Não acho que ele estivesse totalmente defeituoso. Parece que alguma informação foi transmitida pelo canal antes que Nainsi entrasse em colapso.

– O quê... – hesitou Kai. Cinder notou o nervosismo em seus olhos, sua postura tensa. Ele esticou a cabeça para mais perto dela, mal diminuindo o passo.

– Que tipo de informação pode ser enviada por comunicação direta?

– Qualquer coisa que possa ser enviada pela rede.

– Mas se alguém a estava acessando remotamente, dessa maneira, não poderia... quero dizer, ela teria que autorizar o acesso a qualquer informação que eles tenham recebido, certo?

Cinder abriu a boca, parou, fechou-a novamente.

– Não sei. Não estou certa sobre como a comunicação direta funciona em um androide, especialmente um que não tenha sido equipado para isso. Mas há uma chance de que, quem quer que tenha instalado o chip nela, estivesse tentando conseguir informações. Possivelmente... informações específicas.

O olhar de Kai estava distante quando cruzaram uma ponte envidraçada para a ala de pesquisa.

– Então como eu localizo quem instalou o chip nela, e o que eles conseguiram acessar?

Cinder engoliu em seco.

– Tentei iniciar a ligação, mas parece ter sido desabilitada. Continuarei tentando, mas agora não tenho como saber quem estava no outro lado. Nem o que descobriu...

Percebendo o tom na voz dela, Kai parou de andar e se virou para olhá-la, os olhos queimando.

Cinder baixou a voz, falando de uma vez só.

– Eu sei o que você esteve pesquisando. Ouvi algumas das informações que Nainsi descobriu.

– *Eu* nem mesmo sei o que ela descobriu ainda.

Ela assentiu.

– São... interessantes.

O olhar de Kai se iluminou e ele se aproximou mais dela, inclinando o pescoço.

– Ela está viva, não está? Nainsi descobriu onde posso encontrá-la?

Cinder sacudiu a cabeça, o medo se agarrando a ela por saber que Levana estava em algum lugar dentro daquelas mesmas paredes.

– Não podemos falar sobre isso aqui. E Nainsi saberá mais do que eu, de qualquer jeito.

Kai franziu o cenho e se afastou, mas ela podia ver que os seus pensamentos ainda estavam confusos enquanto se encaminhava para o elevador e dava instruções ao androide que o operava.

– Então – disse ele, cruzando os braços enquanto esperavam. – Você está me dizendo que Nainsi tem informações importantes, mas algum desconhecido talvez tenha essas informações também.

– Receio que sim – disse Cinder. – Também, o próprio chip era incomum. Não era de silicone nem de carbono. Nunca vi nenhum chip como aquele antes.

Kai a encarou, as sobrancelhas erguidas.

– Como assim?

Cinder ergueu os dedos como se estivesse segurando o chip entre eles, visualizando-o.

– No tamanho e na forma, era como qualquer outro chip normal. Mas era brilhante. Como... uma pequena pedra preciosa. Como um brilho perolado.

A cor se esvaiu do rosto de Kai. Um segundo depois, ele fechou os olhos com uma careta.

– É lunar.

– O quê? Você tem certeza?

– As naves deles são feitas do mesmo material. Não sei bem o que é, mas...

– Ele praguejou, apertando o polegar na têmpora. – Deve ter sido Sybil ou o guarda dela. Eles chegaram dias antes de Nainsi dar defeito.

– Sybil?

– A taumaturga de Levana. A subordinada que faz todo o trabalho pesado para ela.

Cinder sentiu como se um grampo sufocasse seus pulmões. Se a informação tinha chegado a Sybil, era quase certo que a rainha já soubesse de tudo.

– Elevador B para Vossa Alteza Imperial – disse o androide enquanto as portas do segundo elevador se abriam. Cinder seguiu Kai para dentro dele, incapaz de resistir a olhar para cima, para a câmera no teto. Se lunares tinham conseguido se infiltrar em um androide real, podiam estar em qualquer outra coisa no palácio.

Ela prendeu uma mecha perdida do cabelo atrás da orelha, sua paranoia forçando-a a agir naturalmente quando as portas se fecharam.

– Deduzo disso tudo que as coisas não estão indo muito bem com a rainha?

Kai fez uma cara feia, como se aquele fosse o assunto mais doloroso do mundo, e se deixou apoiar na parede. O coração de Cinder acelerou, observando enquanto seu comportamento de realeza o abandonava. Ela deixou o olhar cair nas pontas das botas.

– Não acho que seja possível odiar tanto alguém como a odeio. Ela é diabólica.

Cinder vacilou.

– Você acha que é seguro... Quer dizer, se ela pôs esse chip no seu androide...

Compreensão surgiu no rosto de Kai. Ele olhou para cima, para a câmera, e então deu de ombros.

– Eu não me importo. Ela sabe que a odeio. Acredite, ela não está de fato tentando mudar isso.

Cinder umedeceu os lábios.

– Eu vi o que ela fez com os manifestantes.

Kai assentiu.

– Eu não deveria ter deixado que ela aparecesse para eles. Quando virem nos netscreens a rapidez com que ela os controlou, a cidade ficará caótica. – Ele cruzou os braços, erguendo os ombros até as orelhas. – Além disso, agora ela está convencida de que estamos intencionalmente abrigando fugitivos lunares.

O coração dela deu um pulo.

– Sêrio?

– Eu sei, é absurdo. A *última* coisa que quero é mais lunares famintos por poder circulando livremente pelo meu país. Por que eu...? *Argh*. É tão frustrante.

Cinder esfregou os braços, subitamente nervosa. Ela era o motivo pelo qual Levana acreditava que Kai estivesse abrigando lunares. Não pensara que ter sido notada pela rainha poria Kai em risco também.

Quando Kai ficou em silêncio, ela arriscou olhar para ele. Ele estava observando atentamente as mãos dela. Cinder as trouxe para junto do peito, checando as luvas, mas elas estavam no lugar certo.

– Você as tira em algum momento? – perguntou ele.

– Não.

Kai abaixou a cabeça, olhando-a como se conseguisse enxergar através da placa de metal na cabeça dela. A intensidade do seu olhar não enfraqueceu.

– Acho que você deveria ir ao baile comigo.

Ela apertou os dedos. A expressão dele era muito genuína, muito segura. Os nervos dela formigaram.

– Pelas estrelas – murmurou ela. – Você já não me perguntou isso?

– Tenho esperança de receber uma resposta mais favorável dessa vez. E parece que fico mais desesperado a cada minuto.

– Que encantador.

Os lábios de Kai se contraíram.

– Por favor!

– Por quê?

– Por que não?

– Quero dizer, por que *eu*?

Kai enganchou os polegares nos bolsos.

– Porque, se os freios do meu aerodeslizador de fuga quebrarem, terei alguém à mão para consertá-los?

Ela revirou os olhos e percebeu-se incapaz de olhar para ele de novo, encarando, em vez disso, o botão vermelho de emergência ao lado das portas.

– Estou falando sério. Não posso ir sozinho. E *realmente* não posso ir com Levana.

– Bem, deve haver aproximadamente umas duzentas mil garotas solteiras nessa cidade que fariam qualquer coisa por esse privilégio.

Um silêncio se instalou entre eles. Ele não a estava tocando, mas ela podia sentir sua presença, quente e esmagadora. Sentia a temperatura subindo no elevador, apesar de seu medidor de temperatura garantir que nada havia mudado.

– Cinder.

Ela não podia evitar. Olhou para ele. As defesas dela se enfraqueceram um pouco ao encontrarem os olhos castanhos de Kai arregalados. A confiança dele fora substituída por preocupação. Incerteza.

– Duzentas mil garotas solteiras – disse ele. – Por que não você?

Ciborgue. Lunar. Mecânica. Ela era a última coisa que ele queria.

Ela abriu os lábios e o elevador parou.

– Sinto muito, mas acredite: você não quer ir comigo.

As portas se abriram e a tensão sumiu. Ela se apressou para fora do elevador, a cabeça baixa, tentando não olhar para o pequeno grupo de pessoas esperando por um elevador.

– Venha ao baile comigo.

Ela congelou. Todos no saguão congelaram.

Cinder se virou. Kai ainda estava no elevador B, uma das mãos mantendo a porta aberta.

Estava emocionalmente esgotada, e todas as sensações da última hora convergiam para um único e incômodo sentimento – exasperação. O saguão estava repleto de médicos, enfermeiras, andróides, oficiais, técnicos, e todos caíram em um silêncio constrangedor e olharam para o príncipe e para a garota que usava calça cargo larga, com quem ele estava flertando.

Flertando.

Endireitando os ombros, ela voltou para o elevador e o puxou para dentro, sem sequer se importar de fazer isso com a mão de metal.

– Segure o elevador – disse ele ao andróide enquanto as portas se fechavam lá dentro. Ele sorriu. – Isso prendeu sua atenção.

– Escute – disse ela. – Sinto muito. Realmente sinto. Mas não posso ir ao baile com você. Você tem que acreditar em mim dessa vez.

Ele olhou para a mão enluvada espalmada no peito dele. Cinder se afastou, cruzando os braços.

– Por quê? Por que você não quer ir comigo?

Ela bufou.

– Não é que eu não queira ir ao baile com você, é que eu não vou *de jeito*

nenhum.

– Então você *quer* ir comigo.

Cinder contraiu os ombros.

– Não importa. Porque não posso.

– Mas eu preciso de você.

– *Precisa* de mim?

– Preciso. Você não vê? Se eu estiver passando todo meu tempo com *você*, então a rainha Levana não poderá me envolver em nenhuma conversa ou... – Ele encolheu os ombros. – Dança.

Cinder cambaleou para trás, os olhos perdendo o foco. Rainha Levana. É claro que isso se tratava da rainha Levana. O que Peony dissera a ela, muito tempo atrás? Rumores de uma aliança forjada com um casamento?

– Não que eu tenha nada contra dançar. Eu posso dançar. Se você quiser dançar.

Ela semicerrou os olhos para ele.

– O quê?

– Ou não, se você não quiser. Ou se você não souber. O que não é nada do que se envergonhar.

Ela começou a esfregar a testa, a dor de cabeça aumentando, mas parou quando percebeu que as luvas estavam imundas.

– Eu realmente, realmente não posso ir – disse ela. – Olha só... – *Eu não tenho vestido. Adri não vai permitir. Porque a rainha Levana me mataria.* – É minha irmã.

– Sua irmã?

Ela engoliu em seco e direcionou o olhar para o chão de madeira escura polida. Até os elevadores eram requintados no palácio.

– É. Minha irmã mais nova. Ela está doente, com letumose. E não seria o mesmo sem ela, e não posso ir, não vou. Sinto muito. – Cinder ficou surpresa ao perceber que as palavras soavam sinceras, mesmo para seus ouvidos. Ela se perguntou se seu detector de mentiras teria apitado se pudesse vê-la.

Kai deslizou de encontro à parede, o cabelo roçando os olhos.

– Não, me desculpe. Eu não sabia.

– Você não tinha como saber. – Cinder esfregou as palmas das mãos dos lados do corpo. Sua pele estava esquentando nas luvas. – Na verdade, há algo... que eu gostaria de falar para você. Se estiver tudo bem.

Ele inclinou a cabeça, curioso.

– Só acho que ela gostaria de saber que você conhece alguns detalhes sobre ela. Hum... o nome dela é Peony. Ela tem quatorze anos e é loucamente apaixonada por você.

As sobrancelhas dele se levantaram.

– Eu só pensei que, se por algum milagre inexplicável, ela sobrevivesse, será que você poderia convidá-la para dançar? No baile? – A voz de Cinder arranhou a garganta quando disse isso; ela sabia que milagres inexplicáveis não aconteciam. Mas tinha que perguntar.

O olhar de Kai queimou dentro dela, e ele assentiu lenta e determinadamente.

– Seria um prazer.

Ela baixou a cabeça.

– Farei chegar aos ouvidos dela que você está ansioso por isso. – Do canto do olho, Cinder viu Kai deslizar a mão para dentro do bolso e a fechar em um punho.

– As pessoas provavelmente estão ficando desconfiadas lá fora – disse Cinder. – Os rumores vão se espalhar como fogo. – Ela fez a declaração com um risinho desajeitado, mas Kai não entendeu a piada. Quando ela se atreveu a olhá-lo de novo; ele estava encarando distraidamente a parede de painéis atrás dela, os ombros pesados.

– Você está bem?

Ele começou a assentir, mas parou.

– Levana acha que pode me manipular como a um fantoche. – Ele franziu a testa. – E acabou de me ocorrer que ela pode estar certa.

Cinder mexeu inquietamente nas luvas. Como era fácil esquecer com quem estava conversando e todas as coisas que deviam estar passando pela mente dele, muito mais importantes do que ela. Mais importantes até mesmo do que Peony.

– Eu sinto como se fosse arruinar tudo – disse ele.

– Você não vai. – Ela quis tocá-lo, mas se conteve, torcendo as mãos. – Você será um desses imperadores a quem todos amam e admiram.

– É. Claro.

– Estou falando sério. Veja o quanto você se preocupa, o quanto está tentando, e nem mesmo é imperador ainda. Além do mais – acrescentou ela, cruzando os braços, enterrando as mãos neles –, não é como se você estivesse sozinho. Você tem conselheiros e representantes das províncias e secretários e tesoureiros e... quero dizer, de verdade, quanto estrago é possível um homem causar sozinho?

Kai deu um meio sorriso.

– Você não está realmente fazendo com que eu me sinta melhor, mas eu aprecio o esforço. – Ele ergueu os olhos para o teto. – Eu não devia estar dizendo isso tudo, de qualquer forma. Não é um problema com que você deva se preocupar. É só que... é fácil falar com você.

Ela arrastou os pés.

– Também é problema meu. Todos temos que viver aqui.

– Você poderia se mudar para a Europa.

– Sabe, eu de fato tenho pensado nisso ultimamente.

Kai riu de novo, o ardor voltando ao som.

– Se isso não é um voto de confiança, eu não sei o que é.

Ela curvou a cabeça.

– Olha, eu sei que você é da realeza e tal, mas as pessoas devem estar ficando impacientes esperando este... – Sentiu dificuldade para respirar quando Kai se inclinou para a frente, tão perto que ela teve certeza, por um segundo, de que ele tinha a intenção de beijá-la. Ela congelou, uma onda de pânico atacando-a, mal conseguindo levantar a vista.

Em vez de beijá-la, ele sussurrou:

– Imagine se houvesse uma cura, mas encontrá-la lhe custasse tudo. Arruinaria completamente sua vida. O que você faria?

O ar quente a envolveu. Tão próxima, ela podia sentir um suave aroma de sabonete vindo dele.

Os olhos de Kai se demoraram nos dela, aguardando, com um traço de desespero.

Cinder umedeceu os lábios.

– Arruinar a *minha* vida para salvar um milhão de outras? Não é bem uma escolha.

Os lábios dele se abriram – ela não teve opção a não ser a de olhá-los e em seguida olhar de novo para os olhos dele. Quase podia contar os cílios negros. Mas uma tristeza surgiu no olhar de Kai.

– Você está certa. Não há escolha, de fato.

O corpo de Cinder ansiava por acabar com a distância entre eles ao mesmo tempo que queria afastá-lo. A expectativa que trouxe calor aos seus lábios tornou impossível fazer qualquer uma das duas coisas.

– Vossa Alteza?

Ela ergueu o rosto na direção dele, o mais sutil dos movimentos. Ouviu a respiração oscilante dele e, dessa vez, eram os olhos de Kai que recaíam sobre os lábios dela.

– Sinto muito – disse ele. – Tenho certeza de que isto é horivelmente inapropriado, mas... parece que minha vida está prestes a ser arruinada.

As sobrancelhas dela se juntaram, questionando, mas ele não elaborou nenhuma outra frase. Os dedos de Kai, leves como um sopro de ar, acariciaram o cotovelo dela. Ele esticou o pescoço. Cinder não se movia, mal conseguindo umedecer os lábios enquanto seus olhos se fechavam.

Dor explodiu em sua cabeça e percorreu sua espinha.

Cinder engasgou e se dobrou, abraçando a barriga. O mundo se moveu de maneira brusca. Ácido queimava sua garganta. Kai gritou e a aparou quando ela cambaleou para a frente, pousando-a com cuidado no chão do elevador.

Cinder se apoiou nos ombros nele, tonta.

A dor se foi tão rápido quanto começara.

Cinder continuou deitada, arfando, amparada pelo braço de Kai. A voz dele começou a penetrar pelos tímpanos dela – seu nome, repetido inúmeras vezes. Palavras abafadas. *Você está bem? O que aconteceu? O que foi que eu fiz?*

Ela estava quente, as mãos enluvadas suavam, seu rosto queimava. Como antes, quando o dr. Erland a tocara. O que estava acontecendo com ela?

Ela umedeceu os lábios. Sua língua parecia inchada.

– Estou bem – respondeu ela, perguntando-se se isso era verdade. – Já passou. Estou bem. – Ela esfregou os olhos fechados e esperou, com medo de que o mais leve dos movimentos trouxesse a dor de volta.

Kai pressionou os dedos contra a testa e os cabelos dela.

– Tem certeza? Consegue se mexer?

Ela tentou assentir e se forçou a olhá-lo.

Kai engasgou e se afastou, com a mão a centímetros da testa de Cinder. O medo deu um nó em suas vísceras. O visor de retina dela estava visível?

– O quê? – perguntou ela, afundando o rosto atrás da mão, correndo dedos nervosos pela pele, pelos cabelos. – O que foi?

– N-nada.

Quando se atreveu a buscar o olhar de Kai, ele estava piscando rapidamente, a confusão dominando seu olhar.

– Vossa Alteza?

– Não, isso não foi nada. – Os lábios dele se curvaram para cima, em um sorriso nada convincente. – Eu estava vendo coisas.

– O quê?

Ele balançou a cabeça.

– Não foi nada. Aqui. – Ele se levantou e a pôs de pé ao seu lado. – Talvez devêssemos ver se o doutor pode encaixar você na agenda lotada dele.

Vinte e Cinco

KAI RECEBEU DOIS COMUNICADOS ENTRE O MOMENTO EM que saíram do elevador e que chegaram ao escritório do dr. Erland – Cinder sabia porque podia ouvir o som vindo do cinto dele –, mas não os respondeu. Insistiu em ajudá-la a percorrer o corredor, apesar de seus protestos de que podia andar por si só e dos olhares curiosos de todos que passavam por eles. Olhares curiosos não pareciam incomodar o príncipe como a ela.

Ele não bateu à porta quando chegaram ao escritório, e o dr. Erland, vendo que tinham entrado sem se anunciar, não pareceu surpreso ao ver o príncipe.

– Aconteceu de novo – disse Kai. – O desmaio dela, seja lá o que isso for.

Os olhos azuis do dr. Erland se voltaram para Cinder.

– Já passou – disse ela. – Estou *bem*.

– Você não está bem – argumentou Kai. – O que causa isso? O que podemos fazer para impedir que isso aconteça de novo?

– Vou dar uma olhada nela – disse o dr. Erland. – Veremos o que pode ser feito para evitar que isso aconteça de novo.

Kai pareceu considerar essa uma resposta aceitável, mas apenas um pouco.

– Se você precisar de verbas para fazer a pesquisa... ou de um equipamento especial, ou qualquer coisa.

– Não vamos precipitar as coisas – disse o doutor. – Ela provavelmente só precisa de outro ajuste.

Cinder cerrou os dentes quando o detector de mentiras piscou para ela. Ele estava mentindo para o príncipe de novo. Estava mentindo para ela. Mas Kai não se opôs, não questionou. Ele respirou fundo e encarou Cinder. A expressão a deixou desconfortável – o olhar que sugeria que ela era uma boneca chinesa, facilmente quebrável.

E talvez um sinal de desapontamento estivesse por trás de tudo.

– É sério, estou bem.

Ela podia ver que ele não estava convencido, mas não tinha como argumentar. O comunicador dele soou de novo. Kai finalmente olhou para o aparelho, em seguida fechou a cara e o desligou.

– Preciso ir.

– É óbvio.

– O primeiro-ministro da África convocou uma reunião dos líderes mundiais. Muito chato e político. Meu conselheiro está prestes a ter um colapso.

Ela ergueu as sobrancelhas de uma forma que esperava convencê-lo do quanto estava tranquila com o fato de ele a deixar. Afinal, ele era um príncipe. Os mais poderosos homens e mulheres da Terra o haviam convocado. Ela entendia.

E ainda assim ele estava lá, com ela.

– Estou *bem* – disse Cinder. – Vá embora.

A preocupação nos olhos dele se suavizou. Ele se virou na direção do dr. Erland, tirou algo do bolso e colocou-o na mão do doutor.

– Eu também vim para lhe trazer isso.

O dr. Erland pôs os óculos e segurou o frasco de vidro contra a luz. Estava cheio de um líquido claro.

– E isso é?

– Um presente da rainha Levana. Ela declara ser um antídoto para a letumose.

O coração de Cinder disparou. Todo o foco de seu olhar estava no frasco.

Um antídoto?

Peony.

O dr. Erland ficou pálido, os olhos arregalados por trás dos óculos.

– É mesmo?

– Pode ser um truque. Eu não sei. Supostamente, é uma dose, o suficiente para um homem adulto.

– Entendo.

– Você acha que pode duplicá-lo? Se for mesmo um remédio?

Os lábios do dr. Erland se apertaram em uma linha fina. Ele baixou o frasco.

– Isso depende de muitas coisas, Vossa Alteza – respondeu ele, depois de uma longa pausa. – Mas farei o melhor possível.

– Obrigado. Me avise assim que descobrir alguma coisa.

– É claro.

A testa de Kai relaxou com alívio. Ele se virou para Cinder.

– E você me avisará se qualquer coisa...

– *Sim.*

– ... mudar sua ideia quanto ao baile?

Cinder pressionou os lábios.

O sorriso de Kai mal alcançava seus olhos. Com uma reverência breve para o doutor, ele se foi. Cinder tornou a olhar para o frasco, seguro pelo punho do doutor. Um desejo a percorreu. Mas então ela viu que as articulações dele

estavam pálidas, e levantou os olhos, percebendo-se alvo de um olhar tempestuoso.

– O que você acha que está *fazendo* aqui? – perguntou ele, plantando a mão livre na mesa. Ela o encarou, surpresa com a sua veemência. – Você não compreende que a rainha Levana está aqui, agora, neste palácio? Não *entendeu* quando eu lhe avisei para ficar longe daqui?

– Eu tive que entregar o androide do príncipe. Faz parte do meu trabalho.

– Você está falando de subsistência. Eu estou falando de *sobrevivência*. Você não está segura aqui!

– Para sua informação, aquele androide pode ser uma questão de *sobrevivência*. – Ela cerrou os dentes, impedindo-se de dizer mais. Com um suspiro pesado, tirou as mãos das luvas sufocantes e as enfiou no bolso. – Está certo, desculpe, mas agora estou aqui.

– Você tem que ir. Agora. E se ela pedir para visitar os laboratórios?

– Por que a rainha se importaria com os laboratórios? – Ela tomou o assento em frente ao do dr. Erland. Ele continuou de pé. – Além disso, é tarde demais. A rainha já me viu.

Ela esperava que o doutor explodisse com a declaração, mas em vez disso sua cara fechada foi logo substituída por uma expressão de horror. Suas sobrancelhas espessas se juntaram sob o chapéu. Lentamente, ele afundou na cadeira.

– Ela *viu* você? Tem certeza?

Cinder assentiu.

– Eu estava no jardim quando os protestos aconteceram. A rainha Levana apareceu em uma das varandas superiores e... fez alguma coisa. Com a multidão. Lavagem cerebral ou encanto ou seja lá como for chamado. Todos se acalmaram e pararam de protestar. Foi tão *horripilante*. Como se todos tivessem, de uma hora para outra, esquecido por que estavam ali, por que a *odiavam*. E depois simplesmente foram embora.

– Isso mesmo. – O dr. Erland pousou o frasco na mesa. – De repente fica muito claro como ela consegue impedir que o próprio povo se rebele contra seu reinado, não fica?

Cinder se inclinou para a frente, batendo na mesa com os dedos de metal.

– Mas o problema é o seguinte. Você disse antes que os cascudos não são afetados pelo encanto lunar, não disse? Foi por isso que ela mandou que eles, quero dizer, *nós* fôssemos mortos?

– Certo.

– Mas o encanto me afetou. Eu confiei nela, tanto quanto em qualquer um. Pelo menos, até que a minha programação entrasse em cena e tomasse o

controle. – Ela o observou enquanto o dr. Erland tirava o boné, ajustava a aba e o colocava de novo sobre seu macio cabelo grisalho. – Isso não deveria ter acontecido, não é? Porque sou uma cascuda.

– Não – respondeu ele, sem muita convicção. – Isso não deveria ter acontecido.

Ele se levantou da cadeira e ficou olhando pelas janelas que iam do chão ao teto.

Um impulso de esticar a mão e pegar o frasco da mesa se avolumou na ponta de seus dedos, mas Cinder se conteve. O antídoto – se aquilo era mesmo um antídoto – era importante para todos.

Engolindo em seco, ela se inclinou para trás.

– Doutor? Você não parece muito surpreso.

Ele ergueu a mão e deu tapinhas na boca com dois dedos antes de se virar lentamente para ela.

– Talvez eu tenha interpretado mal seu diagnóstico.

Mentira.

Ela esfregou as mãos no colo.

– Ou então você simplesmente não me disse a verdade.

As sobranceiras dele se uniram, mas ele não negou.

Cinder torceu os dedos.

– Então eu não sou lunar?

– Não, não. Você é definitivamente lunar.

Verdade.

Ela afundou na cadeira, desapontada.

– Estive pesquisando sobre sua família, srta. Linh. – Ele deve ter visto os olhos dela se iluminarem, porque rapidamente ergueu as mãos. – Quero dizer, sua família *adotiva*. Você está ciente de que seu falecido guardião, Linh Garan, desenvolvia sistemas para andróides?

– Hum. – Cinder pensou nas placas e prêmios na cornija da lareira da sala de estar de Adri. – Isso me soa meio familiar.

– Bem. No ano anterior a sua cirurgia, ele lançou uma invenção na Feira de Ciências de Nova Pequim. Um protótipo a que chamou de sistema de segurança bioelétrico.

Cinder ficou olhando para ele.

– Um o quê?

De pé, o dr. Erland mexeu no netscreen até que uma holografia familiar surgisse diante deles. Ele aumentou a representação do pescoço de Cinder, exibindo o pequeno ponto preto na parte de cima de sua coluna.

– Isso.

Cinder esticou a mão para tocar sua nuca, massageando-a.

– É um dispositivo que se liga ao sistema nervoso de uma pessoa. Tem dois propósitos: em um terráqueo, evita a manipulação externa de sua própria bioeletricidade. Essencialmente, torna a pessoa imune ao controle lunar. Por outro lado, quando instalado em um lunar, impede que ele manipule a bioeletricidade dos outros. É como instalar uma trava no encanto lunar de alguém.

Cinder sacudiu a cabeça, ainda coçando a nuca.

– Uma trava? Na magia? Isso é possível?

O dr. Erland ergueu um dedo para ela.

– Não é magia. Chamar isso de magia apenas confere mais poder a eles.

– Tudo bem. Seja lá o que for bioelétrico. Isso é possível?

– Evidentemente. O dom lunar é a capacidade de usar o cérebro para emitir e controlar energia eletromagnética. Bloquear essa capacidade demandaria alteração do sistema nervoso quando ele entra no tronco cerebral, e fazer isso enquanto ainda permite movimento total e sensações seria... É bem impressionante. Engenhoso, de fato.

De boca aberta, Cinder seguiu o doutor com o olhar enquanto ele se sentava de novo.

– Ele estaria rico.

– Se ele tivesse sobrevivido, talvez estivesse. – O doutor desligou o netscreen. – Quando ele lançou a invenção na feira, o protótipo ainda não tinha sido testado, e seus contemporâneos estavam céticos, e com razão. Ele primeiro precisava testá-lo.

– E para isso ele precisava de um lunar.

– Para que tudo ocorresse da forma ideal, ele precisava de um lunar e um terráqueo para cobaias, a fim de testar os dois resultados separadamente. Se ele encontrou uma cobaia terráquea, não faço a menor ideia, mas claramente achou você, e instalou a invenção como uma forma de impedir que você usasse seu dom. Isso explica por que você não usou seu dom desde a operação.

Ela balançou os pés, inquieta.

– Você não interpretou mal meu diagnóstico. Você sabia disso desde o começo. Desde o momento em que entrou neste laboratório, *sabia* que eu era uma lunar e que tinha essa trava louca e... você *sabia*.

O dr. Erland apertou as mãos. Pela primeira vez, Cinder notou um anel de ouro no dedo dele.

– O que você fez comigo? – perguntou ela, fincando os pés e se levantando.

– Quando me tocou e doeu tanto que eu desmaiei, e hoje de novo. O que está causando isso? O que está acontecendo comigo?

– Acalme-se, srta. Linh.
– Por quê? Para que você possa mentir um pouco mais para mim, como
mente para o príncipe?

– Se eu menti, foi apenas para proteger você.

– Me proteger do quê?

O dr. Erland abriu os dedos.

– Entendo que você esteja confusa...

– Não, você não entende nada! Há uma semana, eu sabia exatamente quem
eu era, *o que* eu era, e talvez fosse um ciborgue sem valor algum, mas pelo
menos eu sabia disso. E agora... agora sou uma lunar, uma lunar que
supostamente tem magia mas não pode usá-la, e agora tem essa rainha louca que,
por alguma razão, quer me *matar*.

NÍVEIS DE ADRENALINA ACENTUADOS, alertou o painel de controle dela.
PROVIDÊNCIA RECOMENDADA: DESACELERAR E CONTROLAR A RESPIRAÇÃO.
CONTANDO 1, 2, 3...

– Por favor, se *acalme*, srta. Linh. Na verdade, é muito bom que você tenha
sido selecionada para receber essa trava.

– Tenho certeza de que você tem razão. Eu simplesmente amo ser tratada
como cobaia, sabia?

– Goste ou não, a trava tem sido benéfica para você.

– Como?

– Se você parasse de gritar, eu diria.

Ela mordeu o lábio e sentiu a respiração se estabilizando contra sua vontade.

– Tudo bem, mas me diga a verdade dessa vez. – Cruzando os braços, ela se
reclinou na cadeira.

– Às vezes você é um pouco irritante, srta. Linh. – O dr. Erland suspirou,
coçando a têmpora. – Veja, manipular bioeletricidade é algo tão natural para os
lunares que é praticamente impossível evitar, especialmente em uma idade tão
jovem. Deixada à própria sorte, você teria chamado muita atenção para si
mesma. Seria como tatuar “lunar” na sua testa. E mesmo que você *conseguisse*
controlar isso, o dom é uma parte tão fundamental de nossa constituição interna
que sufocá-lo poderia gerar efeitos colaterais psicológicos devastadores:
alucinações, depressão... até mesmo loucura. – Ele uniu as pontas dos dedos.
Esperou. – Então veja, instalar uma trava no seu dom protegeu você, de várias
formas, de si mesma.

Cinder o encarou, os olhos fixos.

– Você entende como isso foi mutuamente benéfico? – continuou o doutor. –
Linh Garan teve sua cobaia, e você foi capaz de se misturar aos terráqueos sem
enlouquecer.

Cinder lentamente se inclinou para a frente.

– *Nossa?*

– Perdão?

– *Nossa.* Você disse que “o dom é uma parte fundamental de *nossa* constituição interna”.

O doutor se endireitou, ajustando as lapelas do jaleco.

– Ah. Eu disse?

– Você é lunar.

Ele tirou o chapéu e o arremessou na mesa. Parecia menor sem ele. Mais velho.

– Não minta pra mim.

– Eu não ia mentir, srta. Linh. Estava apenas tentando pensar em um jeito de explicar isso de um modo que faça você me olhar de uma maneira menos acusatória.

Fechando a boca, Cinder se levantou da cadeira novamente e se afastou da mesa. Ela o encarou de forma dura, como se realmente fosse aparecer uma tatuagem de “lunar” em sua testa.

– Como posso acreditar em qualquer coisa que você já disse? Como posso saber se não está fazendo uma lavagem cerebral em mim agora?

Ele deu de ombros.

– Se eu andasse por aí encantando pessoas o dia todo, pelo menos faria com que me vissem mais alto, você não acha?

Ela franziu o cenho, ignorando-o. Estava pensando na rainha à varanda, como seus dispositivos opticobiônicos a alertaram sobre uma mentira, mesmo quando nada havia sido dito. De alguma forma, o cérebro dela era capaz de diferenciar a realidade da ilusão, ainda que seus olhos não conseguissem.

Semicerrando os olhos, ela projetou um dedo acusador para o doutor.

– Você *usou* seu controle mental em mim. Quando nos conhecemos. Você... você fez uma lavagem cerebral em mim. Igualzinho à rainha. Me fez confiar em você.

– Seja justa. Você estava prestes a me atacar com uma chave de fenda.

A raiva dela oscilou.

O dr. Erland estendeu as palmas das mãos para ela.

– Eu lhe asseguro, srta. Linh, que nos vinte anos em que estive na Terra, não fiz mau uso do meu dom nenhuma vez sequer, e estou pagando o preço por essa decisão todos os dias. Minha estabilidade mental, minha saúde psicológica, meus sentidos estão falhando porque eu me recuso a manipular os pensamentos e sentimentos dos que estão a minha volta. Nem todos os lunares são confiáveis, e sei disso tão bem quanto qualquer outra pessoa, mas você *pode* confiar em mim.

Cinder engoliu em seco e se apoiou no encosto da cadeira.

– Kai sabe?

– É claro que não. Ninguém pode saber.

– Mas você trabalha no palácio. Vê Kai o tempo todo. E o imperador Rikan!

Um brilho de irritação atravessou os olhos azuis do dr. Erland.

– Sim, e por que isso deveria aborrecer você?

– Porque você é *lunar*!

– Assim como você. Eu deveria pensar que a segurança do príncipe está ameaçada porque ele a convidou para o baile?

– Isso é diferente!

– Não seja tola, srta. Linh. Eu entendo os preconceitos. De muitas formas, eles são compreensíveis, até mesmo justificáveis, dado o histórico da Terra com Luna. Mas isso não significa que somos todos demônios egoístas e gananciosos. Acredite em mim: não há neste planeta uma pessoa que gostaria mais de ver Levana longe do trono do que eu. Eu mesmo poderia matá-la se tivesse poder para isso. – O rosto do médico ficou vermelho como cereja, seus olhos flamejando.

– Tudo bem. – Cinder apertou a almofada da cadeira até sentir o aço de seus dedos furar o material. – Eu posso aceitar isso. Nem todos os lunares são demônios, e nem todos os lunares são tão facilmente convencidos a seguir Levana. Mas mesmo dentre aqueles que desejam desafiá-la, quantos arriscam a vida para fugir? – Ela parou, olhando para o doutor. – Então, por que você fugiu?

O dr. Erland se moveu como se fosse se levantar, mas, depois de hesitar, seus ombros caíram, murchos.

– Ela matou minha filha.

Verdade.

Cinder recuou.

– A pior parte é que, se fosse qualquer outra criança, eu acharia certo – continuou o doutor.

– O quê? Por quê?

– Porque ela era uma cascuda. – Ele pegou o boné da mesa e o analisou enquanto falava, seus dedos traçando o padrão espinha de peixe do tecido. – Eu concordava com as leis no passado, pensava que os cascudos eram perigosos. Que nossa sociedade ruiria se permitíssemos que eles vivessem. Mas não a *minha* garotinha. – Um sorriso irônico torceu seus lábios. – Depois que ela nasceu, eu quis fugir, trazê-la para a Terra, mas minha esposa era mais devota à Sua Majestade do que eu. Ela não queria ter nenhum tipo de ligação com aquela criança. E então minha pequena Lua Crescente foi levada embora, como todos os outros. – Ele colocou o chapéu de volta na cabeça e semicerrou os olhos para

Cinder. – Ela teria sua idade agora.

Cinder girou na cadeira e se ajeitou na ponta do assento.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo. Mas preciso que você entenda, srta. Linh, pelo que alguém passou para trazer *você* para cá. Ir tão longe a ponto de esconder seu dom lunar, para proteger você.

Cinder cruzou os braços, encolhendo-se.

– Mas por que eu? Eu não sou cascuda. Não corria perigo algum. Isso não faz sentido.

– Fará, prometo. Escute atentamente, mesmo que isso seja um pouco chocante para você.

– Chocante? Você quer dizer que tudo que veio antes era só o começo?

Os olhos dele se suavizaram.

– Seu dom está voltando, srta. Linh. Eu consegui manipular sua bioeletricidade para controlar temporariamente o protótipo de Linh Garan. Foi o que fiz no primeiro dia em que você esteve aqui, quando perdeu a consciência, e a trava de seu dom foi danificada de forma irreparável por causa disso. Com a prática, você será capaz de lidar com as falhas sozinha, até que controle totalmente seu dom de novo. Entendo que é doloroso quando acontece tão rápido quanto hoje, mas essas situações devem ser raras, apenas em momentos de extrema perturbação emocional. Você pode pensar em qualquer coisa que tenha servido de gatilho para isso hoje mais cedo?

O estômago de Cinder se revirou, lembrando a proximidade com Kai no elevador. Ela limpou a garganta.

– O que você está dizendo é que eu estou me tornando lunar de fato? Magia e tudo mais?

O dr. Erland crispou os lábios, mas não a corrigiu de novo.

– Sim. Vai levar algum tempo, mas você terá o dom pleno com que nasceu. – Ele girou os dedos no ar. – Você quer tentar usá-lo agora? Pode ser que consiga, não tenho certeza.

Cinder imaginou uma faísca em sua fiação, algo estalando na base da coluna. Ela sabia que provavelmente era coisa de sua cabeça, pânico autoinduzido, mas não conseguia ter certeza. Como se sentia sendo lunar? Tendo esse tipo de poder?

Ela balançou a cabeça.

– Não, tudo bem. Não estou preparada para isso.

Um sorriso estreito se alongou pelos lábios do doutor, como se ele estivesse um pouco desapontado.

– É claro. Quando você estiver pronta.

Envolvendo sua própria cintura com os braços, ela respirou tremulamente.

– Doutor?

– Sim?

– Você é imune à letumose, como eu?

O dr. Erland a encarou, sem piscar.

– Sim, sou.

– Então por que não usou suas próprias amostras de sangue para encontrar a cura? Tanta gente morreu... E as experiências com ciborgues...

As rugas no rosto dele se suavizaram.

– Eu *usei*, srta. Linh. De onde você acha que vieram os vinte e sete antídotos pelos quais já passamos?

– E nenhum deles funcionou. – Ela enfiou os pés embaixo da cadeira, sentindo-se pequena. Insignificante, de novo. – Então a minha imunidade não é o milagre que você fez parecer. – Os olhos dela pousaram no frasco. O antídoto da rainha.

– Srta. Linh.

Encontrando o olhar do doutor, Cinder viu um lampejo. Uma excitação mal contida, como na primeira vez em que eles se encontraram.

– Você é o milagre pelo qual eu procurava – disse ele. – Mas você está certa. Não é por causa de sua imunidade.

Cinder o encarou, esperando que ele explicasse. O que mais poderia ser tão especial nela? Será que ele estivera procurando pelo genial dispositivo de trava da magia, o protótipo de Linh Garan?

O comunicado interno dela apitou com uma nova mensagem antes que ele pudesse continuar. Ela se sobressaltou, desviando-se do doutor enquanto um texto verde rolava por seu visor.

COMUNICADO RECEBIDO DO DISTRITO 29 DE NOVA PEQUIM, QUARENTENA DE LETUMOSE. LINH PEONY ENTROU NO QUARTO ESTÁGIO DA LETUMOSE ÀS 17H24M, EM 18 DE AGOSTO, 126 DA TERCEIRA ERA.

– Srta. Linh?

Os dedos dela estremeceram.

– Minha irmã entrou no quarto estágio. – O olhar dela recaiu no frasco em cima da mesa do dr. Erland.

Ele seguiu o olhar.

– Entendo – respondeu ele. – O quarto estágio avança muito rápido. Não há tempo a perder. – Inclinando-se para a frente, ele pegou o frasco. – Promessa é promessa.

– Mas você não precisa disso? Para duplicar?

De pé, o doutor andou até a estante de livros e pegou um copo à sua frente.

– Quantos anos ela tem?

– Quatorze.

– Então acho que isso será o suficiente. – Ele pingou um quarto do antídoto no copo. Fechando o frasco, ele se virou para Cinder. – Você está ciente de que isso veio da rainha Levana. Não sei qual poderia ser o plano dela, mas sei que não será para o bem da Terra. Isso pode muito bem ser um truque.

– Minha irmã já está morrendo.

Ele assentiu e ofereceu o frasco a ela.

– Foi o que pensei.

Cinder se levantou, pegou o frasco e aninhou-o na palma da mão.

– Tem certeza?

– Tenho uma condição, srta. Linh.

Engolindo em seco, ela segurou o frasco junto ao peito.

– Você deve me prometer que não chegará nem perto deste palácio enquanto a rainha Levana estiver aqui.

Vinte e Seis

O PRÍNCIPE KAI CHEGOU À REUNIÃO COM DEZESSETE MINUTOS de atraso. Foi recebido pelos olhares decepcionados de Torin e quatro outros oficiais do governo, todos sentados em uma longa mesa, junto com mais uma dezena de rostos surgindo de seus respectivos netscreens na parede forrada de telas diante dele. Embaixadores de cada país da Terra – Reino Unido, Federação Europeia, União Africana, República da América e Austrália. Uma rainha, dois primeiros-ministros, um presidente, um governador-geral, três representantes de Estado e dois representantes de província. Um texto ao longo da parte inferior das telas prestativamente exibia seus nomes, títulos e afiliações de países.

– Que gentil da parte do jovem príncipe nos agraciar com sua presença – disse Torin, enquanto os oficiais em volta da mesa se levantavam para saudar Kai.

Kai fez um gesto para afastar o comentário de Torin.

– Pensei que você poderia precisar da minha tutela.

Na parede coberta de telas, a primeira-ministra da África, Kamin, grunhiu de maneira nada feminina. Todos os outros permaneceram em silêncio.

Kai caminhou para se sentar em seu lugar habitual, mas Torin o impediu, gesticulando para a cadeira ao fim da mesa. A cadeira do imperador. Com a mandíbula tensa, Kai trocou de lugar. Ele olhou para a fileira de rostos – embora cada um dos líderes do mundo estivesse a milhares de quilômetros de distância, olhando de seus próprios netscreens de parede, parecia que seus olhares estavam focados nele, desaprovadores.

Kai limpou a garganta, tentando não se inquietar.

– A ligação da conferência é segura? – perguntou ele, a questão trazendo de volta suas preocupações em relação ao chip de comunicação direta que Cinder encontrara dentro de Nainsi. As telas nessa sala eram equipadas com D-COMMs para que eles pudessem promover reuniões internacionais sem temer que alguém os ouvisse pela rede. O chip havia sido colocado dentro de Nainsi por um dos comparsas de Levana pelo mesmo motivo: sigilo, privacidade? Se fosse isso, o que exatamente ela havia descoberto?

– É claro – disse Torin. – As redes foram verificadas por aproximadamente

vinde minutos, Vossa Alteza. Estávamos discutindo a relação da Terra com Luna quando você se dignou a se juntar a nós.

Kai juntou as mãos.

– Certo. A relação a que se refere é aquela em que a rainha dominatrix dá um ataque de pirraça e nos ameaça com guerra toda vez que não consegue as coisas exatamente como quer? É essa relação?

Ninguém riu. O olhar de Torin se focou em Kai.

– O momento é inconveniente, Vossa Alteza?

Kai limpou a garganta.

– Peço desculpas. Isso foi inapropriado. – Ele viu os rostos dos líderes da Terra o observando de milhares de quilômetros de distância. Apertou as mãos embaixo da mesa, sentindo-se como uma criança sentada em uma das reuniões do pai.

– Obviamente – disse o presidente Vargas, da América –, a relação entre a Terra e Luna tem sido tensa há muitos anos, e o reinado da rainha Levana apenas piorou as coisas. Não podemos culpar nenhuma das partes, mas o que é importante aqui é que consertemos isso, antes...

– Antes que ela comece uma guerra – completou um representante de uma região da América do Sul –, como o jovem príncipe já observou.

– Mas se os relatórios na rede não estiverem equivocados – disse o governador-geral Williams, da Austrália –, o diálogo entre a Terra e Luna foi retomado. Pode ser verdade que Levana esteja na Terra *agora* mesmo? Mal acreditei nas notícias quando as ouvi.

– Sim – disse Torin, todos os olhares voltados para ele. – A rainha chegou na tarde de ontem, e sua taumaturga-chefe, Sybil Mira, está hospedada em nossa corte há duas semanas.

– Levana informou a vocês o propósito da visita? – perguntou a primeira-ministra Kamin.

– Ela diz que quer chegar a um acordo de paz.

Um dos representantes da República da América deu uma gargalhada.

– Eu só acredito vendo.

O presidente Vargas ignorou o comentário.

– O momento é um tanto suspeito, não é? Logo depois... – Ele não terminou. Ninguém olhou para Kai.

– Nós concordamos – disse Torin –, mas não pudemos recusar a requisição quando veio.

– Realmente parece que ela está mais disposta a discutir uma aliança com a Comunidade do que com qualquer um de nós – disse o presidente Vargas –, mas as condições dela eram sempre insatisfatórias. Elas mudaram?

Kai olhou de canto de olho enquanto o peito de Torin lentamente se expandia.

– Não – respondeu ele. – Até onde sabemos, as condições de Sua Majestade não mudaram. Sua meta continua a ser consagrar a aliança pelo casamento com o imperador da Comunidade.

Embora os rostos na sala e nos netscreens tenham tentado permanecer estáticos, o desconforto se instalou entre eles. Kai apertou tanto as mãos que suas unhas deixaram marcas de luas crescentes na pele. Ele sempre desprezara a diplomacia dessas reuniões. Todos pensando a mesma coisa, ninguém com coragem o bastante para dizer.

E é claro que seriam todos solidários ao destino de Kai, mas, ainda assim, gratos por não ser nenhum deles. Ficariam bravos com a possibilidade de a rainha Levana se infiltrar em qualquer país da Terra com seu regime ditatorial, mas certos de que isso seria melhor do que ver o exército dela atacando o planeta.

– A posição da Comunidade – continuou Torin – também não mudou.

Aquilo pareceu agitar a todos.

– Você não se casará com ela? – perguntou a rainha Camilla do Reino Unido, as rugas em sua testa se aprofundando.

Kai endireitou os ombros, em posição de defesa.

– Meu pai era firme em sua decisão de evitar tal aliança, e acredito que suas razões sejam tão pertinentes hoje quanto eram na semana passada, ou no ano passado, ou na última década. Tenho que considerar o que é melhor para o meu país.

– Você disse isso a Levana?

– Eu não menti para ela.

– E qual será o próximo passo dela? – conjecturou o primeiro-ministro da Europa, Bromstad, um homem de cabelos claros e olhar gentil.

– O que mais? – disse Kai. – Ela pretende acrescentar mais ofertas de barganha até que aceitemos.

Olhares se encontraram pelas telas. Os lábios de Torin ficaram brancos, seus olhos suplicando a Kai que fosse mais sutil. Kai podia adivinhar que Torin não tinha a intenção de mencionar o antídoto, pelo menos não até que planejassem seu próximo passo – mas a letumose era uma pandemia que afetava a todos. Eles tinham no mínimo o direito de saber que talvez existisse um antídoto. Isso considerando que Levana não tivesse mentido para eles.

Kai respirou fundo, espalmando as mãos na mesa.

– Levana alega ter encontrado a cura para a letumose.

Os netscreens pareceram estalar com surpresa, embora os líderes reunidos

estivessem perplexos demais para falarem.

– Ela trouxe uma única dose consigo, e eu a entreguei para nossa equipe de pesquisa. Não sabemos se é realmente um antídoto até termos a oportunidade de estudá-lo. Se ele *for* real, precisamos encontrar uma maneira de replicá-lo.

– E se não pudermos?

Kai olhou para o governador-geral australiano. Ele era bem mais velho do que o pai de Kai. Eram todos muito mais velhos do que ele.

– Eu não sei – respondeu ele. – Mas farei o que for preciso pela Comunidade. – Ele pronunciou muito cuidadosamente a palavra “Comunidade”. De fato, tinham a força de uma aliança entre seis países e um planeta. Mas tinham seus próprios laços, e ele não se esqueceria disso.

– Mesmo assim – disse Torin –, podemos ter esperanças de que ela seja razoável e de que consigamos convencê-la a assinar o Tratado de Bremen sem uma aliança consagrada por casamento.

– Ela vai recusar – disse um representante de Estado da Federação Europeia. – Não devemos nos iludir. Ela é teimosa...

– É claro, a família imperial da Comunidade não é a única com sangue real com que ela poderia alimentar esperanças de casamento – argumentou o representante de estado africano. Ele disse isso sabendo que seu próprio país não seria uma escolha, já que não era regido por uma monarquia. Qualquer laço de matrimônio seria superficial e passageiro demais. Ele continuou: – Acho que deveríamos explorar todas as possibilidades para apresentarmos uma proposta, não importando o que Levana resolva fazer em seguida. Uma oferta que nós, como um grupo, achemos que pode beneficiar os cidadãos de todo o planeta.

Kai seguiu a atenção do grupo para a rainha Camilla, do Reino Unido, que tinha um filho solteiro com trinta e poucos anos, uma idade mais próxima à de Levana do que a de Kai. Ele percebeu o quão passiva a rainha tentava parecer e teve que se conter para não passar uma imagem de presunção. Era bom virar a mesa.

E ainda, politicamente, não havia dúvida de que Kai era a melhor opção aos olhos de Levana. O príncipe do Reino Unido era o mais jovem de três irmãos e talvez nunca viesse a se tornar rei. Kai, por outro lado, seria coroado na próxima semana.

– E se ela rejeitar qualquer outro? – perguntou a rainha Camilla, erguendo uma sobrancelha que sofrera muitas intervenções cirúrgicas rejuvenescedoras ao longo dos anos. Quando ninguém respondeu a pergunta, ela continuou: – Não quero levantar alarme falso, mas vocês levaram em conta que a razão de ela ter vindo à Terra talvez seja assegurar essa aliança à força? Talvez sua intenção seja manipular a mente do jovem príncipe para que se case com ela.

O estômago de Kai se revirou. Ele podia ver seu desassossego espelhado nos rostos dos demais diplomatas.

– Ela poderia fazer isso? – perguntou ele.

Como ninguém respondeu rapidamente, ele se virou para Torin.

Levou muito, muito tempo para que Torin balançasse a cabeça, parecendo assustadoramente incerto.

– Não – disse ele. – Talvez em teoria, mas não. Para manter tal manobra, ela nunca poderia sair do seu lado. Tão logo você não estivesse mais sob a influência dela, poderia provar que o casamento não foi legítimo. Ela não se arriscaria a isso.

– Você quer dizer que nós *esperamos* que ela não se arrisque a fazer isso – falou Kai, sem se sentir muito consolado.

– E quanto à filha da rainha Levana, a princesa Inverno – lembrou o presidente Vargas –, houve alguma discussão acerca dela?

– Enteada – disse Torin. – E o que deveríamos discutir sobre a princesa lunar?

– Por que não podemos formar uma aliança em casamento com ela? – perguntou a rainha Camilla. – Ela não pode ser pior do que Levana.

Torin cruzou as mãos em cima da mesa.

– A princesa Inverno é filha de outra mãe, e seu pai era um mero guarda do palácio. Ela não tem sangue real.

– Mas talvez Luna ainda honrasse uma aliança de casamento com ela – disse Kai. – Será que não?

Torin suspirou, parecendo desejar que Kai mantivesse a boca fechada.

– Politicamente, talvez, mas isso não muda o fato de que a rainha Levana está na difícil posição de precisar se casar e gerar um herdeiro para continuar a linhagem por sangue. Não acho que ela vá aceitar casar a enteada enquanto *ela* mesma precisar arranjar um casamento apropriado.

– E não há esperança – disse o primeiro-ministro africano – de que os lunares aceitem algum dia a princesa Inverno como rainha?

– Somente se você conseguir convencê-los a abandonar suas superstições – respondeu Torin –, e todos sabemos o quão profundamente eles valorizam sua cultura. Senão eles sempre insistirão em um herdeiro de sangue real.

– E se Levana nunca gerar um herdeiro? O que eles farão então?

Kai olhou para seu conselheiro e ergueu uma sobrancelha.

– Não sei ao certo – respondeu Torin. – Tenho certeza de que a família real tem um monte de primos distantes que estão loucos para clamar o trono.

– Então, se Levana tem que se casar – disse o representante da América do Sul –, e se ela somente se casará com um imperador da Comunidade, e o

imperador da Comunidade se recusa a casar com ela, o que acontecerá então? Chegamos a um impasse.

– Talvez – respondeu o governador-geral Williams – ela concretize suas ameaças.

Torin sacudiu a cabeça.

– Se o desejo dela fosse começar uma guerra, oportunidades não faltaram.

– Parece claro – argumentou o governador-geral – que o desejo dela é se tornar imperatriz. Mas não sabemos o que ela planeja fazer caso vocês não...

– Na verdade, nós temos, sim, uma ideia – disse o presidente Vargas, a voz pesada. – Temo que não precisemos mais especular se Levana pretende iniciar uma guerra contra a Terra. Nossas fontes me levam a acreditar que a guerra não só é provável como iminente.

Um rumor inquieto percorreu a sala.

– Se nossas teorias estiverem certas – disse o presidente Vargas –, Levana planeja investir contra a Terra dentro dos próximos seis meses.

Kai se inclinou para a frente, brincando com a gola da camisa.

– Que teorias?

– Parece que a rainha Levana está reunindo um exército.

Confusão se instalou no recinto.

– Certamente Luna tem um exército já faz algum tempo – disse o primeiro-ministro Bromstad. – Não é novidade nem é um absurdo. Não podemos exigir que eles não tenham um exército, por mais que queiramos.

– Não é o exército comum de Luna, soldados e taumaturgos – disse o presidente Vargas –, nem é como qualquer exército que nós tenhamos na Terra. Aqui estão algumas fotografias que nossas unidades orbitais operacionais conseguiram obter.

A imagem do presidente sumiu e foi substituída por uma imagem distorcida, como se tivesse sido tirada de muito longe. Fotos de satélite tiradas sem a luz do sol. Ainda assim, na imagem granulada, Kai conseguia distinguir filas e filas de homens de pé. Ele semicerrou os olhos e outra fotografia apareceu na tela, essa mais de perto, mostrando as costas de quatro homens vistas de cima, mas Kai notou, com um choque, que *não* eram homens. Seus ombros eram largos demais, muito arqueados. Seus perfis pouco discerníveis eram muito alongados. Suas costas estavam cobertas pelo que aparentava ser pelo.

Outra imagem apareceu na tela. Mostrava uma meia dúzia de criaturas, seus rostos uma mistura de homem e besta. Seus narizes e mandíbulas se projetavam bizarramente da cabeça, os lábios torcidos em caretas perpétuas. Pontos brancos irrompiam da boca – Kai não podia vê-los com clareza, não podia afirmar, mas lhe davam a distinta impressão de serem presas.

– O que são essas criaturas? – perguntou a rainha Camilla.

– Mutantes – respondeu o presidente Vargas. – Nós acreditamos que sejam lunares transformados por engenharia genética. Esse é o projeto que presumimos estar sendo executado há muitas décadas. Estimamos seiscentos deles somente nesse batalhão, mas suspeitamos que haja mais, provavelmente na rede de tubos de lava sob a superfície da Lua. Podem ser milhares, muitos milhares, pelo que sabemos.

– E eles possuem magia? – Foi uma pergunta hesitante, proposta pelo representante de província do Canadá.

A imagem desapareceu, mostrando o presidente americano de novo.

– Não sabemos. Não conseguimos vê-los treinando ou fazendo qualquer outra coisa que não ficar em formação e marchar para dentro e para fora das cavernas.

– Eles são lunares – disse a rainha Camilla. – Se não estiverem mortos, possuem magia.

– Não temos provas de que eles tenham matado as crianças não dotadas de dom – interrompeu Torin. – E por mais excitante que seja olhar para essas imagens e criar especulações loucas, precisamos manter em mente que a rainha Levana ainda não atacou a Terra, e não temos evidências de que tais criaturas se destinam a tal ataque.

– Qual mais poderia ser a finalidade delas? – perguntou o governador-geral Williams.

– Trabalho manual? – argumentou Torin, desafiando qualquer um a negar tal possibilidade. O governador-geral fungou, mas não disse nada. – Nós devemos, é claro, nos preparar para o caso de uma guerra começar. Mas nesse meio-tempo, nossa prioridade precisa ser formar uma aliança com Luna, não afastá-la com paranoia e desconfiança.

– Não – disse Kai, apoiando o queixo no punho. – Eu acho que esse é o momento perfeito para paranoia e desconfiança.

Torin franziu o cenho.

– Vossa Alteza.

– Parece que todos deixaram passar o ponto óbvio dessas imagens.

O presidente Vargas estufou o peito.

– O que você quer dizer?

– Você disse que provavelmente eles estão formando esse exército há décadas? Aprimorando seja qual for a ciência que usam para gerar essas... criaturas?

– É o que parece.

– Então por que só os percebemos agora? – Ele gesticulou em direção à tela

em que as imagens haviam estado. – Centenas deles, de pé do lado de fora como se não tivessem nada melhor para fazer. *Aguardando* para serem fotografados. – Ele cruzou os braços em cima da mesa, observando enquanto expressões de incerteza se viraram em sua direção. – A rainha Levana queria que víssemos seu exército assombrado. Ela queria que tomássemos conhecimento.

– Você acha que ela está nos ameaçando? – perguntou a primeira-ministra Kamin.

Kai fechou os olhos, a imagem das filas de bestas fresca em sua mente.

– Não. Acho que ela está tentando *me* ameaçar.

Vinte e Sete

O AERODESLIZADOR FEZ UM RUÍDO AO PARAR DO LADO DE FORA da quarentena. Cinder saltou da porta lateral e imediatamente recuou, cobrindo o nariz com o cotovelo. Suas entranhas pesaram com o fedor de carne podre intensificado pelo calor da tarde. Junto à entrada, um grupo de medidroides estava carregando um aerodeslizador com cadáveres que seriam retirados, suas formas inchadas e sem cor, cada um com uma fenda vermelha no pulso. Cinder desviou o olhar, mantendo os olhos longe e segurando a respiração enquanto passava por eles para entrar no armazém.

A luz do sol foi de muito intensa a turva, filtrada pelas películas verdes nas claraboias ao longo do teto. Antes, a quarentena estava quase vazia; agora, estava superlotada de vítimas – de todas as idades, de todos os gêneros. Ventiladores de teto pouco faziam para aplacar o calor sufocante e o cheiro de morte que tornava o ar pesado.

Medidroides transitavam com um murmúrio por entre as camas, mas não havia um número suficiente para atender a todos os doentes.

Cinder andou despercebida por um corredor, engasgando com respirações superficiais sob a manga da blusa. Ela avistou o cobertor verde bordado de Peony e correu para o pé da cama.

– Peony!

Como Peony não se mexeu, ela esticou a mão e a pousou em seu ombro. O cobertor estava macio, morno, mas o volume embaixo dele não se movia.

Tremendo, Cinder agarrou a ponta da coberta e a puxou.

Peony lamuriou, um protesto brando, que gerou calafrios de alívio pelos braços de Cinder. Ela desmoronou ao lado da cama.

– Pelas estrelas, Peony. Eu vim assim que soube.

Peony semicerrou os olhos turvos para ela. Seu rosto estava pálido, os lábios descascando. As nódoas escuras em seu pescoço começavam a desbotar para um tom de alfazema na pele fantasmagórica. Com os olhos em Cinder, ela tirou o braço de debaixo do cobertor e abriu os dedos, exibindo as pontas preto-azuladas e o tom amarelado das unhas.

– Eu sei, mas vai ficar tudo bem. – Ainda ofegando, Cinder desabotoou o

bolso lateral da calça cargo e tirou a luva que normalmente vestia sua mão direita. O frasco estava em um dos dedos, protegido. – Eu trouxe uma coisa para você. Você consegue se sentar?

Peony fechou a mão em um punho sem força e a enfiou novamente debaixo do cobertor. Seus olhos estavam ociosos. Cinder não achava que ela a ouviria.

– Peony?

Uma mensagem ecoou na cabeça de Cinder. O visor mostrou que havia uma nova mensagem de Adri, e a onda familiar de ansiedade que vinha com ela fechou a garganta de Cinder.

Ela rejeitou a mensagem.

– Peony, me escute. Preciso que você se sente. Você consegue fazer isso?

– Mamãe? – sussurrou Peony, a saliva se amontoando no canto dos lábios.

– Ela está em casa. Ela não sabe... – *Que você está morrendo.* Mas é claro que Adri sabia. O comunicado fora enviado para ela também.

Com a pulsação disparada, Cinder se curvou sobre Peony e deslizou o braço por baixo do ombro dela.

– Vamos, vou ajudar você.

A expressão de Peony não mudou – o olhar cadavérico e vazio –, mas ela deixou escapar um grunhido de dor quando Cinder a ergueu.

– Sinto muito – disse Cinder –, mas preciso que você beba isto.

Outro alerta, outra mensagem de Adri. Dessa vez, a irritação aflorou em Cinder e ela desligou sua rede, bloqueando quaisquer novas mensagens.

– É do palácio. Deve ajudar. Você compreende? – Ela manteve a voz baixa, preocupada com a hipótese de outros pacientes ouvirem e a atacarem. Mas o olhar de Peony continuou inexpressivo. – Uma *cura*, Peony – sibilou nos ouvidos da menina. – Um antídoto.

Peony nada disse, a cabeça jogada no ombro de Cinder. Seu corpo estava mole, mas ela era leve como uma boneca de madeira.

A garganta de Cinder parecia cheia de areia enquanto ela olhava para os olhos vazios de Peony, que se fixavam para além dela, através dela.

– Não... Peony, você me ouviu? – Cinder puxou Peony completamente para junto de si e destampou o frasco. – Você tem que beber isso. – Ela levou o frasco aos lábios de Peony, mas ela não se moveu. Não recuou. – *Peony.*

Com a mão trêmula, ela virou a cabeça de Peony para trás. Seus lábios magros se abriram.

Cinder forçou a mão a ficar firme enquanto erguia o frasco, preocupada em não desperdiçar uma gota sequer. Ela encostou o frasco contra os lábios de Peony e segurou a respiração, mas parou. Seu coração estava descontrolado. Sua cabeça pesava com as lágrimas que não viriam. Ela sacudiu a cabeça duramente.

– Peony, *por favor*.

Quando nenhum som ou ar passou pelos lábios da irmã, Cinder baixou o frasco. Ela enterrou a cabeça na dobra do pescoço de Peony, rangendo os dentes até que a mandíbula doesse. Cada respiração a alfinetava ao descer pela garganta, sofrível por causa do fedor em volta dela, mas mesmo agora ela conseguia sentir o odor do xampu de Peony, de tantos dias atrás.

Segurando firmemente o frasco, ela soltou Peony com delicadeza, deixando que ela deslizasse de volta ao travesseiro. Seus olhos ainda estavam abertos.

Cinder socou o colchão. Um pouco do antídoto espirrou em seu polegar. Esfregando os olhos até que estrelas aparecessem diante dela, ela desmoronou e enterrou a cara no cobertor.

– Maldição. *Maldição*. Peony!

Balançando-se em seus calcanhares, ela respirou longa e irregularmente. Observou o rosto em forma de coração de sua irmãzinha e seus olhos sem vida.

– Eu mantive minha promessa. Trouxe isso para você. – Ela mal se conteve para não esmagar o frasco no punho. – Além disso, falei com Kai. Peony, ele vai dançar com você. Ele me disse que dançaria. Não entende? Você *não pode* morrer. Estou *aqui*... Eu...

Uma dor de cabeça dilacerante a lançou contra a cama. Ela agarrou a ponta do colchão e abaixou a cabeça, deixando-a pender. A dor vinha do alto de sua espinha de novo, mas não a sobrepunha como antes. Foi apenas um calor desconfortável, como uma queimadura de sol interna.

Passou, deixando apenas um fraco latejamento e a imagem do olhar vazio de Peony a assombrando. Ela ergueu a cabeça, tampou o frasco com dedos fracos e guardou-o novamente dentro do bolso. Esticando a mão, ela fechou os olhos de Peony.

Cinder ouviu o familiar esmigalhar das rodas no concreto sujo e avistou um medidroide vindo em sua direção, sem água ou panos úmidos em seus pegadores. Ele parou do outro lado da cama de Peony, abriu o torso e pegou um bisturi.

Cinder esticou o braço por cima da cama e agarrou o pulso de Peony com a mão enluvada.

– Não – disse ela, mais alto do que pretendia. Os pacientes mais próximos viraram a cabeça na sua direção.

O sensor do androide virou-se para ela, ainda escuro.

Ladrões. Condenados. Fugitivos.

– Você não pode pegar essa aqui.

O androide continuou onde estava, sua face branca inexpressiva, o bisturi saindo de seu torso. Com um pouco de sangue seco grudado na ponta.

Sem falar, o androide esticou um de seus braços livres para a frente e pegou o cotovelo de Peony.

– Eu fui programado...

– Eu não me importo com o que você foi programado para fazer. Nesta aqui você não vai tocar. – Cinder arrancou o braço de Peony do pegador do androide, que deixou arranhões profundos na pele dela.

– Eu devo remover e preservar o chip de identificação dela – disse o androide, esticando o braço de novo.

Cinder se curvou sobre a cama e cravou a mão no sensor do androide, bloqueando-o.

– Já falei que você não vai pegá-lo. Deixe-a em paz.

O androide girou o bisturi, enterrando a ponta na luva de Cinder. Houve um retinido de metal contra metal. Cinder recuou, surpresa. A lâmina ficou presa no grosso tecido de suas luvas de trabalho.

Rangendo os dentes, ela retirou o bisturi da luva e o afundou no sensor do androide. Vidro se estilhaçou. A luz brilhante amarela piscou e se apagou. O androide recuou, os braços de metal balançando, alertas altos e mensagens de erro saindo de suas caixas de som ocultas.

Cinder movimentou-se rapidamente por cima da cama e golpeou a cabeça do androide com o punho. Ele se espatifou no chão, silenciado, os braços ainda se mexendo.

Ofegando, Cinder olhou em volta. Os pacientes que não estavam tão fracos sentados na cama, piscando os olhos turvos. Um medidroide que estava a quatro camas de distância deixou seu paciente e andou em sua direção.

Cinder respirou fundo. Abaixando-se, pegou o bisturi no sensor estilhaçado do androide. Virou-se para Peony – as cobertas desarrumadas, os arranhões em seus braços, as pontas dos dedos azuis pendendo da lateral da cama. Ajoelhando-se ao lado dela, pediu apressadamente perdão enquanto agarrava o frágil pulso da irmã.

Ela inseriu o bisturi na pele macia. Sangue brotou da ferida e molhou sua luva, misturando-se a anos de sujeira. Os dedos de Peony se mexeram quando Cinder passou por um tendão, fazendo com que ela se sobressaltasse.

Quando o corte estava grande o bastante, ela o abriu com o polegar, revelando o músculo vermelho brilhante. Sangue. Seu estômago se contorceu, mas ela enterrou a ponta da lâmina tão cuidadosamente quanto pôde, levantando o chip quadrado.

– Eu sinto tanto, sinto muito mesmo – sussurrou ela, pousando o pulso mutilado na barriga de Peony e se levantando. O barulho das rodas do medidroide se aproximava.

– Cinzas, cinzas...

Ela girou na direção da voz seca e melódica, segurando com firmeza o bisturi em uma das mãos, o chip de Peony protegido na outra.

O menininho na cama seguinte se encolheu novamente quando seus olhos dilatados viram a arma. A cantiga de ninar cessou. Cinder levou um momento para reconhecê-lo. Chang Sunto, do mercado. O filho de Sacha. Sua pele brilhava de suor, os cabelos negros emaranhados em um lado da cabeça de tanto dormir. *Cinzas, cinzas, todos nós morremos...*

Todos os que estavam fortes o suficiente para sentar estavam olhando para ela.

Inspirando rapidamente, Cinder se voltou na direção de Sunto. Ela pescou o frasco no bolso e o forçou nos dedos melados do menino.

– Beba isso.

O medidroide chegou ao pé da cama, e Cinder o empurrou para longe. Ele tombou no chão como um peão caído. Os olhos delirantes de Sunto a seguiram sem reconhecê-la.

– Beba isso! – ordenou ela, tirando a tampa e forçando o frasco na sua boca. Ela esperou que os lábios dele se fechassem ao redor do frasco e então correu.

O sol momentaneamente a cegou enquanto ela voltava para a rua. Com a passagem para seu aerodeslizador bloqueada pelos medidroides e duas camas com pacientes mortos, ela girou e correu na outra direção.

Virou uma esquina e já havia andado quatro quadras quando ouviu outro aerodeslizador suspenso, o zumbido de ímãs despertando debaixo dos seus pés.

– Linh Cinder – chamou uma voz estrondosa saída da caixa de som –, você está, por meio deste, intimada a parar e ser levada de modo pacífico sob custódia.

Ela praguejou. Eles a estavam *prendendo*?

Firmando os pés no chão, ela se virou, ofegante, para olhar o aerodeslizador branco. Era um veículo usado para a manutenção da ordem pública, guiado por mais androides. Como haviam chegado tão rápido a ela?

– Eu não o roubei! – gritou Cinder, firmando o punho que segurava o chip de Peony. – Ele pertence à família dela, não a vocês nem a ninguém mais.

O aerodeslizador pousou no chão, o motor ainda funcionando. Um androide apareceu na rampa, sua luz amarela escaneando Cinder de cima a baixo enquanto se aproximava dela. Tinha uma arma de eletrochoque no pegador.

Ela recuou, os calcanhares chutando escombros na rua deserta.

– Não fiz nada de errado – disse ela, as mãos estendidas na direção do androide. – Aquele medidroide estava me atacando. Foi legítima defesa.

– Linh Cinder – disse a voz mecânica da máquina –, fomos contactados por

sua guardiã legal em virtude de seu desaparecimento não autorizado. Você está violando o Ato de Proteção aos Ciborgues e foi classificada como um ciborgue fugitivo.

Cinder semicerrou os olhos, confusa. Uma gota de suor escorreu por sua sobrancelha quando ela olhou do androide que havia falado para um segundo androide que estava descendo a rampa do aerodeslizador.

– Esperem – disse ela, baixando as mãos. – Foi Adri quem enviou vocês?

Vinte e Oito

O SILÊNCIO CONSTRANGEDOR NO SALÃO DE JANTAR ERA QUEBRADO apenas pelo retinir dos *hashis* na porcelana e o arrastar dos pés dos servos. Somente servos humanos estavam presentes – uma concessão à enorme desconfiança de Levana em relação aos andróides. Ela dizia que eles iam contra os valores morais humanos e as leis da natureza ao conceder emoções falsas e pensamentos a máquinas fabricadas pelos homens.

Kai sabia, no entanto, que ela só não gostava de andróides porque não podia manipular a mente deles.

Sentando-se em frente à rainha, Kai se viu lutando para não olhar para ela – era ao mesmo tempo uma tentação e uma repulsa, e ambos os sentimentos o irritavam. Torin estava ao seu lado, e Levana era flanqueada por Sybil e o segundo taumaturgo. Os dois guardas lunares se apoiavam nas paredes. Kai se perguntou se eles alguma vez comiam.

O assento do imperador na cabeceira permaneceria vazio até a coroação. Ele também não queria olhar para aquela cadeira vazia.

Levana fez um gesto extenso, floreado, chamando a atenção de todos para si, embora tenha resultado apenas em um gole de chá. Seus lábios se torceram quando ela pousou a xícara, seu olhar encontrando o de Kai.

– Sybil me contou que seu pequeno festival acontece todos os anos – disse ela, a cadência da voz suave como uma cantiga de ninar.

– Isso mesmo – disse Kai, erguendo um empanado de camarão com os *hashis*. – Acontece sempre na nona lua cheia de cada ano.

– Ah, que encantador da parte de vocês basear seus feriados nos ciclos do meu planeta.

Kai sentiu vontade de zombar da palavra *planeta*, mas engoliu suas palavras.

– É a celebração do fim da Quarta Guerra Mundial – disse Torin.

Levana estalou a língua.

– Esse é o problema de tantos pequenos países em um só globo. Tantas guerras.

Algo espirrou no prato de Kai. Ele olhou para baixo e viu que o recheio do empanado transbordara para fora da massa.

– Talvez nós devamos agradecer por a guerra já ter acontecido e por ter forçado os países a formarem os conglomerados que existem agora.

– Eu não acredito que isso tenha aumentado o bem-estar dos cidadãos – disse Levana.

A pulsação de Kai vibrou em seus ouvidos. Milhões de pessoas haviam morrido na Quarta Guerra Mundial; culturas inteiras foram devastadas, dezenas de cidades reduzidas a escombros – inclusive a Pequim original. Sem falar nos inúmeros recursos naturais que foram destruídos por meio de guerras nucleares e químicas. Sim, ela tinha toda razão; o bem-estar dos cidadãos sofrera muitos danos.

– Mais chá, Vossa Alteza? – perguntou Torin, sobressaltando Kai. Ele percebeu que vinha segurando os *hashis* como armas.

Resmungando para si mesmo, ele se sentou para trás na cadeira, permitindo que o servo enchesse novamente sua xícara.

– Podemos dar crédito à guerra por ter gerado o Tratado de Bremen – disse Torin –, que desde então tem sido benéfico a todos os países da União Terráquea. Esperamos, é claro, ver sua assinatura no documento algum dia em breve, Vossa Majestade.

Os lábios da rainha se abriram em um esgar.

– De fato. Os benefícios do tratado são amplamente discutidos em seus livros de história. E, ainda assim, não consigo deixar de sentir que Luna, um único país regido por uma única governante, oferece um arranjo ainda mais perfeito. Aquele que é justo e benéfico para todos os habitantes.

– Isso presumindo que o governo vigente é justo – disse Kai.

Um lampejo de desdém se mostrou no maxilar da rainha, mas quase instantaneamente se desfez em um sorriso sereno.

– Isso, é claro, Luna tem, como mostram centenas de anos sem nem um levante sequer, nem mesmo o menor dos protestos. Nossos livros de história atestam isso.

Chocante. Kai resmungaria se não tivesse sentido o olhar furioso de Torin sobre ele.

– Esse é o legado que todo governante deseja – disse Torin.

Os servos tomaram a frente e retiraram os primeiros pratos, substituindo-os por sopeiras de prata.

– Minha rainha está tão ansiosa para forjar um acordo entre Luna e a Terra quanto vocês – disse Sybil. – É uma vergonha que o acordo não tenha sido acertado durante o reinado de seu pai, mas estamos esperançosas de que você, Vossa Alteza, seja mais receptivo aos nossos termos.

Kai novamente se esforçou para diminuir a tensão das mãos, a fim de não

saltar por cima da mesa e enfiar os *hashis* nos olhos da bruxa. Seu pai tentara todos os acordos imagináveis para chegar a uma aliança com Luna, exceto a única coisa com a qual não podia concordar. A única coisa que ele sabia que, com certeza, significaria o fim da liberdade de seu povo. Um casamento com a rainha Levana.

Mas ninguém se opôs ao comentário de Sybil. Nem mesmo ele. Kai não conseguia tirar a imagem do encontro daquele dia da cabeça. As mutações lunares, o exército de criaturas bestiais. Aguardando.

Os calafrios que percorriam seu corpo não eram causados apenas pelo que vira, mas pelo que podia imaginar não ter visto. Se ele estivesse certo, então Levana tinha exibido seu exército, como uma ameaça. Mas ele sabia que ela não mostraria todas as suas cartas assim tão fácil.

Então o que mais estaria escondendo?

E ele se arriscaria a descobrir?

Casamento. Guerra. Casamento. *Guerra*.

Os servos simultaneamente ergueram os domos de prata das bandejas, liberando nuvens de vapor com odor de alho e óleo de gergelim.

Kai balbuciou um agradecimento ao servo que estava atrás dele, mas suas palavras foram interrompidas por um engasgo da rainha. Ela afastou a cadeira da mesa. As pernas guincharam no contato com o chão.

Perplexo, Kai seguiu o olhar da rainha para o prato. Em vez de finos filés de carne de porco e talharim de arroz, o prato da rainha trazia um pequeno espelho de mão dentro de uma moldura branca e prateada.

– *Como você ousa?* – Levana virou os olhos flamejantes para a serva que lhe trouxera a refeição, uma mulher de meia-idade com finos cabelos cinzentos. A serva cambaleou para trás, seus olhos tão redondos quanto o espelho.

Levana se levantou tão rápido que sua cadeira caiu no chão. Um coro de pernas de cadeira rangeu no chão quando todos os demais se levantaram também.

– Fale, sua terráquea nojenta! Como você ousa me insultar?

A serva ergueu a cabeça, muda.

– Vossa Majestade – começou Kai.

– Sybil!

– Minha rainha.

– Essa humana demonstrou desrespeito. Isso não deve ser tolerado.

– Vossa Majestade! – disse Torin. – Por favor, acalme-se. Nós não sabemos se a culpada é esta mulher. Não devemos tirar conclusões precipitadas.

– Então ela deve servir de exemplo – disse Sybil, bem tranquilamente –, e o verdadeiro culpado sofrerá com a dor de sua consciência, o que com frequência é

uma punição bem pior.

– Essa *não* é a forma como funciona nosso sistema – disse Torin. Seu rosto estava vermelho. – Enquanto você estiver na Comunidade, se comportará de acordo com as nossas leis.

– Não seguirei suas leis enquanto elas permitirem que a desobediência floresça – respondeu Levana. – Sybil!

Sybil contornou a cadeira caída da rainha. A serva recuou, curvando a cabeça, murmurando desculpas e implorando por piedade, sem saber o que ela dissera.

– Pare com isso! Deixe-a em paz! – disse Kai, apressando-se na direção da serva.

Sybil apanhou uma faca da mesa de serviço e ofereceu o cabo à mulher. A mulher a pegou, chorando, implorando enquanto o fazia.

Kai ficou boquiaberto, e em seguida enojado e fascinado quando a serva virou a lâmina contra si mesma, segurando o cabo com as duas mãos.

O belo rosto de Sybil continuou complacente.

As mãos da serva tremeram e lentamente ergueram a faca até que a ponta brilhante estivesse pronta para se enterrar no canto de seu olho.

– Não – choramingou a serva. – *Por favor.*

O corpo todo de Kai tremeu quando ele percebeu o que Sybil pretendia forçar a mulher a fazer. Com o coração disparando, ele endireitou os ombros.

– *Fui eu.*

O salão ficou estático, silencioso, exceto pelos soluços estabanados da mulher.

Todos se viraram para Kai. A rainha, Torin, a serva com o minúsculo arranhão vermelho junto à pálpebra, a faca ainda na mão.

– Fui eu – repetiu ele. Kai olhou para Sybil, que o observava sem expressão alguma no rosto, e depois para a rainha Levana.

A rainha fechou ambas as mãos coladas ao lado do corpo. Seu olhar sombrio fervia de raiva. Sua pele tremeluzia. Em um único, fugidio momento, ela ficou horrível, com sua respiração cansada e o escárnio no sorriso de seus lábios cor de coral.

Kai passou a língua seca no céu da boca.

– Eu mandei que alguém na cozinha pusesse o espelho na sua bandeja. – Ele pressionou os braços firmemente nas laterais do corpo para evitar que tremessem. – Era para ser uma brincadeira amigável. Entendo agora que foi uma decisão estúpida e que uma brincadeira não pode ultrapassar os limites culturais. Tudo que posso fazer é me desculpar e pedir o seu perdão. – Ele alinhou o olhar ao de Levana. – Mas, se não for possível você me perdoar, então pelo menos

direcione sua ira para mim e não para a serva, que não tinha a menor ideia de que o espelho estava aí. A punição deve recair inteiramente sobre mim.

Se ele achava antes que a tensão era extrema, agora estava engasgando por causa dela.

A respiração de Levana se normalizou enquanto seus olhos avaliavam as opções. Ela não acreditava nele – era mentira, e todos no salão sabiam disso. Mas ele havia confessado.

Ela abriu as mãos, esticando os dedos pelo tecido do vestido.

– Liberte a serva.

A energia se dispersou. Kai sentiu seus ouvidos estalarem como se a pressão do ar no salão tivesse mudado.

A faca retiniu no chão e a serva cambaleou para trás, batendo em uma parede. As mãos trêmulas se espalmaram em seus olhos, seu rosto, sua cabeça.

– Agradeço sua honestidade, Vossa Alteza – disse Levana, seu tom de voz estável e vazio. – Aceito seu pedido de perdão.

A mulher chorosa foi levada do salão de jantar. Torin esticou o braço pela mesa, pegou o domo de prata e cobriu o espelho.

– Tragam para a nossa mais nobre hóspede a entrada.

– Isso não será necessário – disse Levana. – Perdi o apetite.

– Vossa Majestade – disse Torin.

– Vou me recolher aos meus aposentos – disse a rainha. Ela ainda desafiava Kai do outro lado da mesa, seus olhos frios e calculistas, e ele, ainda incapaz de desviar o olhar. – Aprendi algo valioso a seu respeito esta noite, jovem príncipe. Espero que você tenha aprendido algo sobre mim também.

– Que você prefere governar por meio do medo à justiça? Sinto muito, Vossa Majestade, mas eu já sabia isso a seu respeito.

– Não, de fato. Espero que tenha notado que sou capaz de escolher minhas brigas. – Os lábios dela se torceram, sua beleza retornando totalmente. – Se é isso o que é preciso para vencer a guerra.

Ela saiu do salão como uma pena, como se nada tivesse acontecido, seus empregados atrás. Apenas quando os guardas, cujos pés soavam como cavalos galopando, deixaram os corredores, Kai se deixou desabar na cadeira mais próxima, a cabeça pendendo sobre os joelhos. Seu estômago estava pesado. Cada nervo se agitava.

Ele ouviu uma cadeira sendo levantada e Torin se posicionar ao lado dele com um suspiro pesado.

– Deveríamos descobrir de quem é a culpa pelo espelho. Se foi alguém da equipe, deve ser suspenso enquanto a rainha estiver no palácio.

Kai ergueu a cabeça o bastante para olhar para a ponta da mesa, vendo o alto

domo de prata na frente da cadeira abandonada pela rainha. Inalando um pouco de ar, ele esticou o braço para a frente e descobriu o espelho, então pegou seu cabo delgado. Era tão liso quanto vidro, mas brilhava como diamante quando ele o virou contra a iluminação turva. Ele só vira material parecido uma vez antes. Em uma nave espacial.

Virando a face do espelho na direção de Torin, ele sacudiu a cabeça, enojado.

– Mistério resolvido – disse ele, virando novamente o espelho para que o conselheiro pudesse ver a estranha runa lunar entalhada na parte de trás da moldura.

Os olhos de Torin se arregalaram.

– Ela estava testando você.

Kai deixou o espelho virado para a mesa. Esfregou a testa com os dedos esticados, ainda tremendo.

– Vossa Alteza. – Um mensageiro bateu os calcanhares na porta. – Tenho uma mensagem urgente da Secretaria de Saúde e Segurança Pública.

Kai inclinou a cabeça, semicerrando os olhos para o mensageiro através da franja.

– Não era possível mandar um comunicado? – perguntou ele, checando seu cinto com a mão livre antes de lembrar que Levana solicitara que não houvesse tablets no jantar. Ele grunhiu e chegou para a frente na cadeira. – Qual é a mensagem?

O mensageiro entrou no salão de jantar, os olhos brilhando.

– Houve um distúrbio na quarentena do Distrito 29. Uma pessoa não identificada atacou dois medidroides, incapacitando um deles, e em seguida fugiu.

Kai franziu o cenho, se endireitando.

– Um paciente?

– Não temos certeza. O único androide que poderia ter gravado uma boa imagem foi o incapacitado. Outro androide pegou relances do acontecido de longe, mas apenas das costas do agressor. Não conseguimos chegar a uma identificação certa. Mas o culpado não parecia doente.

– Todos na quarentena estão doentes.

O mensageiro hesitou.

Kai segurou com força os braços da cadeira.

– Nós precisamos encontrá-lo. Se ele tem a doença...

– Parece ser uma mulher, Vossa Alteza. E tem mais. As cenas que temos a mostram conversando com outro paciente, momentos após ela ter atacado o primeiro medidroide. Um garoto cujo nome é Chang Sunto. Ele deu entrada na quarentena ontem com letumose em estágio dois.

– E?

O servo limpou a garganta.

– O garoto parece estar se recuperando.

– De quê? Do ataque?

– Não, Vossa Alteza. Se recuperando da doença.

Vinte e Nove

CINDER FECHOU COM FORÇA A PORTA DO APARTAMENTO E MARCHOU para a sala de estar. Adri estava sentada imóvel ao lado da lareira, olhando furiosa para Cinder como se a estivesse aguardando.

Cinder fechou os punhos.

– Como você ousa me caçar como se eu fosse uma criminosa qualquer? Não pensou que talvez eu estivesse fazendo alguma coisa?

– Como eu me atrevo a tratar você como um ciborgue qualquer, você quer dizer? – Adri cruzou as mãos sobre o colo. – Você é um ciborgue comum, e está sob minha jurisdição legal. É meu dever assegurar que você não se torne uma ameaça para a sociedade, e pareceu bem claro que você estava abusando dos privilégios que lhe concedi no passado.

– Que privilégios?

– Sempre concedi liberdade a você, Cinder, para fazer o que quiser, para ir aonde desejar. Mas despertou minha atenção o fato de que você não respeita as limitações e responsabilidades que acompanham a liberdade.

Cinder franziu o cenho e recuou. Ela repetira todo o discurso irado na mente durante o percurso de aerodeslizador até sua casa. Não esperava que Adri revidasse com um discurso próprio.

– Isso tudo é porque eu não respondi uns poucos comunicados?

Adri jogou os ombros para trás.

– O que você estava fazendo no palácio hoje, Cinder?

O coração de Cinder saltou no peito.

– No palácio?

Adri levantou uma sobrancelha, calma.

– Você vem rastreando meu chip de identificação?

– Você fez com que fosse necessário tomar determinadas precauções.

– Eu não *fiz* nada.

– Você não respondeu a minha pergunta.

Os alarmes internos de Cinder dispararam. Adrenalina em níveis críticos. Ela respirou fundo.

– Fui me juntar aos protestos, entendeu? Isso é crime?

– Tinha a impressão de que você estava no porão, trabalhando, como deveria estar. Sair furtivamente de casa sem permissão, sem sequer me informar, para se juntar a um protesto sem sentido, e tudo enquanto Peony está... – A voz dela falhou. Adri baixou os olhos, se conteve, mas sua voz estava mais grave quando ela falou novamente. – Seus registros mostram também que você andou de aerodeslizador hoje, para a periferia da cidade, até o distrito do antigo armazém. Me parece claro que você estava tentando fugir.

– Fugir? Não. É... É onde... – Ela hesitou. – Há lojas de peças usadas lá. Eu fui atrás de peças.

– É mesmo? E, só para saber, como você conseguiu dinheiro para pagar o aerodeslizador?

Mordendo o lábio, Cinder afundou o olhar no chão.

– Isso é inaceitável – disse Adri. – Não vou tolerar tal comportamento de sua parte.

Cinder ouviu uma movimentação no corredor. Olhando pela porta, ela viu Pearl saindo furtivamente do quarto, atraída pelo tom alto da voz da mãe. Ela se virou para Adri novamente.

– Depois de tudo que fiz por você – continuou Adri –, tudo que sacrificamos, você tem a *coragem* de me roubar.

Cinder franziu o cenho.

– Eu não roubei nada de você.

– Não? – As juntas dos dedos de Adri embranqueceram. – Eu poderia deixar passar uns poucos univs para uma volta de aerodeslizador, Cinder, mas me diga, onde você conseguiu seiscentos univs para pagar pelo seu... – o olhar dela recaiu sobre as botas de Cinder, os lábios se torcendo em um sorriso desdenhoso – seu novo *membro*? Não é verdade que o dinheiro estava reservado para aluguel, comida e despesas de manutenção da casa?

O estômago de Cinder se contraiu.

– Eu acessei a memória de Iko. Em apenas uma semana, seiscentos univs, sem falar em brincar com as pérolas que Garan me deu em nosso aniversário. Me faz mal pensar no que mais você anda escondendo de mim.

Cinder comprimiu os punhos trêmulos nas coxas, grata por não ter contado a Iko sobre ser lunar.

– Eu não estava...

– Eu não quero ouvir. – Adri juntou os lábios. – Se você não estivesse fora o dia inteiro borboleteando por aí, saberia que – disse, e sua voz aumentou, reforçada, como se a raiva por si só pudesse conter as lágrimas – que agora tenho um enterro para pagar. Com seiscentos univs eu poderia comprar uma placa respeitável para minha filha, e pretendo recuperar esse dinheiro. Vamos vender

alguns pertences pessoais para pagar as despesas, e você terá que contribuir com a sua parte.

Cinder agarrou a moldura da porta. Ela queria dizer a Adri que nenhuma placa cara traria Peony de volta, mas não teve forças. Fechando os olhos, encostou a testa no frio batente de madeira.

– Não fique aí de pé, parada, fingindo entender pelo que estou passando. Você não é parte desta família. Nem sequer é mais *humana*.

– Eu sou humana – respondeu Cinder, em voz baixa, devastada pela raiva. Ela apenas queria que Adri parasse de falar para que pudesse ir para o quarto e pensar em Peony. O antídoto. A fuga delas.

– Não, Cinder. Humanos choram.

Cinder recuou, passando os braços em volta de si mesma de forma protetora.

– Vá em frente. Derrame uma lágrima por sua irmãzinha. Eu pareço já ter chorado tanto que sequei, então, por que você não divide esse fardo?

– Isso não é justo.

– Não é justo? – vociferou Adri. – O que não é justo é que *você* ainda esteja viva enquanto *ela* não está. Isso não é justo! Você devia ter morrido naquele acidente. Eles deviam ter deixado você morrer e minha família viver em paz!

Cinder bateu o pé.

– Pare de me culpar! Eu não pedi para viver. Não pedi para ser adotada. Não pedi para me tornarem ciborgue. Nada disso é culpa minha! E Peony também não foi culpa minha, e nem Garan. Eu não dei início a essa peste, eu não...

Ela parou quando as palavras do dr. Erland voltaram. Os lunares haviam trazido a peste para a Terra. Os culpados eram os lunares. Os lunares.

– Você teve um curto-circuito agora?

Cinder balançou a cabeça para afastar o pensamento e lançou um olhar silencioso para Pearl antes de se virar novamente para Adri.

– Eu posso devolver o dinheiro – disse ela. – O suficiente para comprar a mais bonita placa para Peony ou até mesmo uma lápide.

– É tarde demais para isso. Você provou que não faz parte desta família. Provou que não podemos confiar em você. – Adri alisou a saia na altura dos joelhos. – Como punição por seu roubo e sua tentativa de fuga esta tarde, resolvi que não permitirei que você vá ao baile anual.

Cinder engoliu uma risadinha irônica. Adri achava que ela era idiota?

– Até que eu mude de ideia – continuou Adri –, o mais longe que você poderá ir é ao porão durante a semana, e para o seu estande no festival para que possa começar a pagar o dinheiro que me roubou.

Cinder enterrou os dedos nas coxas, muito enfurecida para argumentar. Cada fibra, cada nervo, cada fio vibrava.

– E você deixará seu pé comigo.

Ela ficou perplexa.

– Como é?

– Acho que é uma solução justa. Afinal, você o comprou com meu dinheiro, então ele é meu para que eu faça o que quiser. Em algumas culturas, cortariam sua mão por isso, Cinder. Considere-se sortuda.

– Mas é meu pé!

– E você vai ter que se virar sem ele até encontrar um substituto mais barato.

– Ela olhou furiosamente para os pés de Cinder. Seus lábios se torceram em repulsa. – Você *não* é humana, Cinder. Já é hora de aceitar isso.

Com a boca aberta, Cinder lutou para formar um argumento. Mas legalmente, o dinheiro era de Adri. Legalmente, *Cinder* pertencia a Adri. Ela não tinha direitos, não tinha posses. Não era nada além de um ciborgue.

– Você pode ir agora – disse Adri, lançando os olhos na direção da cornija vazia da lareira. – Mas certifique-se de deixar seu pé no corredor antes de ir dormir.

Com os punhos fechados, Cinder recuou para o corredor. Pearl se grudou à parede, olhando para Cinder com nojo. Suas bochechas estavam úmidas com as lágrimas recentes.

– Espere, mais uma coisa, Cinder.

Ela congelou.

– Você verá que já comecei a vender algumas coisas desnecessárias. Deixei algumas peças com defeito no seu quarto que foram consideradas sem valor. Talvez você possa pensar em algo para fazer com elas.

Quando ficou claro que Adri havia terminado, Cinder disparou pelo corredor sem olhar para trás. A raiva parecia transbordar de seu corpo. Ela queria liberar sua fúria pela casa, destruindo tudo, mas uma voz baixa em sua mente a tranquilizou. Adri queria aquilo. Adri queria uma desculpa para mandar prendê-la, se livrar dela de uma vez por todas.

Ela só precisava de tempo. Mais uma semana, duas no máximo, e o carro estaria pronto.

Então ela realmente seria um ciborgue fugitivo, mas, dessa vez, Adri não seria capaz de rastreá-la.

Entrou em seu quarto com passos pesados e bateu a porta, se jogando nela com a respiração quente e trêmula. Ela apertou os olhos. Mais uma semana. *Mais uma semana.*

Quando sua respiração começou a se normalizar e os alertas em seu visor desapareceram, Cinder abriu os olhos. Seu quarto estava tão bagunçado quanto sempre, ferramentas velhas e peças jogadas nas cobertas manchadas por graxa

que cobriam sua cama, mas seus olhos imediatamente pousaram sobre uma nova adição ao caos.

Seu estômago pesou.

Ela se ajoelhou em uma pilha das partes de coisas sem valor que Adri deixara para que ela olhasse. Uma roda bem usada marcada por pedras e escombros. Uma ventoinha antiga com uma lâmina torta. Dois braços de alumínio – um ainda com a fita de veludo de Peony amarrada no pulso.

Tensionando a mandíbula, ela começou a procurar em meio aos pedaços. Cuidadosamente. Um por um. Seus dedos tremiam sobre cada parafuso deformado. Cada pedaço de plástico derretido. Ela balançou a cabeça, suplicando em silêncio. Suplicando.

Finalmente ela encontrou o que procurava.

Com um soluço seco e grato, desmoronou, apertando o chip de personalidade de Iko, sem valor algum, contra o peito.



LIVRO

Quatro

O príncipe mandou que as escadas fossem cobertas por piche, e quando Cinderela as desceu correndo, sua sapatilha esquerda ficou presa ali.



Trinta

CINDER SE SENTOU EM SEU ESTANDE, O QUEIXO APOIADO NAS mãos, observando o enorme netscreen do outro lado da rua lotada. Ela não conseguia ouvir os comentários do repórter em meio ao caos, mas não precisava – ele estava cobrindo o festival no qual ela estava. O jornalista parecia estar se divertindo bem mais do que ela, gesticulando loucamente para os vendedores de comida e malabaristas que passavam, contorcionistas em pequenos carros alegóricos e o fim da cauda de uma pipa do dragão da sorte. Cinder sabia, pelo rebuliço, que o repórter estava na praça a apenas uma quadra dela, onde a maioria dos eventos acontecia durante o dia. Era bem mais festiva do que a rua com os estandes dos vendedores, mas pelo menos ela estava na sombra.

O dia *teria* sido bem ocupado comparado aos dias de feira – um monte de clientes em potencial tinham pesquisado preços de tablets quebrados e peças de androides –, mas ela fora forçada a dispensar todos. Não faria mais clientes em Nova Pequim. Ela nem estaria ali se Adri não a tivesse forçado a ir, deixando-a lá enquanto ela e Pearl iam ao shopping para comprar os acessórios de última hora para o baile. Ela desconfiava que Adri só queria observar os olhares pasmos para a garota manca de um pé só.

Ela não podia dizer à madrastra que Linh Cinder, renomada mecânica, não estava disponível para os negócios.

Porque não podia dizer a Adri que partiria.

Cinder suspirou, soprando um cacho de cabelo desarrumado para longe do rosto. O calor era miserável. A umidade se colava à pele, grudando sua camisa às costas. Junto às crescentes nuvens no horizonte, isso prometia chuva, muita chuva.

Não eram as condições ideais para dirigir.

Mas isso não a deteria. Dali a doze horas, estaria quilômetros além dos limites da cidade, abrindo a maior distância que conseguisse entre ela e Nova Pequim. Descera para a garagem todas as noites depois que Adri e Pearl adormeciam, saltando em uma perna só, apoiada em uma muleta improvisada, feita em casa, para que pudesse trabalhar no carro. A noite passada, pela primeira vez, o motor rugiu para a vida.

Bem, na verdade, foi mais como se gaguejasse para a vida e cuspsse gases nocivos do escapamento, que a fizeram tossir como louca. Usara quase a metade do dinheiro da pesquisa de Erland em um grande tanque de gasolina que, se ela tivesse sorte, a levaria pelo menos até a província seguinte. Seria uma viagem sacolejante. Seria uma viagem fedorenta.

Mas ela estaria livre.

Não – *elas* estariam livres. Ela e o chip de personalidade de Iko e o chip de identificação de Peony. Iam todas fugir juntas, como sempre dissera que fariam.

Embora ela soubesse que nunca traria Peony de volta, esperava que algum dia pelo menos pudesse encontrar outro corpo para Iko. Alguma outra carcaça de androide, talvez – quem sabe até mesmo uma acompanhante, com suas formas femininas ideais, zombeteira. Ela achava que Iko gostaria disso.

O telão mudou, exibindo as outras principais notícias da semana. Chang Sunto, a criança que passara por um milagre. Sobrevivente da peste. Ele foi entrevistado inúmeras vezes sobre sua inacreditável recuperação, e toda vez isso despertava um pequeno brilho no coração de silício de Cinder.

Imagens de sua louca fuga da quarentena foram reproduzidas repetidas vezes nas telas também, mas a gravação nunca mostrava seu rosto, e Adri estava muito distraída – pelo baile e pelo enterro para o qual Cinder não foi convidada – para perceber que a garota misteriosa vivia debaixo de seu próprio teto. Ou talvez Adri prestasse tão pouca atenção nela que não a reconheceria de qualquer forma.

Rumores abundavam sobre a garota e a miraculosa recuperação de Chang Sunto, e embora alguns falassem de um antídoto, ninguém era muito claro. O menino estava agora sob a vigilância da equipe de pesquisa do palácio, o que significava que o dr. Erland tinha uma nova cobaia para se divertir. Ela esperava que fosse o suficiente, dado que seu papel como voluntária na pesquisa chegara ao fim. Ela não tivera a coragem de dizer ao doutor ainda, contudo, e a culpa se agarrava a ela quando via um novo depósito em sua conta a cada manhã. O dr. Erland mantinha suas promessas – criara uma conta ligada à identificação de Cinder de forma que só ela pudesse acessar, e não Adri, e fizera depósitos quase diários do fundo de pesquisa e desenvolvimento. Até então não pedira nada em troca. Seus únicos comunicados foram para dizer que ainda estava usando suas amostras de sangue e para lembrá-la de não retornar ao palácio até que a rainha tivesse ido embora.

Cinder franziu o cenho, coçando a bochecha. O dr. Erland nunca tivera a chance de lhe explicar por que ela era tão especial, se ele também era imune. A curiosidade dela permanecia no fundo de seus pensamentos, mas não tão forte quanto sua determinação para fugir. Alguns mistérios permaneceriam sem solução.

Ela puxou a caixa de ferramentas em cima da mesa para si, remexendo-a por nenhuma outra razão a não ser manter suas mãos ocupadas. O tédio dos últimos cinco dias a levava a organizar meticulosamente cada parafuso restante. Agora começara a contar, criando um inventário digital no cérebro.

Uma criança surgiu do outro lado da mesa de trabalho, o cabelo preto macio preso em mairas-chiquinhas.

– Com licença – disse ela, pousando um tablet na mesa. – Você pode consertar isso?

Cinder virou os olhos entediados da criança para o tablet. Era pequeno o bastante para caber em sua mão e estava coberto por uma capa rosa cintilante. Suspirando, ela pegou o tablet e o virou nas mãos. Pressionou o botão de força, mas apenas um jargão ininteligível apareceu na tela. Torcendo os lábios, ela bateu o canto da tela na mesa duas vezes. A garota pulou para trás.

Cinder tentou o botão de força novamente. A tela de boas-vindas apareceu.

– Dê uma chance a ele – disse ela, devolvendo-o à criança, que tropeçou ao pegá-lo. Os olhos da garota brilharam. Ela deu um sorrisinho rápido com dois dentes faltando antes de correr para a multidão.

Cinder se curvou, pousou o queixo nos antebraços e desejou pela milésima vez que Iko não estivesse presa dentro de um pequeno pedaço de metal. Elas estariam se divertindo com os vendedores com os rostos suados e rosados, se abanando dentro das coberturas de seus estandes. Falariam sobre todos os lugares a que iriam e veriam – o Taj Mahal, o mar Mediterrâneo, a estrada do trem transatlântico de levitação magnética. Iko iria querer fazer compras em Paris.

Quando um estremecimento a percorreu, Cinder enterrou o rosto no cotovelo. Por quanto tempo ela teria que carregar aqueles fantasmas ao seu redor?

– Você está bem?

Ela se sobressaltou e levantou os olhos. Kai estava se inclinando no canto do estande, um braço apoiado no trilho de metal da porta, o outro escondido atrás dele. Usava seu disfarce novamente, o moletom cinza com o capuz na cabeça, e, mesmo naquele calor sufocante, conseguia parecer perfeitamente composto. O cabelo dele apenas despenteado, o sol brilhando atrás dele – o coração de Cinder começou a se expandir antes que ela o contivesse.

Ela não se deu o trabalho de levantar, mas de modo consciente enfiou a perna o mais para baixo possível, querendo esconder o máximo de fios, mais uma vez feliz pela fina toalha de mesa.

– Vossa Alteza.

– Não quero lhe dizer como conduzir o seu negócio nem nada – disse ele –,

mas você já pensou em cobrar das pessoas pelos seus serviços?

Seus fios pareciam estar lutando para se conectar em seu cérebro por um momento, antes que ela se lembrasse da garotinha de alguns instantes atrás. Ela limpou a garganta e olhou em volta. A garota estava sentada na calçada com o vestido esticado sobre os joelhos, cantarolando a música que saía das pequenas caixas de som. Consumidores passavam, girando sacolas contra os quadris e petiscando ovos cozidos em chá. Os lojistas estavam ocupados transpirando. Ninguém estava prestando nenhuma atenção neles.

– Não quero lhe dizer como ser príncipe, mas você não devia ter alguns guarda-costas ou algo assim?

– Guarda-costas? Quem iria querer fazer mal a um cara encantador como eu?

Quando ela o olhou, ele sorriu e mostrou rapidamente o pulso para ela.

– Acredite em mim, eles sabem exatamente onde estou o tempo todo, mas tento não pensar nisso.

Ela pegou um parafuso de cabeça chata da caixa de ferramentas e começou a rodopiá-lo entre os dedos, qualquer coisa para manter as mãos ocupadas.

– Então, o que você está fazendo aqui? Você não deveria, não sei, estar se preparando para a coroação ou algo do gênero?

– Acredite ou não, parece que estou tendo dificuldades técnicas de novo. – Ele tirou o tablet do cinto e olhou para baixo. – Veja, eu imaginei que provavelmente é demais esperar que a mecânica mais renomada de Nova Pequim esteja tendo problemas com o tablet *dela*, então concluí que deve haver algo errado com o meu. – Contorcendo os lábios, ele bateu o canto de seu tablet na mesa, em seguida checkou a tela de novo com um suspiro pesado. – Não, nada. Talvez ela esteja ignorando meus comunicados de propósito.

– Ela não pode estar ocupada?

– Ah, sim, você parece completamente atarefada.

Cinder revirou os olhos.

– Aqui, eu trouxe uma coisa para você. – Kai deixou o tablet de lado e tirou a mão de detrás das costas, fazendo surgir uma caixa longa e fina embalada num papel dourado e com uma fita branca. O papel era lindo, mas o embrulho em si, nem tanto.

Cinder largou a chave de fenda com um retinir.

– Para que é isso?

Uma pontada de mágoa atravessou o rosto dele.

– Como assim? Eu não posso comprar um presente para você? – perguntou, em um tom que quase interrompeu as ondas elétricas na fiação dela.

– Não. Não depois de eu ter ignorado seis comunicados seus na última semana. Você é lento para entender as coisas?

– Então você os recebeu!

Ela pousou os cotovelos na mesa, afundando o queixo nas palmas das mãos.

– É claro que recebi.

– Então por que está me ignorando? Eu lhe fiz alguma coisa?

– Não. Sim. – Ela fechou os olhos e os esfregou, massageando as têmporas em seguida. Pensara que a parte difícil tinha passado. Ela desapareceria, e ele seguiria com sua vida. Ela passaria o resto da vida acompanhando quando o príncipe, não, o *imperador* Kai fizesse discursos e aprovasse impostos. Quando viajasse em missões diplomáticas pelo mundo. Quando apertasse mãos e beijasse bebês. Ela o veria se casar. Assistiria quando sua esposa lhe desse filhos, porque o mundo todo pararia para ver isso acontecer.

Mas ele a esqueceria. Era o que precisava acontecer.

Como fora ingênua em pensar que seria tão simples.

– Não? Sim?

Ela gaguejou, pensando que *seria* fácil culpar Adri por seu silêncio, sua cruel madrasta que se recusara a lhe permitir que deixasse a casa, mas não era fácil. Ela não podia arriscar dar esperanças a Kai. Não podia se arriscar a fazer qualquer coisa que pudesse mudar sua determinação.

– É só que eu...

Ela recuou, sabendo que deveria lhe contar. Ele pensava que ela era uma simples mecânica, e talvez estivesse disposto a cruzar *essa* barreira social. Mas ser ciborgue e lunar? Ser odiada e desprezada por cada cultura na galáxia? Ele entenderia em um instante porque precisava tirá-la da cabeça.

Mais do que isso, ele provavelmente a *esqueceria* num piscar de olhos.

Seus dedos de metal coçaram. Sua mão direita estava queimando dentro do tecido.

Tire as luvas e mostre a ele.

Ela esticou a mão para a bainha distraidamente, tocando o material sujo de graxa.

Mas não conseguia. Ele não sabia. Ela não queria que ele soubesse.

– Porque você ficou insistindo sobre o baile idiota – disse ela, empalidecendo só em pensar nas próprias palavras.

Ele lançou um olhar superficial para a caixa dourada em suas mãos. A tensão se derreteu até que seus braços caíssem ao lado do corpo.

– Pelas estrelas, Cinder, se eu soubesse que você baixaria um embargo sobre mim só por convidá-la para um encontro, eu não teria me atrevido.

Ela olhou para cima, para o céu, desejando que ele tivesse ficado pelo menos um pouco aborrecido com a resposta dela.

– Tudo bem, você não quer ir ao baile. Entendi. Não vou mais mencioná-lo.

Ela brincou com as pontas dos dedos das luvas.

– Eu agradeço.

Kai pousou a caixa na mesa.

Ela se remexeu, desconfortável, incapaz de esticar o braço para pegar o presente.

– Você tem alguma coisa importante para fazer? Algo como... governar um país?

– Provavelmente.

Inclinando-se para a frente, ele espalmou a mão no balcão e se inclinou mais, endireitando-se para ver o colo de Cinder. O coração dela saltou e ela se enfiou ainda mais para dentro do balcão, posicionando o pé o mais longe possível do raio de visão dele.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

– Você está bem?

– Estou. Por quê?

– Você normalmente é o mais elevado exemplo da etiqueta real, mas nem sequer se levantou. E eu estava tão preparado para ser um cavalheiro e insistir para que você se sentasse novamente...

– Sinto muito por ter roubado de você *esse* momento de tanto orgulho... – disse ela, afundando mais na cadeira. – Mas cheguei aqui ao amanhecer e estou cansada.

– Desde o amanhecer! Que horas são agora? – Ele esticou a mão para pegar o tablet.

– São uma e quatro da tarde.

Ele parou com a mão no dispositivo em sua cintura.

– Bem, é hora para um intervalo então, não é? – Ele sorriu radiante. – Será que eu posso ter a honra de lhe convidar para almoçar?

Pânico faiscou na parte posterior da cabeça de Cinder e ela se sentou reta.

– É claro que não.

– Por quê?

– Porque estou trabalhando. Não posso simplesmente sair daqui.

Ele ergueu uma sobrelanceira para as pilhas de parafusos impecavelmente organizados no balcão.

– Trabalhando nisso?

– Para seu governo, estou esperando um grande pedido de peças e alguém tem que estar aqui para recebê-lo. – Ela estava orgulhosa pela mentira ter soado tão verossímil.

– Cadê o androide?

A respiração dela falhou.

– Ela... não está aqui.

Kai deu um passo para trás, afastando-se do balcão, e olhou dramaticamente em volta.

– Peça a um dos vendedores para dar uma olhada no seu estande.

– De jeito nenhum. Gastei dinheiro para alugar esse estande. Não vou simplesmente abandoná-lo porque algum *príncipe* apareceu.

Kai se aproximou da mesa de novo.

– Vamos... Não posso levar você para aquele lugar que começa com *b*, e não posso levá-la para almoçar. A não ser que eu desconecte o processador de um dos meus androides, essa será a última vez em que nos veremos.

– Acredite ou não, eu, na verdade, já tinha meio que aceitado isso.

Kai pousou os cotovelos no balcão, abaixando a cabeça de forma que o capuz ocultava dela os olhos dele. Os dedos de Kai encontraram um parafuso e começaram a passá-lo de um para o outro.

– Você vai assistir à coroação, pelo menos?

Ela hesitou antes de encolher os ombros.

– É claro que sim.

Assentindo com a cabeça, ele usou a ponta do parafuso para limpar a unha do polegar, embora Cinder não conseguisse ver nenhuma sujeira ali.

– Espera-se que eu faça uma declaração hoje à noite. Não durante a coroação, mas no baile. Sobre as negociações de paz que estamos discutindo desde a semana passada. Não será transmitida por causa dessa política ridícula da Levana contra câmeras, mas eu queria que você soubesse.

Cinder se enrijeceu.

– Houve algum progresso?

– Acho que pode-se dizer que sim. – Ele olhou para ela, mas não conseguiu sustentar o olhar por muito tempo. Logo ele estava olhando além dela, para todas as peças abandonadas. – Sei que é idiota, mas em parte eu sentia que, se visse você hoje, se eu pudesse convencê-la a me acompanhar esta noite, então talvez ainda pudesse mudar as coisas. É ridículo, eu sei. Não que Levana se importe se eu, você sabe, de repente sentir alguma coisa por alguém. – Ele ergueu a cabeça de novo, arremessando o parafuso de volta para sua pilha.

Todo o corpo de Cinder formigou com as palavras dele, mas ela engoliu em seco, forçando a distração a se afastar. Ela se lembrou de que aquela era a última vez que o veria.

– Você quer dizer que vai... – As palavras secaram. Ela baixou a voz. – Mas e Nainsi? As coisas que... que ela sabia?

Kai enfiou as mãos nos bolsos, o olhar perturbado desaparecendo.

– É tarde demais. Mesmo que eu pudesse *achá-la*. Não aconteceria hoje, nem

mesmo antes... E também há o antídoto, e eu... não posso simplesmente fazer corpo mole diante disso. Muita gente está morrendo.

– O dr. Erland descobriu alguma coisa?

Kai assentiu lentamente.

– Ele confirmou que é um antídoto de verdade, mas diz que não consegue duplicá-lo.

– O quê? Por quê?

– Acho que um dos ingredientes somente é encontrado na Lua. Irônico, não? E também houve o menino que se recuperou na semana passada, e o dr. Erland tem feito exames nele há dias, mas está fazendo muito segredo quanto a isso. Diz que não devo alimentar esperanças de que a recuperação do menino possa nos conduzir a qualquer nova informação. Ele não disse isso diretamente, mas... estou com a impressão de que o doutor está perdendo as esperanças de encontrar um antídoto a curto prazo. Algum antídoto além do de Levana, pelo menos. Pode ser que leve anos para que façamos qualquer progresso, e a qualquer momento... – Ele hesitou, os olhos assombrados. – Não sei se seria capaz de ver tanta gente morrer.

Cinder baixou o olhar.

– Sinto tanto... queria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

Kai se levantou do balcão, endireitando-se de pé novamente.

– Você ainda está pensando em ir para a Europa?

– Ah, sim, de fato. Estou, um pouco. – Ela respirou fundo. – Você quer me acompanhar?

Ele deu uma risadinha e tirou o cabelo do rosto.

– Sim. Você está brincando? Acho que essa foi a melhor proposta que já recebi.

Ela sorriu para ele, mas durou pouco. Um único momento feliz de faz de conta.

– Preciso voltar – disse ele, baixando o olhar para a caixa embrulhada pelo fino papel dourado. Cinder tinha quase esquecido o presente. Ele o empurrou pelo balcão, desarrumando uma fila de parafusos com o gesto.

– Não. Eu não posso...

– Claro que pode. – Ele deu de ombros, aparentemente constrangido, o que lhe dava uma aparência, por estranho que pareça, charmosa. – Tinha pensado nele para o baile, mas... bem, onde quer que você tenha a chance, eu acho.

A curiosidade fervia dentro dela, mas ela se forçou a empurrar a caixa na direção dele.

– Não, por favor.

Ele pousou com firmeza a mão sobre a dela – Cinder podia sentir seu calor

mesmo com a luva grossa.

– Aceite – disse ele, e deu seu característico sorriso de príncipe encantado, como se estivesse completamente tranquilo. – E pense em mim.

– Cinder, aqui, pegue isso.

Cinder se sobressaltou com a voz de Pearl e puxou a mão de baixo da de Kai. Pearl passou o braço por sua mesa de trabalho, lançando pecinhas e parafusos retinindo para a calçada, e depois pousou violentamente uma pilha de caixas de papel no lugar deles.

– Coloque-as em algum lugar lá atrás, onde não serão roubadas – disse Pearl, gesticulando distraidamente na direção dos fundos do estande. – Algum lugar *limpo*, se houver.

Com o coração latejando, Cinder esticou a mão para pegar as caixas e as puxou para si. Seus pensamentos dispararam para seu calcanhar vazio, como ela teria que mancar para os fundos do estande, como não haveria jeito de esconder sua deformidade.

– Como assim, sem “por favor” nem “obrigado”? – disse Kai.

Cinder recuou, desejando que Kai já tivesse ido embora antes que Pearl arruinasse os últimos momentos em que ela poderia vê-lo.

Pearl se eriçou. Ela jogou o longo cabelo sobre o ombro enquanto virava na direção do príncipe, os olhos escurecendo.

– Quem é você para...

As palavras desapareceram, e seus lábios formaram um beicinho, em surpresa.

Kai botou as mãos nos bolsos e olhou para Pearl com um desdém mal disfarçado.

Cinder torceu os dedos nos laços que amarravam as caixas de Pearl.

– Vossa Alteza, por favor conheça minha meia-irmã, Linh Pearl.

Os lábios de Pearl se abriram, a mandíbula caindo enquanto o príncipe lhe fazia uma curta reverência.

– É um prazer – disse ele, o tom muito direto.

Cinder limpou a garganta.

– Obrigada novamente por seu generoso pagamento, Vossa Alteza. E, ah, felicidades em sua coroação.

O olhar de Kai se suavizou quando ele o desviou de Pearl. Uma ponta de conspiração compartilhada tocou os cantos de seus lábios, algo muito sugestivo para passar despercebido por Pearl. Ele abaixou sua cabeça para Cinder.

– Acho que é adeus, então. Meu pedido ainda vale, de qualquer forma, se você mudar de ideia.

Para o alívio de Cinder, ele não se estendeu no assunto, apenas se virou e

desapareceu em meio à multidão.

Pearl o seguiu com os olhos. Cinder quis fazer o mesmo, mas se forçou a olhar para a pilha de caixas de compras.

– Sim, claro – disse ela, como se a interrupção do príncipe não tivesse acontecido. – Vou deixá-las nas prateleiras ali atrás.

Pearl pôs a mão sobre a de Cinder, detendo-a. Seus olhos estavam arregalados, incrédulos.

– Aquele era o príncipe.

Cinder fingiu indiferença.

– Eu consertei um dos androides reais semana passada. Ele veio apenas me pagar.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Pearl. Seus lábios se fecharam firmemente. Seu olhar cheio de suspeita caiu na fina caixa dourada que Kai deixara para trás. Sem hesitar, ela a pegou.

Cinder arfou e tentou pegar a caixa, mas Pearl saiu de seu alcance. Cinder pôs o joelho em cima da bancada, pronta para pulá-la, quando percebeu que catástrofe seria. Com a pulsação disparada, ela congelou e observou enquanto Pearl desfazia o laço e deixava a fita cair no chão poeirento, e depois rasgou o papel dourado. A caixa embaixo era simples e branca, sem nenhuma marca. Ela levantou a tampa.

Cinder levantou a cabeça, tentando ver o que tinha dentro, enquanto Pearl olhava pasma o presente. Ela podia ver vincos de papel de seda e algo branco e sedoso. Analisou o rosto de Pearl, tentando julgar sua reação, mas conseguia apenas perceber confusão.

– Isso é uma *piada*?

Sem dizer nada, Cinder recuou lentamente, tirando o joelho do balcão.

Pearl baixou a caixa para que Cinder pudesse ver. Do lado de dentro estava o mais lindo par de luvas que ela já vira. Seda pura e com um brilho branco-prateado. Eram longas o bastante para cobrir seus cotovelos, e havia uma linha de pérolas somente ao longo da bainha que acrescentava um toque simples de elegância. Eram luvas adequadas a uma princesa.

Parecia mesmo uma *piada*.

Uma risada aguda explodiu em Pearl.

– Ele não sabe, não é? Ele não sabe sobre sua... sobre *você*. – Ela pegou as luvas, tirando-as de sua cama de papel de seda, e deixou a caixa cair na rua. – O que você achou que aconteceria? – Ela sacudiu as luvas para Cinder, os dedos vazios balançando, indefesos. – Você achou que o príncipe poderia *gostar* mesmo de você? Pensou que poderia ir ao baile e dançar com ele usando suas lindas luvas novas e seu... – Ela olhou com cuidado para as roupas de Cinder, a

calça cargo imunda, a blusa manchada, o cinto de ferramentas amarrado ao redor da cintura, e deu uma risada de novo.

– É claro que não – disse Cinder. – Eu não vou ao baile.

– Então qual é a utilidade *disto* para um ciborgue?

– Não sei. Eu não... ele só...

– Talvez você tenha pensado que não teria importância – disse Pearl, estalando a língua. – Foi isso? Você achou que o príncipe, não, o *imperador* acharia sentimento em seu coração para relevar todas as suas... – ela girou a mão – deficiências?

Cinder fechou as mãos, tentando ignorar as palavras afiadas.

– Ele é apenas um cliente.

O brilho de deboche se apagou nos olhos de Pearl.

– Não. Ele é o príncipe. E, se soubesse a verdade a seu respeito, não teria olhado para você, nem de passagem.

O peito de Cinder se encheu de ressentimento. Ela olhou nos olhos de Pearl.

– Isso foi mais ou menos o que ele fez com você, não é? – Ela desejou ter segurado a língua no momento em que as palavras saíram, mas o ultraje que surgiu no rosto de Pearl quase valeu a pena.

Até que Pearl jogou as luvas no chão, apanhou a caixa de ferramentas no balcão e deixou que todo seu conteúdo caísse sobre elas. Cinder gritou com o barulho que se seguiu, com porcas e parafusos rolando para a rua. A multidão parou e olhou para elas e para a bagunça.

Pearl ergueu o nariz na direção de Cinder. Seus lábios mal se enrugaram.

– É melhor você arrumar tudo isso antes que o festival acabe. Vou precisar de sua ajuda hoje à noite. Afinal, tenho um baile real para comparecer.

Os fios de Cinder ainda zumbiam quando Pearl pegou suas caixas de compras e foi embora. Mas Cinder não perdeu tempo em pular sobre o balcão e se abaixar ao lado da caixa de ferramentas virada. Ela virou a caixa para cima, mas ignorou as peças bagunçadas, esticando-se para pegar as luvas no fim da pilha.

Estavam cobertas por sujeira e poeira, mas foram as manchinhas de graxa que fizeram seu coração doer. Cinder as enrolou sobre o joelho e tentou desamassar as rugas da seda, o que apenas espalhou o óleo. Elas eram lindas. A coisa mais bonita que ela já havia possuído.

Mas se havia uma coisa que ela aprendera ao longo dos anos como mecânica era que certas manchas nunca saíam.

Trinta e Um

FOI UMA LONGA CAMINHADA ATÉ EM CASA. ADRI E PEARL DEIXARAM o mercado sem ela, ansiosas para se aprontarem para o baile, o que foi um alívio para Cinder inicialmente, mas depois do primeiro quilômetro e meio andando com suas muletas improvisadas enterradas embaixo das axilas e a bolsa-carteiro batendo no quadril, ela amaldiçoava sua madrastra a cada passo claudicante.

Não que Cinder tivesse alguma pressa de chegar em casa. Não conseguia imaginar em que preparativos poderia ajudar Pearl, mas não tinha dúvidas de que seriam bolados para torturá-la. Mais uma noite de servidão. Mais uma noite.

Os pensamentos a impulsionaram.

Quando finalmente chegou ao apartamento, encontrou os corredores sinistramente quietos. Todo mundo estava no festival ou se arrumando para o baile. Os gritos que em geral podiam ser ouvidos atrás das portas fechadas haviam sido substituídos por risadinhas femininas.

Cinder enfiou as muletas sob os braços doloridos e apoiou-se na parede para chegar até a porta.

O apartamento parecia vazio quando ela entrou, mas conseguia ouvir o ranger do piso enquanto Adri e Pearl se moviam pelos quartos em direção aos fundos. Esperando ser capaz de passar a noite inteira sem esbarrar com elas de novo, Cinder foi para o seu pequeno quarto e fechou a porta atrás de si. Tinha pensado em começar a fazer as malas quando alguém bateu na porta.

Suspirando, ela a abriu. Pearl estava no corredor, usando seu vestido dourado de baile, todo de seda e com pérolas minúsculas, com um decote que se aprofundava exatamente como Adri requisitara.

– Será que você conseguiria vir mais devagar para casa? – disse ela. – Sairemos assim que a coroação acabar.

– Bem, tenho certeza de que teria vindo mais rápido se não tivessem roubado meu pé.

Pearl lançou-lhe um olhar rápido de raiva e em seguida recuou, voltando para o corredor, e fez uma meia-volta, deixando a saia se avolumar em volta de seus calcanhares.

– O que você acha, Cinder? O príncipe me notará neste vestido?

Cinder mal conteve a vontade de passar as mãos imundas pelo vestido. Em vez disso, tirou as luvas de trabalho e as enfiou no bolso traseiro.

– Você precisa de alguma coisa?

– Sim, na verdade. Eu queria pedir sua opinião. – Pearl levantou a saia para revelar sapatos descombinados em seus pequenos pés. No esquerdo, havia uma pequena bota de veludo da cor de leite fresco amarrada no tornozelo. No direito, uma sandália dourada amarrada com fitas brilhantes e pequenos enfeites em forma de coração.

– Já que você é tão próxima do príncipe, pensei que poderia perguntar se você acha que ele ia preferir as sandálias douradas ou os sapatos brancos.

Cinder fingiu pensar.

– As botas fazem seu tornozelo parecer gordo.

Pearl deu um sorriso afetado.

– O revestimento de metal faz com que o *seu* tornozelo pareça gordo. Você está com inveja porque tenho pés encantadores. – Ela suspirou com uma simpatia debochada. – Que pena que você nunca conhecerá esse prazer.

– Fico feliz que você tenha encontrado *uma* parte de seu corpo que é encantadora.

Pearl jogou os cabelos para trás, um sorrisinho sarcástico convencido no rosto. Ela sabia que o argumento de Cinder não tinha fundamento, e Cinder estava irritada porque o insulto vulgar não lhe trouxe prazer.

– Estive ensaiando minha conversa com o príncipe Kai – disse Pearl. – É claro, pretendo contar *tudo* a ele. – Ela girou para que a saia brilhasse. – Primeiro, contarei a ele sobre suas horrorosas extremidades metálicas e a vergonha que você é, a criatura repulsiva em que a transformaram. E me assegurarei de que ele perceba o quão mais desejável *eu* sou.

Cinder se apoiou no batente da porta.

– Eu queria ter sabido dessa sua quedinha por ele antes, Pearl. Sabe, antes de ela morrer, fiz Sua Alteza prometer que dançaria com Peony hoje à noite. Poderia ter pedido o mesmo para você, mas acho que agora é muito tarde. Que pena.

O rosto de Pearl corou.

– Você não deveria nem dizer o nome dela – disse ela, com um sussurro áspero.

Cinder piscou.

– Peony?

A raiva nos olhos de Pearl se tornou mais intensa, superando os insultos infantis.

– Eu sei que você a matou. Todo mundo sabe que foi sua culpa.

Cinder ficou boquiaberta, perturbada pela repentina mudança dos insultos imaturos.

– Isso não é verdade. Eu nunca fiquei doente.

– Foi culpa sua ela ter ido ao ferro-velho. Foi onde ela pegou.

Cinder abriu a boca, mas nenhum som saiu.

– Se não fosse por você, ela estaria indo ao baile hoje, então não tente fingir que teria lhe feito algum favor. A melhor coisa que você poderia ter feito por Peony era tê-la deixado em paz. Então talvez ela ainda estivesse aqui. – Lágrimas se acumulavam nos olhos de Pearl. – E você tenta fingir que se importava com ela, como se ela fosse *sua* irmã, e isso não é justo. Ela estava doente e você estava... se encontrando com o príncipe, tentando atrair a atenção dele, quando você sabia o que ela sentia em relação a ele. É doentio.

Cinder cruzou os braços, se protegendo.

– Sei que você não acredita nisso, mas eu realmente amava Peony. Ainda amo.

Pearl fungou uma vez, alto, como se quisesse encobrir o choro antes que ele a dominasse.

– Você está certa. Eu não acredito em você. Você é mentirosa e ladra, e não se importa com ninguém a não ser você mesma. – Ela fez uma pausa. – E vou me assegurar de que o príncipe saiba disso.

A porta do quarto de Adri se abriu, e ela saiu usando um quimono branco e vermelho bordado com elegantes grouns.

– Sobre o que vocês duas estão discutindo agora? Pearl, você está pronta para irmos? – Ela mirou Pearl com um olhar astuto, tentando averiguar se alguma coisa ainda precisava ser feita.

– Não acredito que vocês vão – disse Cinder. – O que as pessoas pensarão, enquanto vocês ainda estão no período de luto? – Ela sabia que estava mexendo em ninho de marimbondos, um comentário injusto quando havia escutado ambas chorando através das paredes finas, mas agora ela não estava disposta a ser justa. Mesmo que tivesse escolha, não iria. Não sem Peony.

Adri fixou um olhar gélido nela, os lábios retesados.

– A coroação está começando – disse ela. – Vá lavar o aerodeslizador. Quero que ele pareça novo em folha.

Feliz por não ser forçada a se sentar com elas durante a coroação, Cinder não retrucou enquanto pegava as muletas e rumava para a porta.

Mais uma noite.

Ela ligou o netlink tão logo chegou ao elevador, exibindo os procedimentos da coroação no canto de sua visão. Era ainda a pré-cerimônia. Uma parada de oficiais do governo marchava para dentro do palácio, enxameado por um mar de

jornalistas e câmeras.

Ela pegou um balde e sabão na despensa antes de mancar em direção à garagem, ouvindo sem atenção enquanto o locutor explicava o simbolismo por trás dos diferentes elementos da coroação. O bordado no manto de Kai, os desenhos no brasão que seria erguido quando ele fizesse seus votos, o número de vezes que o gongo tocaria quando ele subisse à plataforma de discurso, todos os procedimentos praticados por séculos, executados juntos como resultado das diversas culturas que se uniram para formar a Comunidade.

O noticiário continuamente mudava do festival no centro da cidade para uma tomada ocasional de Kai durante seus preparativos. Apenas esses pequenos lances afastavam a atenção de Cinder do balde de água com bolhas de sabão. Ela não conseguia evitar a fantasia de que estava no palácio com ele, em vez de naquela garagem escura e fria. Kai apertando a mão de algum representante desconhecido. Kai saudando a multidão. Kai tentando conseguir um momento de conversa privada com seu conselheiro. Kai virando-se na sua direção, sorrindo para ela, feliz porque ela estava ao seu lado.

As visões momentâneas dele fizeram com que o coração de Cinder se sentisse consolado, e não magoado. Era um lembrete de que coisas muito maiores estavam acontecendo no mundo, e o anseio de Cinder por liberdade, os ataques infantis de Pearl, os caprichos de Adri e até mesmo o flerte de Kai com ela não cabiam numa visão mais abrangente.

A Comunidade Oriental estava coroando seu novo imperador. Hoje, o mundo inteiro assistia.

A roupa de Kai era uma mistura de novas e antigas tradições. Pombas bordadas ao longo de sua gola chinesa significavam paz e amor. Sobre os ombros, um manto azul-escuro bordado com seis estrelas prateadas, significando a paz e a unidade dos seis reinos orientais, e uma dúzia de crisântemos, significando as doze províncias da Comunidade e como elas prosperaram sob seu reinado.

Um conselheiro real permanecia ao lado de Kai na plataforma. As primeiras filas da multidão eram formadas por oficiais do governo de cada divisão e província. Mas os olhos de Cinder eram sempre atraídos de volta para Kai, se prendendo a ele como ímã, uma vez depois da outra.

Em seguida, uma pequena equipe desceu um dos corredores, a última a ocupar os assentos – a rainha Levana, junto a dois taumaturgos. A rainha usava um delicado véu branco que descia até os cotovelos, ocultando sua face e fazendo-a parecer mais um fantasma do que uma hóspede real.

Cinder estremeceu. Não achava que algum lunar já tivesse comparecido a uma coroação da Comunidade. Em vez de deixá-la esperançosa com o futuro, a

visão encheu Cinder de ansiedade, porque a postura arrogante de Levana sugeria que ela pertencia ao lugar mais do que qualquer cidadão terráqueo. Como se fosse *ela* quem estivesse prestes a ser coroada.

A rainha e sua equipe reivindicaram seus assentos reservados na primeira fila. Aqueles sentados em volta deles tentaram, sem sucesso, esconder o desagrado por estar tão perto dela.

Cinder pegou o farrapo com sabão no balde e depositou toda sua apreensão no trabalho, esfregando o aerodeslizador de Adri até que brilhasse.

A coroação começou com um estrondo de tambores.

O príncipe Kai se ajoelhou em uma plataforma coberta por seda enquanto um lento desfile de homens e mulheres passava diante dele, cada um depositando uma fita ou medalhão ou joia ao redor de seu pescoço. Cada um era um presente simbólico – longa vida, sabedoria, bondade no coração, generosidade, paciência, alegria. Quando todos os colares haviam sido colocados no pescoço do príncipe, a câmara aproximou-se do rosto de Kai. Ele parecia surpreendentemente sereno, seus olhos baixos, mas a cabeça erguida.

Como era costume, um representante de cada um dos outros cinco reinos terrestres fora selecionado para oficializar a coroação, a fim de mostrar que os outros países honrariam e respeitariam o direito do novo soberano de governar. Eles selecionaram o primeiro-ministro da Federação Europeia, Bromstad, um homem alto e loiro com ombros largos. Cinder sempre achara que ele parecia mais um fazendeiro do que um político. Ele ergueu um rolo de papel antiquado que continha todas as promessas que Kai estava fazendo a seu povo ao aceitar ser imperador.

Enquanto as mãos do primeiro-ministro seguravam as extremidades do rolo, ele pronunciou uma série de votos, e Kai repetia depois dele.

– Eu juro solenemente governar os povos da Comunidade Oriental de acordo com as leis e costumes conforme foi feito pelas gerações de governantes anteriores – proclamou ele. – Usarei todo o poder conferido a mim para promover a justiça, ser misericordioso, honrar os direitos inerentes a todos os povos, respeitar a paz entre as nações, governar com bondade e paciência, e buscar a sabedoria e conselhos de meus colegas e irmãos. Tudo isso, prometo fazer hoje e durante todos os dias de meu reinado, diante de todas as testemunhas da Terra e dos céus.

O coração de Cinder se avolumou enquanto ela esfregava a capota. Nunca vira Kai parecer tão sério, nem tão bonito. Ela temeu por ele um pouco, sabendo o quão nervoso deveria estar, mas naquele momento não era o príncipe que trouxera um androide quebrado para o mercado ou quase a beijara em um elevador.

Ele era um imperador.

O primeiro-ministro Bromstad ergueu o queixo.

– Eu, por meio deste, proclamo você Imperador Kaito da Comunidade Oriental. Longa vida a Sua Majestade Imperial.

A multidão explodiu em saudações e cânticos animados de “*Longa vida ao imperador*” enquanto Kai se virava para olhar seu povo.

Era impossível dizer se ele estava feliz em sua elevada posição. Seus lábios estavam neutros, seu olhar discreto enquanto ele permanecia na plataforma e os aplausos da multidão explodiam ao seu redor.

Depois de um longo momento de sua própria serenidade enfrentando o tornado de saudações, um pódio foi trazido ao palco para o primeiro discurso do imperador. A multidão silenciou.

Cinder jogou água no veículo.

Kai ficou inexpressivo por um momento, olhando fixamente a borda da plataforma, os dedos batendo nos lados do pódio.

– Estou honrado – começou – que minha coroação tenha coincidido com nosso mais celebrado feriado. Há cento e vinte e seis anos, o pesadelo e a catástrofe que foi a Quarta Guerra Mundial acabou, e a Comunidade Oriental nasceu. Ela cresceu a partir da unificação de muitos povos, muitas culturas, muitos ideais. Foi fortalecida por uma única crença persistente de que juntos, nós, como um só povo, somos fortes. Temos a capacidade de amar uns aos outros, não importando nossas diferenças. De ajudar uns aos outros, não importando nossas fraquezas. Escolhemos a paz em vez da guerra. A vida em vez da morte. Escolhemos coroar um homem para ser nosso soberano, nos guiar, nos apoiar. Não para governar, mas para servir. – Ele fez uma pausa.

Cinder desviou o foco do visor de retina por tempo suficiente para fazer uma rápida inspeção no aerodeslizador. Estava muito escuro para saber se ela tinha feito um trabalho decente, mas perdera o interesse na perfeição.

Satisfeita, ela jogou o pano molhado no balde e se apoiou na parede de concreto atrás da fila de aerodeslizadores estacionados, prestando total atenção à pequena tela.

– Eu sou o tataraneto do primeiro imperador da Comunidade – continuou Kai. – Desde o tempo dele, nosso mundo mudou. Continuamos a enfrentar novos problemas, novas decepções. Embora uma guerra entre homens não seja travada em solo terrestre há cento e vinte e seis anos, agora lutamos em uma nova batalha. Meu pai estava combatendo a letumose, um mal que assola nosso planeta por anos. Essa doença trouxe morte e sofrimento até a porta de nossas casas. As boas pessoas da Comunidade e todos os nossos semelhantes terráqueos perderam amigos, familiares, amores, vizinhos. E, com essas perdas,

enfrentamos a queda da indústria e do comércio, uma retração econômica, condições de vida piores. Alguns ficaram sem comida porque não há fazendeiros o bastante para trabalhar na terra. Alguns ficaram sem aquecimento quando nossas fontes de energia minguaram. Essa é a guerra que encaramos agora. A guerra com que meu pai estava determinado a acabar, e agora tomo para mim essa missão. Juntos encontraremos uma cura para essa doença. Nós a derrotaremos. E devolveremos ao nosso país o seu antigo esplendor.

A plateia aplaudiu, mas Kai não demonstrou nenhum sinal de alegria com suas palavras. Sua expressão estava sombria, resignada.

– Seria ingênuo da minha parte – disse ele quando a audiência silenciou – não mencionar um segundo tipo de conflito, não menos mortal.

Houve um rumor na multidão. Cinder inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede fria.

– Como estou certo de que todos estão cientes, a relação entre as nações terráqueas aliadas e Luna tem sido tensa durante muitas gerações. Também tenho certeza de que todos sabem que a soberana de Luna, Sua Majestade rainha Levana, nos honra com sua presença desde a semana passada. Ela é a primeira soberana lunar a pisar na Terra há quase um século, e sua presença indica a esperança de que um tempo de verdadeira paz entre nós se aproxima rapidamente.

A tela se abriu, mostrando a rainha Levana na primeira fileira. Suas mãos leitosas estavam dobradas recatadamente no colo, como se ela aceitasse humildemente o reconhecimento. Cinder estava certa de que não enganava ninguém.

– Meu pai passou os últimos anos de vida discutindo com Sua Majestade, na esperança de forjar uma aliança. Ele não viveu para ver o resultado dessas discussões, mas estou determinado a fazer com que seus esforços ganhem nova vida em mim. É verdade que houve obstáculos nesse caminho para a paz. Que tivemos dificuldades em achar um meio-termo com Luna, uma solução que seja boa para as duas partes. Mas não abri mão da esperança de que uma solução possa ser encontrada. – Ele respirou fundo, então parou, com os lábios ainda abertos. Seu olhar baixou para o pódio. Os dedos se apertaram ao redor das beiradas.

Cinder se inclinou para a frente, como se pudesse olhar o príncipe mais de perto enquanto ele lutava com as próximas palavras.

– Eu vou... – Ele parou novamente, se endireitou, e elegeu algum ponto distante e invisível como seu novo foco. – Farei o que quer que seja necessário para assegurar o bem-estar de meu país. Farei o que for preciso para mantê-los todos a salvo. Essa é a minha promessa.

Ele tirou as mãos do pódio e o deixou antes que a multidão pudesse pensar em aplaudir, deixando uma salva de preocupadas embora educadas palmas atrás de si.

O coração de Cinder se apertou quando a tela permitiu outra olhada nos lunares da primeira fileira. O véu podia esconder o semblante da rainha, mas os sorrisinhos convencidos de suas duas assistentes não deixavam dúvidas. Elas estavam certas da vitória.

Trinta e Dois

CINDER ESPEROU POR MEIA HORA ANTES DE MANCAR DE VOLTA para o elevador. O edifício de apartamentos ganhara vida novamente. Ela se manteve grudada na parede, as muletas enfiadas atrás dela, enquanto seus vizinhos entravam e saíam com suas melhores roupas. Uns poucos olhares de pena pousaram sobre Cinder enquanto ela se desviava, tomando cuidado para não sujar nenhum dos lindos vestidos, mas a maioria dos vizinhos a ignorou.

Chegando ao apartamento, ela fechou a porta atrás de si e ouviu por um momento o alegre vazio da sala de estar. Fez uma lista mental de tudo que queria pegar, texto verde rolando por sua visão. Em seu quarto, Cinder abriu o cobertor e nele depositou seus poucos pertences – roupas manchadas de óleo, ferramentas que nunca voltaram para a caixa, presentinhos bobos que Iko lhe dera ao longo dos anos, como um “anel de ouro” que, na verdade, era uma arruela enferrujada.

Tanto o chip de personalidade de Iko quanto o chip de identificação de Peony estavam guardados em segurança no compartimento de sua panturrilha, onde ficariam até que ela encontrasse um lar mais permanente para eles.

Ela fechou os olhos, subitamente cansada. Como aquilo poderia estar acontecendo? A liberdade tão perto no horizonte, e ela de repente sentir um desejo absurdo de se deitar e tirar um cochilo? Agora seu corpo cobrava todas aquelas longas noites consertando o carro.

Afastando a sensação, ela terminou de arrumar suas coisas o mais rápido que pôde, tentando ao máximo não pensar nos riscos que estava assumindo. Seria considerada um ciborgue fugitivo de verdade desta vez. Se fosse pega, Adri poderia mandar prendê-la.

Ela manteve as mãos em movimento. Tentando não pensar em Iko, que havia estado ao seu lado. Nem em Peony, que teria tentado fazê-la ficar. Nem no príncipe Kai.

Imperador Kai.

Ela jamais o veria de novo.

Cinder amarrou as pontas do cobertor com um puxão irado. Estava pensando demais. Tinha apenas que ir embora. Um passo de cada vez e logo estaria no carro, e tudo isso ficaria para trás. Depois de colocar a mala improvisada sobre o

ombro, ela mancou de volta para o saguão e depois para baixo, para o porão de depósitos subterrâneos. Mancando para dentro do depósito, ela colocou a trouxa no chão.

Parou por apenas um momento para recuperar o fôlego antes de continuar, destravou a tampa da caixa de ferramentas portátil e jogou tudo de cima da bancada para dentro dela. Haveria tempo para organizar as coisas depois. A caixa de ferramentas vertical que vinha quase até seu peito era grande demais para caber dentro do carro e teria que ficar para trás. O consumo de gasolina seria enorme com todo aquele peso na traseira do carro, de qualquer jeito.

Ela olhou a sala em que passara a maior parte dos últimos cinco anos. Era o mais próximo de uma casa que conhecera, mesmo com o arame de galinheiro que parecia uma gaiola e as caixas que fediam a mofo. Ela não achava que sentiria muita falta daquilo.

O vestido de Peony para o baile, todo amassado, ainda estava jogado em cima do soldador. Ele, como a caixa de ferramentas, não a acompanharia.

Ela foi até as elevadas prateleiras de aço da parede mais distante e começou a procurar por peças que poderiam ser úteis no carro ou até mesmo no caso de seu próprio corpo apresentar algum defeito, jogando peças sortidas em um amontoado no chão. Ela parou quando a mão bateu em algo que ela pensou que nunca mais veria novamente.

O pequeno e gasto pé de um ciborgue de onze anos.

Ela o ergueu da prateleira, onde havia sido escondido. Iko devia tê-lo guardado, mesmo depois de Cinder ter pedido que o jogasse fora.

Talvez, na mente de Iko, fosse o mais próximo de um sapato de androide que ela possuiria. Cinder aninhou o pé contra o peito. Como ela odiava aquele pé. Como estava feliz em vê-lo agora.

Com um sorriso irônico, ela se deixou cair na cadeira pela última vez. Tirando as luvas, olhou o pulso esquerdo e tentou visualizar o pequeno chip que estava logo abaixo da superfície. O pensamento trouxe Peony à mente. Seus dedos com as pontas azuis. O bisturi em sua pálida pele branca.

Cinder fechou os olhos, forçando a lembrança a se afastar. Tinha que fazer isso.

Ela esticou o braço e pegou o canivete suíço no canto da mesa, a lâmina mergulhada em uma lata cheia de álcool. Ela o sacudiu, respirou fundo e pousou a mão cibernética com a palma virada para cima na mesa. Recordou-se de ter visto o chip na holografia do dr. Erland a menos de dois centímetros e meio de onde a pele encontrava o metal. O desafio seria tirá-lo sem cortar por acidente algum fio importante.

Forçando sua mente a se acalmar, a mão a se firmar, pressionou a lâmina

contra o pulso. A dor foi forte, mas ela não vacilou. Firme. Firme.

Um bipe a sobressaltou. Cinder pulou, afastando a lâmina e girando para olhar a parede com prateleiras. Seu coração esmurrou as costelas enquanto ela olhava todas as peças e ferramentas que deixaria para trás.

O bipe tocou de novo. Os olhos de Cinder caíram sobre o velho netscreen que ainda estava escorado nas prateleiras. Ela sabia que ele estava desconectado da rede, e ainda assim um quadrado azul-claro piscava no canto. Outro bipe.

Pousando o canivete, Cinder se esgueirou da cadeira e ajoelhou-se diante da tela.

No quadrado azul estava escrito:

**PEDIDO DE LIGAÇÃO DIRETA RECEBIDO DE USUÁRIO
DESCONHECIDO. ACEITAR?**

Inclinando a cabeça, ela avistou o chip de D-COMM ainda inserido no compartimento da tela. A pequena luz verde diante dele brilhava. À sombra da tela, parecia com qualquer outro chip, mas Cinder lembrou a resposta de Kai quando ela descreveu o material de brilho prateado. Um chip lunar.

Ela pegou um pano sujo da pilha de lixo e o pressionou no corte que mal sangrava.

– Tela, aceite a ligação.

O bipe parou. A caixa de diálogo azul desapareceu. Uma espiral apareceu na tela.

– *Olá?*

Cinder deu um pulo.

– *Olá, olá, olá... tem alguém aí?*

Quem quer que fosse ela, soava estar à beira de um colapso.

– Por favor, ah, por favor, alguém responda. Onde está aquele androide estúpido? *Olá?*

– O-lá?... – Cinder se inclinou em direção à tela.

A garota arfou, o que foi seguido por um curto silêncio.

– *Olá? Você pode me ouvir? Tem alguém...*

– Sim, eu consigo ouvi-la. Espere, tem algo de errado com o cabo de vídeo.

– Ah, que bom – disse a voz quando Cinder deixou o pano de lado. Ela posicionou a tela de frente para o concreto e abriu a tampa do painel de controle.

– Pensei que o chip talvez tivesse sido danificado ou que eu o tivesse programado com a identidade de conexão errada ou algo assim. Você está no palácio agora?

Cinder encontrou o cabo de vídeo desconectado de seu plugue. Deve ter se soltado quando Adri o quebrou. Cinder ligou o cabo e uma onda de luz azul se espalhou pelo chão.

– Prontinho – disse Cinder, endireitando a tela.

Ela deu um pulo para trás quando viu a garota do outro lado da conexão. Devia ter mais ou menos a idade de Cinder e o cabelo loiro mais longo, ondulado e embaraçado que se podia imaginar. O ninho dourado ao redor de sua cabeça estava amarrado em um grande nó sobre um dos ombros e cascadeava em uma confusão de tranças e cachos, enrolando-se em volta de um dos braços da garota antes de sumirem tela abaixo. A garota estava brincando com as pontas, enrolando-as e desenrolando-as em seus dedos sem parar.

Se não fosse pelo cabelo bagunçado, ela seria bonita. Tinha um rosto doce em forma de coração, olhos grandes e azuis como o céu e sardas salpicadas no nariz.

De alguma forma, não era nada do que Cinder esperava.

A garota pareceu igualmente surpresa ao ver Cinder, com sua mão cibernética e a blusa deprimente.

– Quem é você? – perguntou a garota. Seus olhos dispararam para trás de Cinder, vendo a luz difusa e a cerca de galinheiro. – Por que você não está no palácio?

– Não fui autorizada a ir – respondeu Cinder. Ela semicerrou os olhos para ver o lugar onde a garota estava, se perguntando se procurava um lar na Lua... mas não parecia de jeito nenhum com um lar aonde quer que fosse. A garota estava cercada por paredes de metal e máquinas e telas e computadores e mais controles e botões e luzes do que a cabine de uma nave de carga.

Cinder dobrou as pernas, deixando a panturrilha sem pé se apoiar mais confortavelmente na coxa.

– Você é lunar?

Os olhos da garota tremularam, como se surpreendida pela pergunta. Em vez de responder, ela se inclinou para a frente.

– Preciso falar com alguém no palácio de Nova Pequim imediatamente.

– Então por que você não manda um comunicado para o painel de informações do palácio?

– Eu não posso! – O grito desafinado da garota foi tão inesperado, tão desesperado, que Cinder quase caiu para trás. – Eu não tenho um chip global de comunicação... esta foi a única ligação direta que consegui com a Terra!

– Então você é lunar.

O olhos da garota se arregalaram até quase se tornarem círculos perfeitos.

– Isso não é...

– Quem é você? – perguntou Cinder, a voz aumentando. – Você está trabalhando para a rainha? Foi você quem instalou o chip naquele androide? Foi você, não foi?

As sobrancelhas da garota se juntaram, mas em vez de ficar irritada com as perguntas de Cinder, ela pareceu assustada. Até mesmo envergonhada.

Cinder cerrou a mandíbula para controlar o ataque violento de perguntas e respirou lentamente antes de perguntar com calma:

– Você é uma espiã lunar?

– Não! É claro que não sou! Quero dizer... bem... tipo isso.

– *Tipo isso?* O que você quer dizer...

– Por favor, me escute! – A garota juntou as mãos, como se travasse uma batalha interna. – Sim, eu programei o chip, e estou trabalhando para a rainha, mas não é o que você pensa. Programei todos os sistemas de vigilância que Levana usou para observar o imperador Rikan nos últimos meses, mas não tive escolha. Minha senhora me mataria se eu... Pelas estrelas sobre minha cabeça, ela *vai* me matar quando descobrir sobre isso.

– Senhora quem? A rainha Levana?

A garota fechou bem os olhos, o rosto contorcido pela dor. Quando os abriu novamente, cintilavam.

– Não. Sra. Sybil. Ela é a taumaturga-chefe de Sua Majestade... e minha guardiã.

Reconhecimento atravessou a mente de Cinder. A primeira suspeita de Kai sobre quem poderia ter instalado o chip em Nainsi recaíra sobre a taumaturga da rainha.

– Mas ela está mais para uma captora, na verdade – continuou a garota. – Não sou nada para ela exceto uma prisioneira e escrava...ava. – Ela soluçou na última palavra e enterrou a cabeça em um monte de cabelo, ainda soluçando. – Me desculpe. Me desculpe. Sou uma garota perversa, sem nenhum valor e deplorável.

Cinder sentiu o coração se apertar em compaixão – ela podia se dizer uma “escrava” de sua guardiã, mas não conseguia se lembrar de temer que Adri a matasse de fato. Bem, além da vez em que ela a vendeu como cobaia para a pesquisa da letumose.

Ela contraiu a mandíbula diante da crescente pena, lembrando a si mesma de que aquela garota era lunar. Havia ajudado a rainha Levana a espionar o imperador Rikan e Kai. Ela imaginou rapidamente se a garota estava apenas manipulando suas emoções agora, antes de se lembrar de que lunares não podem controlar pessoas por meio de netscreens.

Soprando o cabelo que estava em seu rosto, Cinder se inclinou para a frente e

gritou:

– Pare com isso! Pare de chorar!

A garota parou e olhou para Cinder com seus grandes e úmidos olhos.

– Por que você está tentando entrar em contato com o palácio?

A garota se encolheu e soluçou, mas as lágrimas pareciam ter sido drenadas.

– Preciso entregar uma mensagem ao imperador Kai. Preciso alertá-lo. Ele está em perigo, todos na Terra... a rainha Levana... e é tudo minha culpa. Se pelo menos eu tivesse sido mais forte, se tivesse tentado lutar, isso não teria acontecido. É tudo minha culpa.

– Pelas estrelas sobre nossas cabeças, você pode *parar de chorar*? – disse Cinder, antes que a menina entrasse em histeria de novo. – Você precisa se recompor. Como assim, Kai corre perigo? O que você fez?

A garota abraçou a si mesma, seus olhos implorando a Cinder como se o perdão dela resolvesse tudo.

– Sou a programadora da rainha, como disse. Sou boa no que faço, me infiltrar em redes, sistemas de segurança e coisas semelhantes. – Ela disse isso sem um pinga de arrogância na voz oscilante. – Pelos últimos anos, minha senhora vem me pedindo para conectar as atualizações dos líderes políticos da Terra ao palácio de Sua Majestade, a rainha Levana. No começo, eram só discussões de corte, reuniões, transferências de documentos, nada muito interessante. Sua Majestade não descobria nada que seu imperador não tivesse dito a ela, então não pensei que muito mal pudesse vir disso.

A garota torceu o cabelo em volta dos dedos.

– Mas então ela me pediu para programar um chip de comunicação direta que pudesse instalar em um dos androides reais, pensando que assim poderia espionar o imperador fora das redes. – Ela ergueu os olhos para Cinder, com a culpa estampada no rosto. – Se tivesse sido qualquer outro androide, qualquer androide de todo o palácio, ela ainda não saberia de nada. Mas agora ela sabe! E é tudo minha culpa! – Ela choramingou e passou o nó de cabelo em volta da boca como uma mordada.

– Espere. – Cinder ergueu a mão, tentando diminuir a velocidade das palavras da garota. – O que exatamente Levana sabe?

A garota puxou o cabelo quando lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas.

– Ela sabe de tudo que o androide sabia, tudo que ele esteve pesquisando. Sabe que a princesa Selene está viva e que o príncipe, desculpe, o imperador Kai estava procurando por ela. Sabe que o imperador queria encontrar a princesa e declará-la a verdadeira rainha lunar.

Temor contorceu o estômago de Cinder.

– Ela sabe os nomes dos médicos que a ajudaram a escapar e quem é a pobre idosa na Federação Europeia que a abrigou por tanto tempo... Sua Majestade já enviou pessoas para caçá-la, usando a informação que Kai tinha. E, quando eles a encontrarem...

– Mas o que ela fará contra Kai? – interrompeu Cinder. – Levana já venceu. Kai já deu a entender que dará a ela o que quiser, então por que isso importa agora?

– Ele tentou tirá-la do trono! Você não conhece a rainha, os seus rancores. Ela jamais perdoará isso. Tenho que entregar uma mensagem a ele, a alguém no palácio. Ele tem que saber que é uma armadilha.

– Uma armadilha? Que tipo de armadilha?

– Para se tornar imperatriz! Quando ela tiver o controle sobre a Comunidade, pretende usar seu exército para declarar guerra contra o resto do mundo. E ela pode fazer isso mesmo, o exército dela... esse exército... – Ela tremeu e baixou a cabeça como se alguém a tivesse golpeado.

Cinder sacudiu a cabeça.

– Kai não permitiria isso.

– Não importa. Quando ela se tornar imperatriz, ele não terá mais utilidade.

Cinder sentiu o sangue pulsar nas têmporas.

– Você acha... mas ela seria uma idiota se tentasse matar Kai. Todos saberiam que foi ela.

– Os lunares desconfiam que ela tenha matado a rainha Channary e a princesa Selene, mas o que podem fazer a esse respeito? Podem pensar em rebelião, mas assim que estivessem na presença dela, ela faria uma lavagem cerebral neles e restauraria sua cooperação.

Cinder esfregou os dedos na testa.

– Ele ia anunciar no baile desta noite – murmurou para si mesma. – Ele vai anunciar sua intenção de se casar com ela. – Seu coração estava disparado, os pensamentos transbordando do cérebro.

Levana sabia que ele estivera atrás da princesa Selene. Ela o mataria. Tomaria a Comunidade. Declararia guerra contra... todo o planeta.

Ela agarrou a cabeça enquanto o mundo girava a seu redor.

Precisava avisá-lo. Não podia permitir que ele fizesse a declaração.

Podia mandar um comunicado para ele, mas quais eram as chances de ele os checar durante o baile?

O baile.

Cinder olhou para suas roupas sem graça. Para o tornozelo vazio.

O vestido de Peony. O pé velho que Iko salvara. As luvas de seda.

Sua cabeça assentiu antes que ela soubesse com o que concordava, e usou as

prateleiras para se apoiar e se levantar.

– Eu vou – murmurou ela. – Vou encontrá-lo.

– Leve o chip – disse a garota na tela. – No caso de precisarmos contatar uma à outra. E, por favor, não conte a eles sobre mim. Se minha senhora descobrir...

Sem esperar que ela terminasse, Cinder se abaixou e tirou o chip do compartimento. A tela ficou escura.

Trinta e Três

O VESTIDO DE SEDA DAVA A SENSÇÃO DE HERA VENENOSA deslizando pela pele de Cinder. Ela olhou para o corpete prateado enfeitado com um laço delicado, para a saia, para as pequenas pérolas, e quis se encolher dentro do vestido e sumir. Aquele vestido não era dela. Ela era uma farsa, uma impostora.

Estranhamente, o fato de que ele estava enrugado como o rosto de um velho fez com que ela se sentisse melhor.

Ela pegou o antigo pé da prateleira – a coisa pequena e enferrujada com que acordara após a operação, quando era uma garota de onze anos confusa e rejeitada. Jurara jamais colocá-lo novamente, mas naquele momento ele parecia ser feito de cristal, de tão precioso que parecia para ela. Além disso, era pequeno o bastante para caber nas botas de Pearl.

Cinder caiu na cadeira e pegou uma chave de fenda. Foi o conserto mais apressado que já fizera, e o pé estava ainda menor e mais desconfortável do que lembrava, mas logo ela estava pisando sobre dois pés novamente.

As luvas de seda pareciam finas, delicadas e frágeis demais, e ela ficou com medo de rasgá-las em algum prego mal posicionado. Pelo menos também estavam cobertas por manchas de graxa, completando a afronta.

Cinder era um desastre ambulante e sabia disso. Teria sorte se sequer a deixassem entrar no baile.

Mas ela lidaria com a situação quando chegasse lá.

O elevador estava vazio quando ela desceu para a garagem. Apressou-se na direção do carro abandonado, as botas soando estranhamente no chão de concreto conforme ela tentava não tropeçar com o pé muito pequeno e evitar torcer o tornozelo. Ela sentia o pé preso de forma precária no fim da perna. Como não tivera tempo para conectá-lo aos fios de seu sistema nervoso, sentia como se arrastasse um peso de papel de um lado para o outro. Tentou ignorar a sensação, pensando apenas em Kai e no anúncio que ele faria naquela noite.

Ela chegou ao canto escuro da garagem, já suando com o esforço e sabendo que as coisas ficariam ainda piores quando saísse para a umidade implacável da cidade. Diante dela, o carro estava imprensado entre dois aerodeslizadores polidos e cromados. Sua horrível pintura laranja era disfarçada pelas luzes

tremeluzentes da garagem. O carro não pertencia àquele local.

Cinder conhecia a sensação.

Ela se sentou no banco do motorista, e o cheiro de lixo velho e mofo a envolveu. Pelo menos substituíra o estofado dos assentos e os cobrira com um cobertor velho, então não precisava se preocupar se estava sentando em fezes de rato. Ainda assim, podia apenas imaginar as manchas que o chassi e o piso estavam deixando no vestido de Peony.

Afastando os pensamentos para o fundo da mente, ela esticou a mão para debaixo da barra do volante e pegou os fios de força e circuitos que já havia desencapado e os entrelaçou. Tateou desajeitadamente em busca do fio marrom da ignição.

Segurando a respiração, ela juntou os fios.

Nada aconteceu.

Uma gota de suor deslizou pela parte de trás de seu joelho. Ela juntou os fios mais uma vez. E outra.

– Por favor, por favor, por favor.

Uma centelha surgiu, seguida pelo infeliz barulho do motor.

– *Isso!* – Ela pisou o acelerador, reavivando o motor, sentindo o carro se agitar e roncar embaixo dela.

Cinder se permitiu um gemido de alívio, em seguida enfiou o pé na embreagem e tirou a marcha do ponto morto, recitando as instruções que baixara uma semana antes e vinha estudando desde então. Como dirigir.

Manobrar para fora da garagem se provou ser a parte mais difícil. Uma vez na estrada, seu trajeto era guiado pelas luzes solares da rua e pelo brilho amarelo-pálido das janelas dos apartamentos – a luz constante da cidade era uma bênção, já que os faróis do carro não funcionavam. Cinder se surpreendeu com o quanto as ruas eram cheias de pedrinhas, quanto lixo e escombros estavam jogados no chão, já que aerodeslizadores não precisavam de caminho aberto. O percurso era irregular e difícil, e mesmo assim Cinder sentia uma onda de poder a cada volta da roda, pisada no acelerador, troca de marcha, chiado da borracha dos pneus.

Uma brisa quente soprou pelo buraco da janela de trás, bagunçando o cabelo de Cinder. As nuvens haviam alcançado a cidade e se postaram de modo ameaçador sobre os arranha-céus, cobrindo a noite com uma mortalha cinza. Do outro lado do horizonte, o céu ainda estava bem aberto e orgulhosamente exibindo a nona lua cheia do ano. Uma esfera perfeita no céu escuro. Um olho branco e agourento paralisado acima dela. Ignorando a lua, Cinder pisou fundo no acelerador, forçando o carro a ir mais rápido – a voar.

E ele voou. Não tão suave ou graciosamente quanto um aerodeslizador, mas

com todo o rugido e a força de uma besta orgulhosa. Não pôde evitar um sorriso, sabendo que tinha conseguido. Ela trouxera aquela monstruosidade de volta à vida. O carro estava em dívida com ela e parecia saber disso.

Conseguiria, pensou, à medida que o palácio surgia à frente, uma construção alta sobre a cidade no topo do penhasco pontudo. Ela deveria estar beirando os limites da cidade agora. Ganhava velocidade. Observando as luzes se tornarem turvas atrás dela. Correndo para o horizonte sem nunca olhar para trás.

Um esguicho de chuva acertou o para-brisa rachado.

Cinder segurou o volante com mais força quando começou a subir o caminho serpenteante e sinuoso para a entrada do palácio. Não havia aerodeslizadores contra os quais competir – ela seria a última convidada a chegar.

Ela alcançou o topo do penhasco, jubilando-se na sensação de fuga, de liberdade, de força – e logo a torrente começou. A chuva encharcou o carro, embaçando as luzes do palácio. O som martelava no metal e no vidro. Sem faróis, o mundo desapareceu além do para-brisa.

Cinder apertou o freio.

Nada aconteceu.

Uma onda de pânico percorreu seu corpo e ela pisou com desespero no freio duro. Uma sombra se avultou em meio à tempestade. Cinder gritou e cobriu o rosto.

O carro bateu em uma cerejeira, sacudindo Cinder com um solavanco. Metal se amassou ao seu redor. O motor engasgou e morreu. O cinto de segurança queimou seu peito.

Tremendo, Cinder ficou boquiaberta com a chuva que se avolumou no para-brisa. Folhas amarronzadas molhadas caíram dos galhos acima, grudando no vidro. Ela lembrou a si mesma de respirar conforme a adrenalina corria por suas veias. Seu painel de controle recomendou o seguinte processo: respirar devagar e de modo disciplinado, mas a respiração a fazia engasgar tanto quanto o cinto de segurança, até que ela esticou a mão na direção do fecho e o tirou.

Um vazamento apareceu ao longo da vedação na janela da sua porta, pingando em seu ombro.

Cinder se recostou no encosto de cabeça, ponderando se tinha forças para andar. Talvez se ela esperasse a monção passar. Tempestades de verão como essa nunca duravam muito tempo; se tornaria uma garoa em um piscar de olhos.

Ela ergueu as luvas ensopadas e se perguntou o que, exatamente, esperava. Não era orgulho. Não era respeitabilidade. Estar ensopada poderia ser quase um progresso a essa altura.

Ofegando para respirar fundo, ela puxou a maçaneta da porta e a chutou com a bota para forçá-la a abrir. Ela pisou em um aguaceiro, a chuva fria e refrescante

na pele. Ao bater a porta, virou-se para avaliar o estrago, tirando o cabelo da testa.

A dianteira do carro estava contorcida em volta do tronco da árvore, o capô amassado como um acordeão até o para-lama do lado do passageiro. Seu coração se partiu um pouco ao olhar para os escombros – todo o seu trabalho duro destruído tão rapidamente.

E – o pensamento ocorreu um segundo depois – lá se ia sua chance de fugir. Já era.

Tremendo sob a chuva, ela espantou os pensamentos. Haveria outros carros. Naquele instante, precisava achar Kai.

De repente, a chuva parou de cair sobre ela. Ela olhou para cima, para o guarda-chuva sobre sua cabeça, e então se virou. Um recepcionista observava os restos do carro com os olhos arregalados, as mãos segurando o cabo do guarda-chuva.

– Ah, oi – gaguejou ela.

O olhar de descrença do homem se direcionou para ela. Seus cabelos, seu vestido. Ele parecia sentir mais repulsa a cada segundo.

Cinder pegou o guarda-chuva das mãos dele e deu um rápido sorriso.

– Obrigada! – disse, e disparou pelo jardim em direção às portas duplas do palácio, escancaradas, deixando o guarda-chuva nas escadas.

Guardas vestidos em uniformes vermelhos se alinhavam no corredor, direcionando os convidados para longe da plataforma do elevador e na direção do salão de baile, na ala sul, como se o retinir de copos e a música de orquestra não fossem sinais claros o bastante. A caminhada para a entrada do salão de baile era longa e chata. Cinder não sabia se os guardas lhe lançavam olhares estoicos enquanto ela passava, as botas molhadas esguichando, e ela não ousaria olhá-los nos olhos, se fosse esse o caso. Toda sua atenção estava sendo desviada para os fios de seu pretenso pé.

Seja graciosa. Seja graciosa. Seja graciosa.

A música ficou mais alta. O salão estava ornamentado com dezenas de estátuas de pedra – deuses e deusas há muito tempo esquecidos. Câmeras escondidas. Escâneres de identidade ocultos. Ela sentiu uma centelha de paranoia ao lembrar que ainda trazia o chip de identificação de Peony, guardado no compartimento da perna. Imaginou alarmes disparando e luzes piscando quando percebessem que ela tinha dois chips de identificação dentro de si – o que seria suspeito, se não ilegal –, mas nada aconteceu.

Emergindo do corredor, ela se viu no topo de uma grande escada que cascadeava até o salão de baile. Uma fila de guardas e servos ladeava a escada, os rostos tão sem expressão quanto os das pessoas que estavam no salão. No teto

alto haviam sido penduradas centenas de lanternas de papel vermelhas, cada uma brilhando com uma luz dourada e profunda. A parede mais distante era ocupada por janelas que iam do chão ao teto, com vista para o jardim. A chuva esmurrava os vidros, fazendo quase tanto barulho quanto a orquestra.

A pista de dança fora montada no centro, com mesas redondas cercando o espaço. Cada mesa estava enfeitada com centros de mesa feitos de pródigas orquídeas e esculturas de jade. Nas paredes do salão estavam telas de seda pregueada, pintadas à mão com imagens de grous, tartarugas e bambu, símbolos ancestrais de longevidade que indicavam uma única mensagem definitiva: longa vida ao imperador.

De onde estava, ela podia ver todo o salão, florescendo com sedas vibrantes e crinolas, *strass* e plumas de avestruz. Avistou Kai.

Ele não era difícil de ser encontrado – dançando. A multidão abria espaço para ele e sua parceira, a mais bela, mais graciosa, mais divina mulher no salão. A rainha lunar. Cinder não conseguiu reprimir um engasgo de perplexidade ao vê-la.

Seu estômago se revirou, o espanto momentâneo se transformando em repugnância. A rainha deu um sorriso venenoso, mas a expressão de Kai era tão indiferente quanto uma pedra enquanto eles valsavam pelo chão de mármore.

Cinder recuou na escada antes que a rainha a notasse. Ela observou a multidão, convencida de que Kai não havia feito o anúncio ainda, senão a atmosfera no ambiente não seria tão festiva. Kai estava bem. Estava em segurança. Tudo que ela precisava fazer era encontrar uma forma de falar com ele, em algum lugar privado, e contar a ele sobre os planos da rainha. Dizer a ele que Levana sabia sobre sua busca pela sobrinha. Então dependeria dele adiar a aceitação dos termos da rainha até que...

Bem, Cinder sabia que nada *afastaria* a rainha Levana para sempre sem convencê-la a começar a guerra que ela vinha ameaçando iniciar havia tanto tempo.

Mas talvez, apenas talvez, a princesa Selene pudesse ser encontrada antes que isso acontecesse.

Expirando lentamente, Cinder saiu do portal amplo e se escondeu atrás do pilar mais próximo, tropeçando no pezinho. Rangendo os dentes, ela olhou em volta, mas os guardas e servos mais próximos permaneciam tão desinteressados quanto paredes de concreto.

Cinder se grudou na coluna, tentando ajeitar o cabelo para trás para que pudesse ao menos fingir fazer parte do ambiente.

A música parou e a multidão começou a aplaudir.

Ela ousou olhar para baixo, para a pista de dança, e viu Kai e Levana se

separarem – ele, com uma reverência retesada e ela, com a graça de uma gueixa. Quando a orquestra começou novamente, todo o salão de baile se juntou à dança.

Cinder acompanhou os cachos castanhos e brilhantes da rainha rumando para uma escadaria do outro lado do salão, a multidão se abrindo com antecedência diante dela. Ela procurou Kai novamente e o encontrou tomando o rumo contrário – em direção a ela.

Segurando a respiração, ela se afastou da coluna protetora. Aquela era sua chance. Se ao menos ele olhasse para cima e a visse. Se ao menos viesse até ela. Cinder lhe contaria tudo e em seguida sairia furtivamente. Ninguém jamais saberia que ela estivera lá.

Ela puxou o vestido de baile prateado para cima com os punhos, os olhos praticamente perfurando a cabeça do imperador, desejando que ele levantasse a vista. Olhe para cima. *Olhe para cima.*

Kai parou com um olhar de leve perplexidade, e Cinder pensou, com um sobressalto, que havia conseguido – teria ela acabado de usar seu dom lunar?

Mas então ela percebeu um ponto dourado ao lado de Kai, uma manga cheia de babados roçando o braço dele. Sua respiração ficou presa.

Era Pearl, roçando as pontas dos dedos no cotovelo de Kai. Estava cheia de sorrisos deslumbrantes e piscadas ao se curvar em uma mesura.

Com o estômago embrulhando, Cinder escondeu-se atrás do pilar.

Pearl começou a falar, e Cinder monitorou as expressões de Kai enquanto sua pulsação martelava em seus ouvidos. No começo, ele apenas ensaiou um sorriso cansado, mas logo pareceu confuso. Surpreso. Um franzir de cenho de dúvida. Ela tentou adivinhar o que Pearl estava dizendo: *Sim, eu sou a garota do festival desta manhã. Não, Cinder não virá. Nós não desrespeitaríamos essa ocasião tão importante permitindo que minha horrenda meia-irmã ciborgue comparecesse. Ah, você não sabia que ela era um ciborgue?*

Cinder se encolheu, os olhos grudados nos dois. Pearl contaria tudo a Kai, e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser observar e esperar o momento horrível em que Kai perceberia que estivera flertando com um ciborgue. Ele não iria querer ouvir suas explicações. Não desejaria nada mais dela. Ela seria forçada a mancar atrás dele para contar a razão pela qual viera, sentindo a desgraça que era.

Alguém pigarreou, e Cinder despertou de seus pensamentos cada vez mais ansiosos, quase torcendo o tornozelo. Um dos servos havia evidentemente se cansado de ficar de pé, imóvel e inexpressivo, e agora a olhava com uma repugnância mal disfarçada.

– Queira me perdoar – disse ele, com firmeza na voz. – Preciso escanear sua identificação.

Cinder instintivamente afastou a mão dele, apertando o pulso no estômago.

– Por quê?

Os olhos dele dispararam para a fila de guardas, prontos para chamá-los e mandá-los escoltarem-na para fora a qualquer momento.

– Para me certificar de que você está na lista de convidados, é claro – respondeu ele, segurando um pequeno escâner de mão.

Cinder pressionou as costas contra o pilar, os nervos zumbindo.

– Mas... eu pensei que todos os cidadãos estivessem convidados.

– De fato, estão. – O homem deu um sorrisinho, parecendo quase feliz com a perspectiva de *desconvidar* a garota diante dele. – Mas devemos nos assegurar de que estamos recebendo aqueles que responderam aos convites. É uma medida de segurança.

Engolindo em seco, Cinder olhou na direção da pista de dança. Kai ainda estava sendo assediado por Pearl, e agora Cinder podia ver Adri perambulando não muito longe dali, parecendo pronta a se meter na conversa no caso de Pearl dizer alguma coisa que pudesse envergonhá-la. Pearl não perdera seu tímido e galanteador encanto. Permanecia com a cabeça abaixada e uma das mãos cuidadosamente pousada na clavícula.

Kai ainda parecia perplexo.

Com arrepios percorrendo os braços, Cinder se virou para o cortesão e tentou imitar a inocência alegre de Peony.

– É claro – disse ela. Prendendo a respiração, ela esticou o braço. Estava elaborando um monte de desculpas, justificativas; sua confirmação devia ter se misturado à de alguém, ou talvez tenha havido confusão já que sua meia-irmã e sua madrastra haviam chegado sem ela, ou...

– Ah! – O homem ficou chocado, os olhos grudados na pequena tela.

Cinder ficou tensa, perguntando-se quais eram as chances de ela nocauteá-lo com um golpe rápido na cabeça sem que nenhum dos outros guardas notasse.

Os olhos perplexos dele passaram mais uma vez por seu vestido, cabelo, e depois voltaram para a tela. Ela podia ver a luta interna enquanto seu sorriso se transformou, aparentando educação.

– Cara Linh-mèi, que prazer. Estamos tão felizes que você tenha vindo esta noite.

As sobrancelhas dela se levantaram.

– Estão?

O homem lhe fez uma reverência seca.

– Por favor, perdoe minha ignorância. Estou certo de que Sua Majestade Imperial ficará feliz com a sua chegada. Por favor, me acompanhe, e eu a anunciarei.

Ela piscou, seguindo de maneira confusa o braço dele enquanto o homem caminhava em direção às escadas.

– Você vai fazer o quê?

Ele clicou algo em seu tablet antes de olhar novamente para Cinder. O olhar dele se precipitou sobre ela mais uma vez, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a fazer, mas seu sorriso cordial não se desfez.

– Todos os convidados pessoais de Sua Majestade Imperial são devidamente anunciados, em reconhecimento à sua importância. É claro, eles normalmente não chegam tão... tarde.

– Espere. Convidados pessoais de... ah. Ah! Não, não, você não tem que...

Ela foi silenciada pelo retumbar de trompetes gravados pelos alto-falantes, invisíveis acima das suas cabeças. Encolheu-se com o som, os olhos se arregalando, quando a curta melodia acabou. Ao último soar dos trompetes, uma voz majestosa retumbou pelo salão de baile.

– *Por favor, queiram dar as boas-vindas ao 126º Baile Anual da Comunidade Oriental à convidada pessoal de Sua Majestade Imperial: Linh Cinder, de Nova Pequim.*

Trinta e Quatro

A TEMPERATURA NO SALÃO DE BAILE SE ELEVOU QUANDO CENTENAS de rostos se viraram na direção de Cinder.

Talvez a multidão tivesse se virado um momento depois, indiferente, se não tivesse visto que a convidada pessoal do imperador era uma garota com cabelos molhados e manchas de lama na bainha do amassado vestido prateado. Mas os olhares se grudaram em Cinder, no alto da escada. Seus pés, diferentes um do outro, se prenderam ao chão como se concreto tivesse se endurecido em volta deles.

Ela olhou para Kai, que tinha o queixo caído ao reconhecê-la.

Kai esperara o tempo todo que ela viesse. Reservara um lugar para ela como sua convidada pessoal. Cinder mal podia imaginar o quanto ele se arrependia daquela decisão no momento.

Ao lado dele, o rosto de Pearl começou a queimar em meio aos candelabros brilhantes. Cinder olhou para a meia-irmã, para Adri, percebeu a mortificação muda delas e lembrou a si mesma de respirar.

Já estava acabado para ela.

Era quase certo que Pearl já houvesse contado a Kai que ela era um ciborgue.

Em breve, a rainha Levana também a veria e saberia que ela era lunar. Ela seria levada, talvez morta. Não havia nada que pudesse fazer a respeito disso agora.

Mas correria o risco. Aceitara as consequências que sua ação traria.

Não seria em vão.

Ela endireitou os ombros. Ergueu o queixo.

Segurando a ampla saia de seda, ela fixou o olhar em Kai e desceu lentamente os degraus.

Os olhos dele se suavizaram, quase divertidos, como se tal aparência largada fosse tudo que alguém pudesse esperar de uma renomada mecânica.

Um murmúrio reverberou na multidão e, enquanto o salto da bota de Cinder batia no chão de mármore com uma precisão forçada, o mar de vestidos começou a se mover para os lados. Mulheres sussurravam por trás das mãos. Homens abaixavam os pescoços para acompanhar a fofoca silenciosa.

Mesmo os servos haviam parado para observá-la, segurando no alto bandejas de iguarias. O cheiro de alho e gengibre os envolvia, revolvendo o estômago de Cinder em nós. Ela percebeu de repente o quão faminta estava. Todos os preparativos para fugir lhe haviam deixado pouco tempo para comer. Junto à ansiedade, aquilo quase a fez desmaiar. Ela deu tudo de si para ignorar a fome, para ser forte, mas o nervosismo se expandia em seus músculos tensos a cada passo. Seus batimentos formavam uma bateria dentro da cabeça.

Cada olhar sobre Cinder era zombeteiro. Cada cabeça se virava para sussurrar, rumores já levantando voo. Os ouvidos de Cinder tiniam, captando passagens de conversas – *Convidada pessoal? Mas quem é ela? E o que é aquilo no vestido dela?* – até que ela ajustou a interface de áudio, silenciando as palavras.

Nunca em sua vida ela se sentiu tão grata por não poder ruborizar.

Os lábios de Kai se torceram, e embora ele ainda parecesse confuso, não parecia com raiva nem enojado. Cinder engoliu em seco. Conforme se aproximava, seus braços ardiam de vontade de envolver a si mesma, para cobrir o vestido imundo, amassado e manchado o melhor que pudesse, mas ela não o fez. Seria em vão, e Kai não se importava com o seu vestido.

Na verdade, ele devia estar tentando discernir o quanto dela era metal e silício.

Ela manteve a cabeça erguida, mesmo quando seus olhos ardiam, mesmo quando o pânico enchia seu visor com alertas e precauções.

Não era sua culpa ele ter gostado dela.

Não era culpa dela ser ciborgue.

Ela não pediria desculpas.

Concentrou-se apenas em andar, um passo soando depois do outro, enquanto a multidão se abria diante dela, e então se fechava após sua passagem.

Mas, antes que ela alcançasse o imperador, uma figura saiu da multidão e se pôs em seu caminho. Cinder ficou paralisada, detida pelo olhar irado de sua madrastra.

Ela piscou, perplexa, conforme a realidade se estabelecia aos tropeços naquele sereno e silencioso momento. Ela esquecera que Adri e Pearl estavam lá.

Bochechas manchadas de vermelho apareceram através da maquiagem branca de Adri, e seu peito arfava no modesto decote do quimono. Os risinhos confusos entre dentes se aquietaram, empurrando as perguntas na direção daqueles mais atrás na multidão que não podiam ver o que estava acontecendo, mas podiam, sem dúvida, sentir a tensão aumentando ao redor.

A mão de Adri se lançou para a frente, segurando a saia de Cinder. Ela sacudiu o material.

– Onde você conseguiu isso? – sibilou ela, sua voz baixa como se ela temesse causar uma cena maior do que a que Cinder já havia causado.

Contraindo o maxilar, Cinder recuou, tirando o vestido das mãos da madrastra.

– Iko guardou o vestido. Peony iria gostar que eu ficasse com ele.

Atrás da mãe, Pearl engoliu em seco, as mãos voando para a boca. Cinder olhou para ela e viu Pearl olhando para os pés dela com horror.

Cinder deu de ombros, imaginando sua perna de ciborgue visível para qualquer um, até que Pearl apontou para seu pé e deu um grito agudo:

– Minhas botas! Essas são as minhas botas! *Nela!*

Os olhos de Adri se estreitaram.

– Sua pequena *ladra*. Como ousa vir aqui e tornar esta família motivo de piada? – Ela esticou o dedo sobre o ombro de Cinder, na direção da escada principal. – Eu ordeno que você vá para casa neste instante, antes que me envergonhe ainda mais.

– Não – disse ela, cerrando os punhos. – Eu tenho o mesmo direito de estar aqui que vocês.

– O quê? *Você?* – A voz de Adri começou a aumentar. – Mas você não é nada além de uma... – Ela segurou a língua, ainda não querendo dividir o segredo humilhante de sua enteada. E, em vez disso, ela ergueu a mão espalmada.

A multidão engoliu em seco e Cinder se encolheu, mas o golpe não veio.

Kai postara-se ao lado de sua madrastra, a mão fechada com firmeza ao redor do pulso dela. Adri se virou para ele, o rosto queimando de raiva, mas a expressão logo se desfez.

Ela se encolheu, gaguejando.

– Vossa Majestade!

– Já basta – disse ele, a voz gentil mas austera, e a soltou. Adri fez uma reverência patética, assentindo.

– Sinto muito, Vossa Majestade. Minhas emoções... meu temperamento... essa garota é... sinto muito que ela tenha interrompido... está sob minha guarda... não deveria estar aqui...

– É claro que deveria. – Houve uma leveza nas palavras dele, como se acreditasse que sua presença, por si só, pudesse acabar com a hostilidade de Adri. Ele fixou o olhar em Cinder. – Ela é minha convidada pessoal.

Ele olhou em volta, acima das cabeças da plateia chocada, em direção ao palco, onde a orquestra estava em silêncio.

– Esta é uma noite de celebração e diversão – disse ele em voz alta. – Por favor, voltem a dançar.

A banda começou, hesitante no início, até que a música novamente tomou o

salão de baile – Cinder não conseguia se lembrar de quando a música parara, mas sua audição ainda estava confusa devido ao barulho das fofocas ao seu redor.

Kai olhava para ela de novo. Ela engoliu em seco e percebeu que tremia – de raiva, terror e nervoso, e pela sensação de ter sido capturada pelos olhos castanhos dele. Sua mente estava em branco, incerta se queria agradecer a ele ou se virar e continuar gritando com sua madrasta, mas ele não lhe deu a chance de fazer nenhuma das duas coisas.

Kai esticou o braço, pegou a mão dela e, antes que ela percebesse o que estava acontecendo, a afastou de sua madrasta e da meia-irmã e a tomou em seus braços.

Eles estavam dançando.

O coração palpitando, Cinder desviou o olhar dele e olhou por cima do ombro de Kai.

Eles eram os únicos a dançar.

Kai havia percebido isso também, porque tirou levemente a mão da sua cintura, gesticulou para a multidão pasma e disse, em um tom encorajador e de comando, ao mesmo tempo:

– Por favor, vocês são meus convidados. Aproveitem a música.

Constrangidos, os mais próximos trocaram olhares com seus próprios parceiros, e logo a pista estava repleta de saias em movimento e caudas de casacas. Cinder arriscou uma olhada para o local onde haviam largado Adri e Pearl – elas ainda estavam paradas no meio da multidão em movimento, observando enquanto Kai sabiamente guiava Cinder para cada vez mais longe delas.

Pigarreando, Kai murmurou:

– Você não faz a menor ideia de como dançar, não é?

Cinder fixou o olhar nele, a mente ainda titubeando.

– Eu sou *mecânica*.

As sobrancelhas dele se ergueram em gozação.

– Acredite, eu percebi. Essas manchas nas luvas que lhe dei são de graxa?

Envergonhada, ela olhou para os dedos entrelaçados deles e as manchas negras nas luvas de seda branca. Antes que pudesse se desculpar, sentiu que era afastada com delicadeza e girada nos braços dele. Ela arfou, por um momento sentindo-se leve como uma borboleta, antes de tropeçar em seu pé de ciborgue menor do que o ideal e cair no abraço dele.

Kai deu um sorrisinho, conduzindo as costas dela para a altura do braço, mas não a provocou.

– Então aquela é a sua madrasta.

– Guardiã legal.

– Certo, o erro foi meu. Ela parece uma pessoa realmente encantadora.

Cinder riu e seu corpo começou a relaxar. Sem nenhuma sensibilidade no pé, era como tentar dançar com uma bola de ferro soldada no calcanhar. Sua perna começava a doer de carregá-la, mas ela resistiu ao impulso de mancar, visualizando a sempre graciosa Pearl em seu vestido de baile e seus saltos, e forçou seu corpo a se conformar.

Pelo menos, seu corpo parecia estar memorizando o padrão dos passos de dança, executando cada movimento de forma ligeiramente mais fluida do que o anterior, até que ela quase sentisse saber o que estava fazendo. É claro, a delicada pressão da mão de Kai em sua cintura não era nada ruim.

– Sinto muito por isso – disse ela. – Por ela e por minha meia-irmã. Você acredita que elas pensam que *eu* sou motivo de vergonha? – Ela fez com que o comentário soasse como uma piada, mas não podia evitar analisar a reação dele, esperando pelo momento em que ele perguntaria se era verdade.

Se ela era realmente um ciborgue.

Então, conforme o sorriso dele começou a desmoronar, percebeu que o momento viera muito antes, e ela desesperadamente desejou nunca ter feito o comentário. Preferia que eles continuassem fingindo para sempre que seu segredo estava guardado. Que ele ainda não sabia.

Que ele ainda queria que ela fosse sua convidada pessoal.

– Por que você não me contou? – perguntou Kai, sua voz mais baixa apesar do barulho de risadas e saltos retinindo que preenchia o ar ao redor deles.

Cinder abriu a boca, mas suas palavras entalaram na garganta. Ela queria refutar a declaração de Pearl, chamá-la de mentirosa. Mas a que aquilo a levaria? A mais mentiras. Mais traição. Os dedos em sua mão de metal apertaram mais o ombro dele, o duro, impiedoso limite do membro. Ele não vacilou, apenas esperou.

Ela queria se sentir aliviada porque agora eles não tinham mais segredos um para o outro, mas isso também não era totalmente verdadeiro. Ele ainda não sabia que ela era lunar.

Ela abriu a boca de novo, incerta do que ia dizer até que as famosas palavras lhe ocorreram.

– Eu não sabia como.

Os olhos de Kai se suavizaram, pequenas rugas formando-se nos cantos.

– Eu entenderia – respondeu ele.

De maneira quase imperceptível, ele chegou mais perto, e Cinder viu seu cotovelo subir até o ombro dele de um jeito que parecia impossivelmente natural. Ainda assim, ele não recuou. Não encolheu o ombro nem o tensionou.

Ele sabia e, mesmo assim, não estava enojado? Ainda a tocava? De alguma forma, inacreditavelmente, talvez ele ainda gostasse dela?

Ela sentiu que choraria se tivesse essa opção.

As pontas dos dedos dela, com hesitação, se enrolaram no cabelo da nuca dele, e Cinder percebeu que tremia, certa de que ele a afastaria a qualquer momento. Mas ele não fez isso. E também não recuou. Não fez careta.

O lábios dele se separaram, apenas um pouco, e Cinder imaginou se talvez ela não era a única a ter dificuldade para respirar.

– É só que... – começou ela, correndo a língua pelos lábios. – Isso não é algo de que eu goste de falar. Eu não contei a ninguém que...

– Que não conhecia ela?

As palavras de Cinder evaporaram. *Ela?*

Com dedos rígidos, ela os tirou do cabelo dele e pousou a mão de volta em seu ombro.

A intensidade do olhar de Kai se derreteu em solidariedade.

– Eu entendo por que você não disse nada. Mas agora me sinto egoísta. – A mandíbula dele se contraiu e a testa se franziu em uma expressão de culpa. – Eu sei, eu devia ter concluído depois que você me falou que ela estava doente, para começar, mas com a coroação, a visita da rainha Levana e o baile, eu só... Acho que esqueci. Sei que isso faz de mim o maior patife do mundo, e eu devia ter me dado conta de que sua irmã tinha... e por isso você estava ignorando meus comunicados. Faz sentido agora. – Ele a trouxe mais para perto, até que ela quase pudesse deitar a cabeça no seu ombro, mas ela não o fez. O corpo de Cinder ficara tenso de novo, os passos de dança esquecidos. – Eu só queria que você tivesse me contado.

Cinder fixou o olhar no vazio, para além do ombro dele.

– Eu sei – disse –, eu devia ter contado.

Ela sentiu como se todas as suas partes sintéticas estivessem se comprimindo, esmagando-a por dentro.

Kai não sabia.

Lamentava por ter sentido a presença confortante da aceitação, só para ser confinada ao segredo novamente, o que era ainda mais insuportável do que mentir para ele, para começar.

– Kai – disse ela, sacudindo a autocomiseração que a ameaçou. Ela recuou a distância de um braço, fazendo com que voltassem à posição aceitável para dois estranhos, ou de uma mecânica dançando com seu imperador. Pela primeira vez, Kai errou um passo de dança, os olhos surpresos. Ela ignorou a culpa que arranhava sua garganta.

– Eu vim até aqui para lhe contar uma coisa. É importante. – Ela olhou em

volta, assegurando-se de que ninguém os ouvia. Embora tivesse percebido alguns semblantes fechados de ciúmes mirando-a, ninguém estava perto o bastante para ouvi-los acima da música, e a rainha lunar não estava em nenhum lugar à vista. – Escute. Você não pode se casar com Levana. Independente do que ela quiser, independente do que ela ameaçar.

Kai corou com a menção à rainha.

– O que você está querendo dizer?

– Ela não quer apenas a Comunidade. Ela vai começar uma guerra contra a Terra de qualquer forma. Ser imperatriz será apenas uma forma de abrir o caminho.

Foi a vez de ele olhar em volta, simultaneamente transformando seu olhar de pânico em indiferença, embora de perto Cinder pudesse enxergar temor.

– E tem mais. Ela *sabe* sobre Nainsi... sobre o que Nainsi descobriu. Ela sabe que você estava tentando encontrar a princesa Selene, e, a partir do que você descobriu, está agora caçando a garota. Ela tem gente procurando Selene... se é que já não a encontrou.

Os olhos se arregalando, Kai olhou de volta para ela.

– E você sabe – continuou Cinder, não permitindo que ele a interrompesse –, você *sabe* que ela não perdoará você por tentar encontrar a princesa. – Ela engoliu em seco. – Kai, assim que você se casar com Levana, e ela tiver o que quer... vai matar você.

A cor sumiu do rosto dele.

– Como você sabe de tudo isso?

Ela respirou fundo, de certa forma exausta por relatar toda a informação, como se tivesse apenas reservado energia suficiente para chegar até aquele momento.

– O chip de comunicação direta que encontrei em Nainsi. Havia uma garota, que é a programadora... ugh. É complicado. – Ela hesitou, pensando que deveria dar o chip a Kai enquanto podia. Ele talvez fosse capaz de conseguir mais informações com a garota. O problema era que, em sua pressa de ir ao baile, ela o guardara no compartimento na panturrilha. Seu estômago afundou. Recuperá-lo agora significava revelar-se a Kai e a todos ao seu redor.

Ela engoliu em seco, espantando sua aflição. Salvar seu próprio orgulho era o mais importante para ela?

– Há algum lugar aonde possamos ir? – pediu ela. – Longe da multidão? Vou lhe contar tudo.

Ele olhou em volta. Em sua dança, haviam percorrido quase toda a extensão do salão de baile, e agora estavam diante de portas maciças que se abriam para os jardins reais. Além dos degraus, um salgueiro pingava por causa da chuva

pesada e um pequeno lago quase transbordava. O estrondo do impacto da chuva vinha em ondas, quase suplantando o som da orquestra.

– Os jardins? – disse ele, mas antes que pudesse se mover, uma sombra caiu sobre os dois. Olhando para cima, Cinder viu a expressão contrariada de um oficial real, olhando para Kai com os lábios tão cerrados que começavam a embranquecer. Ele não tomou conhecimento da presença de Cinder.

– Vossa Majestade – disse o homem, com rosto tenso. – Está na hora.

Trinta e Cinco

CINDER OLHOU PARA O HOMEM, SUA LIGAÇÃO COM O BANCO DE dados da rede informando que ele era Konn Torin, conselheiro real.

– Está na hora? – perguntou ela, meio se desculpando, meio temerosa. Seu estômago se revirou. – Hora de quê?

Kai encarou-a, cheio de temor. Engoliu em seco.

– Hora de selar o destino da Comunidade Oriental.

– Não – sibilou ela. – Kai, você não pode...

– Vossa Majestade – disse Konn Torin, ainda sem se dignar a cruzar seu olhar com o de Cinder. – Permiti que você tivesse sua liberdade, mas está na hora de dar um fim a isso. Você está passando vergonha.

O olhar de Kai caiu, antes que ele fechasse os olhos. Kai esfregou a testa.

– Só um instante. Eu preciso de um instante para pensar.

– Nós não temos um instante. Já passamos da hora e novamente...

– Há novas informações – disse Kai, com a voz áspera. O semblante de Konn Torin se tornou sombrio, e ele lançou um olhar cheio de suspeita para Cinder. Ela estremeceu diante da desaprovação; pela primeira vez, o ódio era direcionado a ela não porque era um ciborgue, mas porque era uma garota normal, indigna da atenção do imperador.

Daquela vez, não podia discordar.

Se ela deixou transparecer a compreensão em seu rosto, o conselheiro a ignorou.

– Vossa Majestade. Com todo o respeito, você não pode mais se dar o luxo de ser um adolescente apaixonado. Você tem um dever a cumprir com seu povo.

Deixando cair a mão, Kai encontrou o olhar de Konn Torin, os olhos vazios.

– Eu sei – respondeu. – Farei o que for melhor para ele.

Cinder juntou todo o tecido da saia com as duas mãos, a esperança crescendo dentro dela. Ele entendera seus alertas. Entendera o erro que estaria cometendo se concordasse em se casar com Levana. Ela conseguira.

Mas, em seguida, ele se virou para ela, e a esperança se esvaçou ao ver a impotência gravada em linhas profundas ao longo de sua testa.

– Obrigado por me alertar, Cinder. Ao menos não vou me meter nessa

completamente cego.

Ela sacudiu a cabeça.

– Kai, você *não pode*.

– Eu não tenho escolha. Ela tem um exército que pode nos destruir. Tem o antídoto de que precisamos... Tenho que arriscar.

Cinder cambaleou para trás como se as palavras dele a tivessem acertado como o tapa que ela receberia antes se Kai não a tivesse protegido. Ele se casaria com a rainha Levana.

A rainha Levana seria imperatriz.

– Sinto muito, Cinder.

Kai parecia tão arrasado quanto ela, e ainda que seu corpo tivesse se tornado pesado e imóvel, Kai encontrou forças para se virar com a cabeça erguida e começar a caminhar na direção da plataforma no fim do salão de baile, onde anunciaria a decisão àqueles que se reuniam.

Ela vasculhou seu cérebro em busca de qualquer coisa que pudesse fazer para mudar a decisão dele. Mas o que mais havia?

Kai sabia que Levana ainda começaria uma guerra, e que provavelmente tentaria matá-lo após o casamento. Provavelmente sabia mais sobre os feitos cruéis e diabólicos dela do que Cinder, e nada daquilo fizera diferença. De alguma forma, Kai ainda era ingênuo o bastante para pensar que coisas melhores do que piores viriam da união. Ele não impediria que aquilo acontecesse.

A única outra pessoa que tinha poder para deter aquele casamento era a própria rainha.

Um punho se fechou em volta do coração de Cinder.

Antes que ela soubesse o que estava fazendo, disparou atrás de Kai. Agarrou o cotovelo dele e o virou para que a encarasse.

Sem hesitar, Cinder passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou.

Kai congelou, o corpo tão tenso quanto o de um androide contra o dela, mas seus lábios estavam macios e quentes. Embora Cinder pretendesse que fosse um beijo curto, quando deu por si, estava protelando. Um formigamento quente percorreu seu corpo, surpreendendo-a e assustando-a, mas não de uma forma desagradável, explodindo como eletricidade em seus fios. Dessa vez, ela não teve uma sobrecarga. Dessa vez, sua fiação não ameaçou queimá-la de dentro para fora.

O desespero derreteu e, pelo mais breve dos momentos, os motivos ocultos desapareceram. Ela se descobriu beijando-o por nenhuma outra razão além de querer fazê-lo. Queria que ele soubesse que ela também desejava isso.

Não tinha percebido o quanto queria que Kai retribuísse o beijo até se tornar claro que ele não o faria.

Cinder se afastou novamente. Suas mãos permaneceram nos ombros de Kai e ainda tremiam devido à energia dentro dela.

Kai ficou boquiaberto, os lábios entreabertos, e apesar da reação instintiva de Cinder ser a de recuar e pedir imensas desculpas, ela se controlou.

– Talvez – disse ela, testando a voz antes de elevar o tom o suficiente para que tivesse certeza de que a multidão ia ouvi-la. – Talvez a rainha não aceite sua proposta, uma vez que saiba que já está apaixonado por mim!

As sobancelhas de Kai subiram mais ainda.

– O quê...?

Ao lado dele, o conselheiro inspirou fundo por entre os dentes, e uma série de suspiros e sussurros atravessou a multidão. Cinder percebeu que a música havia parado novamente, pois os músicos se levantaram, tentando dar uma olhada no que estava acontecendo.

A explosão de uma risadinha jovial cortou o constrangimento. O som, embora repleto da doçura de um riso de criança, enviou calafrios à espinha de Cinder.

Tirando as mãos do pescoço de Kai, ela se virou lentamente.

A multidão também seguiu o ruído, girando junto como marionetes presas por cordas.

E lá estava a rainha Levana.

Encostada em uma das colunas que ladeavam a porta para os jardins, segurando uma taça de vinho de ouro em uma das mãos e pressionando os dedos da outra a seus sorridentes lábios vermelhos. Sua imagem era a perfeição. Sua postura não poderia ser mais equilibrada se tivesse sido esculpida da mesma pedra que o pilar. Ela usava um vestido azul royal, que brilhava com o que provavelmente eram diamantes, dando a distinta impressão de serem estrelas do céu de um verão sem fim.

A luz laranja piscou no canto do campo de visão de Cinder. O encanto da rainha, a mentira sem fim.

Além da rainha, um guarda lunar estava posicionado um pouco à frente da porta, seu cabelo vermelho gritante arrepiado como a chama de uma vela. Um homem e uma mulher vestidos com o uniforme dos taumaturgos reais também ficaram por perto, aguardando ordens da soberana. Todos os dois eram belíssimos e, ao contrário da rainha, sua beleza não parecia ser uma ilusão. Cinder se perguntou se isso era um requisito para servir o trono lunar ou se Levana era a única lunar na galáxia que não tinha nascido com os olhos brilhantes e a pele perfeita.

– Que encantadoramente ingênuo – disse a rainha, deixando escapar outra risadinha. – Você deve compreender mal minha cultura. Em Luna, consideramos

a monogamia nada mais do que um sentimentalismo arcaico. Que me importa se meu futuro marido é apaixonado por outra... – ela fez uma pausa, seus olhos escuros analisando o vestido de Cinder – mulher?

Terror envolveu a garganta de Cinder enquanto os olhos da rainha pareciam atravessá-la. A rainha sabia que Cinder era lunar. Ela conseguia perceber.

– O que me preocupa – continuou a rainha Levana, sua voz soando como uma doce canção de ninar que a cortava com as palavras seguintes – é que parece que meu noivo se apaixonou por uma cascuda. Estou enganada?

Os taumaturgos concordaram com a cabeça, seus olhos fixos em Cinder.

– Ela sem dúvida tem o cheiro de uma – disse a mulher.

Cinder franziu o nariz. Segundo o dr. Erland, ela não era realmente uma cascuda, e ela se perguntou se a mulher estava inventando aquele insulto para zombar dela. Ou talvez estivesse sentindo o cheiro do vapor da gasolina.

De repente, sua rede reconheceu a mulher, e Cinder se esqueceu da afronta. Ela era a diplomata que estivera em Nova Pequim durante semanas, cuja imagem aparecera em todos os noticiários, embora Cinder nunca tivesse prestado muita atenção.

Sybil Mira, taumaturga-chefe da rainha lunar.

Sra. Sybil, a menina dissera no chip de comunicação direta. Aquela era a mulher que a obrigara a montar o equipamento de espionagem, que havia colocado o chip em Nainsi.

Cinder tentou relaxar, surpresa que seu painel de controle não houvesse entrado em curto-circuito com toda a adrenalina correndo em suas veias. O que ela não daria por uma arma, mesmo uma simples chave de fenda para se proteger – qualquer coisa além daquele pé inútil e luvas de seda fina.

Kai deixou Cinder, marchando em direção à rainha.

– Vossa Majestade, peço desculpas por esta interrupção – disse ele, Cinder só ouvindo suas palavras quando ajustou sua interface de áudio. – Mas não precisamos fazer uma cena na frente dos meus convidados.

Os olhos da rainha, negros como carvão, faiscaram com a luz quente do salão.

– Parece que você é perfeitamente capaz de fazer uma cena sem a minha ajuda. – Seu sorriso tornou-se um beicinho brincalhão. – Ah, querido, parece que estou mais magoada do que julguei por sua volubilidade. Eu acreditava ser sua convidada pessoal esta noite. – Mais uma vez, seus olhos acariciaram o rosto do Cinder. – Você *não pode* achá-la mais bonita do que eu. – Ela estendeu um dedo e traçou a mandíbula de Kai com a unha. – Meu querido, você está *corando*?

Kai afastou a mão de Levana, mas antes que pudesse responder, ela se virou para Cinder e sua expressão se encheu de nojo.

– Qual é o seu nome, criança?

Cinder engoliu em seco, obrigando seu nome a sair da garganta.

– Cinder.

– Cinder. – Uma risada condescendente. – Que apropriado. Cinzas. Poeira. *Sujeira.*

– Chega! – interrompeu Kai, mas Levana passou por ele com facilidade, o vestido cintilante balançando em seus quadris. Ela segurou seu copo de vinho no ar, como se estivesse preparada para cumprimentar o príncipe por um jantar tão agradável.

– Diga-me, Cinder – disse ela –, de qual pobre moça da Terra você roubou esse nome?

A mão de Cinder voou para seu pulso e agarrou a luva de seda e a pele que escondiam seu chip de identificação, ainda dolorido pela pequena incisão que fizera mais cedo. Um peso se instalou na boca de seu estômago.

A rainha fungou.

– Vocês, cascudos – disse ela, erguendo a voz para a multidão –, acham que são tão inteligentes. Então, você roubou o chip do pulso de uma terráquea morta. Assim conseguiu entrar no sistema do governo. Acha que se passa por humana, que pode existir aqui, sem quaisquer repercussões. Vocês são tolos.

Cinder apertou o maxilar. Ela queria explicar que não tinha lembrança de nada *além* de ser terráquea – nada além de ciborgue. Mas de quem ela estaria se defendendo? Certamente não era da rainha. E Kai... Kai, que olhava entre ela e a rainha, tentando encaixar as peças das palavras de Levana em sua cabeça.

A rainha voltou-se para o imperador.

– Não só abrigando lunares, mas também se misturando com eles. Estou decepcionada com você, Vossa Majestade. – Ela estalou a língua. – O fato de esta menina viver dentro de suas fronteiras prova que você está violando o Acordo Interplanetário. Eu levo o desrespeito descarado a tal estatuto muito a sério, imperador Kaito. Na verdade, poderia justificar uma proposta de guerra. Eu insisto que esta traidora seja encarcerada e devolvida a Luna imediatamente. Jacin?

Um segundo guarda lunar saiu da multidão, tão bonito quanto os outros, com longos cabelos loiros e graves olhos azul-claros. Sem aviso, agarrou os pulsos de Cinder, prendendo-os atrás dela. Ela suspirou, seu olhar sobrevoando descontroladamente a plateia reunida enquanto gritos alarmados se espalhavam.

– Pare! – Kai correu em direção a Cinder e agarrou seu cotovelo. Ele a puxou para si e ela tropeçou, mas o guarda não afrouxou seu aperto.

O guarda puxou Cinder novamente e seu braço, escorregadio por causa das luvas de seda, foi arrancado das mãos de Kai. Ela se viu grudada ao lunar. O

peito dele era sólido por detrás dela e um fraco zumbido ressoava em sua cabeça, como eletricidade estática no cabelo.

Magia, ela percebeu. Bioeletricidade zumbindo dentro dele.

Será que todos poderiam ouvi-lo de tão perto, ou seria mais um sinal de seu dom a despertar?

– Solte-a! – disse Kai, apelando para a rainha. – Isso é um absurdo. Ela não é fugitiva, nem mesmo é lunar. Ela é apenas uma mecânica!

Levana ergueu uma sobrancelha fina. Seus olhos brilhantes ultrapassaram Kai, pousando em Cinder com um olhar ao mesmo tempo belo e cruel.

O calor estava aumentando na coluna de Cinder, um calor constante e crescente. Ela temia um colapso. A dor viria, ela desmaiaria e seria inútil.

– Bem, Cinder? – disse a rainha Levana, agitando o vinho pálido. – Parece que você vem mantendo segredos de seus superiores reais. Você deseja refutar minha alegação?

Kai se virou para ela, e ela pôde sentir seu desespero, mesmo que não conseguisse olhá-lo. Ela se concentrou apenas na rainha, seu maxilar doendo com a tensão e o ódio.

Ela estava contente que lágrimas não revelariam sua humilhação. Contenta que nenhum sangue em seu rosto revelaria sua raiva. Contenta que seu odioso corpo de ciborgue servia para alguma coisa enquanto ela se agarrava a sua dignidade despedaçada. Levantou o olhar, fixando-o na rainha.

Seu visor começou a entrar em pane, observando seus níveis elevados de adrenalina, a pulsação acelerada. Advertências piscavam diante dela, mas ela as ignorou, por incrível que pareça, calma.

– Se eu não tivesse sido trazida à Terra – respondeu –, seria uma escrava sob seu governo. Não vou pedir desculpas por escapar.

No canto do olhar, viu o rosto de Kai desmoronar, olhos arregalados enquanto a verdade tornava-se inegável. Ele vinha cortejando uma lunar.

Um grito ecoou da multidão. Uma série de gritinhos sufocados, um baque suave. Adri tinha desmaiado.

Engolindo em seco, Cinder endireitou os ombros.

– Não quero desculpas – disse Levana, lançando um sorriso perverso. – Eu só quero ver os erros de sua vida corrigidos de forma rápida e garantida.

– Você quer me ver morta.

– Como ela é inteligente. Sim, quero. E não só você, mas todos como você. Vocês, cascudos, são uma ameaça à sociedade, um perigo para nossa cultura ideal.

– Porque você não pode fazer lavagem cerebral para nos convencer a adorar você como faz com o resto das pessoas?

Os lábios da rainha afinaram, endurecendo como gesso no rosto. Sua voz baixou, gelando a sala. Uma súbita explosão de chuva atrás dela sacudiu as janelas.

– Não é só para o meu povo, mas para todos os terráqueos também. Vocês, cascudos, são uma praga. – Ela fez uma pausa, a leveza retornando a seus olhos, como se fosse rir. – Literalmente, parece.

– Minha rainha – disse a mulher de cabelos escuros – se refere à chamada febre azul, que causou tantos estragos em seus cidadãos. E, claro, na própria família real... que o imperador Rikan descanse...

– O que isso tem a ver? – interrompeu Kai.

A mulher enfiou as mãos nas mangas em forma de sino de seu casaco cor de marfim.

– Seus brilhantes cientistas ainda não chegaram a essa conclusão? Muitos lunares não dotados são portadores de letumose. Eles a trouxeram para a Terra. E continuam a espalhá-la, sem preocupação, ao que parece, pelas vidas que estão tomando.

Cinder balançou a cabeça.

– Não – disse ela. Kai virou-se para ela, inconscientemente dando um passo adiante. Ela sacudiu a cabeça com mais veemência. – Eles não sabem que estão fazendo isso. Como poderiam? E, claro, os cientistas já descobriram, mas o que podem fazer, além de tentar encontrar uma cura?

A rainha riu com energia.

– Ignorância é a sua defesa? Quão banal. Você deve ver a verdade, o fato de que você *deveria* estar morta. Seria muito melhor para todos se estivesse.

– E, só para *constar* – disse Cinder, erguendo a voz –, eu não sou cascuda.

A rainha sorriu maliciosamente, sem se convencer.

– Basta – disse Kai. – Não me importa onde ela nasceu. Cinder é uma cidadã da Comunidade das Nações Orientais. Eu não vou permitir que a prendam.

Levana não tirou o olhar de Cinder.

– Abrigar um fugitivo é motivo para guerra, jovem imperador. Você sabe disso.

A visão de Cinder esmaeceu enquanto sua retina derramava sobre ela um diagrama sem sentido. Ela fechou os olhos com força, xingando. Aquele não era o momento para uma avaria cerebral.

– Mas talvez – disse a rainha – possamos chegar a algum tipo de acordo.

Cinder abriu os olhos. A película escura permaneceu, mas o diagrama confuso tinha desaparecido. Ela se concentrou na rainha bem a tempo de ver uma curva cruel em seus lábios.

– Essa menina parece pensar que você a *ama*, e aqui está sua chance de

prová-lo. – Ela baixou os cílios faceiramente. – Então, diga-me, Vossa Majestade, você está preparado para negociar por ela?

Trinta e Seis

– NEGOCIAR – DISSE KAI. – PELA VIDA DELA?

– Bem-vindo ao mundo da política de verdade. – Levana tomou um gole de vinho. Apesar de seus lábios vermelho-sangue, nenhuma marca foi deixada no vidro.

– Este não é o momento nem o lugar para essa discussão – disse ele, mal contendo um rosnado.

– Não é? Parece-me que essa discussão envolve todos os seres neste salão. Afinal, você quer paz. Você quer manter seus cidadãos seguros. São metas admiráveis. – Seu olhar deslizou até Cinder. – Você também quer salvar essa criatura infeliz. Assim seja.

O coração de Cinder bateu forte, sua visão piscando ao focar em Kai.

– E você? – perguntou Kai.

– Eu quero ser imperatriz.

Cinder se contorceu sob o aperto do guarda.

– Kai, não. Você não pode fazer isso.

Ele se voltou para ela. Seu olhar era turbulento.

– Não vai fazer diferença – disse Cinder. – Você sabe que não vai.

– Cale a boca da moça – ordenou Levana.

O guarda colocou uma das mãos na boca de Cinder, apertando-a com força contra seu peito, mas não conseguia impedir que seus olhos suplicassem. *Não faça isso. Eu não valho a pena, você sabe disso.*

Kai andou até a porta. Ele olhou para a tempestade lá fora por um momento, os ombros tremendo, antes de virar-se e varrer o salão com o olhar. O oceano de cores, seda e tafetá, ouro e pérolas. Os rostos assustados, confusos em volta. O baile anual. Cento e vinte e seis anos de paz mundial.

Ele soltou uma respiração estrangulada e endireitou os ombros tensos.

– Eu pensei ter deixado minha decisão bem clara. Apenas algumas horas atrás, falei ao meu país que faria qualquer coisa para mantê-lo seguro. Qualquer coisa. – Ele abriu as palmas das mãos, implorando para a rainha. – Eu reconheço prontamente que vocês são mais poderosos do que todos os reinos da Terra juntos, e não tenho vontade de testar nossas forças contra as suas. Também

reconheço que sou ignorante quanto aos costumes de sua cultura e seu povo, e não posso condená-la pela forma como os tem governado. Acredito que sempre teve o interesse de seu povo como prioridade. – Ele encontrou o olhar de Cinder. Seus ombros enrijeceram. – Mas não é como quero que a Comunidade das Nações Orientais seja governada. Nós precisamos ter paz, mas não às custas da liberdade. Eu não posso... Eu não vou me casar com você.

O ar se esvaiu da sala, sussurros apressados cortando a multidão. Uma sensação de alívio preencheu Cinder, mas foi esmagada quando Kai encontrou seu olhar, e ele não poderia parecer mais infeliz. Murmurou, simplesmente:

– Perdão.

Ela desejou que pudesse dizer-lhe que estava tudo bem. Que entendia. Aquela era a decisão que ela queria que ele tomasse desde o começo, e nada mudaria aquilo.

Não valia a pena começar uma guerra por causa dela.

Os lábios de Levana estavam apertados, seu rosto estático senão pela lenta contração da face, sua mandíbula quase cerrada. O escâner de retina de Cinder piscava loucamente no canto de sua visão, números e dados percorrendo a tela, mas ela os ignorou como se fossem um mosquito irritante.

– Você tomou sua decisão?

– Tomei – disse Kai. – A menina... A fugitiva será detida em nossa prisão até sua partida. – Ele ergueu o queixo como se se reconciasse com a decisão. – Eu não quis desrespeitá-la, Vossa Majestade. Desejo de todo coração que possamos continuar nossas discussões em prol de uma aliança justa.

– Não podemos – disse Levana. A taça em sua mão quebrou, mandando pedaços de cristal ao chão. Cinder deu um salto, um coro de gritos explodiu da multidão ao recuar, mas o guarda lunar pareceu imune à explosão. – As minhas exigências foram bem claras a seu pai, como têm sido bem claras a você, que é um tolo por negá-las – disse a rainha, jogando o fino pé da taça na coluna. Vinho escorreu por seus dedos. – Você insiste em negar meus pedidos?

– Vossa Majestade...

– Responda a pergunta.

O escâner de Cinder se iluminou, como se um holofote caísse sobre a rainha. Ela engasgou. Seus joelhos perderam as forças, e ela caiu apoiada ao guarda, que a pôs de pé novamente.

Ela fechou os olhos, certa de que estava imaginando coisas, e em seguida os abriu novamente. O diagrama estava realinhado. Retas apontavam os ângulos exatos do rosto de Levana. Coordenadas mostravam a posição dos olhos, o comprimento do nariz, a largura da testa. Uma ilustração perfeita se sobrepôs à mulher perfeita, e elas não eram compatíveis.

Cinder ainda estava olhando embasbacada para a rainha, tentando compreender as linhas e ângulos que seu escâner estava lhe mostrando, quando percebeu que a discussão havia acabado. Sua reação foi tão abrupta que a atenção de todos se voltou para ela.

– Pelas estrelas – sussurrou. Seu escâner estava vendo além da ilusão. Incólume ao glamour lunar, ele sabia onde os verdadeiros limites do rosto da rainha estavam, as imperfeições, as inconsistências. – É realmente uma ilusão. Você não é bela.

A rainha empalideceu. O mundo parecia ter congelado em torno dos diagramas no olhar de Cinder, os pequenos pontos e medições revelando o maior segredo da rainha. Ela ainda via o encanto da rainha, as maçãs do rosto altas e lábios carnudos, mas o efeito estava escondido sob a verdade do diagrama. Quanto mais olhava, mais dados seu visor reunia, gradualmente preenchendo as verdadeiras feições de Levana.

Ela estava tão extasiada com a lenta revelação que não percebeu Levana curvando os dedos longos ao seu lado. Só depois que uma corrente elétrica pareceu tremeluzir no ar foi que Cinder removeu seu foco dos rabiscos em sua visão.

A rainha flexionou os dedos. O guarda se afastou, soltando os pulsos de Cinder.

Firmando-se de pé, Cinder mal conseguiu não tombar para a frente – ao mesmo tempo que sua mão se esticou para trás, como se tivesse vontade própria, e tirou a arma do coldre do guarda.

Ela enrijeceu ao sentir a arma pesada de forma tão abrupta e inesperada em sua mão de aço.

Seus dedos deslizaram para o gatilho como se fosse uma extensão dela. A arma parecia confortável na palma de sua mão. Mas não deveria. Ela nunca tinha segurado uma arma antes.

Seu coração disparou.

Cinder levantou a arma, pressionando o cano contra a própria têmpora. Um grito trêmulo escapou de sua boca. Um fio de cabelo estava grudado nos lábios ressequidos. Os olhos dispararam para a esquerda, incapazes de ver a arma e a mão traidora que a segurava. Ela olhou para a rainha, para a multidão, para Kai.

Seu corpo todo tremia, exceto pelo braço confiante que segurava a arma pronta para matá-la.

– Não! Deixe-a em paz! – Kai correu para ela, agarrando seu cotovelo. Ele tentou puxá-lo, mas ela estava imobilizada, sólida como uma estátua. – Solte-a!

– K-Kai – gaguejou, o terror tomando conta dela. Ela implorou a sua mão que largasse a arma, implorou ao dedo que se afastasse do gatilho, mas foi inútil.

Ela apertou os olhos. Sua cabeça latejava. NÍVEIS CRESCENTES DE ADRENALINA. CORTISONA. GLICOSE. RITMO CARDÍACO CRESCENTE. PRESSÃO ARTERIAL CRESCENTE. ALERTA, ALERTA...

Seu dedo se contraiu brevemente, e em seguida enrijeceu de novo.

Ela imaginou como a arma soaria. Imaginou o sangue. Imaginou seu cérebro desligando, não sentindo nada.

MANIPULAÇÃO BIOELÉTRICA DETECTADA.

INICIALIZANDO PROCESSO DE RESISTÊNCIA

3... 2...

Seu dedo soltou o gatilho de modo lento, deliberado.

Fogo explodiu em sua coluna vertebral, percorrendo rapidamente seus fios e nervos, deslizando pelos pinos de metal em seus membros.

Cinder gritou e forçou a arma a se afastar de sua cabeça. Com o braço esticado, o cano apontava para o teto. Ela parou de lutar. Puxou o gatilho. Um lustre se despedaçou acima dela, vidro e cristal e faíscas.

A multidão gritou e fugiu para a saída.

Cinder desabou de joelhos e se curvou para a frente, segurando a arma contra a barriga. Uma enorme dor a rasgou, cegando-a. Fogos de artifício explodiam em sua cabeça. Ela sentiu como se seu corpo tentasse se livrar de todas as partes de ciborgue – explosões, faíscas e fumaça dilacerando sua pele.

A voz de Kai acima do tumulto em seus ouvidos a fez perceber que a dor estava diminuindo. Ela estava quente ao toque, como se alguém a tivesse jogado em um forno, mas a dor e o calor tinham se transferido para seu exterior, para sua pele e pontas dos dedos em vez de consumi-la por dentro. Cinder abriu os olhos. Pontos brancos salpicavam seu olhar. Seu visor exibia alertas vermelhos. Um diagnóstico rolava pelo canto de sua visão. A temperatura estava muito elevada, a frequência cardíaca disparada, a pressão arterial altíssima. Algumas substâncias estranhas, que seu sistema não reconhecia e não conseguia dissipar, tinham invadido seu sangue. Algo está errado, sua programação gritava para ela. *Você está mal. Você está doente. Você está morrendo.*

Mas ela não sentia como se estivesse morrendo.

Ela sentia seu corpo tão quente que se surpreendeu quando não incinerou o frágil vestido. Suor chiava ao evaporar em sua testa. Ela se sentiu diferente. Forte. Poderosa.

Em chamas.

Tremendo, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para as mãos. A luva esquerda começara a derreter, formando manchas pegajosas de seda na mão de metal incandescente. Cinder podia ver a eletricidade chiando na superfície de aço, mas não conseguia dizer se eram seus olhos humanos ou ciborgue a detectá-

la. Ou talvez, não humano. Não ciborgue.

Lunar.

Ela ergueu a cabeça. O mundo estava coberto por uma fria névoa cinza, como se tudo tivesse congelado, menos ela. Seu corpo estava começando a esfriar. Sua pele empalidecia, seu metal ficava opaco. Ela tentou cobrir a mão de metal – estupidamente, caso Kai não tivesse notado, caso tivesse sido cegado pelo brilho.

Ela trocou olhares com a rainha. Levana parecia soluçar de raiva quando seus olhares se encontraram. A rainha engoliu em seco e recuou um passo. Por um momento, ela quase pareceu estar com medo.

– Impossível – sussurrou ela.

Cinder convocou todos os nanobites de força que possuía para conseguir ficar de pé e apontou a arma para a rainha. Ela puxou o gatilho.

O guarda ruivo estava lá. A bala o atingiu no ombro.

Levana nem sequer vacilou.

O cérebro de Cinder alcançou seu corpo enquanto o sangue pingava sobre a armadura do guarda.

Cinder deixou cair a arma e correu. Sabendo que a multidão frenética era impenetrável, ela fugiu em direção à saída mais próxima, as portas maciças que levavam aos jardins. Passou o guarda, a rainha e a comitiva, com vidro sendo triturado sob suas botas roubadas.

O eco vazio do pátio de pedra. Uma poça espirrando em suas pernas. O cheiro fresco da chuva que se transformara em garoa.

A escada se estendia à sua frente. Doze passos e um jardim japonês, um muro muito alto, um portão, a cidade – a fuga.

No quinto degrau, ela ouviu o estalo dos parafusos. Os fios se soltaram, como tendões esticados ao máximo. Ela sentiu a perda de força na base da panturrilha, enviando um sinal de alerta ofuscante até seu cérebro.

Ela caiu, gritando, e tentou impedir a queda com a mão esquerda. Um choque de dor subiu pelo ombro até a coluna. O metal retiniu na pedra quando ela desabou no caminho de cascalho.

Estava deitada de lado. Buracos desgastaram sua luva onde Cinder havia tentado amortecer a queda. Sangue manchava a linda seda cor de creme em seu cotovelo direito.

Ela lutava para respirar. Sentiu sua cabeça subitamente pesada e a deixou afundar no chão, pedrinhas incomodando seu couro cabeludo. Seus olhos confusos focaram no céu, onde a tempestade tinha malogrado, deixando uma leve neblina que se agarrava aos cabelos e cílios de Cinder, refrescante em sua pele quente. A lua cheia tentava romper a cobertura de nuvens, queimando

lentamente um buraco acima dela, como se planejasse engolir o céu inteiro.

Uma movimentação chamou sua atenção de volta para o salão. O guarda que a segurara alcançou as escadas e congelou. Um segundo depois, Kai estava ao lado dele e parava de repente, segurando o corrimão.

Seus olhos a assimilavam – o brilho dos dedos de metal, os fios faiscando na ponta de sua perna de metal amassada. Seu queixo caiu, e por um momento pareceu a ponto de vomitar.

Mais barulho no topo da escada. O homem e a mulher apareceram em seus uniformes de taumaturgos, e o guarda que ela tinha acertado, inotido pelo ferimento gotejando. O conselheiro de Kai e finalmente a própria rainha Levana. Seu encanto tinha voltado com força total, mas toda a beleza não conseguia esconder a fúria que contorcia suas feições. Levantando a saia cintilante nas mãos, ela se moveu para descer os degraus em direção a Cinder, mas a taumaturga a deteve com delicadeza e apontou para a parede do palácio.

Cinder seguiu o movimento.

Uma câmera de segurança estava sobre eles – sobre ela. Vendo tudo.

Os últimos sinais de força escaparam de Cinder, deixando-a exausta e fraca.

Kai desceu as escadas com cuidado, como se estivesse se aproximando de um animal ferido. Curvando-se, ele pegou o pé ciborgue enferrujado que tinha caído da bota de veludo. Seu maxilar se retesou enquanto estudava o objeto, talvez o reconhecendo do dia em que conheceu Cinder no mercado. Ele não olhou para ela.

Os lábios de Levana se curvaram.

– Nojento – disse ela da porta, escondida com segurança dos olhos da câmera. Suas palavras eram altas e estranhamente forçadas em comparação com sua habitual voz melodiosa. – A morte seria misericordiosa.

– Ela não era uma cascuda mesmo – disse Sybil Mira. – Como escondeu isso?

Levana escarneceu.

– Não importa. Ela estará morta em breve. Jacin?

O guarda loiro desceu um único degrau em direção a Cinder. Ele estava segurando sua arma novamente, aquela que ela deixara cair.

– Espere. – Kai pulou os últimos degraus até estar no caminho diante dela. Parecia precisar forçar-se a olhar nos olhos dela, e chegou a vacilar. Cinder não conseguia interpretá-lo, a constante mudança de uma mistura de descrença, confusão e arrependimento. Seu peito arfava. Ele tentou falar duas vezes antes que as palavras saíssem, palavras silenciosas que nunca mais deixariam a cabeça de Cinder.

– Foi tudo uma ilusão? – perguntou ele.

Dor dilacerava seu peito, deixando-a sem ar.

– Kai?

– Estava tudo na minha cabeça? Foi um truque lunar?

O estômago dela se revirou.

– Não. – Ela balançou a cabeça com fervor. Como explicar que ela não tinha o dom antes? Que não poderia tê-lo usado contra ele? – Eu nunca mentiria...

As palavras esvaeceram. Ela havia mentido. Tudo o que ele sabia sobre ela era mentira.

– Sinto muito – concluiu ela, as palavras saindo desajeitadas ao ar livre.

Kai forçou-se a mover os olhos, a achar um lugar de conforto no belo jardim.

– É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.

O coração de Cinder murchou dentro dela até ter certeza de que pararia de bater completamente. Ela levou a mão ao rosto, sentindo a seda em sua pele úmida.

Trincando o maxilar, Kai virou-se para a rainha. Cinder olhou fixamente para as costas de sua camisa vermelha com as pombas da paz bordadas ao longo do colarinho. A mão ainda segurava seu pé ciborgue.

– Ela será levada sob custódia – disse ele, emitindo as palavras com pouca força. – Será detida até decidirmos o que fazer. Mas, se você matá-la hoje à noite, juro que nunca concordarei com qualquer aliança com Luna.

O olhar da rainha escureceu. Mesmo que ela concordasse, Cinder acabaria sendo levada de volta à Lua. E tão logo Levana a tivesse em seu poder, um laço seria colocado em volta de seu pescoço.

Kai estava ganhando tempo. Mas provavelmente não muito.

O que ela não conseguia entender era o porquê.

Cinder assistiu à rainha lutando contra seu temperamento, sabendo que poderia matar Cinder e Kai em um piscar de olhos.

– Ela será minha prisioneira – concedeu Levana finalmente. – Será devolvida a Luna e julgada sob o nosso sistema judicial.

Tradução: ela morreria.

– Eu entendo – disse Kai. – Em troca, você concordará em não declarar guerra contra o meu país ou o planeta.

Levana ergueu a cabeça, olhando para baixo de nariz empinado para ele.

– Concordo. Não declararei guerra contra a Terra por *esta* infração. Mas eu seria cautelosa, jovem imperador. Você já testou muito a minha paciência por hoje.

Kai inspirou uma única vez, inclinou a cabeça para ela e em seguida se afastou enquanto os guardas lunares desciam os degraus. Eles levantaram o corpo alquebrado de Cinder do caminho de cascalho. Ela fez o melhor que podia

para ficar de pé, olhando para Kai, desejando que pudesse ter apenas um minuto para dizer-lhe que sentia muito. Um segundo para explicar.

Mas ele não a olhou enquanto ela era arrastada, passando por ele. Seus olhos estavam fixos no pé de aço sujo que agarrava com as duas mãos, seus dedos brancos pela força com que segurava o objeto.

Trinta e Sete

ELA ESTAVA DEITADA DE COSTAS, OUVINDO A CONSTANTE BATIDA de seus dedos metálicos na resina branca do chão da cela. De tudo que deveria estar ocupando sua mente, um único momento parecia preso em seus pensamentos, em uma repetição interminável.

Um dia de mercado, o ar úmido, o cheiro dos pães doces de Chang Sacha permeando a praça da cidade. Antes de isso tudo ter acontecido – antes de Peony ficar doente, antes de Levana vir para a Terra, antes de Kai a convidar para o baile. Ela era apenas uma mecânica, e ele era o príncipe com todos os encantos aos quais ela fingia ser imune. E ele estava lá, diante dela, enquanto ela se equilibrava em um único pé e tentava acalmar seu coração acelerado. Como mal conseguia olhar nos olhos dele. Como ele se inclinou para a frente, forçando-a a vê-lo, e sorriu.

Ali.

Aquele momento. Aquele sorriso.

Uma vez e outra, e outra.

Cinder suspirou e mudou o ritmo da batida de seus dedos.

A rede estava repleta de vídeos do baile. Ela assistira a exatamente 4,2 segundos das filmagens pela sua rede – ela em seu vestido de baile sujo tropeçando nos degraus – antes de desligar. A filmagem a fazia parecer louca. Sem dúvida, todo ser humano da Terra ficaria feliz quando a rainha Levana se apossasse dela e a levasse de volta para Luna. Para seu “julgamento”.

Cinder ouviu os passos do guarda, abafados, no outro lado da porta da cela. Tudo em torno dela era branco, inclusive o macacão de algodão extremamente alvejado que a fizeram vestir, forçando-a a descartar o vestido destruído de Peony e o pouco da luva de seda que ainda não estava derretido ou rasgado. Eles também ainda não tinham se dado o trabalho de apagar as fortes luzes, deixando-a inquieta e exausta. Ela estava começando a se perguntar se não seria um alívio quando a rainha viesse buscá-la, se talvez ela lhe permitisse ao menos um momento de sono.

E ela só estava lá havia quatorze horas, trinta e três minutos e dezesseis segundos. Dezessete segundos. Dezoito.

A porta fez um barulho, assustando-a. Ela apertou os olhos em direção à pequena janela na porta, vendo a sombra da cabeça de um homem no portão de ferro. A parte de trás da cabeça. Nenhum dos guardas a olhava.

– Você tem uma visita.

Ela ergueu-se, se apoiando nos cotovelos.

– O imperador?

O guarda soltou uma curta risada.

– Sim, é claro. – Sua sombra desapareceu da grade.

– Por favor, abra a porta – disse uma voz familiar, com um sotaque familiar.

– Preciso falar com ela em particular.

Cinder ergueu-se em um pé só, apoiando-se na parede lisa como vidro.

– Ela está sob segurança máxima – disse o guarda. – Eu não posso deixá-lo entrar. Você deve falar com ela através da grade.

– Não seja ridículo. Pareço uma ameaça à segurança?

Cinder pulou até a janela e subiu na ponta dos dedos. *Era* o dr. Erland, segurando um saco de linho claro. Ele ainda usava o jaleco, com os óculos prateados minúsculos sobre o nariz e o boné de lã na cabeça. Embora tivesse de erguer a cabeça para olhar nos olhos do guarda, não se intimidou.

– Eu sou o cientista líder da equipe real de pesquisa de letumose – disse o dr. Erland – e essa menina é minha principal cobaia. Preciso de amostras de sangue dela antes que deixe o planeta. – Ele retirou uma seringa do saco. O guarda cambaleou para trás surpreso, antes de cruzar os braços sobre o peito.

– Tenho que cumprir ordens, senhor. Você terá que obter uma autorização oficial do imperador que permita sua entrada.

O dr. Erland deixou seus ombros caírem e guardou a seringa de volta na sacola.

– Tudo bem. Se esse é o protocolo, eu entendo. – Mas, em vez de se afastar, ele mexeu com os punhos de suas mangas, sua expressão momentaneamente escurecendo, antes de lançar outro sorriso ao guarda. – Aqui, você vê? – disse, sua voz enviando uma sensação estranha para a espinha de Cinder. O médico continuou, a cadência de suas palavras calmante como uma canção. – Obtive a liberação necessária do imperador. Ele indicou com as mãos em direção a porta da cela. – Pode abrir a porta.

Cinder piscou como se quisesse limpar teias de aranha de sua mente. Parecia que o dr. Erland queria ser preso também, mas, em seguida, o guarda se virou para ela com uma expressão perplexa e passou sua identificação no escâner. A porta se abriu.

Cinder cambaleou para trás, apoiando-se na parede.

– Agradeço muito – disse o médico, entrando na cela sem dar as costas para

o guarda. – Vou pedir que nos dê um pouco de privacidade. Não demorarei mais do que um minuto.

O guarda fechou a porta sem discutir. Seus passos ecoaram pelo corredor.

O dr. Erland virou-se e deu um suspiro quando seus brilhantes olhos azuis caíram sobre Cinder. Seus lábios se abriram por um momento antes de ele virar a cabeça e fechar os olhos. Quando os abriu novamente, o olhar de espanto tinha suavizado em suas feições.

– Se havia qualquer dúvida, se foi agora. Pode lhe fazer bem praticar o controle do seu encanto.

Cinder apertou a bochecha com uma das mãos.

– Eu não estou fazendo nada.

O médico limpou a garganta, desconfortável.

– Não se preocupe. Você vai pegar o jeito. – Ele lançou seu olhar ao redor da cela. – Muito difícil a situação em que você se meteu, não é?

Cinder ergueu um dedo em direção à porta.

– Você tem que me ensinar esse truque.

– Seria uma honra, srta. Linh. É realmente muito simples. Se concentre em seus pensamentos, leve os de sua vítima em sua direção e deixe clara sua intenção. Internamente, é claro.

Cinder franziu a testa. Não parecia nem um pouco simples.

O médico ignorou o olhar.

– Não se preocupe. Você vai perceber que virá naturalmente quando precisar de seu dom, mas não temos tempo para lições. Eu preciso ser rápido antes que levante suspeitas em alguém.

– *Minhas* suspeitas aumentaram.

Ele a ignorou, seu olhar percorrendo Cinder – o macacão branco, volumoso e largo sobre seu corpo esguio, a mão de metal amassada e riscada pela queda, os fios coloridos que pendiam da perna da calça.

– Você perdeu seu pé.

– Sim, eu notei. Como está o Kai?

– O quê? Você não vai perguntar como eu estou?

– Você parece estar bem – disse ela. – Melhor do que o normal, na verdade. – Era verdade: a luz fluorescente da cela o deixava dez anos mais jovem. Ou, mais provável, ela percebeu, eram os efeitos prolongados de usar o seu dom lunar sobre o guarda. – Mas como ele está?

– Confuso, eu acho. – O médico deu de ombros. – Acredito que ele estivesse apaixonado por você. Descobrir que você é... Bem... Foi muito para assimilar, tenho certeza.

Cinder passou a mão pelos cabelos, frustrada, os fios emaranhados pelas

quatorze horas que passara amassando-os entre os punhos.

– Levana o forçou a escolher. Casar com ela ou me entregar. Caso contrário, ela disse que iria declarar guerra com base em alguma lei sobre abrigar lunares fugitivos.

– Parece que ele tomou a decisão certa. Ele será um bom governante.

– A questão não é essa. Levana não se satisfará com a decisão por muito tempo.

– Claro que não. Nem teria deixado você viver por muito tempo se ele tivesse escolhido o casamento. Ela quer muito ver você morta, mais do que imagina. É por isso que ela deve acreditar que Kai fez tudo ao seu alcance para mantê-la confinada e está disposto a lhe entregar assim que ela retorne à Lua, o que não vai demorar muito, acho. Caso contrário, pode haver consequências horríveis para ele... e para a Comunidade das Nações Orientais.

Cinder olhou para ele, apertando os olhos.

– Parece-me que ele está fazendo tudo que pode para me manter confinada.

– De fato. – Ele girou os polegares. – Isso complica as coisas, não é?

– O que você...?

– Por que não nos sentamos? Você não pode estar confortável assim, em um pé só. – O dr. Erland afundou na única cama da cela. Cinder deslizou pela parede oposta a ele.

– Como está sua mão?

– Bem. – Ela flexionou os dedos de metal. – A articulação no meu dedo mindinho está ruim, mas poderia estar pior. Ah, e... – Ela apontou para a tampa. – Sem buracos na minha cabeça. Ainda estou feliz com isso.

– Sim, ouvi dizer como a rainha a atacou. Foi sua programação ciborgue que a salvou, não foi?

Cinder deu de ombros.

– Acho que sim. Eu recebi uma mensagem sobre manipulação bioelétrica, logo antes de... Eu nunca tinha recebido aquela mensagem, nem mesmo perto do seu encanto.

– Foi a primeira vez que um lunar a forçou a *fazer* algo, ao contrário de simplesmente acreditar ou sentir alguma coisa. E parece que sua programação funcionou como foi concebida: outra decisão impressionante do seu cirurgião, ou talvez tenha sido o protótipo de Linh Garan que fez isso. De qualquer maneira, Levana deve ter sido pega completamente desprevenida. Embora eu suspeite que a exibição explosiva que você criou não tenha cativado muitos terráqueos.

– Eu não sabia como controlar. Não sabia o que estava acontecendo. – Ela puxou os joelhos contra o peito. – Acho que é bom eu estar aqui. Não há lugar lá fora a que eu pertença, não depois disso. – Ela apontou para um lugar inexistente

além das paredes brancas. – Ainda bem que Levana acabará com meu sofrimento.

– É mesmo, srta. Linh? É uma pena. Eu esperava que você tivesse herdado a garra do nosso povo.

– Desculpe. Pareço ter perdido minha energia quando meu pé caiu durante uma transmissão ao vivo.

O médico torceu o nariz para ela.

– Você se preocupa tanto com coisas tão bobas.

– *Bobas?*

O dr. Erland sorriu.

– Eu vim aqui por uma razão muito importante, sabe, e não temos o dia todo.

– Certo – resmungou Cinder enquanto arregaçava as mangas e estendia o braço para ele. – Colha quanto sangue você quiser. Não vou precisar dele.

O dr. Erland afagou seu cotovelo.

– Isso foi uma desculpa. Não estou aqui para coletar amostras de sangue. Existem lunares na África para testar se for preciso.

Cinder deixou o braço cair de volta para o colo.

– Na África?

– É, estou indo para a África.

– Quando?

– Dentro de três minutos. Há muito trabalho a ser feito, e será difícil concluí-lo em uma cela, portanto decidi ir para onde os primeiros casos de letumose foram documentados, em uma pequena cidade a leste do deserto do Saara. – Ele girou os dedos no ar, como se apontasse para um mapa invisível. – Espero encontrar alguns hospedeiros e convencê-los a se tornarem parte da minha pesquisa.

Cinder desenrolou a manga.

– Então, por que você está aqui?

– Para convidá-la a se juntar a mim. Quando for conveniente, é claro.

Cinder fez uma careta.

– Puxa, obrigada, doutor. Vou dar uma olhada na minha agenda para ver quando estarei disponível novamente.

– Eu espero que sim, srta. Linh. Aqui, tenho um presente para você. Dois, na verdade. – O dr. Erland enfiou a mão no saco e retirou uma mão e um pé de metal, ambos brilhando sob as luzes fortes. As sobrancelhas de Cinder se ergueram.

– De última geração – disse o dr. Erland. – Com todos os acessórios. Revestidos por titânio puro. E olhe! – Como uma criança com um brinquedo novo, ele mexeu os dedos da mão, revelando uma lanterna secreta, uma adaga,

uma pistola, uma chave de fenda e um cabo conector universal. – É um pilar da utilidade. Os dardos tranquilizantes são armazenados aqui. – Ele abriu um compartimento na palma da mão, revelando uma dezena de dardos finos. – Assim que a fiação estiver sincronizada, você será capaz de carregar a arma com um simples pensamento.

– Isso é... fantástico. Agora, quando eu estiver para ser executada, posso ao menos levar alguns espectadores comigo.

– Exatamente! – Ele riu. Cinder franziu a testa, irritada, mas o dr. Erland estava muito ocupado admirando as próteses para notar. – Eu as mandei fazer especialmente para você. Usei o exame do seu corpo para garantir que tivessem as dimensões corretas. Se houvesse mais tempo, poderia ter feito um enxerto de pele, mas não podemos ter tudo, suponho.

Cinder pegou as partes quando ele as entregou, fiscalizando o trabalho com apreensão.

– Não deixe que o guarda veja isso, ou realmente estarei em apuros – disse ele.

– Obrigada. Eu com certeza estou animada para usá-los nos dois últimos dias da minha vida.

Com um sorriso malicioso, o dr. Erland percorreu com o olhar a pequena cela.

– Engraçado, não é? Tanto avanço, tanta tecnologia. Mas mesmo os sistemas de segurança mais complexos não são projetados com ciborgues lunares em mente. Acho que é bom não existirem muitos de vocês por aí, ou ganhariam uma má reputação pelas fugas de cadeias.

– O quê? Você está louco? – disse Cinder, baixando a voz para um sussurro áspero. – Você está sugerindo que eu deveria tentar escapar?

– Na verdade, estou um pouco louco esses dias. – O dr. Erland coçou sua bochecha. – Não tenho cura. Toda essa bioeletricidade sem ter para onde ir, nada a fazer... – Ele suspirou de forma excêntrica. – Mas não, srta. Linh, não estou sugerindo que *tente* escapar. Estou dizendo que *deve* escapar. E deve fazê-lo em breve. Suas chances de sobrevivência cairão drasticamente quando Levana vier buscá-la.

Cinder recostou-se na parede, sentindo o princípio de uma dor de cabeça.

– Olha, eu agradeço que se importe comigo, de verdade. Mas mesmo que eu pudesse encontrar um jeito de sair daqui, você sabe como Levana reagiria? Você mesmo disse que haverá consequências terríveis se ela não conseguir o que quer. Não vale a pena começar uma guerra por *minha* causa.

Os olhos dele brilharam por trás dos óculos. Pareceu jovem por um momento, quase eufórico.

– Na verdade, vale.

Ela inclinou a cabeça, olhando-o com atenção. Talvez ele fosse realmente louco.

– Eu tentei lhe dizer quando você esteve no meu consultório semana passada, mas você teve que sair correndo para ver a sua irmã... Ah, e eu sinto muito sobre sua irmã, a propósito.

Cinder mordeu o interior de sua bochecha.

– De qualquer forma, sabe, eu tinha o seu DNA sequenciado. Isso me informou não só que você é lunar, não só que você não é uma cascuda, mas também algo sobre sua herança. Sua linhagem.

O batimento cardíaco de Cinder acelerou.

– Minha família?

– Sim.

– E? Eu tenho uma? Meus pais, eles estão... – Ela hesitou. Os olhos do dr. Erland se entristeceram com a sua explosão. – Eles estão mortos?

Ele tirou o boné.

– Sinto muito, Cinder. Eu deveria ter lhe contado isso de uma maneira melhor. Sim, sua mãe está morta. Não sei quem é seu pai nem se ele está vivo. Sua mãe era, digamos assim... conhecida por sua promiscuidade.

Cinder sentiu sua esperança murchar.

– Ah.

– E você tem uma tia.

– Uma tia?

O dr. Erland apertou o chapéu entre as mãos.

– Sim. A rainha Levana.

Cinder piscou, confusa.

– Minha querida. Você é a princesa Selene.

Trinta e Oito

O SILÊNCIO PREENCHEU O AR ESTÉRIL ENTRE CINDER E O DR. ERLAND, e também a nebulosidade nos pensamentos de Cinder. Seu rosto não se livrou da confusão.

– O quê?

O médico estendeu a mão e a colocou sobre a de Cinder.

– Você é a princesa Selene.

Ela se afastou dele.

– Eu não... O quê?

– Eu sei. Parece inacreditável.

– Não, parece... Isso é impossível. Por que você brincaria com uma coisa dessas?

Ele sorriu com delicadeza e afagou-lhe a mão novamente. Foi quando Cinder percebeu que sua visão estava clara. Sem luz laranja incomodando.

Perdeu o fôlego. Seu olhar caiu sobre os fios com as pontas saindo de seu tornozelo.

– Eu sei que vai levar tempo para você aceitar isso – disse o dr. Erland –, e eu gostaria de poder estar aqui para ajudá-la. E ajudarei. Direi tudo que você precisa saber quando chegar à África. Mas agora é fundamental que entenda por que você não pode deixar Levana levá-la. Você é a única que pode destroná-la. Entendeu?

Ela balançou a cabeça, atordoada.

– Princesa...

– Não me chame assim.

O dr. Erland rodou o chapéu no colo.

– Tudo bem. Srta. Linh, preste atenção. Estive procurando por você há tantos anos... Em Luna, eu conhecia o homem que trouxe você para a Terra e realizou sua cirurgia. Segui o rastro dele na esperança de encontrá-la, mas quando o achei ele já havia começado a enlouquecer. Tudo que pude tirar dele era que você estava em algum lugar aqui, na Comunidade. Eu sabia que devia procurar um ciborgue, uma adolescente, e mesmo assim houve tantas vezes em que pensei que também enlouqueceria antes de encontrá-la. Antes de conseguir lhe dizer a verdade. E então, você estava lá, de repente, no meu laboratório. Um *milagre*.

Cinder levantou a mão, interrompendo-o.

– Por quê? Por que eles me transformaram num ciborgue?

– Porque seu corpo foi danificado demais pelo fogo – disse ele, como se a resposta fosse óbvia. – Seus membros não podiam ser recuperados. É incrível que você tenha sobrevivido e que tenha conseguido ficar escondida por todos esses...

– Pare. Pode parar. – Cinder flexionou a prótese amassada da mão antes de envolver com os dedos o membro novinho que o médico tinha levado. Seus olhos corriam pela cela, sua respiração vinha em suspiros curtos. Ela fechou os olhos quando uma onda de tontura tomou conta dela.

Ela era...

Ela era...

– A pesquisa – sussurrou ela. – Você organizou a pesquisa para me encontrar. Um ciborgue... na Comunidade Oriental.

O dr. Erland se agitou, e quando ela se atreveu a olhar para cima novamente a culpa tomara conta dos seus olhos.

– Todos tivemos que fazer sacrifícios, mas se não impedirem Levana...

Largando a nova prótese, Cinder tapou os ouvidos e escondeu o rosto entre os joelhos. A pesquisa. Todos aqueles ciborgues. Tantas pessoas convencidas de que era a coisa certa. Que era melhor eles serem usados do que os humanos. Uma vez um projeto científico, sempre um projeto científico.

E ele só queria encontrá-la.

– Cinder?

– Eu vou vomitar.

O dr. Erland apertou seu ombro, mas ela o afastou.

– Nada do que aconteceu é sua culpa – disse ele. – E agora eu encontrei você. Podemos começar a acertar as coisas de novo.

– Como posso acertar as coisas? Levana vai me matar! – Ofegante, Cinder levantou a cabeça. – Espere. Ela sabe?

A sua memória lhe respondeu primeiro – Levana no topo da escada, com medo. *Furiosa*. Ela escondeu o rosto novamente.

– Ai, minhas estrelas, ela sabe.

– Seu encanto é único, Cinder, muito parecido com o da rainha Channary. Levana perceberia imediatamente quem você é, embora eu duvide que alguém mais tenha percebido, e Levana vai tentar manter isso em segredo enquanto puder. Claro, ela não perderá tempo em matar você. Estou certo de que eles estão planejando sua partida, agora mesmo.

A boca de Cinder estava ressecada.

– Olhe para mim, Cinder.

Ela obedeceu. E, embora os olhos do médico fossem de um azul de tirar o fôlego, cheios de piedade e quase reconfortantes, de alguma forma ela sabia que ele não estava fazendo nada para manipular sua mente. Aquele era apenas um velho determinado a destronar a rainha Levana.

Um velho que tinha, de alguma forma, colocado todas as esperanças nela.

– Kai sabe? – sussurrou ela.

O dr. Erland balançou a cabeça, triste.

– Não posso me aproximar dele enquanto Levana estiver presente, e isso não é algo que eu possa enviar por um comunicado. Ela levaria você antes que eu tivesse a chance de vê-lo. Além disso, o que ele poderia fazer?

– Se ele soubesse, iria me liberar.

– E se arriscar a Levana voltar sua ira contra o país inteiro? Levana encontraria uma maneira de matá-la muito antes de você ter alguma esperança de recuperar o trono. Kai seria um tolo por fazer algo tão precipitado sem um plano.

– Mas ele merece saber. Ele está procurando por ela. Por... Ele esteve procurando por...

– Muitas pessoas estiveram à sua procura. Mas encontrar você e ser capaz de restaurá-la como rainha são dois objetivos muito diferentes. Planejei este momento por muito tempo. Eu posso ajudá-la.

Cinder o encarou de um jeito estúpido, enquanto o pânico tomava conta de seus pulmões.

– Restaurar-me como rainha?

O médico limpou a garganta.

– Eu entendo que você esteja com medo agora, e confusa. Não pense muito. Tudo o que estou pedindo é que encontre uma forma de sair desta prisão. Eu *sei* que você consegue. Em seguida, vá para a África. Depois, vou guiá-la. Por favor. Não podemos deixar Levana vencer.

Ela não conseguia responder, não conseguia sequer começar a entender o que ele estava lhe pedindo. Princesa? Herdeira?

Cinder balançou a cabeça.

– Não. Eu não posso. Não posso ser rainha nem princesa nem... Não sou ninguém. Sou um ciborgue!

O dr. Erland cruzou as mãos.

– Se você não vai me deixar ajudá-la, Cinder, então ela já ganhou, não é? Logo a rainha Levana a levará embora. Ela encontrará uma maneira de se casar com Kai e se tornar imperatriz. Vai travar uma guerra contra a União Terráquea e, não tenho dúvida, será vitoriosa. Muitos morrerão, quem sobrar será feito escravo, assim como nós, lunares. É um destino triste, mas inevitável, suponho eu, se você não estiver disposta a aceitar quem você realmente é.

– Isso não é justo! Você não pode simplesmente jogar isso sobre mim e esperar que eu seja capaz de resolver alguma coisa!

– Não espero, srta. Linh. Tudo o que espero é que você encontre uma forma de sair desta prisão e venha me encontrar na África.

Ela o encarou, boquiaberta, enquanto aquelas palavras gradualmente penetravam em seu cérebro.

Escapar da prisão.

Ir para a África.

Parecia quase simples quando ele falava daquele jeito.

O médico deve ter visto algo mudar em seu rosto, porque ele bateu de leve em seu pulso novamente, então ficou de pé, com as articulações gemendo.

– Eu acredito em você – disse ele ao alcançar a porta e dar uma pancada na grade. – E mesmo que não saiba disso neste momento, Kai acredita em você também.

A porta da cela se abriu e o dr. Erland a saudou com o boné. Ele se foi.

Cinder esperou até que dois pares de passos soassem corredor abaixo antes de tremer convulsivamente e cair de joelhos, apertando as mãos nos ouvidos. Seu cérebro baixava informações mais rápido do que ela podia absorver: velhos artigos sobre o desaparecimento da princesa, entrevistas com teóricos da conspiração, imagens de escombros queimados do quarto de bebê onde sua carne queimada havia sido encontrada. Datas. Estatísticas. A transcrição da coroação de Levana quando a coroa passou para ela, a seguinte na linha de sucessão para o trono.

Data de nascimento da princesa Selene: 21 de dezembro do ano 109 da Terceira Era.

Ela era quase um mês mais jovem do que sempre acreditara ser. Era um fato pequeno, insignificante, e ainda assim por um momento teve a impressão distinta de que não tinha a menor ideia de quem era realmente. Nenhuma pista de quem seria.

E então veio a pesquisa com ciborgues. Todos os nomes daqueles que haviam participado antes dela piscaram na sua frente. Suas imagens, números de identificação, datas de nascimento, as datas em que haviam sido declarados mortos, honorariamente, por seu sacrifício para o bem da Comunidade das Nações Orientais.

Ela ouviu um relógio tiquetaqueando dentro de sua cabeça.

A respiração de Cinder vinha em engasgos difíceis conforme as informações inundavam sua mente. Pânico se agitou em seu estômago. Sentiu o gosto de bile na boca, queimando quando ela a engolia.

A rainha Levana viria até ela, e ela seria executada. Era seu destino. Cinder

estava conformada. Preparara-se para isso. Não para ser uma herdeira. Nem para ser rainha ou heroína.

Seria tão simples deixar tudo acontecer. Tão fácil não lutar contra isso.

Em meio às confusas informações que retiniam em sua mente, seus pensamentos pousavam novamente no mesmo momento tranquilo capturado no tempo.

O sorriso despreocupado de Kai na feira.

Fechando-se como uma bola, Cinder desligou sua rede.

O barulho silenciou. As imagens e vídeos se tornaram um breu.

Se ela não tentasse impedir Levana, o que aconteceria a Kai?

Embora tentasse bloquear a questão, ela continuava a assombrá-la, ecoando em seus pensamentos.

Talvez o dr. Erland estivesse certo. Talvez ela tivesse que fugir. Talvez devesse tentar.

Ela pegou os membros protéticos no colo e passou as mãos neles. Erguendo a cabeça, olhou para a grade na porta da prisão. O guarda nunca a fechara.

Um formigamento percorreu sua espinha. Uma estranha e nova eletricidade retumbava sob sua pele, dizendo-lhe que ela não era mais apenas um ciborgue. Era lunar agora. Podia fazer com que as pessoas vissem coisas que não estavam lá. Sentir coisas que não sentiam. Fazer coisas que não desejavam.

Podia ser qualquer um. *Tornar-se* qualquer um.

O pensamento a fez mal e a assustou, mas a decisão a acalmou de novo. Quando o guarda retornasse, ela estaria pronta.

Quando suas mãos pararam de tremer, ela deslizou o estilete para fora do novo dedo folheado de titânio e manobrou a lâmina no pulso. O corte ainda estava fresco quando ela começou a remover seu chip de identificação, para que eles não pudessem rastreá-la. Daquela vez, não haveria hesitação.

Logo, o mundo todo estaria procurando por ela – Linh Cinder.

Um ciborgue deformado com um pé faltando.

Uma lunar com identidade roubada.

Uma mecânica sem ninguém a quem recorrer, sem nenhum lugar para onde ir.

Mas estariam em busca de um fantasma.

Agradecimentos

Eu tive a sorte de estar cercada por tantas pessoas maravilhosas que me apoiaram e me ajudaram a transformar uma ideia maluca no livro que você está segurando agora.

Minha mais profunda gratidão vai para minha agente, Jill Grinberg. É impossível expressar como me sinto honrada por ser representada por uma *rock star* como ela. Também sou grata ao restante da equipe de minha agência, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler, por todo o trabalho, dedicação e entusiasmo.

Agradeço muitíssimo às minhas editoras, Liz Szabla e Jean Feiwel, e a todos da Feiwel & Friends. A empolgação que mostraram por *Cinder* foi verdadeiramente inacreditável. Eu não poderia querer um grupo mais incrível de defensores.

Preciso agradecer aos meus amigos on-line e aos colegas blogueiros, que me incentivaram a cada passo do caminho. Em particular, muito obrigada aos meus primeiros leitores pelos incentivos, sugestões, críticas, sinceridade, apoio; e às fãs ocasionais: Whitney Faulconer, Tamara Felsing, Jennifer Johnson, Rebecca Kihara e Meghan Pedra-Burgess.

Quero mandar um obrigada particularmente gigantesco a Gina Araner e Jennifer S. De Mello, Ph.D., por ajudarem com minhas perguntas sobre genética, mutações e bioeletricidade, e por encherem minha cabeça com todos os tipos de vocabulário útil. Também sou imensamente grata a Paulo Manfredi, Ph.D., por sua assistência com as honrarias chinesas.

É claro que nada disso teria sido possível sem o apoio constante dos meus amigos mais próximos e familiares. Mamãe e papai, obrigada por me deixarem ter todos aqueles livros quando eu era criança, e por me fazerem sentar no computador e escrever histórias bobas durante as férias de verão, quando eu provavelmente deveria estar arrancando ervas daninhas. Meu irmão Jeff, obrigada por uma saudável obsessão por Star Wars. Minha cunhada Wendy, obrigada por valorizar meu sarcasmo quando ninguém mais o faz. Minha prima Lucy, obrigada por ser uma amante de livros como eu, e obrigada por todo o vinho. Tio Bob, obrigada por ter me levado em um Fusca cheio de adolescentes

para convenções de anime e por incutir em mim um respeito saudável pelo cosplay. Melhores amigas, Leilani Adams e Angela Yohn, obrigada por todo o café e pelas fofocas, quero dizer, pelos *dias de trabalho*.

Finalmente, agradeço ao meu noivo, Jesse - que será meu marido quando estiver lendo isto -, por me trazer café na cama todas as manhãs, por me dizer para voltar para o escritório quando eu não tinha atingido a cota diária de palavras, e, principalmente, por acreditar em mim. Acho que você pode ler agora.

A história de Cinder
continua com...

Scarlet

Título original
Book One
CINDER: THE LUNAR CHRONICLES

Primeira publicação pela Feiwel and Friends,
um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Copyright © 2012 by Marissa Meyer

Os direitos de publicação da edição brasileira foram acordados pela Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
FRIDA LANDSBERG

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Meyer, Marissa
M56c Cinder / Marissa Meyer; tradução de Maria Beatriz
Branquinho. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013.
il. (Crônicas lunares)

Tradução de: The Lunar Chronicles
ISBN 978-85-7980-152-5

1. Ficção americana. I. Branquinho, Maria Beatriz.
II. Título. III. Série.

13-0351

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Marissa Meyer mora em Tacoma, Washington, com o marido e os dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue. *Cinder* é seu primeiro romance e já foi traduzido para cerca de vinte países.